APOTHEOSE

DO

ALMIRANTE SALDANHA DA GAMA

Documentos e traços historicos
de sua carreira militar e vida publica — Epopéas de
dor e homenagens civicas,
nacionaes e estrangeiras, tributadas á sua
memoria.

PELO GENERAL REFORMADO DO EXERCITO

Honorato Caldas

EDIÇÃO—DOIS MIL EXEMPLARES

RIO DE JANEIRO
Typographia e Papelaria de Alex. Villela, Sete de Setembro n. 54

1896

Apotheose do Almirante Saldanha da Gama

APOTHEOSE

DO

ALMIRANTE SALDANHA DA GAMA

Documentos e traços historicos
de sua carreira militar e vida publica — Epopéas de
dor e homenagens civicas,
nacionaes e estrangeiras, tributadas á sua
memoria.

PELO GENERAL REFORMADO DO EXERCITO

Honorato Caldas

EDIÇÃO—DOIS MIL EXEMPLARES

RIO DE JANEIRO
Typographia e Papelaria de Alex. Villela, Sete de Setembro n. 54

1896

O ALMIRANTE

—)(—

Mutilaram-te o corpo, mas a gloria
        Não a mutilam, não!
Embalsamada em luz, perenne, forte,
Ella resiste aos vendavaes da sorte
—Pharol do povo e cruz de redempção.

—

Na hora extrema o luctador vencido
        — Vencido e soberano —
Teve duplo perfil; altivo uchatrya,
Luctou como se lucta pela patria,
Cahio como cahia um espartano.

—

A fronteira da patria preparou-lhe
        A fronteira da historia.
Morte sublime! A popular saudade
Por epitaphio. Em pranto a liberdade;
Por mortalha o dever; tumulo—a gloria!

—

Esquarteja-se o corpo de um valente;
        Retalha-se um leão!
Mas, como um templo, a geração futura
Guarda o legado ingente da bravura
—Phanal do povo e cruz de redempção!

(Da Polyanthéa distribuida nas exequias de S. Paulo.)



Saldanha da Gama

AOS

Aspirantes e guardas-marinha que pelejaram em Campo Ozorio.

A' vós— os bravos discipulos fieis até á morte— pertence de sagrado direito o primeiro logar de honra da glorificação do mestre-heróe.

Não ha negal-o. Partida a ancora da tradiccional esquadra, pela mais triste das fatalidades imaginaveis á uma corporação nobre, a esta hora estariam apodrecidos na praia infecta os destroços da armada brazileira, irremissivelmente perdida para sempre, si não fôra o globulo fecundo, de amor de classe, de brio militar, de hombridade civica, de precoce abnegação titanica, que a vossa acrysolada dedicação sem exemplo conhecido, injectou na face macilenta do cadaver moral, ao stoico influxo de Saldanha da Gama, offerecendo ao mundo inteiro este assombroso espectaculo:

Aguias ainda implumes, devassando o firmamento, librando-se nas nuvens!

A' vós, por tanto, fulgente esperança da Patria, como signal de profunda admiração, dedica este livro o

AUCTOR.

A'

Todos os officiaes e praças do corpo da armada e classes annexas que acompanharam até á ultima o grande martyr da liberdade patria, o inclyto Almirante Saldanha da Gama; e á memoria de todos quantos succumbiram na gloriosa crusada

Offerece e consagra o

AUCTOR.

Almanak do Ministerio da Marinha, de 1895 para 1896

....

Pag. 154.—Officiaes do quadro da reserva, considerados dezertores:

Contra-almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama. (*)

....

....

(*) Consta haver fallecido, mas o Quartel General não tem conhecimento official»

Incrivel! Triste verdade!

No *Diario Official*, como em todas as folhas, foram publicados estes telegrammas, no mez de Junho de 1895:

Montevidéo, 25—Ao Dr. Prudente de Moraes—Rio—Saldanha da Gama com 600 homens completamente derrotado por João Francisco e Azambuja, perdendo para cima de 150 homens. Morreram Saldanha e muitos officiaes.—Da Legação Brazileira.

Identico, de **Porto Alegre**, dirigido pelo governador do Rio Grande do Sul, Dr. Julio de Castilhos.

—)(—

Identico, de **Pelotas**, dirigido pelo commando 6º Districto Militar, General Galvão de Queiroz.

—)(—

Porto Alegre, 26—Ao Dr. Prudente de Moraes—Reporto-me telegramma que vos dirigi hontem. Noticias ulteriores confirmão derrota e morte de Saldanha da Gama, cuja horda invasora ficou aniquilada.—Saudações—Julio de Castilhos.

—)(—

Rio, 26—Ao Dr. Julio de Castilhos—Agradeço vosso telegramma em que communicaes a derrota das forças revoltosas sob o commando de Saldanha da Gama pela divisão do general Hypolito e na qual encontrou a morte aquelle chefe militar rebelde.

Espero que este assignalado acontecimento concôrra para apressar a pacificação d'esse Estado, como tanto convem aos interesses da Republica—Prudente de Moraes.

—)(—

Montevidéo, 26—Ao Presidente da Republica Dr. Prudente de Moraes—Rio—Peço ordeneis *Livramento* entregar-me cadaver meu irmão—Dr. Sebastião de Saldanha.

Rio, 27—Ao Dr. Sebastião de Saldanha—Montevidéo—Autoridades *Livramento* já receberam ordem entregar-vos cadaver vosso irmão—Prudente de Moraes»

Que authenticidade mais era preciso?

Eis ahi o grande lêmma «*Ordem e Progresso*» inscripto na bandeira nacional republicana: a palavra do proprio Chefe do Estado, publicada no proprio *Diario* do Governo, não é documento bastante ou não importa *conhecimento official*, para o Quartel General da Marinha!!!

Por semelhante desidia, de alcance gravoso para a moralidade dos altos poderes do Estado e para o decoro da armada nacional, não póde a critica da Historia deixar de responsabilisar severamente ao respectivo Ministro, o provecto almirante Elisiario Barbosa; tributando-lhe, embora, por muitos titulos, o acatamento e encomios a que tem direito o homem de bem, o cidadão exemplar, o funccionario illibado, que S. Ex. realmente o é, e reconhecendo no geral de sua administração, alevantado patriotismo, espirito de classe, proficiencia e dignidade.

O eminente Dr. Prudente de Moraes, fica de facto isento da culpa deste borrão do seu governo, a despeito do regimen adoptado tornal-o o unico responsavel de direito, porque o auctor deste livro ama bastante o sentimento da justiça para não admittir que o Presidente da Republica—*maxime* um civil—tenha de dictar ou de supprir alterações ou lacunas peculiares ao serviço interno do Ministerio da Marinha, como do da Guerra—*maxime* provido por profissional de notoria idoneidade; consideração esta, entretanto, que não pode approveitar tambem ao Secretàrio d'Estado, para

allivial-o por seu turno nas costas dos competentes auxiliares, por que não é licito estabelecer o parallelo. Accresce que a alteração deque se trata, o nome de Saldanha da Gama impunha-se á sollicitude do almirante director dos destinos da Marinha, como um pharol culminante que se apaga á preocupação do commandante do navio que navega.

.·.

O illustre Ministro é um dos signatarios do seguinte decreto, que tem o n. 2034

«O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil:

Associando-se ao pezar que afflige a Nação Brazileira pelo fallecimento do benemerito Marechal Floriano Peixoto, que, como chefe do Estado, prestou á Republica serviços inolvidaveis;

E querendo render publica homenagem de respeito e veneração á memoria de tão eminente cidadão;

Decreta:

Art. 1°. Os funeraes do Marechal Floriano Peixoto serão feitos á custa da Republica.

Art. 2°. O governo abrirá opportunamente o necessario credito, submettendo-o á approvação do Congresso Nacional.

Capital Federal, 1· de Julho de 1895, 7°. da Republica.—Prudente J. de Moraes Barros.—Dr. Antonio Gonçalves Ferreira.—Carlos Augusto de Carvalho.— Elisiario José Barbosa.—Bernardo Vasques.—Antonio Olyntho dos Santos Pires.—Francisco de Paula Rodrigues Alves.»

Francamente, S. Ex. foi correcto para com o Chefe do Poder Executivo, subscrevendo esse

decreto, com os demais membros do governo, mas, tel-o-ia sido tambem para com a propria consciencia, a historia e a tradiccional corporação que dirige, si houvesse baixado um aviso especial ao Chefe do Estado maior General da armada, mandando transferir o inditoso contra-almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, daquella secção de dezertores para a dos bravos que morrem com honra no campo de batalha e dando pezames á Marinha Brazileira por tão grande fatalidade, por tão irreparavel perda, antes de referendar, como referendou, a glorificação publica do Marechal do exercito (particularmente muito digno) que como governo, na Republica, ensopou de sangue fratricida o solo da Patria, desde a derrubada á sabre e á bala dos governadores constitucionaes dos Estados federados até os fusilamentos clandestinos, verdadeiros assassinatos, perpetrados nesta Capital (Copacabana, Sepetiba, ilha do Boqueirão etc), Pernambuco, Paraná, Santa Catharina; desmoralisou ostensivamente a armada nacional, desde a injuria atirada em publico á farda do almirante Wandenkolk, desde a humilhação inflijida aos officiaes de marinha da improvisada esquadra legal, redusidos ao papel de capitão de bandeira, sob a tutéla e fiscalisação de officiaes do exercito e alumnos da Escola Militar, até a offensa irrogada na mensagem solemne de 7 de Maio de 1894, quando diz « que foi precizo recorrer ao patriotismo de um general reformado, para o commando da dita esquadra, por ter se diffundido entre os effectivos o sentimento da neutralidade (griphada esta palavra); offensa que attinge ao proprio almirante Elisiario Barbosa, tanto mais pungentemente, quanto acaba de ser affirmado da tribuna da Camara dos Deputados, pelo respe-

ctivo *leader* o afamado general honorario Francisco Glicerio, «que S. Ex. se offerecêra para bater a esquadra insurgente e o marechal Floriano não acceitou-o»!

.·.

O emerito almirante deu, pouco depois, uma prova de hombridade rara nestes tempos, qual a de depôr a pasta da Marinha nas mãos do honrado Dr. Prudente de Moraes, que lh'a restituio incontinente, delicada, sensata e honrosamente, quando foi positivamente acoimado pelo *O Paiz*, de prejudicial á Republica e desleal ao Chefe do Estado; abnegação e nobresa de caracter que cresce de ponto, por que S. Ex. tinha para forral-o contra taes ataques, para garantil-o contra interpretações officiosas, a impassibilidade em que sempre se havião mantido outros membros do Ministerio, tambem atados á principio ao poste daquelle orgão partidario, especialmente o seu collega da Guerra, o illustre marechal Bernardo Vasques, que trouxera do Imperio a reputação de brioso, de honesto e no emtanto tragou silencioso e quêdo *amabilidades* deste quilate:

«Sr. Presidente da Republica, poupe V. Ex. á Nação essa vergonha (referindo-se ao acto arguido do Ministro da Guerra) e ao *O Paiz* o dever de pedir ao publico uma esmola para os invalidos da Patria»!

Pois bem, nobre almirante; teria mais brilho e mais valor psycologico esse assomo de louvavel susceptibilidade, si a sua causa efficiente houvesse sido a reacção de intolerancia politica, resultante do acto de sagrado tributo rendido á memoria do companheiro distincto, do almirante eximio, do brazileiro notavel.

Não o fizestes ; o futuro vos convencerá de ter perdido a melhor occasião de cair de pé, cheio de gloria.

.˙.

Quanto ao mais, esse registro incorrecto, impiedoso, ferrenho do almanak da Marinha nada vale absolutamente, em face do julgado lucido, patriotico, sacramental da consciencia da Nação, que gravou na Historia com caracteres homericos o nome immarcessivel e o busto heroico de Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Não estamos na America; estamos no Imperio do Meio, alagado pelo rio Amarello.

De todos os lados a violencia, por toda a parte a desordem, e como restos da nossa vergonha os trapos dessa pobre Constituição republicana, condemnada pelos seus executores á ruina precoce e ao descredito immerecido.

(Ruy Barbosa perante o Supremo Tribunal Federal, impetrando *habeas-corpus*, que não foi concedido, em favor dos violentados de Abril de 1892).

.·.

Legalidade, estás julgada!
Revolta naval, estás vingada!
(A Deshonra da Republica, pag. 137).

Ministerio da Justiça e Negocios Interiores—Directoria Geral da Justiça—2ª Secção—Capital Federal, 15 de Dezembro de 1893.— Declaro-vos que, em quanto permanecerem as condições anormaes produsidas pela revolta de uma parte da armada nacional, tem resolvido o governo que continuem reservados para detenção de réos de crimes politicos os pavimentos 3º, 4º e 5º desse estabelecimento, não devendo, pois, ser recolhido a qualquer dos

ditos pavimentos nenhum réo de crime commum. —Saude e Fraternidade.—Cassiano do Nascimento. —Sr. Director da Casa de Correcção.

.·.

Casa de Correcção, 19 de Abril de 1894.— Exmo. Snr. Presidente do Senado Federal.—Tenho o pezar de levar ao conhecimento de V. Ex. que não posso comparecer aos trabalhos do Senado, como me cumpria, por achar-me preso desde 29 de Novembro ultimo e como tal actualmente fechado no cubiculo 128 da 6ª Galeria do edificio construido nesta Casa de Correcção para os sentenciados de crimes infamantes.

Cumpre-me igualmente levar ao conhecimento de V. Ex. que, apesar de preso ha quatro mezes e vinte um dias, ainda não fui interrogado por autoridade alguma; ignorando, por tanto, a causa de semelhante violencia que me foi imposta com sacrificio da minha liberdade individual de cidadão e das minhas immunidades de representante da Nação.—Saude e Fraternidade.— O senador, coronel do exercito, José Pedro de Oliveira Galvão.»

Convem notar: Era o presidente do Senado então, o mesmo honrado cidadão que desde 15 de Novembro de 1894 preside os destinos do Estado, o conspicuo Sr. Dr. Prudente de Moraes, que n'aquelle caracter symbolisava a personalidade da soberania nacional; todavia, continúa mantido até hoje esse mesmo director da Correcção, esse mesmo funccionario energumeno, esse mesmo prevaricador confesso (cit. *A Deshonra da Republica* pag. 332), o capitão reformado do exercito e coronel honorario da *Legalidade*, Aureliano Pedro de Farias, que sugeitando, como sugeitou, os detentos politicos—

homens de elevada posição social e da maior respeitabilidade, generaes de terra e mar, senadores e deputados, jurisconsultos, dignidades do clero, etc., etc., ao ignobil regime dos galés—facinoras e gatunos, *ipso facto* praticou a maior, a mais grave vilesa contra a dignidade, o decoro, a honra da Nação; entretanto que foi demittido *em cima das buchas* (e muito bem demittido) de director da Bibliotheca Nacional o jovem Dr. Raul Pompeia, aliás um genio a Erico Coelho— o illustre congressista do cambio a zero—, por ter, no cemiterio de S. João Baptista, a 29 de Setembro de 1895, discursando politica em homenagem á memoria do marechal Floriano, recem fallecido, verberado apaixonadamente a orientação governamental seguida pelo successor do endeosado morto, alli presente ao acto funebre.

Donde, excluida de rigorosa justiça a hypothese de constituir aos olhos do integro Dr. Prudente de Moraes um titulo de benemerencia para o baixo algôz aquella suprema abjecção infligida a seus collegas de representação nacional, a logica do simples senso commum manda averbar no passivo presidencial de S. Ex, peza dizel-o, este paradoxo em therapeutica administrativa republicana:

«Despresar a lesão e combater a ecchymosis.»!

.˙.

Gabinete do Ministro da Fazenda.—Rio de Janeiro, 22 de Dezembro de 1893.

Sr. Director da Recebedoria da Capital Federal. Não sendo extranho ao governo o facto, aliás criticavel, de empregados cujas opiniões politicas são contrarias ás instituições, e sendo condição essencial ao funccionamento regular da administração a maior

confiança e lealdade no funccionario, vos ordeno que me informeis si na repartição que dirigis ha algum empregado, cujas opiniões sejam contrarias ás nossas instituições.

Chamo muito directamente vossa attenção sobre o valor da informação que peço e da qual vão emanar resoluções deste Ministerio, scientificando-vos que sereis o unico responsavel por qualquer omissão ou excesso que dê logar a actos injustos.—FELISBELLO FREIRE»

Convem notar: Este pretenso Catão, depois de ter cevado a tacanha intolerancia n'um crescido numero de demissões a empregados do Ministerio da Fazenda, entre elles funccionarios distinctissimos, com o labéo de *traidores á Republica*, grande parte dos quaes, felizmente, já tem obtido a reintegração pelo actual Secretario d'Estado dessa pasta, o honesto ex-conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, foi alijado do governo como uma excrescencia cancerosa da propria dictadura vermelha! Cahiu vergonhosamente, aos golpes de infiel e venal (justiça eterna!) que vibrou-lhe da tribuna, em pleno parlamento, o 1º vice-presidente da Camara dos Deputados, Dr. Arthur Rios, denunciando á Nação o grosso escandalo do contracto celebrado com a empreza anonyma de *Loterias Nacionaes*; ignominia que, após longos mezes de completa desapparição, de um silencio de condemnado, tentou o ex-ministro encobrir, mas só conseguio aggravar no conceito da sociedade, com a peneira dos *celebres* artigos explicativos da sua conducta de governo, que publicou nesta Capital Federal, desvendando certos mysterios da chamada Legalidade, com allusões graves ao mesmo Dictador disfarçado, o marechal Floriano Peixoto (bem entendido, muito depois deste ter deixado o poder, senão já

depois de morto), á cujas plantas viveu prosternado no Itamaraty e para cuja acclamação de Dictador titular, *ad perpetuum*, estaria na pontissima dos lisongeiros e serviçaes !

Eis o padrão civico da democracia !
Eis o espirito republicano do Brasil !
Eis a planta exotica da monarchia !
Eis de frente da *legalidade* o perfil !



AO PUBLICO

Não emprehendi este livro como politico, que nunca o fui, nem como monarchista de crenças que sou, mas d'aquelles que pôem a felicidade da Patria acima da forma de governo.

Emprehendi-o, sim, como brazileiro enthusiasta das glorias nacionaes, entendendo que Saldanha da Gama é uma d'ellas.

Felizmente, esta verdade não está só no meu obscuro pensamento; acha-se no dominio publico, proclamada por autoridades competentes, acima de toda a excepção, das differentes classes sociaes, dentro e fóra do paiz, consagrada por notabilidades do mundo culto.

Ruy Barbosa, por exemplo, a maior cabeça do novo regimen, no seu recente livro "Cartas da Inglaterra" assim o qualifica: «o heróe dos heróes, o organisador possivel da nossa esphacelada marinha de guerra, o homem mais completo e o caracter mais extraordinario do Brazil».

O transumto da epopeia !

Um só, note-se bem, um unico senão a severa chronica politica respigou nos 33 annos de vida publica de Saldanha da Gama: a posição de neutralidade que elle assumio e manteve, como commandante da Escola Naval, entre o governo legal e a esquadra insurgida, até que pronunciou-se abertamente por esta.

Quanto a mim, acho procedente a censura, julgo esse procedimento incorrecto; mas a Historia, em sua analyse e apreciações philosophicas, certamente bem dirá delle, consideral-o-há mesmo um facto providencial, por que veio imprimir á legenda de tão raras qualidades, de tão primorosos dotes, de tão peregrinas luzes o cunho experimental da contingencia humana do erro, que lhe assignala o grau de perfectibilidade que a constitue um idéal pratico; semelhantemente (permitta-se-me a vulgar comparação) á móssa que se abre no lavor de preciosas obras d'arte, denominada *marca do contraste*, para indicar que o metal é de lei.

Na eloquente phrase de Alvares de Azevedo, Saldanha da Gama despio por uma idéa a sua espada: combater á pulso o militarismo, cujo menor dos males é a injuria dessa tutéla ostensiva da bayoneta, arrogando-se o direito de deliberar pela Nação, que assim fica redusida á desgraçada condição de uma idiota ou demente.

E a prova cabal, irrecusavel da legitimidade e patriotismo dessa bandeira de combate, acaba de ser fornecida pelo Club Militar desta Capital, na sua moção—*ultimatum*, votada em sessão de 21 de Março do corrente anno, sob a presidencia do marechal reformado Francisco Raymundo Ewerton Quadros e que passo a reprodusir textualmente, extrahida dos jornaes do dia:

«Os officiaes de terra e mar, reformados e honorarios, profundamente sensibilisados com os perigos e ameaças de qne é objecto a propria existencia da Republica, cujas instituições pretendem mais uma vez grupos facciosos subverter, resolveram em sessão do Club Militar afirmar o presente pacto de solidariedade para a resistencia a todo o transe contra

qualquer tentativa de mudança do regimen de Governo, que tem creado a prosperidade e a grandeza dos Estados da Confederação Brazileira.

—Declaram que essa resistencia é sem limites, conscios de que é preciso livrar de uma vez a nossa Patria de tão audazes perturbações, como as que têm provocado contra a sua paz e socego os trefegos ambiciosos, que teimão em felicitar-nos novamente com uma fórma de Governo, cujo passado foi apenas causa da pobreza e retrogradação do Brazil.

—Como ulima expressão de seus sentimentos, as corporações armadas declaram que os destinos da Republica achão-se identificados com a propria honra militar.

—Esta attitude das classes armadas será levada ao conhecimento de todos os camaradas das differentes guarnições e districtos, afim de chamal-os a cooperarem na obra da salvação das instituições, lembrando-lhes apenas que a orientação de conducta dos militares é:—Tudo pela Patria contra seus inimigos externos e tudo pela Republica contra os máos cidadãos que procurão cevar suas torpes ambições na ruina da liberdade e da fortuna nacional»

.˙.

Conheço, aprecio e respeito, individualmente, a diversos dos officiaes que votaram essa moção, segundo os nomes publicados na imprensa, e faço o melhor juiso a respeito de seus sentimentos e capacidade; releva, porém, dizer-lhes com franqueza rude, sem o minimo proposito de offensa pessoal, mas com a inflexibilidade com que a historia manda aquilatar esse *tiro onça*:

—O tacão da bota de Napoleão I não calcou, não deprimio tanto a gleba conquistada ao feudalismo,

no seculo passado, quanto soterrada foi agora a civilisação da nossa patria.

Em compensação, cumpre registral-o, dos numerosos orgãos de publicidade regular desta cidade, e que na sua pluralidade condemnaram magistralmente a *celebre* moção, um só houve que tomou a si a improba tarefa de esposal-a, de encarecêl-a, de exaltal-a, como a ultima palavra da intuição democratica! Foi o O Paiz.

E' incontestavel o talento jornalistico, como a argucia da palavra e o desembaraço natural desta fôlha, mas tudo isto é impotente, ja não digo para vencer, para pleitear siquer a causa perdida; tudo isto esbarra e desapparece diante desta preliminar esmagadôra: O Club Militar de hoje, é o mesmo que em 1887 fez identica profissão de fé á Monarchia, é o mesmo que, ja sob a Republica, tem votado outras moções contrarias a esta; e o actual *O Paiz*, é o mesmo que applaudio essas manifestações anteriores do Club, é o mesmo que, ultimamente, depois da revolta de 6 de Setembro, emittia conceitos desta força:

«Eis até onde chegamos, até á idéa meio tragica, meio buffa do projecto do Senado creando um quadro especial de reserva para os officiaes rebeldes, conseguintemente, tornando o pronunciamento dos quarteis um processo ordinario, legitimo, regular, quasi constitucional de conquistar o poder, eliminando assim as atrasadas ficçoes do suffragio popular!

« A honra militar afere-se pelo sentimento da absoluta disciplina, do respeito à lei, do apoio ás autoridades constituidas, da defesa da integridade nacional, da guarda das instituições»

Uma perfeita carapuça talhada, um ferrete cingido á seus proprios clientes—os mesmos que derru-

baram a Monarchia constitucional de que eram legimos guardas!

A este respeito fallão bem alto os documentos seguintes, que em obediencia á verdade historica são consignados aqui:

. ' .

Petição dirigida a Sua Alteza a Princeza Imperial Regente, D. Izabel, em virtude da moção solemnemente deliberada e votada em sessão do Club Militar, a 23 de Outubro de 1887, sob a presidencia do marechal de campo Manoel Deodoro da Fonseca. (O Paiz de 24 e 25 do mesmo mez e anno, sob a redacção-chefe de Quintino Bocayuva)

«Senhora.—Os officiaes, membros do Club Militar, pedem a Vossa Alteza Imperial venia para dirigir ao governo Imperial um pedido, que é antes uma supplica.

«Elles todos que são e serão os amigos mais dedicados e os mais leaes servidores de S. Magestade o Imperador e de sua dynastia, os mais sinceros defensores das instituições que nos regem, elles que jamais negaram em bem vosso os mais decididos sacrificios, esperam que o governo Imperial não consinta que nos destacamentos do exercito que seguem para o interior com o fim, sem duvida, de manter a ordem, tranquillizar a população e garantir a inviolabilidade das familias, os soldados sejam encarregados da captura de pobres negros que fogem á escravidão, ou porque vivam já cançados de soffrer-lhe os horrores, ou porque nm raio de luz da liberdade lhes tenha aquecido o coração e illuminado a alma.

«Senhora! Debalde milhares de homens são encerrados em escuras e frias masmorras, onde aper-

tados morrem por falta de luz e de ar; atravez dessas muralhas as dôres gotejam, atravez dessas grossas paredes os soffrimentos se côam, como atravez do vidro côam os raios solares, para virem contar fóra os horrores do martyrio!

«Por isso os membros do Club Militar, em nome dos mais santos principios da humanidade, em nome da solidariedade humana, em nome da civilisação, em nome da caridade christã, em nome das dôres de Sua Magestade o Imperador, vosso augusto pai, cujos sentimentos julgam interpretar e sobre cuja ausencia choram lagrimas de saudade, em nome do vosso futuro e do futuro de vosso filho, esperam que o governo Imperial não consinta que os officiaes e as praças do exercito sejam desviados da sua nobre missão.»

Ultra monarchista! ultra sebastianista! ultra izabelista!

O apostolado do ventre dynastico!

Pois bem; dois annos depois, a 15 de Novembro de 1889, esses mesmos dedicados amigos e leaes servidores, passaram do Club para a praça publica, de armas na mão, derruiram o throno, baniram toda a familia Imperial, lavraram o seguinte decreto, sob n. 1:

« Fica proclamada provisoriamente e decretada como a forma do governo da nação brazileira —a Republica Federativa.

. . . .

Em quanto, pelos meios regulares, não se proceder á eleição do Congresso Constituinte, será regido o Brazil pelo Governo Provisorio da Republica, instituido pelo Exercito e a Armada, em nome da Nação.—Rio de Janeiro, 15 de Novembro de 1889—Manoel Deodoro da Fonseca —Benjamin Constant—Eduardo Wandenkolk— Quintino Bocayuva—Aristides Lobo—Ruy Barbosa»

Moção do Club Militar votada em sessão de 5 de Novembro de 1890, neutralisando o tentamen de um dos consocios, o então commandante do 10 Batalhão, de desviar a força armada de seus legitimos fins, em proveito da eleição do marechal Deodoro para presidente constitucional da Republica, feita pelo Congresso. (Discurso do tenente-coronel Thomaz Cavalcanti, em sessão da Camara dos Deputados de 11 de Setembro de 1895).

«Considerando que na época actual a missão mais nobre, cujo desempenho cabe á força armada, é manter a ordem de modo a permittir que as outras classes sociaes exerçam pacifica e livremente sua actividade em beneficio da collectividade humana;

« Considerando que o papel summamente inglorio de concorrer para a perturbação da ordem, coarctando as liberdades dos cidadãos brazileiros, não póde caber á força armada, zelosa e ciosa da mais plena liberdade de manifestação;

«Considerando que nesta época de especulações a classe militar deve retirar de si a responsabilidade de qualquer acto neste sentido:

« O Club Militar declara categoricamente, como representante da classe, que esta não assume a responsabilidade a respeito de qualquer acto coarctando as liberdades dos cidadãos brazileiros, principalmente exercido sobre os seus legitimos representantes, eleitos ao Congresso Nacional.»

Explendido! Um verdadeiro momento lucido! E é pena que o Sr. Dr. Prudente de Moraes não tivesse se inspirado nestes *considerandos*, para doptar o activo do primeiro governo civil da Repu-

blica com um acto viril e formal, que constituisse exemplo edificante, a respeito da arrogante moção de 21 de Março, em vez do unico expediente que tomou, menos digno ou menos sincero, de telegraphar aos governadores dos Estados, declarando-se forte em nome dessa supremacia da espada!

. ˙ .

Petição dirigida a S. Ex. o Sr. Marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da Republica em exercicio (O Paiz e demais folhas de 6 de Abril de 1892).

«Exm. sr. Marechal vice-presidente da Republica.

Os abaixos assignados, officiaes generaes do exercito e da armada, não querendo, pelo silencio, comparticipar da responsabilidade moral da actual desorganisação em que se acham os Estados, devido á intervenção da força armada nas deposições dos respectivos governadores, dando em resultado a morte de innumeros cidadãos, implantando o terror, a duvida e o luto no seio das familias, appellam para vós, Marechal, para que façaes cessar tão lamentavel situação.

A continuar por mais tempo semelhante estado de desorganisação geral do paiz, será convertida a obra de 15 de Novembro de 1889 na mais completa anarchia

E os abaixos assignados, crentes, como estão, que só com a eleição do presidente da Republica, feita quanto antes como determinam a Constituição Federal e a lei eleitoral, feita, porém, livremente sem a pressão da força armada, se poderá restabelecer promptamente a confiança, o socego e a tranquillidade da familia brazileira, e bem assim o conceito

da Republica no exterior, hoje tão abalados, esperam e contam que neste sentido dareis as vossas acertadas ordens, e que não vacillareis em reunir este importante serviço civico aos muitos que nos campos de batalha ja prestastes a esta Patria.

Capital Federal, 31 de Março de 1892.—Marechal José de Almeida Barreto.—Vice-almirante Eduardo Wandenkolk.—General de divisão José Clarindo de Queiroz—General de divisão Antonio Maria Coelho. —General de divisão Candido José da Costa.—Contra-almirante José Marques Guimarães.—General de brigada João Nepomuceno de Medeiros Mallet.—Contra-almirante Dionisio Manhães Barreto.—General de brigada Dr. João Severiano da Fonseca, inspector do serviço sanitario do exercito.—Contra-almirante Manoel Ricardo da Cunha Couto.—General de brigada José Cerqueira de Aguiar Lima. —General de brigada João José de Bruce.—General de brigada graduado João Luiz de Andrade Vasconcellos»

.˙.

Moção deliberada e votada em sessão de 7 de Abril de 1892, sob a presidencia do tenente-coronel Tomaz Calvalcanti, expulsando diversos generaes (Gazetilha do Jornal do Commercio de 9 do mesmo mez e anno.)

« O Club Militar, reprovando o modo pelo qual o manifesto dos 13 generaes, hontem publicado, interveio na politica de nossa Patria, mentindo á tradicção do Club, resolve eliminar do seu seio os socios signatarios d'aquelle manifesto».

Mais duro que a gravata de ferro do Conde de Lippe!

Do quanto fica exposto, não ha que fugir, impõe-se ao espirito mais jacobino, á intelligencia mais obtusa, ao animo mais refractario esta conclusão immediata:

Ou a moção de 21 de Março não póde ser tomada a serio, não tem valor nem alcance contra a restauração da Monarchia, como aquella profiissão de fé de 23 de Outubro não obstou, antes favoreceu o advento de 15 de Novembro; ou estão invertidos os termos em que ella foi consubstanciada, os quaes devem restabelecer-se assim «*Os destinos da Republica achão-se identificados com a propria deshonra militar.*»

.˙.

Concidadãos!

Saldanha da Gama não foi um visionario, um agitador vulgar que aspira a poeira, não!

Foi, sim, um realista insigne que abordou de frente o minotauro da patria.

Sua memoria tem direito á veneração do Povo Brazileiro e sua imagem á perpetuidade do bronze.

Rio de Janeiro—Maio --- de 1896.

HONORATO CALDAS.

COMO PREFACIO

Da redacção do Diario Popular de S. Paulo

Todos os jornaes confirmam a noticia da morte de Saldanha da Gama.

Assignalando o facto, os homens de partido tiram illações politicas do acontecimento.

Outro é o nosso intuito.

Saldanha da Gama, que a morte colheu no campo de batalha, era um militar brazileiro e o seu desapparecimento não se póde dar sem uma commemoração.

A farda, symbolisando o contracto de vida e morte pela patria, tem alguma cousa de santo, na lucta de todos os dias, para que as divergencias politicas obscureçam os serviços, desmereçam o valor, anniquilem o passado.

O official de que nos occupamos está nesse caso. Era um nome no Brazil e no estrangeiro.

A opinião politica que se lhe attribue, longe de tirar-lhe o merito, deve realçal-o, porque é tão rara a coragem das proprias convicções, que esse sentimento hoje representa um caracter.

Accresce que Saldanha da Gama, apesar de suas crenças, manteve-se sempre afastado da politica, entrando na revolta de 6 de Setembro pelo impulso das circumstancias.

Assim mesmo, na lucta foi depois elle quem deu a verdadeira nota de intrepidez e coragem, como os acontecimentos da sua morte final provaram.

Saldanha da Gama, como official de marinha, era um dos mais distinctos, na opinião de pessoas imparciaes.

Ainda ha pouco, pelas *Notas de um revoltoso*, publicadas pelo nosso collega do *Commercio de S. Paulo*, revelava-se o muito carinho com que todos o tratavam e consideravam.

Os marujos de nossa esquadra, Saldanha conhecia-os a fundo, dando sempre o melhor resultado as ordens que expedia.

Diz-se que, como commandante de forças em terra, não revelava tanto tacto estrategico.

Caracter austero como era, relativamente ás suas convicções, sabia respeitar as alheias, não maltratando os vencidos, nem procurando desconsideral-os pelo facto de pertencerem a outra facção.

Essas *Notas* a que nos referimos dizem que, graças á sua distincção diplomatica, elle conseguio fazer maior numero de proselytos.

E' uma tradicção nacional essa que se extingue e que nos faz ainda uma vez lamentar essa desastrada lucta do Sul, que cimenta com o sangue patrio—a ruina e o descredito do paiz.

Ante o cadaver frio de Saldanha da Gama—como almirante brazileiro—descobrimo-nos entristecidos.

.˙.

Da redacção d'O Echo de Cataguazes de Minas Geraes.

Por telegrammas transmittidos do Sul, sabe-se que foi morto nas circumvisinhanças do Campo

Ozorio o contra-almirante da armada e chefe das forças federalistas, Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

De qualquer natureza que tenha sido a sua morte, ou em consequencia de ferimentos recebidos em combate, como afirmam os despachos castilhistas, ou resultante da infame dególa, como insinuam outros, certo é que já não existe, que pagou com a vida o seu denodo e a sua bravura, o chefe querido da outr'ora pujante e gloriosa marinha brazileira.

Por maior que seja a distancia que em todo tempo nos separou do almirante Saldanha, cujo credo politico foi sempre diametralmente opposto ao nosso, não podemos passar em silencio nem calar a dôr que hoje devem sentir todos os filhos desta terra com a perda do primeiro official da nossa marinha de guerra. No prestigio de seu nome, repetido com enthusiasmo por essa phalange de bravos que escreveu um dia, com a ponta da espada, a epopéa gloriosa de *Riachuelo*, nos conceitos emittidos pelo estrangeiro, sempre parco de encomios para tudo que nos pertence, na opinião, emfim, de todo o mundo, Saldanha era um modelo perfeito do marinheiro, cavalheiresco e bravo, nobre e audaz, intelligente, instruido e generoso, o typo completo do verdadeiro chefe militar, depositario das tradicções de bravura e de capacidade dos antigos heróes que souberam honrar o nome da sua patria.

Luiz Felippe de Saldanha da Gama nasceu em 7 de Abril de 1847, em Campos.

Era filho do gentil homem d. José de Saldanha da Gama e de d. Maria Gomes Barroso e neto por parte paterna do conde da Ponte, João de Saldanha da Gama de Mello e Torres, capitão-general e governador da Bahia, de 1805 a 1808.

Saldanha foi em viagem de instrucção á Europa e ao Cabo da Boa Esperança, fazendo segunda viagem do mesmo genero como immediato da corveta *Nictheroy*. Foi á Punta Arenas observar com a commissão astronomica a passagem de Venus pelo disco do sol. De volta estudou o estreito de Magalhães.

Na *Parnahyba*, que fazia parte de uma divisão naval, resistio só a um tremendo temporal proximo á Bahia, tẽndo todos os outros navios dado á costa.

Foi á Nova Orleans, commandando o *Almirante Barroso* e em commissão de marinha á Exposição de Vienna em 1873 e á de Philadelphia de 1876, apresentando notaveis relatorios.

Fez parte da missão á China e ao Japão.

Commandou o *Riachuelo*, a fortaleza de Willegaignon e o corpo de marinheiros nacionaes. Era director da Escola de Marinha.

Fez parte da esquadra de que era commandante em chefe Tamandaré, e tambem do contingente de marinha que desembarcara para o cerco e ataque da cidade de Paysandú, em Montevidéo, em 1864.

Foi ahi muito elogiado pela bravura e acto de humanidade que praticou, ajudando a retirar do campo de batalha, debaixo de vivo fogo, uma praça que a seu lado cahira ferida.

Foi esse homem que succumbio ha pouco na lucta tremenda de odios que os poderes publicos mantêm ainda no sul da Republica e para o qual o *O Paiz*, o orgão das diatribes e dos insultos, teve ha dias esta phrase insuspeita... « Saldanha que, manda a justiça dizer, foi sempre um bravo, um inimigo com qualidades nobres de coração e virtudes notaveis de guerreiro.»

Depois desta publica retratação aos doestos de «covarde e fujão» com que pretendeu marear o brilho de renome do bravo marinheiro o orgão da *legalidade* fusiladora e assassina, não é mais de crer que o ultimo dos brazileiros recuse ainda ao imperterrito e valente soldado os fóros de bravura com que se fez condecorar nos campos de batalha o valoroso leão do dia 9 de Fevereiro de 1894.»

COMO MOLDURA

SALDANHA DA GAMA

Conta-se que Odilon Barrot, depois de haver tramado por todos os meios a queda do ultimo ministerio de Luiz Felippe, vendo que de envolta com os ministros, que violentamente combatia, baqueava a realeza, cuja abolição não tinha entrado em seus planos, em meio do fogo nutrido de um dos quarteirões revoltados de Paris clamára do alto de uma barricada: «*Mes amis, ne tirez plus, je suis ministre.*»

Era tarde. Não mais se podiam conter os ambiciosos amigos do novo ministro, e a realeza e Odilon Barrot cahiram ao mesmo tempo.

E' essa a justa punição que a logica inexoravel dos factos sociaes reserva sempre aos politicos sem escrupulos.

Tambem em nosso paiz, depois de terem sollicitado e acariciado, sem escolha de meios e attentos unicamente aos fins, a indisciplina e a revolta das classes armadas, recuáram, ingenuamente sorprehendidos diante das inevitaveis consequencias da propria obra, os nossos politicos liliputianos.

Que muito é que a todo momento se apavorem os governos ante o espectro de imaginarias conspirações? Não foram as classes ora dirigentes que insuf-

flaram a indisciplina e inauguraram o regimen dos pronunciamentos?

As revoltas são hoje tão fataes como a conclusão de um syllogismo.

Um só dos militares que se têm rebellado libertou-se do estygma do crime, e por seu caracter tranquillisava a nação sobre a conducta que teria após a victoria.

Saldanha da Gama sublevou-se quando a revolução era um dever.

Todas as liberdades supprimidas, todos os direitos conspurcados, amordaçada e prostituida a imprensa, dilapidado o thesouro publico pela inepcia em estreita camaradagem com a ganancia e a fraude, o povo a extorcer-se na mais angustiosa crise economica, sem que um só phenomeno natural,— uma sêcca, uma epidemia, uma diminuição dos productos agricolas,—concorresse para tão dolorosa e vexatoria situação, só imputavel aos erros e aos delictos dos homens, o nome brazileiro votado ao despreso, condemnado ao escarneo entre as nações européas; taes os motivos que propulsaram seu patriotismo.

Revoltar-se assim, quando philosophos dos mais graves e autoritarios, como Ventura de Raulica e Jaymes Balmes, justificam a revolução, é bem cumprir o seu dever.

Nem importa que os representantes de todos os abusos que elle oppugnou venham hoje profanar-lhe a memoria gloriosa, elles que, ebrios de sangue, lhe mutilaram os despojos terrenos!

Repouse em sua pura gloria immarcessivel o nobre campeão do direito jugulado.

Seu nome permanecerá sempre na historia patria como o mais refulgente symbolo do patriotismo, da abnegação e da coragem civica.

Assim como as ondas do oceano, que pódem tragar tudo o que se aventura sobre seu dorso indomavel, não logram ultrapassar a imperceptivel linha divisoria que em todos os continentes lhes refreia os transbordamentos e os furores, assim a grossa espumarada de injurias que estúa, ruge e esbraveja, em torno da campa desconhecida e incerta que guarda os restos do bravo marinheiro, por mais que referva e enfureça, galgando as maiores alturas, não transporá jamais os imprescriptiveis limites que separam a consciencia nacional, onde Saldanha da Gama tem seu culto, da orla de vasa em que se agitam aquelles que tentam conspurcal-o.

Ah! si as apotheoses partidarias e as profanações posthumas fossem o criterio da historia.....

Quão sabia é a sentença do poeta do Oriente: «Cahe a perola em um tremedal, e nem por isso perde o seu valor: sóbe a poeira até aos céos, e nem por isso deixa de ser uma couza vil.

DR. PEDRO LESSA.

(Da Polyanthéa distribuida nas exequias de S. Paulo.)



INDICE

Pag.

Pag.

Pag.

Pag



Fé De Officio Resumida

Luiz Felippe de Saldanha da Gama, filho legitimo de D. José de Saldanha da Gama e de D. Maria Carolina Barroso de Saldanha, nasceu na cidade de Campos a 7 de Abril de 1846.

Cursou o collegio de D. Pedro II, onde se bacherelou, obtendo approvação distincta em diversas materias. A 26 de Fevereiro de 1861 assentou praça de aspirante de marinha. Guarda-marinha a 26 de Novembro de 1863, após um brilhante tirocinio escolar, foi mandado por ordem do dia de 27 do mesmo mez embarcar na corveta *Bahiana*, afim de fazer a viagem de instrucção. Em 20 de Janeiro de 1864 foi elogiado pelo Presidente da Bahia pelos serviços prestados por occasião do abalroamento dos vapores *Jequitaia* e *Santo Antonio*.

Tendo regressado dessa viagem a 1 de Outubro de 1864, partio para Montevidéo, onde chegou a 28 do mesmo mez, embarcando no *Recife* a 4 de Novembro desse anno. A 4 do mez seguinte desembarcou e seguio para o arroio Sacro como porta-bandeira do 1º batalhão de fuzileiros que se achava na esquadra, afim de atacar a cidade de Paysandú. A 6 entrou em combate; a 20 marchou para o logar denominado Raton, afim de encontrar o inimigo e a 22 regressou ao acampamento. A 23 do mesmo marchou a encontrar o inimigo em S. Francisco, regressando a 26. Entrou em combate nos dias 31 de Dezembro daquelle anno e 1 e 2 de Janeiro de 1865

e regressou para bordo a 3 deste mez, após a tomada de Paysandú.

A 16 de Fevereiro de 1865 destacou para a corveta *Nictheroy*. Em ordem do dia do commandante em chefe das forças navaes no Rio da Prata, n. 13 de 13 de Fevereiro de 1865, foi elogiado nos seguintes termos: « Deve ser nomeado distinctamente pelo valor e galhardia com que se portou em combate o guarda-marinha Luiz Felippe de Saldanha da Gama». Passou para o vapor *Taquary* a 12 de Julho de 1865. Esteve presente ao sitio de Uruguayana desde 23 de Agosto a 18 de Setembro, dia em que se renderão os Paraguayos, cabendo-lhe elogio por estes serviços. Em ordem do dia n. 9 de 19 de Setembro de 1865 foi elogiado pela coadjuvação prestada ao nosso exercito e aos alliados pela 4ª divisão da esquadra, da qual fazia parte. Por decreto de 22 de Dezembro de 1865 foi promovido ao posto de 2º tenente. A 27 de Fevereiro de 1867 chegou á esquadra em operações no Paraguay, apresentando-se a bordo da bombardeira *Forte de Coimbra*. A 7 de Março desse mesmo anno passou para o encouraçado *Mariz e Barros*. Por decreto de 21 de Janeiro de 1867 foi promovido a 1º tenente, decorrido pouco mais de um anno após a sua anterior promoção. A ordem do dia n. 77, do commando em chefe da esquadra, mandou notar nos seus assentamentos que « fazia parte da guarnição do encouraçado *Brazil* quando, no dia 15 de Agosto de 1867, forçou o passo de Curupaity, defendido por duas estacadas, torpedos, baterias de 29 peças de grosso calibre e mosquetarias». Em ordem do dia n. 12, do mesmo commando em chefe, foi elogiado por haver feito parte da guarnição do dito encouraçado quando,

a 19 de Fevereiro de 1868, em frente ás baterias de Londres e barbetas adjacentes, auxiliou a passagem da divisão avançada. Em ordem do dia n. 125 do commando em chefe da esquadra foi louvado com a officialidade do navio em que se achava embarcado, pelo papel que representou por occasião da abordagem do *Lima Barros*, em 2 de Março de 1868. Em ordem do dia n. 166 foi elogiado por actos de bravura, pelo seu procedimento distincto e esforços empregados para impedir que o inimigo, refugiado no Chaco, se evadisse, como tentava, em canôas, pelas lagôas fronteiras, havendo por esta occasião diversas abordagens e combates entre as nossas forças e as paraguayas. Ainda se achava embarcado no mesmo encouraçado, *o Brazil*, quando, a 1 de Outubro de 1868, teve de bater-se com as baterias de Angustura, forçando-as afinal a 15 do mesmo mez, depois de nutrido fogo. Forçou as baterias do Timbó nos dias 13 e 16 de Agosto de 1868 e a defendida pela de Angustura a 22 e 26 de Novembro do mesmo anno. Por decreto de 2 de Dezembro de 1869 foi promovido a capitão-tenente. Por aviso de 16 desse mez foi nomeado para encarregar-se do ensino do 4° anno dos guardas-marinha a bordo da corveta *Nictheroy*. Em desempenho dessa commissão partio do Rio de Janeiro em viagem de instrucção a 10 de Fevereiro de 1870, voltando a este porto a 15 de Maio do mesmo anno. A 27 de Outubro partio novamente para Montevidéo, regressando ao Rio a 24 de Dezembro do mesmo anno.

Nomeado a 23 de Maio instructor dos guardas-marinha que devião fazer a viagem de instrucção na corveta *Bahiana*, partio do Rio a 28 de Junho de 1871, chegando a Montevidéo a 10 de Dezembro

do mesmo anno. De volta ao Rio de Janeiro, em 14 de Janeiro de 1872, embarcou na corveta *Nictheroy* a 20 deste mesmo mez e anno. A 24 de Fevereiro partio deste porto, regressando a 24 de Outubro do mesmo anno, em desempenho de nova commissão. Nomeado a 17 de Novembro de 1872 para commandar o vapor *Ypiranga*, exerceu ésta commissão até 25 de Março de 1873, quando foi designado para servir na qualidade de adjunto da commissão incumbida de representar o Imperio na Exposição Internacional de Vienna d'Austria. Para este destino partio a 27 do mesmo mez, regressando a 1 de Abril de 1874. Por aviso de 13 de Maio de 1874 foi designado para membro da commissão que devia seguir na corveta *Trajano* em viagem de experiencia, chegando a Montevidéo a 15 de Junho e regressando a este porto a 15 de Julho do mesmo anno. Por ordem do dia do quartel-general da Marinha, sob n. 160 de 8 de Agosto de 1874, foi mandado fazer parte da commissão que devia estudar os melhoramentos exigidos em diversos portos do Imperio, regressando em Novembro do mesmo anno. Nomeado posteriormente para commandar a canhoneira *Araguay*, chegou a Montevidéo a 21 de Março de 1875, sendo substituido a 2 de Junho do mesmo anno. No gozo de licença, regressou ao Rio de Janeiro. Apresentou-se prompto para o serviço a 3 de Julho, seguindo para o Rio da Prata a 8 á reassumir o commando da mesma canhoneira, que exerceu até 7 de Fevereiro de 1876, quando teve de passal-o ao seu successor, para seguir para os Estados Unidos como membro da commissão que devia representar o Brazil na Exposição Internacional de Philadelphia. Partio para esse destino a 14 de Fevereiro de 1876 e regressou

em 15 de Junho de 1877. Por aviso de 3 de Junho de 1878, foi designado para servir na Escola de Marinha, e por outro de 8 de Outubro do mesmo anno foi nomeado bibliothecario da Marinha. Por aviso de 13 de Setembro de 1879 foi nomeado secretario do chefe de divisão Arthur Silveira da Motta, em missão especial á China, partindo para esse destino na corveta *Vital de Oliveira* a 19 de Novembro de 1879.

Por decreto de 9 de Dezembro desse mesmo anno foi promovido a capitão de fragata, por merecimento. Desembarcou em Hong-Kong, por ordem do Ministro da Marinha, para continuar como addido militar á missão á China. De volta, apresentou-se ao Quartel General, em 8 de Março de 1881. Por aviso de 3 de Setembro desse anno foi nomeado commandante da corveta *Parnahyba*.

Commandando este vaso de guerra partio para Buenos-Ayres a 5 de Abril de 1882 em commissão especial, para representar o Imperio na Exposição Continental levada a effeito naquella cidade. Regressou a 25 de Setembro, com escala por Montevidéo. Foi mandado elogiar com sua officialidade, por aviso de 11 de Outubro, pela maneira por que desempenharão a commissão de que forão encarregados durante a referida Exposição. (Ordem do dia n. 77 de 13 de Outubro.)

Em 26 de Outubro partio para Punta Arenas, levando a bordo a commissão encarregada de observar a passagem de Venus pelo disco solar, da qual era chefe o Dr. Luiz Cruls, director do Observatorio Astronomico do Rio. Regressou a 21 de Fevereiro de 1883.

Por aviso de 15 de Março foi nomeado para commandar a corveta *Guanabara*, a qual em viagem

de evoluções sahiu desse porto a 25 de Abril e voltou a 1 de Novembro desse anno. Por decreto de 31 de Outubro foi nomeado membro effectivo do Conselho Naval, entrando em exercicio desse cargo a 13 de Novembro de 1883. Em 20 de Junho de 1884 foi nomeado para a commissão que devia indicar o melhor systema de defesa do porto do Rio de Janeiro. Foi nomeado, por aviso de 26 de Agosto de 1884, commandante do Cruzador *Almirante Barroso*, deixando por tal motivo o exercicio de membro do Conselho Naval. Por aviso de 9 de Setembro foi nomeado membro da commissão incumbida de elaborar projecto de reforma para a Escola de Marinha. Partio do Rio de Janeiro em viagem de evoluções da esquadra em 5 de Fevereiro de 1885, regressando a 28 desse mez. Partio novamente em viagem de instrucção dos aspirantes a guardas-marinha em 13 de Dezembro desse anno, regressando a 10 de Fevereiro do anno seguinte. Partio ainda a 18 deste mez, voltando a 7 de Dezembro de 1886. Foi elogiado em ordem do dia de 14 de Dezembro, pelo asseio e disciplina do navio de seu commando.

Partio do Rio de Janeiro em viagem de instrucção de aspirantes em 30 de Dezembro de 1885 e regressou a 19 de Fevereiro de 1887. Em officio de 9 de Março declarou o commandante da Divisão de cruzadores ser-lhe agradavel reconhecer que esse official se tinha desobrigado cabalmente dos deveres que incumbem aos commandantes durante as viagens de instrucção.

Partio do Rio de Janeiro em 1887 afim de procurar vestigios do paquete nacional *Rio Apa*, desapparecido na barra do Rio Grande do Sul, e ahi chegou a 2 de Agosto, tendo tocado e communicado

com a terra em Aranguá e Torres, e regressando a 26 do referido mez.

Em nome do Governo, o presidente de Santa Catharina louvou o commandante do *Almirante Barroso*, em termos que forão mandados transcrever nos seus assentamentos, concluindo: «O cruzador *Almirante Barroso* é uma prova de elevação moral da marinha a que pertence.» Nos referidos assentamentos lê-se: «que o commandante do *Almirante Barroso*, seus officiaes e guarnição forão louvados em nome do Governo pelo bom desempenho da commissão que lhes foi incumbida, superando os obstaculos do máo tempo que reinou durante a diligencia, e ainda os que as condições nauticas do navio poderião oppôr em paragens tão difficeis e zonas de mar que talvez nunca tivessem sido sulcadas por outro do calado, porte e tonelagem do dito cruzador.» Ainda em execução ao que dispõe a ordem do dia de 4 de Outubro de 1887 foi levado a seus assentamentos o aviso de 3 do mesmo mez da Secretaria da Marinha, que é do teôr seguinte: «Cumpre que em ordem do dia seja elogiado o capitão de fragata Luiz Felippe de Saldanha da Gama pelo estado de asseio e disciplina em que tem conservado o cruzador *Almirante Barroso*, do qual é commandante. etc.—(Assignado) Carlos Frederico Castrioto.»

Nomeado commandante do encouraçado *Riachuelo*, assumio o commando em 31 de Outubro de 1887.

Partio para o serviço quarentenario na Ilha Grande a 7 de Novembro, e regressou a 5 de Dezembro do mesmo anno.

Nova commissão o fez partir do Rio em 16 de Novembro de 1888, regressando a 27 de Março de 1889.

Foi promovido, por merecimento, ao posto de capitão de mar e guerra, por decreto de 25 de Maio de 1889.

Apresentou em 2 de Julho desse mesmo anno as cartas patentes de: Cavalleiro de S. Bento de Aviz, de Commendador da Ordem da Rosa e da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo.

Após varias commissões de pequeno vulto, foi nomeado para representar o Brazil como seu delegado no Congresso Internacional de Washington. Para tal destino partio em 5 de Outubro, sendo ainda encarregado de estudar as condições actuaes da marinha de guerra nos Estados Unidos da America do Norte. Regressou a 6 de Agosto de 1890.

Nomeado commandante do Corpo de Marinheiros Nacionaes, tomou posse a 6 de Setembro. Por decreto de 14 de Novembro de 1891, foi promovido ao posto de contra-almirante.

Finalmente, por decreto de 7 de Abril de 1892, foi nomeado director da Escola Naval, assumindo esse cargo a 13 do mesmo mez.

Avisos do Ministro da Marinha, exigindo informações sobre a retirada da ilha das cobras do pessoal da guarda-moria, e mandando licenciar os aspirantes.

N. 2051— 1ª Secção —Rio de Janeiro, Ministerio dos Negocios da Marinha, 22 de Setembro de 1893.

Ao Sr contra-almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Tendo na presente data recebido a inclusa communicação do inspector da Alfandega desta Capital, de haverdes mandado retirar da ilha das Cobras o

pessoal da guarda-moria, que alli se acha aquartelado, recommendo-vos que informeis com urgencia o que occorreu a semelhante respeito, declarando, no caso affirmativo, quem vos autorisou a assim proceder.

Saude e fraternidade.—*Firmino Chaves.*

.˙.

N. 1.806—3ª Secção—Rio de Janeiro, Ministerio dos Negocios da Marinha, 22 de Setembro de 1893.

Ao Sr. director da Escola Naval.

Convindo tranquillisar o animo das familias que têm filhos nessa Escola, determino-vos que, desde já, licencieis a todos os aspirantes, cujos paes ou correspondentes residam nesta Capital.

Saude e fraternidade.—*Firmino Chaves.*

.˙.

N. 1.808—3ª Secção—Rio de Janeiro, Ministerio dos Negocios da Marinha, 24 de Setembro de 1893.

Ao Sr. director da Escola Naval.

Cumpre que me informeis com maxima urgencia, si recebestes o meu aviso determinando o licenciamento dos aspirantes aquartelados nessa Escola, e qual o cumprimento que déstes ás ordens deste Ministerio sobre tal assumpto.

Saude e fraternidade.—*Firmino Chaves*».

Respostas publicadas n'O Paiz de 27 de Setembro de 1893

«Sr. Ministro da Marinha— Porque tenhais insistido novamente sobre o assumpto do pessoal da

guarda-móría da Alfandega, aquartelado na ilha das Cobras, com a 2ª via do vosso aviso n. 2.051 de ante-hontem, cabe-me responder-vos ser destituida de fundamento a reclamação do respectivo Sr. inspector da Alfandega, porquanto não houve a menor interferencia, nem dei a mais ligeira ordem a pessoa alguma da mesma repartição.

Com o que fica dito está respondida a pergunta constante do final do mesmo aviso; mas, a respeito desta pergunta, consenti que vos diga que situações ha no publico serviço e com particularidade no serviço militar, em que não póde recusar-se de intervir quem está mais em posição de fazel-o, embora sem prévia autorisação de superior autoridade. E este caso deu-se agora mesmo na presente conjunctura, que tanto nos affige a todos. Foi para obedecer a esse principio, aliás fundamental, que, á vista dos reclamos dos proprios officiaes e outros residentes na ilha das Cobras, sem prévia autorisação, corri sem hesitação até aquella ilha para abafar a revolta dos galés, deixados sem guarda e sem alimento durante quatro dias, 6, 7, 8 e 9 do corrente, o que consegui unicamente com a minha presença; que puz termo ao saque nas casas da referida ilha e no quartel do batalhão naval; que retirei as familias ali moradoras, provendo á muitas desamparadas dos respectivos chefes os necessarios meios de subsistencia; que restabeleci a segurança do hospital de marinha, onde existião cerca de 200 doentes, sem contar o respectivo pessoal; que salvei os diques abandonados durante oito dias, garantindo a volta do respectivo pessoal para a sua limpeza e conservação; que promovi a tranquillidade dos moradores das ilhas do Governador e Paquetá; emfim, que attendi e estou attendendo ainda, mesmo

em face do geral levante de nossa esquadra, a varios pedidos dos vazos de guerra estrangeiros, ora surtos neste porto.

Todos estes factos estão hoje no dominio do publico, e vós mesmo tivestes em tempo de todos verbal participação. A falta de prévia autorisação para leval-os a cabo, acredito ficar justificada pela mesma urgencia do occorrido.

Podeis talvez julgar do meu procedimento por diverso modo; mas, por minha parte ouso crer ter feito nesta conjunctura todo o bem possivel, no sentido sobretudo de garantir e salvar da ruina notavel porção do nosso estabelecimento naval.

Devo concluir dizendo que em tudo isso tenho tido como prestimosos e dedicados auxiliares os proprios alumnos e mais pessoal desta Escola.

Saude e fraternidade—*Luiz Felippe de Saldanha da Gama.*

.˙.

« Sr. Ministro da Marinha— Em aviso n. 1.806, datado de ante-hontem, renovado hontem em segunda via, e hoje em terceira, me autorisastes a licenciar os aspirantes a guardas-marinha, afim de tranquillisar as respectivas familias. Por falta absoluta de pessoal da secretaria desta Escola, e até de material correspondente, por estarem fechados os archivos e armarios, não pude dar logo a devida resposta a esse aviso vosso, o que vos fiz explicar verbalmente.

Sr. Ministro, ao rebentar a presente revolta da armada, respondendo a uma pergunta do Sr. chefe do estado-maior-general, disse eu que na presente conjunctura nada mais, nem nada de melhor po-

deria fazer, do que salvaguardar dos effeitos e consequencias da revolta a Escola e seus alumnos, que são neste momento a esperança unica da marinha e da patria. Posso repetir ainda agora o mesmo conceito e com a mesma convicção do meu papel de director desta Escola.

Ninguem na armada zela mais do que eu os brios e a honra desta instituição, que é o berço da marinha, e tenho a intima satisfação de saber que este meu sentimento é geralmente reconhecido pelo Brazil inteiro. O Sr. contra-almirante Custodio de Mello, actual chefe da esquadra revoltada, e que quando membro do governo por duas vezes suspeitou da correcção de minha conducta, mais tarde veio dar publico e solemne testemunho do contrario nesta propria Escola, em presença de todo o seu pessoal reunido, e vós mesmo o confirmastes igualmente em alta voz ha bem pouco tempo.

Não tenho, pois, outro empenho neste triste momento senão conservar os alumnos desta Escola illesos e puros de immiscuição nesta luta fratricida e sangrenta, que amargura o paiz inteiro, mas tambem quero acreditar que não haverá melhor meio de conseguir esse fim, do que mantendo os mesmos alumnos reunidos e aquartelados sob a minha pessoal vigilancia, até completa ultimação do conficto.

Acresce ser a Escola Naval uma instituição militar de ensino superior, de onde saem promptas as novas gerações de officiaes para a nossa marinha de guerra. Os seus alumnos, que são da mesma procedencia e da mesma estirpe que os das Escolas Militares do exercito de terra, estão nas mesmas condições destes e apresentam ter mais ou menos a mesma idade; e si estes podem estar em activo serviço neste momento, assim nos campos do Rio Grande

do Sul como nesta Capital, a despeito das preoccupações de suas familias, não pode haver motivo, sem offensa aos brios da instituição, para afastar os alumnos da Escola Naval do unico papel que lhes pode caber nesta lamentavel conjunctura, qual seja o de amortecedor dos terriveis effeitos da contenda, servindo de garantia á importante porção do nosso estabelecimento naval, e guardando os companheiros d'armas de todas as classes que estão cahindo na luta, atacados por molestias ou feridos pelas armas.

O contrario será tirar a esses alumnos uma missão sacrosanta, que elles já estão cumprindo ha 15 dias com o vosso mesmo concenso; será impedir até á marinha do futuro de recolher ao menos os despojos da marinha do presente, tão fundamente turbada e minada, quando o exercito de terra, pela paixão politica inoculada nas veias das classes militares do Brazil desde a revolução de 15 de Novembro de 1889, ahi está se impondo á supremacia dos destinos da patria.

Finalmente, Sr. Ministro, da autorisação de licenciamento, tal como concedestes, não dezejam os alumnos aproveitar-se, senão com rarissimas excepções; e quanto ao licenciamento obrigatorio, permitti dizer-vol-o, ja importaria talvez em arremessar irresistivelmente para a pugna uma parte notavel, a maior parte do corpo, e eu não creio que esteja no vosso espirito, nem no pensamento do governo, longe de applacar os animos, ainda mais atear com tal elemento a fogueira em que ora se consomem tantas vidas preciosas, tantas vidas de irmãos; e si por acaso duvidais da veracidade do que avanço, vinde vós mesmo verificar da exacção do meu asserto, ou mandai por vós autoridade de vossa maior con-

fiança. Repito, Sr. Ministro, no doloroso momento que atravessamos, a melhor garantia do corpo de alumnos da Escola Naval está no seu aquartelamento na Escola, sob a minha guarda e sob o meu bem directo influxo.

Não ha nisto nenhuma jactancia; ha tão somente a verificação de um facto resultante da confiança reciproca estabelecida entre o director e os alumnos, em quasi dois annos de constante convivio.

Ouso esperar que, em vista destas considerações, dignar-vos-heis retirar vossa autorização; no caso contrario, eu terei resalvado ao menos, em face do governo e do paiz inteiro, a minha pessoal responsabilidade em relação a quaesquer consequencias que possa vir a ter a execução de semelhante medida.

Saude e fraternidade— *Luiz Felippe de Saldanha da Gama*».

Manifesto de guerra adherindo á revollução, distribuido em avulso e publicado pelo «O Paiz» e «Diario de Noticias de 10 de Dezembro de 1893.

«Aos meus concidadãos—Avesso por principio e por instincto a toda ideia de revolta, jámais entrei em conluios de qualquer especie.

Hoje, porém, no doloroso momento historico que atravessa a patria brazileira e o proprio governo, são as mesmas circumstancias do paiz que me impellem para a luta.

Acceitando esta situação, que me é imposta pelo patriotismo, reuno-me sem prévios conchavos, em pleno dia e pesando a responsabilidade que tomo,

aos meus irmãos que, ha um anno nas campinas do Rio Grande do Sul e ha tres mezes na bahia desta capital, pugnan valorosamente pela libertação da patria brazileira do militarismo, aggravado pela contubernia do sectarismo e do mais infrene jacobinismo.

Official da armada, vou combater com a espada o militarismo, que sempre condemnei toda a minha vida. Brazileiro, é meu interesse concorrer com os meus esforços para pôr termo a este terrivel periodo em que lançaram a patria na anarchia, no descredito, na asphyxia de todas as suas liberdades.

A logica assim como a justiça dos factos autorizaria que se procurasse á força das armas repor o governo do Brazil onde estava a 15 de Novembro de 1889, quando n'um momento de sorpresa e estupefacção nacional elle foi conquistado por uma sedição militar, de que o actual governo não é senão uma continuação.

O respeito, porém, que se deve á vontade nacional livremente manisfestada aconselha que ella mesmo escôlha solemnemente, e sob sua responsabilidade, a fórma de instituições sob que deseja envolver os seus gloriosos destinos.

Offereço minha vida com as de meus companheiros de luta em holocausto no altar da patria.

O exercito, que se está batendo com a sua proverbial bravura, não póde mais persistir na defesa de um governo que perdeu o apoio moral da nação e o credito no estrangeiro. A sua obstinação nesse papel inglorio, ainda quando bem succedido, acabaria por transformal-o de força nacional que é n'uma hoste pretoriana de baixa Republica.

O brado de nossa redempção politica levantado nas fronteiras meridionaes e que perpassou por

Santa Catharina, Paraná e S. Paulo até esta Capital, já echoou no extremo norte.

Brazileiros, para apressar a victoria, que é certa, cumpre que lhe ponhais o sello trazendo á luta o concurso de vossa influencia moral. Já é notorio que a causa nacional, em cuja defesa armada eu vou entrar, tem por si o apoio de todas as classes conservadoras da sociedade brazileira, daquelles que trabalham e produzem e que, aliás, reluctam ás sedições, motins e desordens.

E' urgente que sua vontade impere e é, pois, imprescindivel que a sua sympathia se manifeste clara e positivamente sobre a sua resolução de lançar fóra esse jugo abominavel de escravidão em que o militarismo de 1889 nos quer reter.

Compatriotas! Os povos qne abdicam do seu direito não podem queixar-se dos seus oppressores.

O Brazil, cujo passado é curto mas honroso, tem grande futuro diante de si; só poderia cumpril-o arrancando-se de um despotismo que o degrada diante de si mesmo e do mundo civilisado.

Mostrai que não somos um povo conquistado, mas um povo livre e conscio dos seus destinos.

Eis a situação.

Espero poder cumprir o meu dever de brazileiro até ao sacrificio.

Cumpri o vosso!—*Luiz Felippe de Saldanha da Gama*, contra-almirante da armada nacional—Ilha das Cobras, 7 de Dezembro de 1893.»

Ordens do dia, assumindo o commando da esquadra persistente na bahia do Rio de Janeiro, e subdividindo-a em tres Divisões.

«Ordem do dia n. 1—Assumo hoje o commando das forças navaes da revolução que neste porto combatem o governo dictatorial do marechal Peixoto.

Prestando o concurso do meu braço, do meu espirito á causa pela qual já combatem, ha mais de tres mezes, os meus bravos camaradas da armada e os nossos irmãos do Rio Grande do Sul, não tenho outros intuitos senão concorrer tambem para que tenha termo uma situação vexatoria e afflictiva, que atrophia as forças vitaes de nossa patria.

O manifesto que em data de 7 dirigi aos nossos compatriotas exprime integralmente o meu pensamento. Brazileiro antes de tudo, estarei sempre prompto a servir abnegadamente o meu paiz, comtanto porém que o povo tenha suprema responsabilidade dos seus destinos.

Temos do nosso lado a justiça da propria causa e a sympathia da nação. A victoria não poderá deixár de coroar os nossos esforços. Mas, ainda quando a sorte das armas nos seja adversa, ainda assim deixaremos na historia exemplos immorredouros de esforço, coragem e abnegação.

Fazer ressuscitar o material arruinado, muitos navios incompletos, resistir em summa durante mezes, dentro dos estreitos limites de um porto, a todas as forças do governo, são factos que a historia relembrará um dia em vossa honra e em honra da armada nacional.

Não preciso repetir que conto comvosco. Si me faltar o vosso apoio moral embainharei de uma vez

a minha espada, deixando á outrem a tarefa urgente de defender a nossa patria.

Continuão em vigor as ordens existentes na esquadra quanto a signaes.

Bordo do cruzador *Liberdade*, 9 de Dezembro de 1893, no porto do Rio de Janeiro—*Luiz Felippe de Saldanha da Gama*.

Ordem do dia n. 2—A esquadra fica dividida da seguinte fórma:

1ª DIVISÃO—Cruzadores *Tamandaré*, *Guanabara*, *Trajano* e *Liberdade* (capitanea), sob a direcção immediata do commandante em chefe da esquadra.

2.ª DIVISÃO—Cruzadores *Jupiter* (capitanea), *Mercurio*, *Pereira da Cunha*, *Parahyba* e *Laguna*, sob a direcção do capitão de mar e guerra Eliezer Coutinho Tavares.

3.ª DIVISÃO—Cruzador *Marte* (capitanea); transportes *Victoria* e *Aymoré*; vapores *Itacolomy* (officina de machinas e artilharia), *Curytiba*, *União* e *Oceano* (depositos de polvora e demais material explosivo); *Itatiba* e *Itaúna* (depositos de carvão e mais sobresalentes para machinas); *Industrial* (enfermaria isolada para os doentes de febre amarella); *Ondina*, *Penedo* e mais os navios de vela *Feliz Competidor*, *Industrial* e *Penedo* (depositos de mantimentos); avisos *Adolpho de Barros* e galeóta *Quinze de Novembro*; sob a direcção do 1º tenente João da Silva Retumba.

Os differentes rebocadores e avisos mercantes, armados em guerra, ficão formando uma secção annexa á 1ª Divisão; e as lanchas a vapor e expressos serão distribuidos regularmente para as communicações dos navios entre si.

Bordo do Cruzador Liberdade, no porto do Rio de Janeiro, 9 de Dezembro de 1893—*Luiz Fellippe de Saldanha da Gama*.

Decreto declarando o contra-almirante Saldanha da Gama traidor á patria

« O vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil:

Considerando que o contra-almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, director da Escola Naval, cargo da maior confiança, delle abusou em proveito da revolta capitaneada pelo contra-almirante Custodio José de Mello, á qual em documento publico procurou adherir;

Considerando que aquelle contra-almirante, incumbido de educar a mocidade destinada á honrosa vida do mar, em vez de ensinar os principios de ordem e disciplina, aliciou-a para a revolta, em franca opposição ás instituições republicanas, incutindo doutrinas subversivas, contrarias a todos os principios da moral civica e honra militar;

Considerando que illudiu, durante tres mezes, a confiança nelle depositada pelo governo, que suppunha-o em leal desempenho da sua missão, por solicicitar quasi diariamente todos os recursos que lhe eram necesssarios, para a manutenção da Escola Naval;

Considerando que, quando apresentou-se no hospital de marinha, em nome da humanidade, para manter a ordem e a segurança, não teve outro intuito senão arregimentar os marinheiros nacionaes, que tivessem obtido alta, e os empregados daquelle estabelecimento, para os fins da revolta, do mesmo modo porque o havia feito com os alumnos navaes;

Considerando que accumulou clandestinamente elementos de guerra e poz mão criminosa em objectos da fazenda nacional existentes no commissariado geral da armada;

Considerando que, na noite de 9 para 10 do corrente, rompeu vivissimo fogo de artilheria e fuzilaria sobre as forças que guarnecem estabelecimentos publicos e defendem o littoral, vindo os seus projectis attingir muitos pontos centraes desta capital;

Resolve incluir o contra-almirante Luiz Fellippe de Saldanha da Gama no numero dos revoltosos da armada, já considerados desertores, declaral-o traidor á patria, por intentar pelas armas destruir em seus fundamentos a Republica, e por taes crimes sujeital-o ás penas da lei militar.

O contra-almirante Felippe Firmino Rodrigues Chaves, ministro de Estado dos negocios da marinha, assim o faça executar.

Capital Federal, 10 de Dezembro de 1893, 5· da Republica.—FLORIANO PEIXOTO—*Firmino Chaves.*»

Parodia feita incontinenti no xadrez Politico da Conceição pelo organisador deste livro

O dictador dos Estados-Unidos do Brazil:

Considerando que o marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da Republica, mostrou carencia absoluta da perspicacia e tino que inculcava, não percebendo desde logo que a posição do contra-almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama—de director da

Escola Naval, cargo da maior confiança, era um perigo imminente para as instituições, conhecidas de ha muito, como eram, suas crenças monarchicas, e revelou, outrosim, plena incapacidade e frouxidão, deixando de demittil-o incontinenti e mandal-o responsabilisar, conforme aos sacramentos militares, quando sophismou a ordem do ministro da marinha sobre o licenciamento dos alumnos e arvorou a bandeira da neutralidade; desidia criminosa essa, que redundou em grande proveito da revolta capitaneada pelo contra-almirante Custodio José de Mello, á qual acaba de adherir em documento publico o dito Saldanha da Gama, arrastando comsigo os aspirantes;

Considerando que o mesmo marechal, a quem o Congresso Nacional incumbira a missão de industriar a mocidade que se destina á honrosa vida do jacobinismo, em vez de dar-lhe o exemplo do *viver ás claras* pela acção publica, directa e franca do governo, procurou subvertel-a com o systema dos subterfugios, com a pratica de actos contrarios a todos os principios organicos da patriotica carreira;

Considerando que mentiu, durante tres mezes, á confiança nelle depositada pela opinião publica, que o suppunha lealmente compenetrado dos deveres de chefe do Estado, por assegurar quasi diariamente que estavam tomadas todas as medidas e providencias necessarias, para a manutenção da legalidade;

Considerando que, quando apresentou-se no littoral, em nome da coragem, para manter o enthusiasmo e a fé, não teve outro intuito senão engazopar os guardas nacionaes e os serventuarios da praia, para os fins do embuste, do mesmo modo porque já o havia feito com os academicos de S. Panlo;

Considerando que accumulou clandestinamente elementos de corrupção, meteu mãos criminosas na arca do Thesouro e apropriou-se de objectos do Estado existentes em Itamaraty;

Considerando que, na noite de 9 para 10 do corrente, expoz a tremendo revez e horrivel mortandade a flor da legião pretoriana, que insensata e perversamente fez reunir no Arsenal de Marinha e seguir dahi em batelões para assaltar a ilha das Cobras, formidavelmente entrincheirada e defendida por abundante artilharia e fusilaria, dominando diversos pontos centraes desta Capital;

Resolve incluir o mesmo marechal Floriano Peixoto no numero dos violadores da honra nacional, já considerados reprobos, declaral-o traidor á patria, por intentar pela perfidia destruir em seus fundamentos a Republica, e por taes crimes sugeital-o ás penas da lei marcial.

O coronel José de Campos da Costa de Medeiros Cavalcanti de Albuquerque, ministro d'Estado dos negocios da guerra, assim o faça executar.

Palacio do Governo, no hospicio Pedro 2·, 11 de Dezembro de 1893.—*Aristides Lobo.—José de Medeiros.*»

Distribuição do pessoal e armamento das forças navaes reorganisadas, em operações na Capital Federal (Extrahido do Jornal do Commercio de 24 de Janeiro de 1896).

Estado-maior General—Commandante em chefe, contra-almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Secretario, capitão de fragata Benjamin Ribeiro de Mello.

Ajudantes de ordens—Guarda-marinha Armando Cesar Burlamaque e aspirantes Ernesto Frederico da Cunha Junior e Alexandre Coelho Messeder.

Cruzador Tamandaré—Commandante, 1º tenente José Fructuoso Monteiro da Silva; officiaes, 1os tenentes Arthur Affonso de Barros Cobra e Gentil Augusto de Paiva Meira, 2os tenentes Alfredo Albino da Silva Leal (1) e Manuel Ferreira de Lamare, guarda-marinha Arthur Gaudino Capell (2), aspirantes João Antonio da Silva Ribeiro Sobrinho, Manoel Clementino Carneiro da Cunha (3), Luiz Augusto Diniz Junqueira, Augusto Cesar Burlamaque, Francisco de Oliveira Figueiredo (4), Henrique A. Guilhem, chefe de machinas João Baptista de Moura, piloto Henrique Ludder e o civil Felix Biallé.

Armamento—10 canhões de tiro rapido Armstrong, retro-carga, de 15 m/m de diametro, sendo seis em bateria (tres por banda), e quatro em carretas (dous de cada lado), montados em carretas hydraulicas do mesmo autor; um dito Nordenfelt, tiro-rapido, de 37 m/m, montado em sóco de ferro, duas metralhadoras Nordenfelt, de 25 m/m.

(Este navio tinha só uma machina e movia-se com grande difficuldade).

Cruzador Guanabara—Commandante, aspirante Candido de Andrade Dortas; officiaes, Virgilio

(1) Morto em combate a 9 de Dezembro de 1893.
(2) Morto por uma explosão a 4 de Janeiro de 1894.
(3) Morto em combate a 9 de Fevereiro de 1894.
(4) Morto em combate a 14 de Dezembro de 1893.

Nogueira e cadete do exercito Gustavo Moncorvo Bandeira de Mello.

Armamento—oito canhões Whitworth, retro-carga, c/e 70, montados em carretas de madeira, achando-se dous com as culatras em máo estado.

(Estava sem machinas e todo desmastreado).

Cruzador Trajano—Commandante, capitão-tenente Emilio Carvalhaes Gomes; officiaes, 1os tenentes Olympio Pereira Gomes, Octacilio Nunes de Almeida, José Antonio Coutinho e Adolpho Victor Paulino (nomeado depois commandante do transporte *Aymoré*), guarda-marinha Jorge Martiniano de Castro e Abreu, commissario Jorge Marques Dubouchet (desligado de Willegaignon), aspirante Frederico Lemos Villar; medico, capitão da guarda nacional Dr. J. Mendes e o official em commissão Francisco de Araujo Gomes.

Armamento—6 canhões Whitworth longos, c/e 32, retro-carga, montados em carretas hydraulicas; 2 ditos Nordenfelt, tiro-rapido, c/e 37mm, montados em sócos de ferro; 2 metralhadoras Nordenfelt, de c/e 25mm, quatro canos; 2 ditas do mesmo systema, c/e 11mm, cinco canos.

(Tinha as caldeiras em pessimo estado e achava-se completamente desmastreado).

Cruzador Liberdade—Commandante, guarda-marinha Mario Cesar Borman de Borges, pouco depois substituido pelo 1.° tenente Luiz Timotheo Pereira da Rosa (desligado de Willegaignon); officiaes, guardas-marinha Arthur Torres e Ignacio Joaquim Ribeiro, chefe de machinas Alfredo Juliano da Silva e aspirantes Carlos Alves de Souza, Octacilio Pereira Lima e Mario Carlos Lahmeyer.

Armamento—2 canhões Whitworth, retro-carga, c/e 9; 1 dito Hotckiss, tiro-rapido, c/e 47 mm; 2 ditos

Nordenfelt, tiro rapido, c/e 37mm; 1 metralhadora Nordenfelt, c/e 25mm; 1 canhão do mesmo systema, c/e 52mm.

Cruzador Jupiter—Commandante, 1º tenente Luiz Carlos de Carvalho, depois substituido pelo official d'igual patente Alberto Fontoura F. de Andrade; officiaes, 1º tenente José M. de Moura Rangel (commandante do batalhão naval aquartelado a bordo), 2º. tenente Narciso Vieira da Silva (pratico-mór da esquadra), piloto Francisco da Silva e aspirantes Trajano Augusto de Carvalho e Raul Tavares; artilheiro Manoel Duarte (operario do arsenal de guerra, feito prisioneiro no principio da revolta), chefe de machinas A. Lopes e commissario Juvenal Jardim.

Armamento—2 canhões Armstrong longos, retro-carga, c/e 40; 1 dito Whitworth, retro-carga, c/e 12; 2 ditos idem, idem, c/e 9; 1 dito Krupp, retro-carga, c/e 8; 2 ditos Hotckiss, tiro rapido, c/e 47mm; 1 dito Whitworth, ante-carga, c/e 2 1[2; 2 metralhadoras Nordenfelt, c/e 25mm, quatro canos.

(Este cruzador era um paquete da Companhia Frigorifica).

Cruzador Mercurio—Commandado successivamente pelos 1os tenentes José Augusto Vinhaes, José M. de Moura Rangel (nomeado depois commandante do batalhão naval) e Eduardo Lemelle; officiaes, 2.º tenente José Moreira da Rocha (1), aspirantes Emmanuel Braga e Theodoro Jardim, pilotos Francisco Thadeu e Domingos Ribeiro, chefe de machinas Joaquim de Oliveira.

Armamento—1 canhão Whitworth, ante-carga, c/e 32; 1 dito, idem, retro-carga, c/e 9; 1 dito, idem,

(1) Fallecido no porto de Buenos-Ayres a bordo da Corveta portugueza Affonso de Albuquerque.

ante-carga, c/e 2 1/2; 1 metralhadora Nordenfelt, c/e 11mm, cinco canos.

(Tambem da Companhia Frigorifica).

Cruzador Pereira da Cunha — Commandante, capitão-tenente Affonso Rodrigues de Vasconcellos (1); officiaes, 2.º tenente Honorio de Lamare Koller, aspirantes Celso da Cunha Gonçalves, (2), José Carlos Dias da Silva (3), Durval de Aquino Gaspar, chefe de machinas capitão-tenente Targino José dos Anjos e os civis Dr. Luiz Fraga (4) e Manoel Bentes.

Armamento—1 canhão Armstrong longo, retro-carga, c/e 40; 1 dito Whitworth, ante-carga, c/e 32; 2 ditos Hotckiss, tiro-rapido, c/e 47mm; 2 ditos Whithwort, ante-carga, c/e 2 1/2; 1 dito Nordenfelt, tiro-rapido, c/e 37mm.

(Tambem da Companhia Frigorifica).

Cruzador Marte—Commandante, 1º tenente João da Silva Retumba; officiaes, 1os tenentes Thomaz de Medeiros Pontes (depois nomeado commandante militar da ilha de Paquetá), Luiz Carlos de Carvalho e Francisco Por Deus da Costa Lima; aspirantes Hormisdas Maria de Albuquerque, Luiz Cyrillo Fernandes Pinheiro (depois commandante de um rebocador) e Octavio de Lima e Silva; pilotos Frederico Raulino, Pedro Pereira da Silva e José Francisco Coelho (5); medico, Dr. Climaco Barbosa (transferido depois para o paquete *Alagoas*); machinistas,

---

(1) Morto no seu posto de honra a 23 de Fevereiro de 1894, por effeito de uma explosão.

(2) Morto a 12 de Fevereiro de 1894, por ferimento recebido no combate da Armação.

(3) Morto a 23 de Fevereiro de 1894, em consequencia de explosão a bordo.

(4) Morto a 23 de Fevereiro de 1894, por effeito de uma explosão.

(5) Fallecido de beri-beri na ilha das Enxadas, depois de vencida a revolta.

2os tenentes Clemente de Souza e Victor Lazaro Rodrigues; commissario, Luiz José de Lima Junior, substituido pelo fiel Honorato Rosa, official de fazenda em commissão.

Armamento—1 canhão Whitworth, ante-carga, c/e 32; 1 dito Hotckiss, tiro rapido, c/e 47. m/m; 1 dito Whitworth, ante-carga, c/e 2 1/2, montado em carreta de campanha; 1 metralhadora Nordenfelt, c/e 11 m/m (cinco canos); 1 dita, do mesmo autor, c/e 25 m/m (quatro canos).

(Tambem da Companhia Frigorifica.)

Cruzador Parahyba—Commandante, 1o tenente José Libanio Lamenha Lins de Souza; officiaes, guardas-marinha Alberto Durão Coelho, Jonathas Ribeiro de Loureiro Fraga (1), José Antonio de Lacerda,Adalberto Nunes e Harold da Ponte Ribeiro Schiller (depois commandente de um rebocador); chefe de machinas Arthur W. Small, commissario Annibal de Paula Barros e o official em commissão José Felix da Cunha Menezes Filho.

Armamento—2 canhões Whitworth, retro-carga, c/e, 32 longo, em reparos de madeira; 1 metralhadora Nordenfelt, de 25 m/m; 1 dita do mesmo autor, c/e 11 m/m.

(Era um paquete mercante e achava-se em máu estado).

Aviso Laguna—Commandante, piloto (official em commissão) Domingos de Souza Cardia; officiaes, aspirantes Oscar Gomes Braga, Antonio Affonso Monteiro Chaves e José Mattoso de Castro e Silva.

(Neste navio achavão-se embarcados os 1os tenentes Arthur Alvim e Francisco Pinta, que deser-

(1) Fallecido em Buenos-Ayres a bordo da Corveta portugueza Affonso de Albuquerque.

tárão da revolução, bem como o aspirante Arlindo Duarte, sendo todos presos depois pelas forças do Governo e condemnados pelo Supremo Tribunal Militar).

Armamento—2 canhões Whitworth, ante-carga, c/e 2 1/2, em reparos de campanha; 1 metralhadora Nordenfelt, de 25 m/m.

(Tambem mercante).

Aviso *Adolpho de Barros*—commandante, 2º tenente em commissão Manoel Santos.

Armamento—2 metralhadoras Nordenfelt, c. 11 m/m.

(Tambem navio mercante).

Transporte Victoria — Commandante, 1º tenente honorario José Manoel Fontes ; officiaes, aspirante Candido de Andrade Dortas (transferido do Cruzador *Guanabara*, que foi desarmado), commissario Francisco Barreto (desligado de Willegaignon) e cadete do exercito Francisco Guimarães.

(Pertencia ao Lloyd).

Transporte Aymoré — Commandante, 1º tenente Adolpho Victor Paulino, substituido pelo 1º tenente Tranquillino de Alcantara Diogo; officiaes, aspirante Egas Muniz da Silva e chefe de machinas Manoel F. da Silva.

(Tambem pertencia ao Lloyd).

Transporte Alagoas — Commandante, 1º tenente José Augusto Vinhaes; officiaes, 2º tenente Alberto Vitte, aspirante Oscar de Assis Pacheco e commissario Calixto Gaudencio de Abreu (desligado de Willegaignon); medico, Dr. Climaco Barbosa (transferido do *Marte*).

Neste transporte foi aquartelada a companhia de aprendizes marinheiros n. 8, commandada pelo

capitão-tenente Cyrillo Gonçalves de Negreiros (1), tendo por commissario Marcionilio Rodrigues Vaz, sendo a elle tambem recolhidas muitas familias que habitavão na ilha do Governador e outras adjacentes.

(Tambem do Lloyd.)

Rebocador Lucy—Commandante, guarda-marinha Joaquim Ribeiro Sobrinho; official, aspirante Guilherme de Azambuja Neves (depois nomeado commandante do rebocador *Guanabara*).

Armamento—Um canhão revólver Hotckiss, c/e 25 m/m, em sóco de ferro; 1 canhão Nordenfelt, tiro-rapido, de 37 m/m, em sóco de ferro.

(Achava-se a pique, com grande rombo á prôa, junto a ilha das Cobras, quando deu-se a reorganisação da esquadra).

Rebocador Gil-Blas—Commandante, guarda-marinha Augusto Carlos de Souza e Silva; officiaes, aspirantes Roque Dias Ribeiro, Agenor Monteiro de Souza e João Augusto de Souza e Silva.

Armamento—Um canhão Nordenfelt, tiro rapido, de 37 m/m; 1 metralhadora Nordenfelt, de 25 m/m, e 1 dita idem, de 11 m/m.

Rebocador Guanabara—Commandado successivamente pelos aspirantes Damião Pinto da Silva (2), Harold de Ponte Ribeiro Schiller (3), Augusto Cesar Burlamaqui e Guilherme de Azambuja Neves; official, o aspirante Sebastião de Saldanha da Gama (4).

Armamento—Um canhão Nordenfelt, de tiro rapido, c/e 37 m/m; 1 metralhadora idem, c/e 25 m/m.

---

(1) Fallecido de uma lesão organica.
(2) Ferido gravemente e restabelecido.
(3) Morto a 9 de Fevereiro de 1894, no combate da Armação.
(4) Morto em combate.

Rebocador Standart—Commandante, aspirante Braulio de Araujo Braga (transferido do encouraçado *Aquidaban* quando regressou de Santa Catharina).

Armamento—Um canhão de tiro rapido, Nordenfelt, c/e 37 m/m; 1 metralhadora, idem, 25 m/m.

Rebocador Vulcano — Commandante, aspirante Priamo Muniz Telles; official, José de Siqueira Villa Forte.

Armamento—Um canhão Nordenfelt, tiro rapido, 37 m/m, e uma metralhadora idem, 25 m/m.

Rebocador Bittencourt—Commandante, aspirante Domingos Ribeiro, substituido pelo guarda-marinha Trajano Galvão de Carvalho Bulhão (1).

Armamento—Duas metralhadoras Nordenfelt, de 25 m/m.

Rebocador Gloria—Commandado successivamente pelos aspirantes Luiz Cyrillo Fernandes Pinheiro (2), Pedro Cavalcanti de Albuquerque (3), Manoel Caetano de Gouvêa Coutinho e Americo Cardoso.

Armamento—Duas metralhadoras Nordenfelt de 25 m/m.

(Estes rebocadores tambem eram mercantes).

Fortaleza da Ilha das Cobras —Commandante, capitão-tenente João Velloso de Oliveira; 2° commandante, 1° tenente Antonio Julio de Oliveira Sampaio; officiaes, guardas-marinha Raphael Brusque, José Joaquim Brandão dos Santos Junior, Conrado Heck, Alberto de Sá Peixoto, Oscar Muniz e Trajano C. de Carvalho Bulhão.

---

(1) Morto em consequencia de grave ferimento recebido a 9 de Fevereiro de 1894.

(2) Gravemente ferido e restabelecido.

(3) Morto no combate da Armação.

Armamento—4 canhões Whitworth, ante-carga, c, 250, podendo atirar para a barra e cidade do Rio de Janeiro; 3 ditos do mesmo systema, ante-carga, c. 70, podendo atirar para a barra, Morro do Castello e Nitcheroy; 1 dito, do mesmo systema, retro-carga, c. 70, podendo atirar para o Morro do Castelllo; 1 dito, idem idem, podendo atirar para a Armação, S. João Baptista de Nictheroy e Gragoatá; 1dito Krupp, retro-carga, c. 8., junto ao necroterio,conteirado para Nictheroy; 1 dito Krupp, retro-carga, calibre 7.5, collocado entre as enfermarias 14ª e 15ª, podendo atirar por cima dos diques para o ancoradouro de S. Bento. Guarnecendo a parteoccupada pelo Hospital de Marinha — 4 canhões Witworth, ante-carga, calibre 2 1/2, montados em carretas; 1 metralhadora Nordenfelt, de 11 m/m; 1 canhão de bronze pequeno, alma lisa; 2 canhões-revólvers, Gatling, de 11 e 25m/m, em carretas de campanha.

Todos estes canhões atiravão para o Castello, Arsenal de Guerra e littoral, desde o caes do Pharoux até á Saude.

Corpo de alumnos— Commandante, 2º tenente Arthur Thompson; aspirantes Mario Cesar de Castro Menezes, Theophilo Oswaldo Pereira de Souza, William Canditt, Luiz Perdigão, Joaquim Barcellos Garcia, Francisco da Fonseca Neves, Joaquim Buarque Lima, Torquato Junqueira, Americo de Azevedo Marques, José do O' de Almeida, Victor de Mattos, Octacilio Rosas, Ernesto Peixoto Junior, Arthur de Brito Pereira, Roberto de Barros, Frederico Adrião Chaves, Henrique de Santa Rita, Manoel Nogueira da Gama, Luiz Pereira Pinto Galvão, Thomaz de Aquino Freitas, Tancredo de Alcantara Gomes e commissario Manoel Marques de Faria.

(Esses aspirantes fazião o serviço de sentinellas na parte da ilha fronteira ao Arsenal de Marinha, guarnecião a artilharia e metralhadoras ahi montadas, e commandavão os diversos piquetes que defendião a Intendencia de Marinha, diques e suas immediações).

Corpo de voluntarios—Commandante, guarda-marinha Heraclito Belfort Gomes de Souza; 2º commandante, tenente da guarda nacional Antonio Valentim.

Compunha-se esse corpo de 75 ex-marinheiros nacionaes, que espontaneamente se apresentárão durante o tempo da revolta, para evitarem o recrutamento em terra, e de muitos civis da Capital Federal, ilhas do Governador e Paquetá, que tiverão igual procedimento.

Fortaleza de Willegaignon—Commandante, 1º tenente Sylvio Pellico Belchior; 2º commandante, 1º tenente Leonisio Lessa Bastos (commandou interinamente durante 35 dias por ter baixado ao hospital o respectivo commandante, ferido em uma perna); officiaes, 1ºs tenentes Antão Corrêa da Silva (ex-commandante do *Jupiter* na expedição Wandenkolk ao Rio Grande), Alipio Dias Colona, João Huet Bacellar Pinto Guedes, José Liduino Castello Branco, Luiz Timotheo Pereira da Rosa (desligado para commandar o *Liberdade*), Antonio Accioli de Magalhães Castro (passado para o *Aquidaban*), José Antonio Coutinho (passado para o *Trajano*) e commissarios Manoel Marques de Faria (desligado por doente, por se haver queimado em uma explozão), Jorge Dubouchet e Francisco Barreto (embarcados depois em navio da esquadra).

Armamento—22 canhões, systema Pecksan, alma lisa, podendo atirar para o interior da Bahia e Rio

de Janeiro; 1 dito Whitworth, ante-carga, calibre 115, podendo atirar para o interior da bahia e Capital Federal em um angulo de 180°; 4 ditos Armstrong, ante-carga, calibre 400, podendo atirar desde Gragoatá até Botafogo; 1 dito Whitworth, ante-carga, calibre 115, montado em reparo Manckriff, podendo atirar em qualquer direcção; 6 canhões Armstrong, ante-carga, calibre 250, conteirados para as fortalezas da barra; uma bateria composta de 2 metralhadoras Nordenfelt, calibre 25 m/m; 2 canhões Whitworth, retro-carga, calibre 12; 1 dito Nordenfelt, tiro rapido, calibre 37 m/m, montado em reparo de campanha e entrincheirado, podendo atirar sobre a Capital Federal e especialmente sobre o Arsenal de Guerra e Morro do Castello; 1 canhão Whitworth, calibre 9, retro-carga, montado em carreta, atirando para a barra; 4 ditos Whitworth, calibre 2 1/2, ante-carga, montados em reparos de campanha, ao longo do cáes em frente ao archivo da musica, defendendo a ponte de embarque e respectiva praia; 3 canhões Withworth, retro-carga, calibre 12; 1 dito Whitworth, ante-carga, calibre 70 e 1 dito, idem, calibre 32, assestados na parte baixa da ilha, em frente á barra, atirando para as fortalezas.

Corpo de Saude

Chefe, contra-almirante Dr. José Pereira Guimarães.

Hospital de Sangue (ilha das Enxadas) — capitão de fragata Dr. Galdino Cicero de Magalhães, director; 1os tenentes, Drs. Thomaz de Aquino Gaspar e Silva Lima, e pharmaceuticos Guilherme Hoffmann e José Neves; medicos civis, Drs. Sebastião de Saldanha da Gama, Daniel de Almeida e Joaquim Botelho.

Hospital da ilha do Governador (Beribericos)—Drs., capitão de fragata Severiano Braulio Monteiro, director, e 1° tenente José Augusto Gomes Angelim (transferidos depois para o hospital da ilha das Enxadas)

Hospital de Paquetá—Drs.,1.° tenente Affonso Henriques de C. Gomes, director, e civil Ferreira Velloso; pharmaceutico Americo de Baeta Neves.

Enfermaria Willegaignon—Medico civil, Dr. Santos Abreu e academico Luiz Baeta Neves.

Carta dirigida ao almirante Custodio de Mello, sobre a revoluçao, lida da tribuna da Camara dos Deputados, a 28 de Junho de 1894, pelo capitão de mar e guerra honarario José Carlos de Carvalho.

« Rio de Janeiro—Dezembro—11—93—Exm. Sr. contra-almirante Custodio José de Mello.— Aproveito a extrema fineza de um portador seguro para escrever a v. ex.

Hontem, 10, assumi publicamente o commando da esquadra aqui; demorei-me alguns dias em fazel-o por motivos que v. ex. deve comprehender.

O meu manifesto foi publicado ante-hontem em avulso, e hontem reproduzido (cousa curiosa !) pelo *Paiz e Diario de Noticias*. O portador entregará a v. ex. alguns exemplares.

Não pude satisfazer ao ultimo pedido de v. ex. por telegramma.

Não ha navio prompto para forçar a barra, nem sei (salvo polvora) que munição poderiamos d'aqui dispensar agora.

O *Tamandaré* já tem atirado, mas não se póde consideral-o navio effectivo de combate, taes são suas falhas. A situação mudou apenas em que, com o descuido da perda da Armação, estamos sendo empurrados do lado de Nictheroy para o da Capital. Tanto melhor para nós, e peior para o governo. Esta noite vamos tentar tirar o *Itaóca* do dique. E' a ultima cousa que nos resta fazer d'aquelle lado, pois até o carvão está acabado.

Vamos começar a operar activamente sobre a propria Capital, de modo a não dar treguas. Em todo o caso, a situação cada dia se torna mais difficil; urge operar do lado de fóra. Não pretendo fazer indicações de longe; mas acredito que uma operação combinada sobre S. Paulo e Santos é o que ha de melhor a fazer neste momento.

Fechada aquella ultima entrada, o governo estaria não sómente mais desmoralisado como sem recursos. Força é não perder tempo.

Esquecia-me dar a v. ex. a boa nova de que duas ameaças de assalto a Villegaignon e Cobras nas noites de 8 e 9 foram contrastadas em tempo, e com perdas para os assaltantes.

Aqui sabemos da capitulação do general Isidoro e tomada de Bagé. Sabemos mais que o marechal Floriano anda afflictissimo pela sorte e posição do general Arthur Oscar.

Incluso remetto a v. ex. uma chave para qualquer telegramma entre nós.

Por aqui saude boa. O mesmo desejo a todos de lá.

Ultima noticia. O vapor *Parahyba* tentava sahir sob bandeira argentina. A transferencia de bandeira é um facto, mas em tudo mais verdadeiro flagrante. O navio está detido. Os passageiros foram

postos em liberdade. Está-se descarregando a carga para ver o que ha pelo fundo. Ainda não houve reclamação alguma. Aguardo-a para discutir o caso.

Termino repetindo: urge não perder tempo.

Desejando a v. ex. feliz successo nas suas operações, subscrevo-me—De v. ex. camarada respeitador e criado obrigado —*Luiz de Saldanha*.»

O combate da ilha do Governador, de 14 de Dezembro de 1893 (1)

Apenas assumiu o commando em chefe das forças revolucionarias no porto do Rio de Janeiro, o almirante Saldanha da Gama comprehendeu que o plano assentado do marechal Floriano era apertar a esquadra num circulo de fogo e ao mesmo tempo prival-a de prover-se do combustivel de que não podia prescindir.

Tratou, pois, de precaver-se, de oppor a semelhante objectivo as medidas estrategicas e as providencias que porventura estivessem ainda na ordem da possibilidade; fazendo, desde logo, guarnecer sufficientemente a ilha do Engenho (posição importante em Nictheroy), para que pudesse resistir vantajosamente a qualquer tentativa das forças legaes, como effectivamente se deu e forão rechassadas, e lançando suas vistas á Conceição e Mocanguê Grande (duas outras ilhas montanhosas, proximas d'aquella), cuja tomada e plena occupação realisou pouco

(1) Descripção inedita, baseada em informações competentes de ambos os lados contendores.

tempo depois, occasionando grandes perdas ao Governo.

Nesse interim, teve sciencia de que forças das tres armas do exercito, sob a direcção do general João da Silva Telles, tido por um dos mais valentes, dedicados e aptos d'entre os cabos de guerra do marechal, se encaminhavão para a ilha do Governador, que é separada do continenti por um pequeno canal, algumas veses vadeavel.

Alli funccionava a escola de aprendizes de marinha n. 8, assim tambem um hospital de beribericos creado pela esquadra revolucionaria, e moravão diversas familias de revoltosos, entre outras a do capitão-tenente Pinto de Sá.

Era quanto bastava, mesmo que não houvesse nenhum outro motivo de tactica militar, para que o almirante — espirito essencialmente humanitario e philantropico—desenvolvesse toda actividade e solicitude, no empenho de evitar que a ilha fosse tomada de sorpreza.

De facto, taes providencias e tal habilidade poz em pratica, que não só conseguio aquelle *desideratum*, isto é, embargar o passo aos atacantes, mas ainda logrou tirar ao Governo a gloria do triumpho, tornando a victoria reciproca á ambos os lados combatentes, dividida e qualificada da seguinte forma:

Elle, o almirante Saldanha, fez frente com seus marinheiros ás forças do exercito em numero superior ao triplo, nos dias 13 e 14, soffrendo poucas baixas, entre as quaes um aspirante, e abandonou a posição, por assim lh'o convir, attenta a carencia de elementos para mantel-a, mas só depois de fazer transportar para bordo todo o pessoal da referida es-

cola de aprendizes, todos os doentes e todos os moradores, até animaes e utensilios.

O marechal Floriano, por seu turno, desalojou o nucleo revoltoso e tomou posse effectiva da ilha, custando-lhe, porem, alem de grandes claros na fileira, a perda sensivel de um dos seus melhores auxiliares, o commandante da expedição, dito general Telles, que foi gravemente ferido e falleceu a 23 do mesmo mez.

Eis succintamente como se deu o celebre episodio:

A's 12 horas da noite de 12 começou a passagem das forças legaes, em escaleres e botes, no logar denominado *Porto das Pedras* (Fasenda Grande), defronte da *Ponta do Gallião*.

Ao romper d'alva, forão os visitantes comprimentados pela artilharia do cruzador Pereira da Cunha e de dois rebocadores, os quaes, á proporção que clareava o dia ,davão mais vigor ao canhoneio, dirigindo-o então contra uma casa, que outr'ora servio de asylo de mendigos, existente na mesma *Ponta do Gallião*, aonde ião-se reunindo as forças do Governo, tendo sido os primeiros ahi chegados o general Telles e seu estado-maior, o coronel Zeferino Campos, commandante do 23 batalhão de infantaria (o principal elemento da operação) e respctivos ordenanças.

A's 9 horas da manhã, mais ou menos, parando o bombardeio, desembarcarão uns 30 marinheiros sob o commando de um guarda-marinha, auxiliado por um aspirante, afim de reconhecerem aquella posição do inimigo, o que realisarão com toda a bisarria, porém incompletamente, pela energica repulsa que encontrarão e levou-os á retroceder muito sensata e convenientemente.

Reembarcados que forão esses exploradores, tomarão distancia os ditos navios, para melhor hostilisarem o *Porto das Pedras*, apesar de abrigado pelas suas condições hydrographicas, e assim obstarem o proseguimento activo da passagem do adversario, que, de facto, vio-se na contingencia de retardal-a e só poude concluil-a depois que o tenente-coronel Torres Homem teve a lembrança de collocar um canhão Krupp, c. 7 1/2, na ilha do Fundão, para applacar aquella impertinencia.

A's 4 horas da tarde estava tudo do outro lado inclusive a cavalhada, que passou em ultimo logar, e toda a columna foi acampar n'uma posição mais elevada, aonde houve antigamente o asylo de alienados de S. Bento; dando-se ahi o caso singular (o distincto guarda-marinha Armando Cesar Burlamaqui garante a veracidade) de haver o almirante Saldanha, que baixára á terra e montado n'um cavallo branco fôra pessoalmente observar os acontecimentos, se approximado tanto do acampamento inimigo, que chegou a avistar perfeitamente o general Telles, que por seu turno tambem o reconheceu, cortejando-se cavalheirosamente um ao outro, e dando-se incontinenti as costas, cada qual para tratar dos seus papeis.

No dia seguinte, 14, ao meio dia, pôz-se em movimento a força legal, com destino á escola de aprendizes de marinha, que estava defendida por infantaria e artilharia da esquadra, ao todo 150 homens e duas peças, sob o commando geral do 1º tenente Antão da Silva, e travou-se o combate com todo o ardor, de parte a parte, tendo o general Telles sacrificado á sua bravura individual o recato do seu posto de commandante em chefe, por quanto atirou-se levianamente na frente, com uma companhia

de guerra do 23, deixando no centro de gravidade os seus logares tenentes!

Proseguia a luta renhidamente, e já a linha revolucionaria executava as instrucçõss e ordens do almirante, no sentido de vir recuando palmo a palmo, coberta a retirada incolume de todo o pessoal da ilha, quando o general Telles é ferido por bala de fuzil, que varou-lhe ambas as pernas e o cavallo que montava, retirando-se em seguida e entregando o commando da expedição ao coronel Zeferino Campos, seu legitimo immediato.

Este, não querendo, ao que se presume, assumir a responsabilidade da acção, mandou immediatamente retirar as forças avançadas, sem preoccupar-se da solução do combate nem das condições em que este se achava, e regressou com toda a gente ao acampamento, d'onde seguio na madrugada de 15 para o citado Porto das Pedras.

Ahi já se achava o 7º batalhão de infantaria, sob o commando do coronel Moreira Cesar, que, de *armas á vontade,* sem precisar queimar um só cartucho, atravessou e tomou posse da ilha, já então completamente abandonada, por ter sido transportado para bordo tudo quanto dizia respeito aos revolucionarios. Entretanto, elle Moreira Cesar foi o unico que o marechal Floriano mandou elogiar em ordem do dia, pela *tomada* e occupação da *importante* posição da ilha do governador, ficando esquecidos, e até expostos a juisos dubios e versões menos honrosas, aquelles que tudo fizerão, que se baterão comdenôdo.

A justiça da *Legalidade* !

Nota ao almirante Magnaghi sobre o eventual emprego da artilharia da esquadra contra a terra. (Extrahida da obra do capitão de fragata Augusto de Castilho "Portugal e Brasil" tomo 2º—pag. 448).

Commando em chefe das forças navaes da Revolução contra o Governo do marechal Floriano Peixoto no porto do Rio de Janeiro—a bordo do cruzador *Liberdade.*

Rio de Janeiro, 23 de Dezembro de 1893.

A S. Ex. o Sr. contra-almirante commandante da Força Naval da Real Marinha Italiana, surta no porto do Rio de Janeiro.

Em vista das disposições e attitude ultimamente adoptadas pelo governo do Sr. marechal Floriano Peixoto, não póde por seu lado a esquadra do meu commando deixar de pôr em pratica medidas correspondentes, embora de caracter e disposições que me repugnam. E' notorio que todas as alturas, que bordam a propria cidade, estão guarnecidas de baterias de canhões. Não foram respeitados os logares santificados e de beneficio á humanidade soffredora. Está fortificado o morro do Castello que domina o hospital da Santa Casa de Misericordia; não o estão menos os morros de S. Bento e da Conceição—o primeiro com seu secular e historico convento Benedictino - o segundo com o palacio episcopal; finalmente tambem o está—o morro do Bom Jesus, a cujo lado se ergue o recolhimento para os nossos proprios invalidos de terra e mar. N'estas condições, v. ex. comprehenderá sem duvida, ha de ser difficil que a esquadra possa manter até ao fim da contenda o promettido respeito pela cidade do Rio de Janeiro, que passou de cidade aberta a ser uma praça de guerra no sentido stricto do termo.

Ao primeiro tiro de canhão de qualquer d'esses pontos, inclusive o Bom Jesus, a esquadra responderá á aggressão com a sua grossa artilharia.

Rogando a v. ex. a fineza de dar conhecimento do conteúdo d'esta communicação aos chefes das forças navaes estrangeiras tambem surtas n'este porto, prevaleço-me da opportunidade para renovar a v. ex. a segurança da minha mais elevada estima e distincta consideração.

Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Resposta dos commandantes superiores ao documento precedente.

Les Commandants supérieurs des forces navales de l'Italie, Angleterre, France, Etats Unis, Portugal, presentes sur rade de Rio de Janeiro .

Ayant pris connaissance de la note de M. l'Amiral Saldanha, datée du 23 Decembre, sont d'avis que les faits énumérés dans cette note ne sauraient constituer une provocation de nature á justifier la menace du bombardement de la ville, annoncé par M. l'Amiral Saldanha.

Ils trouvent spécialement que le feu de Bom Jesus, qui est une île complétement en dehors et eloignée de la ville, ne peut être consideré comme une des mesures de guerre dont le Maréchal Peixoto a pris envers les Commandants supérieurs des forces navales etrangéres l'engagement de s'abstenir.

Par conséquent les Commandants précités ont l'honneur de signifier à M. l'Amiral Saldanha, que pour le moment ils entendent conserver dans la

question du bombardement de la ville l'attitude qu'ils avaient prise vis-à-vis de l'Amiral Mello par la note du 1er Octobre 1893, dont la copie est ci-jointe.

A bord du croiseur italien *Etna*, dans la rade de Rio de Janeiro, le 25 Décembre 1893.

Le commandant
des forces navales portugaises,
Augusto de Castilho.

Le commandant
des forces navales françaises,
De Barbeyrac.

Le commandant
des forces navales des Etats Unis d'Amérique,
H. Pecking.

Le commandant
des forces navales britanniques,
W. M. Lang.

Le commandant
des forces navales italiennes,
G. B. Magnaghi.

Nota dirigida ao commandante superior estrangeiro mais graduado, á cerca do bombardeamento do hospital de sangue por artilharia do governo("Portugal e Brazil" tomo 2º—pag. 460)

A S. Ex. o Sr. Captain Picking, commandante superior da divisão da marinha dos Estados Unidos da America do Norte, e official mais graduado das esquadrilhas estrangeiras surtas neste porto.

A V. Ex. assim como a todos os chefes das forças navaes estrangeiras não pode ter passado despercebido o facto extraordinario occorrido hontem a tarde, de haverem as baterias da Armação e de S. João Baptista, em Nictheroy, atirado directamente contra o hospital de sangue da ilha das Enxadas.

Ha um mez que o hospital foi transportado para aquella ilha. Neste lapso de tempo, tem recebido alguns tiros que disfarçadamente lhe hão dirigido as baterias do Bom Jesus e a fortaleza de S. João da Barra. O facto de hontem, porem, foi de natureza a não deixar duvida sobre o proposito deliberado de bombardear o dito hospital. Oito projectis explosivos alli cahirão, dois dos quaes dentro das enfermarias produzindo, alem de estragos materiaes, a morte de um ferido e o desvairamento dos outros, que abandonaram seus leitos rompendo os aparelhos de curativos.

O que se passou então no hospital foi verdadeiramente indescriptivel.

Não creio que na historia da guerra e das revoluções deste seculo haja facto identico.

O governo do Brazil, por motivos que aliás nunca externou, ainda não adherio á convenção de Genebra, chamada da Cruz Vermelha.

Comtudo os doentes e feridos do hospital da ilha das Enxadas não deixão de ser homens e Brazileiros.

A ilha das Enxadas teve, antes, o deposito das munições de guerra da Escola Naval e uma pequena officina; tudo foi removido com a trasladação do hospital. Hoje alli existem, apenas, o gazometro para a illuminação, os distiladores d'agua potavel, um forno de padaria, e algumas velhas armas, modêlos da Escola.

Deixo a V. Ex. e a todos os officiaes estrangeiros aqui presentes julgarem de semelhante attentado contra a civilisação e a humanidade; porem a V. Ex. especialmente, pela circusmtancia de ser o representante de um paiz que em uma luta de quatro annos não deixou de applicar nunca os principios de caridade e de respeito ao proximo, que tanto honrão o nosso seculo.

Não penso siquer retaliar, pois que só pensar em tal deshonraria a esquadra que se intitula libertadôra.

Os soldados de terra feridos na ilha do Engenho estão em tratamento nesse hospital. Os soldados prisioneiros estão apenas repartidos entre os navios da esquadra, mas em liberdade. Os officiaes prisioneiros tiverão a restituição de suas espadas.

Por ahi poderá V. Ex. comparar a differença do modo de proceder entre as duas forças combatentes.

Si o facto se reproduzir, procurarei remover o hospital para logar mais seguro, não obstante os inconvenientes que dessa mudança devem resultar para os doentes e feridos.

Rogando a V. Ex. a finesa de dar conhecimento desta nota aos demais chefes estrangeiros, prevaleço-me da opportunidade para reiterar a V. Ex. a segurança da minha perfeita estima e distincta consideração.

Bordo do Cruzador *Liberdade*, no porto do Rio de Janeiro, 7 de Janeiro de 1894 —*Luiz Felippe de Saldanha da Gama*.

Circular sobre as possiveis contingencias do bombardeamento da cidade ("Portugal e Brazil", tomo 3°—pag. 107)

A Suas Excellencias os Srs. Commandantes das Forças Navaes estrangeiras surtas no porto do Rio de Janeiro.

No começo da presente revolução, quando a cidade do Rio de Janeiro defendida apenas por alguns raros canhões de campanha, collocados em sua frente e collinas principaes, esteve á mercê dos canhões da esquadra, os chefes das marinhas estrangeiras então representadas n'este porto, em nota collectiva e unanime dirigida a S. Ex. o Sr. contra-almirante Custodio José de Mello declararam que se opporiam, mesmo pela força, a qualquer tentativa de bombardeamento contra a cidade, a não ser que partisse antes de terra a provocação.

Aproveitando-se d'essa resolução dos chefes navaes estrangeiros, o governo do marechal Floriano Peixoto apressou-se em fazer retirar das collinas e da frente da cidade os seus pequenos canhões de campanha, não por certo para salvaguardar as innumeras vidas e os altos interesses commerciaes que esta cidade encerra, mas como ardil para armar os mesmos pontos novamente, e outros mais, de grande e numerosa artilharia.

Principiado á sorrelfa e com embuste, se ostenta esse trabalho hoje sem mais disfarçe em toda a sua plenitude.

Todas as collinas adjacentes á frente da cidade se acham cobertas de baterias; os historicos e sacros mosteiros de S. Bento e dos Capuchinhos do Castello estão convertidos em fortalezas; as fabricas estabelecidas ao longo do littoral receberam ordem para cessar o respectivo trabalho e retirar o pessoal afim de serem transformadas em outros tantos pontos fortificados; estão levantadas trincheiras em todos os caes publicos, até mesmo em frente ao estabelecimento pio da Santa Casa de Misericordia; n'uma palavra, é voz corrente que o Governo, uma vez que considere ultimado esse trabalho, se apressará, em dado momento, a romper de todas essas fortificações fogo contra a esquadra. Suas Excellencias os Srs. Chefes Navaes estrangeiros não hão de certamente oppôr-se, e pela força, a que a esquadra responda a essa fallada aggressão das baterias da cidade, ou mesmo que a ella se antecipe. Porem, seja-me licito perguntar a SS. EE., homens de guerra conspicuos como são todos: se as condições de lucta para a esquadra são presentemente as mesmas que em Setembro, Outubro ou Novembro e Dezembro findo? Se não foram SS. EE. os culpados d'essa situação desfavoravel para a esquadra, com uma intimação que aliás não serviu para salvaguardar os altos interesses commerciaes da cidade nem a vida e propriedade da sua população, na maior parte estrangeira?

As mesmas razões em que SS. EE. se estribaram para impedir por parte da esquadra um ataque de viva força sobre a cidade do Rio de Janeiro, deviam agora pesar no sentido de tornar igualmente respeitado, mesmo á força, pelo Governo do Marechal Floriano Peixoto um pacto que elle quebrára á falsa fé.

Por parte da esquadra sob o meu commando devo declarar a SS. EE. que lamento, pela cidade do Rio de Janeiro e por seus mesmos habitantes, a ruptura d'esse benefico compromisso, por nossa parte respeitado com todo o rigor até a presente data, mas acceito a contingencia em que a intervenção de SS. EE. a collocou. A tarefa poderá ter-se tornado para nós da revolução mais ardua, mais perigosa e mais sangrenta; comtudo, nem assim nos fará recuar.

A esquadra sob o meu commando respeitará o pacto até o ultimo momento; realisada, porém, que seja qualquer aggressão por parte das baterias da cidade, eu me reservo o direito da resposta para quando e como entender conveniente, sem ulterior aviso.

Nesta hypothese ficará tambem a SS. EE. perante a historia desta revolução a responsabilidade dos inevitaveis successos, que longe de impedirem, antes aggravaram com a sua intervenção.

Nada d'isto me impede, entretanto, de prevalecer-me do ensejo para assegurar a SS. EE. os meus protestos do mais alto respeito e consideração.

Bordo do Crusador *Liberdade*, 28 de janeiro de 1894.

Luiz Felippe de Saldanha da Gama,

commandante em chefe das Forças Navaes da Revolução contra o Governo do Marechal Floriano Peixoto no porto do Rio de Janeiro

Nota á cerca do protesto, lavrado nos mesmos termos, contra o acto de força do almirante commandante em chefe das forças navaes norte-americanas.

« Commando em chefe das forças em revolução contra o governo do marechal Floriano Peixoto no porto do Rio de Janeiro.—Bordo do cruzador *Liberdade,* 30 de janeiro de 1894.

A' S. Ex. o sr. commandante em chefe das forças navaes portuguezas.

Todos os navios surtos neste porto, assim de guerra como mercantes, foram testemunhas da opposição tão grave, quão apparatosa, que a esquadra sob o meu commando soffreu, hontem de manhã, das forças navaes ao mando de s. ex. o sr. contra-almirante Benhan, da marinha dos E. U. da America do Norte.

Partindo do principio de que o elemento revolucionario no Brazil, do qual a esquadra que opera neste porto é apenas um factor, não foi ainda reconhecido como belligerante, e baseando-se no dever de proteger *quand même* o commercio maritimo sob a bandeira do seu paiz, s. ex. acreditou licito empregar com ostentação a imponente força naval sob o seu commando para obrigar a esquadra revolucionaria a consentir que tres navios mercantes norte-americanos, em vez de executarem sua descarga sobre ancora, o fizessem amarrados ao longo dos trapiches da cidade.

As medidas adoptadas pelas forças sob o meu commando jamais foram de natureza a offender os interesses do commercio maritimo estrangeiro; ao contrario, chegamos até a constituir um *modus vivendi,* segundo o qual, em troca da não atracação dos navios mercantes aos trapiches da cidade, o que em-

baraçaria as nossas operações militares, concordámos em deixar circular nas aguas do porto, sob a protecção de bandeiras estrangeiras, rebocadores, lanchas e barcos de descarga, por sua natureza brazileiros e portanto sujeitos a serem por nós apprehendidos. Estas medidas foram até agora aceitas e respeitadas pelos chefes das forças navaes estrangeiras surtas neste porto, inclusive os da marinha dos E. U. da America do Norte, que aqui se acha representada a bem dizer desde os prodromos da actual situação.

O nosso demorado reconhecimento como belligerantes pelas nações estrangeiras, que se interessam nos negocios do Brazil, si não nos tem dado certas faculdades de direito consuetudinario e escripto, comtudo não nos póde inhibir de exercer certa vigilancia em prol de nossa propria defeza e conservação. Si não temos existencia legal, no sentido rigoroso desta expressão internacional, nem assim se nos póde negar a nossa existencia de facto como combatentes, por espaço de quasi meio anno, no porto da capital do paiz, em face do centro do poder do nosso adversario—caso inteiramente novo.

Pela primeira vez, uma força revolucionaria assim se mantém, por tão longo espaço de tempo, dentro de um porto, em posição de impedir todo o seu movimento.

A novidade do caso explica, senão justifica, a novidade das medidas adoptadas e acceitas até agora. Não entendeu, porém, assim s. ex. o sr. contra-almirante Benham.

No empenho, segundo affirma, de proteger a todo o transe o commercio maritimo norte-americano, como, quando e do modo que a este convier, s. ex. pela sua desabrida attitude de hontem nos collocou

perante o dilemma de, ou entrar em guerra com a nação que elle representa, o que não pode ser nossa intenção nem nosso desejo, quando estamos combatendo para libertar nossa Patria de um governo dictatorial, ou então a desfazer por nossa parte, e unico interesse dos seus nacionaes, o *modus vivendi* aceito até esta data.

Pondo de parte a offensa moral resultante do acto, contra o qual já hontem lavrei o meu protesto pela voz do canhão e pela penna, resta saber agora si essa alteração do *modus vivendi* aceito não vem modifical-o completamente. Diante de um acto de força, contra o qual não posso pretender reagir tambem pela força neste momento, tenho que consentir, de ora em diante, na attracação ao longo dos trapiches da cidade dos navios norte-americanos, o que importa, pelo principio da imparcialidade, em reconhecer a mesma vantagem a todos os demais navios mercantes estrangeiros que frequentam este porto.

Portanto, ficam assim annulladas, e contra nós, as concessões que, em relação ás embarcações do trafego do porto, acreditamos dever fazer em proveito do commercio maritimo estrangeiro, por intervenção dos mesmos chefes das respectivas forças navaes.

Deixando a v. ex. o julgar do que ha de injusto e desvantajoso em semelhante situação—para nós que acreditamos estar nos batendo por uma causa nobre e nacional—,pedimos á v. ex. que se digne aceitar a segurança da nossa maior consideração e respeito.—(assignado) O contra-almirante, *Luiz Felippe de Saldanha da Gama.*»

Officio do almirante commandante em chefe das forças Navaes Norte-Americanas ao marechal Eneas Galvão, ministro interino da Guerra e commandante da Praça. ("Portugal e Brazil", tomo 3º—pag. 124)

Commando em chefe da esquadrilha norte-americana no porto do Rio de Janeiro, 29 de Janeiro de 1894.

A' S. Exª. o Sr. marechal ministro da Guerra e commandante da Praça.

Dirigi ante-hontem uma notificação ao chefe dos insurgentes, prevenindo-o de que os navios mercantes de minha nacionalidade estavão sob a protecção da esquadrilha sob o meu commando e de que a esquadra insurgente não podia absolutamente faser fogo sobre elles, que podião descarregar livremente nos logares indicados pelas autoridades legaes.

Não tendo recebido resposta alguma até às 10 horas da noite, dirigi então uma intimação communicando que, si os insurgentes fizessem fogo sobre os navios mercantes, os navios de guerra americanos responderião a esse fogo.

Hoje, ás 10 horas da manhã, sahio do trapiche do Lloyd uma lancha com a bandeira americana condusindo um 1º tenente americano para bordo; esta lancha foi chamada á falla pelo *Trajano*, que, não sendo obedecido, fez fogo contra a mesma. Nessa occasião o cruzador *New York* intimou o navio insurgente, que não obedeceu. Então o *New York* approximou se do *Trajano*, para abordal-o, disparando nessa occasião 11 tiros, 7 dos quaes attingirão o navio insurgente.

O rebocador *Gil Blas*, que perseguia a referida lancha, foi alcançado por uma bala que lhe inutilisou a pôpa.

Peço, acho conveniente, á vista da minha firme resolução de intervir directamente afim de proteger o commercio de minha nacionalidade, que o governo avise os moradores das proximidades da ilha das Cobras, afim de não serem sacrificadas as suas vidas e destruidas as suas propriedades. (assignado) O contra-almirante, A. E. K. Benham (1)

Artigo d'O Tempo (2) de 30 de Janeiro de 1894.

A's 10 horas da amanhã, um facto importantissimo chamou a attenção das pessoas que observavão o mar.

Os possantes navios de guerra que compoem a esquadrilha norte americana surta em nosso porto, todos de fogos accesos e preparados para uma acção, deixarão os seus ancoradouros e acercarão-se dos navios em poder dos revoltosos, arriando as torpedeiras dos turcos o couraçado *S. Francisco*, collocado ao pé do *Aquidaban*.

Pouco depois ouvio-se uma série de tiros de grosso canhão disparados pelo encouraçado New-York, contra o *Trajano* e o rebocador Gil-Blas.

---

(1) A historia tem de restabelecer esta verdade essencial: a intervenção violenta da esquadrilha americana teve por fim unico auxiliar o proprio governo do marechal Floriano, servindo apenas de pretexto e capa a protecção ao commercio americano.

Para proval-o, ahi está nos annaes do Congresso o ignominioso projecto da cunhagem de uma medalha especial, com o retrato do marechal Floriano, para ser offerecida a Cleveland—o presidente dos Estados Unidos; aviltamento esse que, por milagre, não chegou á consummar-se!

(2) Orgão florianista dirigido e redigido pelo Dr. Frederico Borges e por Medeiros de Alburquerque, ambos deputados geraes.

A esses tiros respondeu o *Trajano* com um de polvora secca, fazendo em seguida signaes o *Liberdade* e o mesmo *Trajano*.

Essa attitude hostil da esquadra norte americana era, sem duvida, provocada por um insulto feito á bandeira estrellada da grande republica pelos piratas, como taes julgados por um decreto do governo constituido.

Foi esta a reflexão que acudio a todos os espiritos, e effectivamente era esta a verdade, como se vê do officio que o sr. almirante Benhan dirigio a respeito ao Sr. marechal Eneas Galvão, n'outro logar reproduzido. (1)

Acostumados a commetter impunemente toda sorte de tropelias e desacatos, todos os actos de depredação que lhes apraz, os revoltosos levaram a sua audacia aos ultimos limites, obrigando a uma justa represalia »

Um acto magnanimo respondendo a diatribes e apodos ("Portugal e Brazil", tomo 3º — pag. 87· Nota ao Conselho do Almirantado de Lisbôa).

....

Vou terminar referindo um acto magnanimo do almirante Saldanha da Gama.

(1) E' preciso corregir esta pagina vergonhosa para a nação brazileira: tal reflexão não acudio senão aos espiritos obcecados pela subserviencia ou pela ganancia: a verdade não foi essa, como se verifica do proprio officio do almirante Benhan, que não falla em cerco feito aos navios insurrectos pelos norte americanos, arriamento de torpedeiras etc., etc.

A posteridade julgará de uma imprensa e de uns jornalistas, que só tem sangue para *corar* e valor para *ostentar*, em defesa do governo, da força, das bayonetas do exercito: quanto ao civismo de seus concidadãos, ao reactivo da dignidade, á desaffronta da honra nacional, absolutamente nada, profunda cloroze!

O Dr. Barata Ribeiro, ministro do Supremo Tribunal Federal, cuja nomeação tão accentuada indignação produzio em uma certa classe da população contra o presidente do Estado, tem sido um dos mais acirrados detractores do almirante Saldanha da Gama em artigos publicados nos Jornaes. Um filho desse magistrado, que milita nas forças governamentaes, foi ha dias ferido e feito prisioneiro pelas forças que obedecem ás inspirações da revolta, sendo levado para o hospital de sangue da esquadra.

Justamente ferido pela dôr, no seu coração de pai, conseguio o Dr. Barata que outro filho seu fosse ao hospital da ilha das Enxadas, onde poude verificar o carinhoso tratamento que a seu irmão era dispensado; e quando os dois irmãos se ião separar, contristados e lacrimosos, perguntou o almirante ao prisioneiro ferido se queria acompanhar o irmão!

Este ficou admirado da generosidade da offerta, acceitou-a, e trouxe o irmão para a cidade. Será curioso de vêr si o pai continua a publicar diatribes contra o almirante!! (1)

(assignado) O commandante, *Augusto de Castilho,* capitão de fragata.

Porto do Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1894.

(1) Manda a justiça consignar que o Dr. Candido Barata Ribeiro, de quem se trata, mostrou possuir nobresa de sentimentos: depois deste incidente do filho, tornou-se-lhe sagrado o nome de Saldanha da Gama.

Pelo silencio tomou por seu turno a posição de neutro entre a revolta e a legalidade.

Nota ao commandante da "Mindello" pedindo mais uma vez o reconhecimento de belligerante da esquadra revoltosa ("Portugal e Brazil", tomo 3)—pag. 129.

Commando em chefe das forças em revolução contra o governo do marechal Floriano Peixoto no porto do Rio de Janeiro.

Bordo do cruzador *Liberdade*, 31 de Janeiro de 1894.

A S. Ex.ª o sr. commandante das forças navaes portuguezas.

Na minha qualidade de commandante em chefe das forças navaes da revolução contra o governo do marechal Floriano Peixoto, tenho a honra de pedir a attenção de V. Ex.ª sobre a circumstancia de que, terminando hoje o prazo do 7.º decreto do estado de sitio ou lei marcial, amanhã deverá sahir o 8.º decreto para continuação d'esse estado anormal e oppressivo do paiz inteiro.

Exprime e significa este facto que o governo do marechal Floriano Peixoto, illudiu-se ou procurou illudir o proprio Brazil e as nações estrangeiras, desde o inicio da presente revolução, sobre as forças e extenção desta. De outra forma não se explica que, tendo declarado em documemto publico, no mez de Setembro, não carecer de mais de oito dias de praso para debellar a crise, já teve de adiar ampliando por mais sete vezes essa faculdade extraordinaria de suspensão de garantias, porém ainda assim sem resultado.

A esta demonstração evidente da impotencia do governo em domar a revolução mesmo n'este proprio porto augmenta-se a circumstancia de que as forças da revolução teem proseguido em suas van-

tagens. Ellas dominam hoje nas campinas do Rio Grande do Sul, estão de posse dos Estados de Santa Catharina e Paraná, onde encontraram fervorosa adhesão, e já pisam terras do Estado de S. Paulo; tudo parece indicar, pois, estarem amadorecidas as condições que todas as potencias costumam considerar como indispensaveis nas luctas civis para reconhecerem como belligerantes as forças revolucionarias de qualquer paiz.

Eis a razão pela qual de novo venho rogar a V. Ex.ª que se digne dar conhecimento do conteúdo d'esta nota a S. Ex. o sr. representante diplomatico de Sua Magestade o Rei de Portugal neste paiz.

Prevaleçó-me da opportunidade para reiterar a V. Ex. a segurança de minha elevada estima e distincta consideração.

O contra-almirante *Luiz Felippe de Saldanha da Gama.*

O combate de Nictheroy, de 9 Fevereiro de 1894. (Extrahido do «Jornal do Commercio» de 29 de Janeiro de 1896)

Segundo cartas fechadas e de boa origem, dirigidas da Capital Federal ao contra-almirante Saldanha da Gama, era crivel que do seio dessa populosa cidade, centro de todos os partidos politicos, cujos interesses se achavão em jogo, partisse um movimento de apoio material á causa da revolta.

Amigos dedicados e sinceros dos revolucionarios, e particularmente do seu illustre chefe contra-almirante Saldanha da Gama, alliados a experimen-

tados generaes do exercito, reconhecidamente hostis ao governo e á tyrannia do marechal Peixoto, offerecião-se expontanea e patrioticamente para auxiliar a esquadra em um desembarque formal na Capital Federal, em dia préviamente designado.

Os elementos com que contavão esses chefes e amigos e a descripção detalhada do movimento que intencionavão, a par da seriedade da proposta e honestidade de seus nomes, erão provas mais que sufficientes para a conquista da confiança por parte dos revoltosos da esquadra.

A iniciativa do movimento ficaria a cargo da gente de terra, que assaltaria ao mesmo tempo as fortificações do Castello e morro de S. Bento, ficando á gente do mar a tomada das baterias do littoral, sob a protecção da esquadra; uma vez em poder dos revoltosos tão importantes posições, as forças reunidas com facilidade baterião as tropas fieis ao marechal Peixoto, em cujas fileiras os revolucionarios tambem contavão sympathias.

Aceito o convite, aprestou o almirante Saldanha da Gama cêrca de seiscentos homens bem armados e municiados, que desembarcarião em diversos pontos do littoral a um signal convencionado, que seria uma bandeira encarnada nos morros do Castello e S. Bento, do meio-dia ás 3 horas da tarde daquelle dia, ou durante a noite, com auxilio de fogos coloridos nos mesmos pontos.

Frustrado o plano combinado, resolveu Saldanha aproveitar essa força, apestada e a postos, em outro desembarque que trouxesse algum beneficio á esquadra, que minuto á minuto via augmentar consideravelmente o poder offensivo do Governo, envolvendo-a em um circulo de fogo, e especial-

mente armando a *ponta da Armação*, em Nictheroy, onde diariamente surgião novos canhões, castigando sem piedade a ilha das Cobras, que só dispunha de dez projectis para os seus canhões de grosso calibre, e de quando em vez a *ilha das Enxadas*, onde tremulava bem alto a bandeira da Cruz Vermelha, reconhecida por todas as nações civilisadas como o symbolo sagrado da caridade!

A situação dos revolucionorios no porto do Rio de Janeiro era gravissima nesse momento; ha mais de dois mezes, desde 30 de Novembro do anno anterior, em que sahio barra-fóra o contra-almirante Custodio de Mello levando comsigo os mais velozes e podersos navios da esquadra, sustentárão elles diariamente renhidos e repetidos tiroteios com as forças que obedecião ao Governo; os navios e quasi todos os rebocadores e lanchas achavão-se em pessimo estado de conservação pelo pesado serviço de seis mezes consecutivos, escassas as munições de guerra, cansados, e sem os mantimentos mais necessarios, fazia-se urgente, um golpe extremo, que em recompensa lhes désse algum descanço. Em taes condições, a idéa de inutilisar a terrivel bateria da Armação dominou logo o espirito do incansavel almirante, além de que, era tambem indispensavel adquirir munições de guerra para a esquadra e principalmente para as fortalezas; o que só era possivel conseguir naquella repartição, infelizmente abandonoda pelos revoltosos no inicio da revolta e de onde o marechal Floriano retirou quasi todos os canhões com que armou a Capital Federal e a propria cidade de Nictheroy, utilisando-se assim de armas e munições que havião estado e devião estar em poder dos revolucionarios!

A idéa era arrojada e de grande audacia o golpe projectado, porquanto os revolucionarios sabião com segurança que em Nictheroy havia cerca de dois mil homens sob o commando de diversos generaes; era preciso, porem, ganhar tempo e sobretudo aproveitar a occasião para retirar daquelle ponto munições de guerra; e assim pensado e resolvido, o almirante Saldanha supprimio daquella força as fracções necessarias para a manutenção das posições já conquistadas e reforçar a fuzilaria dos rebocadores qne devião impedir a vinda de reforços para o inimigo pela praia, pretendendo levar a effeito tão atrevida e arrojada empreza na noite de 7 para 8 de Fevereiro. Toda a gente reunir-se-hia na ilha da *Conceição,* de onde passaria á do *Cajú* e dahi ao seu destino na madrugada seguinte.

A' esquadra forão marcadas posições convenientes para seus navios e na manhã de 5 amanhecerão fundeados em frente aos trapiches da Saude e Gambôa os seguintes navios: *Tamandaré, Trajano, Aquídaban, Liberdade, Jupiter, Venus, Marte, Mercurio, Parahyba, Guanabara,* e rebocadores *Gil Blas, Gloria, Lucy* e *Guanabara.*

Na travessia da ilha do *Engenho* para esse ancoradouro travou-se renhido combate entre as baterias da *Armação, S. João Baptista* e *ilha do Governador* contra os navios *Aquidaban e Venus,* sendo o primeiro attingido por um projectil Krupp de calibre 7.5, que lhe destruio completamente o projector electrico da pôpa e o segundo por outro projectil igual, que atravessando a chapa do costado, justamente na linha d'agua, e antepara da machina, foi cahir na praça das caldeiras, felizmente sem ter explodido.

Disposta assim a esquadra em linha de combate e promptas as embarcações miudas para o desembarque, passou-se com anciedade o dia 5 de Fevereiro, recebendo o contra-almirante Saldanha, ás 9 horas da noite, novo aviso de pessoa competente e autorisada, de que o movimento em terra, por motivo de força maior, fôra transferido para o dia seguinte ás mesmas horas: o Governo, com espiões em toda parte e até mesmo na propria esquadra revolucionaria, tivera denuncia do plano combinado e muitas prisões havião sido feitas em terra, sendo necessario desviar sua attenção para outro ponto e inutilisar mesmo algum vestigio porventura descoberto.

Denunciada a conspiração e falhada a sua primeira tentativa, difficil seria repetil-a com exito seguro, entretanto os revolucionarios esperárão ainda todo o dia 6 e parte de 7, conservando-se a esquadra rebelde no mesmo ponto e a postos todo o pessoal preparado para o desembarque projectado.

Reunido com effeito todo o pessoal naquella ilha durante a noite de 7 para 8, o proprio almirante dividio-o em cinco columnas, assim organisidas:

1ª COLUMNA (180 homens).

Commandada pelo 1º tenente Antão Corrêa da Silva, chefe da expedição, tendo por ajudante de ordens o cadete da Escola Militar Mario de Alcantara (1), e para auxiliares o guarda-marinha Mario Cesar Borman de Borges, os aspirantes Augusto Durval da Costa Guimarães, Carlos Alves de Sou-

(1) Morto em Buenos-Ayres quando procurava escapar-se das corvetas portuguezas.

za, José de Lima Campello, Octacilio Pereira Lima e civis Drs. Antonio de Lacerda e Luiz Fraga, Manoel Duarte, (operario do Arsenal de Guerra) e alferes da Guarda Nacional Rozendo Zacharias (operario do Arsenal de Marinha).

Essa força deveria desembarcar no estaleiro da Companhia Frigorifica, e seguiria a tomar posse do Laboratorio Pyrotechnico, depois de tomar a bateria da *Mangueira*.

2ª COLUMNA : (100 homens).

Commandada pelo 1º tenente Alipio Dias Colona, tendo por auxiliares os guardas-marinha Conrado Luiz Heck e Oscar Muniz, os aspirantes Francisco Pereira das Neves, Luiz Perdigão e o civil Dr. Aquilino do Amaral.

Desembarcando na *Ponta d'Arêa*, devia contornar o morro da Armação, de modo a collocar o adversario entre dous fogos, porquanto outra columna occuparia o alto do morro, dominando a posição do inimigo, que teria, ainda mais, a retaguarda cortada pelas forças do 1º tenente Antão da Silva.

3ª COLUMNA : (70 homens).

Commandada pelo 2º tenente Arthur de Azevedo Thompson, tendo como auxiliares os guardas-marinha Heraclito Belfort Gomes de Souza, Alberto Durão Coelho, aspirantes João Antonio da Silva Ribeiro Junior, Jonatas Rodrigues de Loureiro Fraga, Heitor Marques e Roberto de Barros.

Esta columna devia desembarcar no ponto denominado *Toque-Toque*, de onde destacaria o guarda-marinha Belfort com 35 homens, para reforçar a columna do 1º tenente Moura Rangel, devendo o resto da força guarnecer a rua que ahi vai ter, afim de impedir a retirada do inimigo.

4º COLUMNA : (60 homens).

Commandada pelo 1º tenente José M. de Moura Rangel, tendo como auxiliares os aspirantes Eugenio Graça e Frederico Villar, cadetes do exercito Gustavo Moncorvo Bandeira de Mello e Frederico Guimarães, sargento do batalhão naval João Barbosa da Silva.

Desembarcando tambem na *Ponta d'Arêa*, devia immediatamente apossar-se da bateria ahi montada, cujos canhões assestaria logo para o caminho que vai ao Quartel de Policia.

5ª columna (110 homens)— Commandada pelo guarda-marinha Antonio Dias de Pina Junior, tendo para auxiliares os aspirantes Oscar Chaves Ferreira Campos, Alvaro Nunes de Carvalho, Celso da Cunha Gonçalves, José Carlos Dias da Silva, Manoel Clementino Carneiro da Cunha e Theodureto Carlos de Faria Souto.

Esta ultima columna desembarcaria tambem na *Ponta d'Arêa*, seguindo logo a occupar o alto do morro da Armação, antes de haver avançado a segunda columna.

Ao todo 520 homens, incluindo officiaes e inferiores.

No alto das ilhas *Conceição e Cajú* forão collocados, na primeira um canhão Nordenfelt de 37 m|m e na segunda um dito Whitworth de calibre 2 1/2, afim de protegerem, auxiliados pela artilharia da ilha de *Mocanguê Grande* sob a direcção do alferes Benedicto de Souza, o desembarque de toda a força.

Na ilha da Conceição estava o guarda-marinha Raphael Brusque, e na do *Cajú* o aspirante Agerico Ferreira de Souza, conservando-se tambem na primeira o contra-almirante Saldanha e seu estado-

maior, promptos a desembarcar na *Ponta d'Arêa* na occasião opportuna, servindo-se de um pequeno escaler tripolado por dous marinheiros.

Todo o transporte do pessoal seria feito em batelões a reboque das embarcações artilhadas, á excepção das duas ultimas columnas que o farião em batelões pintados de cinzento escuro e tripolados pelas proprias praças de desembarque.

Os rebocadores, depois de largarem os batelões, cruzarião entre o continente, Mocanguê Grande, e por fora, metralhando as posições do adversario e impedindo a passagem de reforços; o *Liberdade* na entrada do canal entre *Mocanguê Grande* e *Armação*; o *Jupiter* em frente á *Armação*; o *Aquidaban* pairando em frente ao Laboratorio para metralhar o inimigo, si marchasse para aquelle estabelecimento por esse lado; e, finalmente, o *Tamandaré* occuparia a posição mais conveniente para com facilidade e proveito bombardear as posições occupadas pelas forças do Governo, e especialmente o morro de S. João Baptista e o forte de Gragoatá.

Taes forão as ordens expedidas e pessoalmente ratificadas na ilha da Conceição pelo almirante Saldanha, na noite de 7 para 8 de Fevereiro, em que não foi possivel realizar-se o ataque por circumstancias de occasião, o que foi deveras uma felicidade para os revolucionarios, visto como soube-se depois que nessa noite, por denuncia partida da propria esquadra, a guarnição estivera sempre a postos, esperando o annunciado assalto.

Pondo de lado a passagem de alguns paquetes de carga, armados em guerra, através das fortalezas da barra, provando ao mundo inteiro a coragem e dedicação dos revolucionarios pela causa que defendião, e mais que tudo a imprestabilidade dessas

fortificações, *como se achão*, evidentemente o feito de maior arrojo desse punhado de marinheiros foi sem duvida alguma o combate da Armação, e já mais terião elles pensado em realiza-lo, si menos criticas fossem as suas condições de vida.

E, além de tudo, esquecidos por seus irmãos, companheiros de lutas, que fóra de postos, respirando o ar livre da liberdade e sem as preoccupações de continuos e renhidos combates, tudo poderião conseguir!

Era sabido que o adversario se apresentaria forte e poderoso, porquanto dispunha de bastante gente das tres armas, e bem armada, municiada e paga; era conhecido o numero de possantes baterias, perfeitamente entrincheiradas, que devião ser tomadas á bala e á bayoneta, e entretanto, jámais os revolucionarios marchárão para o combate mais alegres e satisfeitos, tendo sempre na sua vanguarda, incutindo-lhes valor, o bravo Saldanha da Gama.

A' meia noite de 8, presente o commandante da esquadra, e dispertada a gente, procedeu-se a uma ligeira formatura, e em seguida á chegada dos rebocadores, embarcou a 1ª columna e successivamente todas as outras, pela ordem numerica. O embarque, aliás difficil pela proximidade do inimigo, podendo disperta-lo, fez-se por uma rampa da *ilha da Conceição*, inteiramente abrigada pela do *Cajú*, na melhor ordem possivel e no mais profundo silencio, apenas interrompido pelos tiros das sentinellas inimigas, que, espalhadas pelo littoral, mostrávão a sua vigilancia disparando as armas a todo o momento sobre essas ilhas.

A primeira columna desembarcou no lugar designado, dando provas de haver sorprendido o ad-

versario, que só depois reagio, começando então o troar constante da artilharia e o fuzilar repetido da infantaria, em ambos os lados contendores, o que tornou arriscada a viagem das columnas, algumas em escaleres ao impulso de remos, sob a pressão de uma athmosphera de polvora, encimada por uma abobada de projectis de todos os calibres e qualidades.

O silencio, até então lugubre e sombrio, transformára-se repentinamente em um ribombar interminavel e ensurdecedor.

Ao desembarcar a ultima columna, estava a luta empenhada e encarniçada ; as lanchas *Tecla* e *Glicerio* affastarão-se para dar passagem franca aos rebocadores, que, cruzando de um lado para outro, metralhavão sem piedade todos os pontos onde havia inimigos, mostrando os revolucionarios suas posições por meio de tigelinhas brancas, que queimavão repetidas vezes, como fôra convencionado.

Os navios, já em suas posições de combate, mostravão-se ameaçadores e incansaveis em suas continuas descargas, desembarcando os ultimos revolucionarios já no auge da peleja, tropeçando a cada momento em cadaveres e corpos de moribundos, qne, entre soluços e gemidos, pedião piedade e compaixão.

As metralhadoras Nordenfelt de 25^{mm} são armas destruidoras e deshumanas, produzem estragos horriveis e incalculaveis !

Por toda a parte espadanava e corria o sangue ainda quente de pobres brazileiros, que se odiavão e matavão como féras.

Depois de meia hora de fogo seguido, de parte a parte, o tiroteio diminuio de intensidade por parte das forças do marechal Floriano Peixoto. Um con-

tingente de 8 homens, sob as ordens immediatas do 1º tenente Antão, conseguio chegar á bateria da *Mangueira*, e alguns instantes depois uma segunda tigelinha encarnada, queimada nessa posição, indicava a victoria dos revoltosos nesse ponto, sem duvida alguma de alto valor estrategico ao desenvolvimento do ataque; a primeira tigelinha dessa côr fôra queimada pelas forças do governo, e apenas indicava a approximação dos revolucionarios, sendo casualmente da mesma côr que a destes que indicava—victoria.

Ao guarda-marinha Muniz foi confiado o commando da bateria conquistada, e sem perda de tempo os seus canhões romperão fogo contra seus antigos proprietarios, sendo essa, sem duvida, a parte do movimento em que se empregou maior somma de energia, de esforços e de coragem.

A esse tempo seguião as outras columnas o itinerario difficil e arriscado que lhes fôra traçado, e desembarcava na *Ponta d'Arêa*, sozinho, o contra-almirante Saldanha da Gama, que deixára o seu estado-maior no rebocador *Vulcano*.

Conhecida pelo inimigo a resolução e enthusiasmo dos atacantes, começou a debandada desordenada das forças legaes, assombradas ante a audacia e valor de seus adversarios, sendo castigados com a morte aquelles que infelizmente em tão critica situação não lográrão encontrar caminho para a fuga.

A carnificina foi tremenda, porque indomita foi a bravura desenvolvida de ambos os lados, justiça lhes seja feita.

A bateria da Armação, que tanto mal causava aos revoltosos com os seus canhões de grosso calibre, offereceu a principio grande e tenaz resis-

tencia, sendo afinal tomada á arma branca, depois de scenas de verdadeira selvageria.

O odio accumulado fizera explosão, e que podêr soberano na terra poderá dominar os seus excessos?

Restava pelo lado de Nictheroby a conquista do Laboratorio, em que, além de grandes contingentes de infantaria, perfeitamente entrincheirados e alguns canhões Krupp, de calibre 7. 5, havia tambem uma metralhadora de 11 milimetros; era o ponto de maior resistencia.

Para isso mandou o almirante que o capitão de fragata Benjamin de Mello, seu secretario, que havia chegado ao continente em um bote remado por elle mesmo, por se haver acovardado o catraeiro, fosse no *Gil-Blas* ao couraçado *Aquidaban*, que bombardeava *Gragoatá*, para fazer calar o seu fogo impertinente e dissesse ao commandante Alexandrino de Alencar que a todo o transe impedisse a passagem de roforços para o Laboratorio, varrendo á metralha o unico caminho que alli ia ter, collocando-se para isso em posição conveniente.

Cumprida a ordem, aquelle rebocador, depois de reforçar suas depauperadas munições para metralhadoras de 25 milimetros, conjuntamente com o *Aquidaban* ficou a postos, fazendo sobre o inimigo repetidas descargas, que a olhos vistos causavão-lhe horriveis prejuizos.

Entretanto, força é confessar, elle avançava sempre! Erão bravos.

Limitadas por esse modo as forças do Laboratorio ao numero que já existia, e diante da mortandade que ainda mais o reduzia, cessarão o fogo, fugindo em debandada, podendo então o 1° tenente Antão penetrar nas suas dependencias ao clarear de 9 de Fevereiro.

Emquanto isso se passava por esse lado, na face opposta os revoltosos avançavão sempre, sustentando renhido tiroteio, e os canhões da *Ponta d'Arêa*, ja novamente entrincheirados e voltados para o quartel, fazião fogo, sob o commando de 1° tenente Rangel.

A 5ª columna e parte da 2ª conseguirão chegar á praça que fica proxima á pedreira do morro da Armação, e ahi verificárão que o inimigo em grandes contingentes, protegidos pela fuzilaria que atirava das janellas e sotéas, preparava-se para retomar as posições perdidas, o que as obrigou a guarnecer a embocadura das ruas que confinão com a praça, dispondo-se a impedir sua marcha, fazendo-lhes fogo de joelhos ou deitados, tanto quanto possivel.

O rebocador *Standart*, que ficára atracado a um batelão no estaleiro da Companhia Frigorifica, e que antes contribuira bastante para o destroço das forças que guarnecião o cáes, nessa mesma posição protegeu ainda e muito os intuitos daquelles revolucionarios, metralhando o inimigo a cada instante.

Dia já claro, via-se nas novas possessões tremular a bandeira branca da esquadra, parecendo a todos que essas posições podião ser garantidas com a pouca gente que as conquistára, entretanto que o adversario, percebendo o limitado numero de atacantes desembarcados, dispunha-se a tomar por sua vez a offensiva, confiado no seu numero cinco vezes superior, como depois verificou-se, não esquecendo o general Argollo de pedir mais reforço, que lhe foi mandado a toda á pressa.

Effectivamente o marechal Peixoto dispunha naquella cidade de quasi tres mil homens das tres

armas, a maior parte, e especialmente a tropa de linha, ainda virgem de combates, descançada, portanto, e recolhida a quarteis; pois assim mesmo não acudirão em defesa de seus infelizes companheiros, sorprendidos durante a noite, e que, firmes como granito, em seus postos de honra, receberão os revolucionarios com muita bravura e sangue frio, morrendo quasi todos como uns verdadeiros heróes!

Si até então a luta fôra encarniçada, desigual e travada nas trevas da noite, agora por certo attingiria os limites de uma loucura sem nome, continuada á luz do sol; as forças do governo em numero demasiadamente superior, bem municiadas e conhecedoras do terreno e de caminhos especiaes, adrede preparados e estudados, levarião de vencida os atacantes em numero muito reduzido e esse mesmo extenuado e quasi sem munições.

Quasi todos os officiaes rebeldes, na sua maior parte guardas-marinha e aspirantes, estavão fóra de combate, mortos ou feridos; a maruja que até então mantivera regular disciplina, dera-se ao prazer natural de compartilhar do bom tratamento que desfructavão seus adversarios, devorando em poucos instantes as iguarias e os vinhos que encontrarão, resultando dahi geral embriaguez entre soldados e marinheiros atacantes, estabelecendo-se desde logo a confusão e a desordem, e, mais que tudo, repetindo-se a cada memento a pratica de actos de verdadeira atrocidade e barbarismo.

Não fôra esse desastre, e a resistencia ter-se-hia prolongado por muito mais tempo, por parte dos revolucionarios; em taes condições, porém, a situação aggravára-se e a resistencia era impossivel, e assim o entendeu o almirante Saldanha que re-

solveu abandonar a posição conquistada á custa de tantas vidas e de tantos sacrificios, limitando-se tão sómente a destruir as baterias inimigas, atirando ao mar os canhões de grosso calibre que estavão nas proximidades do cáes, retirando a culatra de todos os outros e fazendo voar os respectivos depositos de munições, trabalho esse dirigido por elle proprio logo que clareou o dia.

Dada a impossibilidade de receber reforços, por falta absoluta de gente, outra cousa não tinhão a fazer mais os revolucionarios; não havião conseguido retirar munições para a artilharia grossa das fortalezas de que tanto carecião, mas em compensação libertárão-nas do mortifero e diario bombardeio que tanto as castigava, bem como ao hospital de sangue.

Calarão-se os corneteiros revoltosos, já cansados de fazer soar o toque de avançar, e foi notado o inicio desse movimento por parte do adversario, que envergonhado de ser ferido com suas proprias armas, raivoso, mostrava um desejo ardente de vingança.

A metralha e o canhoneio voltárão ao seu primitivo vigor, dando o *Aquidaban* e o *Gil Blas* repetidas descargas de metralha sobre o inimigo, que em grossas columnas avançava sempre, embora perdendo dezenas e centenas de soldados.

Si bem que os revolucionarios tivessem garantida a retaguarda por mar, era precizo em todo caso ganhar tempo e impedir a entrada dos adversarios na Armação, onde parte das forças rebeldes reunidas protegião o embarque dos mortos e feridos, bem como dos prisioneiros, nos rebocadores já atracados ao cáes.

As forças do Governo avançavão por todos os lados em columnas cerradas, propondo-se a uma investida, que realizárão retomando em ponco tempo a *Ponta d'Arêa,* que já havia sido abandonada, infelizmente sem haverem os revoltosos inutilisado os canhões, tendo apenas tempo para retirar a culatra de dous Krupp, c. 75, e inutilisar a bateria da *Mangueira*, cuja guarnição, com o guarda-marinha Muniz á frente, logrou escapar-se com muita difficuldade pela encosta do morro.

Nos armazens da Companhia Frigorifica reunirão-se tambem alguns contingentes revolucionarios, que terião sucumbido, si não embarcassem apressadamente no *Standart* e em um batelão que casualmente lhe ficára amarrado ao costado, travando-se por essa occasião medonho tiroteio entre esses revoltosos, já embarcados, e as forças do governo que se aproximarão em massa.

Impossivel é descrever a intensidade do fogo de parte a parte, notando-se que o rebocador, sob a direcção do velho Narciso, conservou-se por algum tempo atracado, varrendo o inimigo á metralha, quasi á queima roupa, com duas terriveis metralhadoras Nordendfelt, de 25 m|m!

Pelotões inteiros de destimidos patriotas, evidentemente dedicados á causa que defendião, cahirão uns após outros mutilados e esphacelados por essa arma terrivel.

A resolução das forças governistas parecia decisiva, porquanto, após esse horrivel combate seguirão caminho da Armação, soffrendo ainda nesse trajecto repetidas descargas de metralha do *Liberdade,* que se achava no canal de Mocangnê, e de outro rebocador que o secundava.

Os canhões do *Tamandaré*, cuja certeza, alcance e efficacia tanto aterrorisavão os governistas, contribuirão muito para a demora do novo ataque.

Pelo lado de Nictheroy as forças do Governo avançavão no mesmo sentido, directamente para a Armação, onde, entretanto, tiverão difficuldade de penetrar, pela resistencia que lhes offerecerão os revolucionarios alli reunidos, entrincheirados e sob a direcção do proprio almirante, apoiados pelo *Aquidaban* e *Gil Blas*, que ao largo continuavão a limpar a estrada á metralha.

O Laboratorio foi talvez o ponto que maior resistencia offereceu por occasião da retirada, e para isso influio muito a sua posição no alto do morro, impedindo facilmente a subida dos revoltosos; foi tambem horrivel o espectaculo de semelhante luta neste ponto, onde linhas inteiras de valentes soldados cahirão successivamente para sempre!

Depois de responder com a morte a um official que a cavallo lhe déra voz de prisão em nome do marechal Floriano Peixoto, o contra-almirante Saldanha, já ferido no pescoço, vio-se repentinamente cercado por um grupo de infantes, ao que parece, com o intuito de victimal-o. Com o sangue frio que a todos admirava, o almirante faz tombar o mais proximo a tiro de revolver e com a arma deste (*Manulicher*), auxiliado pelo seu corneteiro, unicas pessoas que ainda estavão em terra, consegue desbaratal-os, sendo elle então ferido mais duas vezes por bala de fuzil, que lhe atravessou o antebraço direito, e por um pedaço de granada que o contundio fortemente nas costas. Logo em seguida foi medicado pelos Drs. Ferreira Botelho e Daniel de Almeida, que se apressárão em socorrêl-o, apenas chegou ao hospital a noticia do seu ferimento.

Os rebocadores e bem assim o *Liberdade* havião largado do cáes já em retirada e na mais completa ordem.

De bordo do *Liberdade* assistio todo o combate, sempre calmo e sereno no passadiço do mesmo navio, o correspondente do *Times*.

Nada mais restando a fazer em terra, o contra-almirante Saldanha da Gama, tendo conseguido o seu intento de libertar as fortalezas do fogo terrivel dessa bateria, e tendo provado á saciedade a sua bravura e heroismo, deixou finalmente a Armação a bordo da lancha *Lucy*, até certa distancia perseguida pelo fogo inimigo, chegando alegre e risonho ao hospital, onde seus discipulos e amigos o aguardavão com anciedade.

Approximadamente 250 forão as baixas da esquadra, inclusive dois ultimos prisioneiros, ou talvez desertores, que até então o marechal Peixoto conseguira fazer, ambos praças do corpo de marinheiros nacionaes, sendo um delles o cabo Getulio das Neves, pertencente ao cruzador *Parahyba*, e outro da Escola de Aprendizes Marinheiros, e sobre cuja fidelidade entre os revoltosos havia duvidas.

Entre os officiaes feridos, contão-se: contra-almirante Saldanha da Gama, tres ferimentos, sendo um delles grave; aspirante ajudante de ordens Alexandre Coelho Messeder, gravemente por bala de fuzil no braço direito; 1° tenente Antão Correia da Silva, levemente por bala de fuzil na perna direita; 1°. tenente José M. de Moura Rangel, gravemente por bala de fuzil no braço direito; guarda-marinha Heraclito Belfort Gomes de Souza, gravemente por bala de fuzil no braço esquerdo; aspirante João Antonio da Silva Ribeiro Junior, levemente na cabeça por estilhaço de granada; Frederico de Lemos

Villar, gravemente por bala de fuzil em pleno peito; Jonathas de Loureiro Fraga, levemente por bala de fuzil no pé direito; Eugenio Graça, levemente no tornozello direito por bala de fuzil; José de Lima Campello, levemente por bala de fuzil na perna esquerda; Augusto Durval da Costa Guimarães, gravemente na perna direita; Octacilio Pereira Lima, levemente por bala de fuzil no joelho direito; cadete Gusmão Moncorvo Bandeira de Mello, gravemente por bala de fuzil na perna direita; Dr. Luiz Fraga, levemente por bala de fuzil nas costas; e guarda-marinha Alberto Durão Coelho, levemente por bala de fuzil no braço direito.

Feridos mortalmente: aspirante Manuel Clementino Carneiro da Cunha, por bala de fuzil no ventre, fallecendo no hospital tres horas depois; aspirante Celso da Cunha Gonçalves, por bala de fuzil no ventre, fallecendo no hospital dois dias depois.

No pessoal embarcado forão feridos levemente: (*Liberdade*) commandante 1º tenente Luiz Timotheo Pereira da Rosa, por bala de fuzil na perna direita; guarda-marinha Arthur Torres, por bala de fuzil no braço direito; (*Lucy*) commandante guarda-marinha Joaquim Ribeiro Sobrinho, na nadega direita; (*Standart*) commandante aspirante Braulio Braga, por bala de fuzil no rosto; (*Gloria*) commmandante Luiz Cyrillo Fernandes Pinheiro, no braço direito por bala de fuzil; (*Vulcano*) commandante aspirante Priamo Muniz Telles, por bala de fuzil no braço.

Feridos mortalmente: (*Bittencourt*) commandante guarda-marinha Trajano Galvão de Carvalho Bulhão, em pleno peito por bala de fuzil, fallecendo no hospital a 4 de Março de 1894; (*Guanabara*) commandante aspirante Harold da Ponte Ribeiro Schiller, por bala de fusil no ventre, fallecendo na manhã do

dia seguinte: (*Gloria*) aspirante Pedro Cavalcanti de Albuquerque, por estilhaço de granada na cabeça, fallecendo no hospital 4 horas depois.

As guarnições retiradas do combate forão recolhidas á ilha da *Conceição*, ao *Jupiter*, e o resto directamente a seus navios, achando-se todos, na tarde desse mesmo dia, nos seus primitivos postos.

Os officiaes prisioneiros forão recolhidos ao cruzador *Márte* e as praças distribuidas pelos navios da esquadra.

Entre os officiaes prisioneiros encontrão-se os academicos de medicina, Antonio Gonçalves de Araujo Penna e A. Betin Paes Leme, que afastados das lutas politicas de seu paiz prestavão valiosos serviços profissionaes, o primeiro como medico, e o segundo como pharmaceutico, nas fileiras do exercito, continuando depois entre os revolucionarios a prestal-os com a mesma dedicação, e agora sob a direcção de um professor emerito da Escola de Medicina, o Dr. Pereira Guimarães, cirurgião-mór da esquadra brazileira.

Eis em poucas palavras como, á custa de tanto sangue, de tanto valor e de tanto patriotismo, conseguio a esquadra revolucionaria realizar o desembarque da Armação.

Deposição das armas da esquadra revoltosa na bahia do Rio de Janeiro, sob a protecção da bandeira portugueza ("Portugal e Brazil", tomo 3°)

« Em circumstancias difficeis, após seis mezes de luta, desejosos, além disso, de evitar mais der-

ramamento de sangue de irmãos e maiores males materiaes, assim como no intuito de poupar á nossa patria maiores vexames da ordem deste que acaba de soffrer, qual a exigencia apresentada pelo corpo diplomatico do deposito prévio, por parte do governo do marechal Floriano Peixoto, de valiosa quantia ou hypotheca do territorio nacional, como garantia dos interesses estrangeiros nesta capital, para ser-lhe permittido mandar romper o fogo das baterias que guarnecem as collinas da frente maritima da cidade, os officiaes da fracção da Esquadra Libertadora surta neste porto resolvem pôr termo á luta, fazendo depôr as armas aos seus bravos e dedicados commandados e confiando-se á generosa hospitalidade da nação portugueza, na pessoa do commandante superior da sua divisão naval aqui presente, o Sr. capitão de fragata conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta «Mindello». Rio de Janeiro, 11 de Março de 1894 — Luiz Felippe de Saldanha da Gama.»

Proposta de capitulação entregue ao mesmo commandante da Esquadrilha Portugueza.

Os officiaes da fracção da Esquadra Libertadora surta neste porto, desejosos de pôr têrmo á lucta que ha mais de seis mezes ensanguenta o paiz, estão resolvidos a depor as armas sob as seguintes condições:

1ª Retirada para o estrangeiro dos officiaes, assim como dos que com elles privão, sob a garantia e guarda da nação portugueza.

2ª Garantia de vida para os inferiores e praças e bem assim para os voluntarios que lhes estão assimilados.

3ª Entrega das fortalezas, navios e mais material no pé em que se achão.

4ª Restituição dos prisioneiros, excepto aquelles officiaes prisioneiros que queirão ou prefirão partilhar a sorte dos officiaes da esquadra.

Rio de Janeiro, 11 de Março de 1894.

(Assignado) O contra-almirante *Luiz Felippe de Saldanha da Gama.*

Nota extra dirigida sobre taes assumptos ao Conselho do Almirantado de Lisboa pelo mesmo capitão de fragata Augusto de Castilho (Portugal e Brazil", tomo 3—pag, 211).

....

Em 11 de Março, estando promptas para acção as formidaveis baterias montadas pelo governo nos morros da cidade (1) e achando-se surta fóra da

(1) Graças á desleal e criminosa parcialidade do Corpo Diplomatico e dos commandantes superiores das esquadrilhas estrangeiras, inclusive o proprio Augusto de Castilho, que tendo recebido do marechal Floriano a promessa solemne de não mandar fortificar nem artilhar os alludidos morros e do chefe da revolta o compromisso de não bombardear a cidade, desde que não houvesse provocação de terra, consentirão que o mesmo marechal faltasse ostensivamente ao convenio ajustado, e forão inexoraveis ás reclamações, tão justas quão dignas, que lhes dirigio a tal respeito o almirante Saldanha da Gama, cujo patriotismo, aliás, manteve-se até ao fim superior a essas artimanhas e transigencias curvas.

barra a esquadra do Governo, foi declarado por este que dentro do praso de 48 horas, que terminaria em 13 ao meio dia, deveria a população evacuar a cidade do Rio de Janeiro, porque n'esse momento começariam contra os revoltosos hostilidades em larga escala, rompendo-se vivo fogo das baterias de terra contra as ilhas de Willegaignon, Cobras e Enxadas, e contra os navios, e entrando ao mesmo tempo a esquadra legal, da mesma fórma em attitude hostil.

N'esse mesmo dia 11 era eu procurado a bordo da corveta «Affonso de Albuquerque» por um 1° tenente da armada brazileira, enviado pelo almirante Saldanha da Gama, declarando-me que elle estava exhausto de recursos de toda a especie, que não poderia acceitar o combate offerecido pelo Governo, porque isso importaria um verdadeiro suicidio e o morticinio desnecessario de toda sua gente; que havia sido abandonado e atraiçoado pelo almirante Custodio de Mello; e que portanto resolvera vir, n'esta ultima extremidade, pedir asylo á bandeira portugueza para si, para os seus officiaes, e para dois medicos civis, ao todo umas 70 pessoas.

Tendo começado já a correr o praso fatal das 48 horas, não havendo tempo para consultar o Governo, não podendo consultar o Encarregado de negocios que mora em Petropolis, á uma distancia de mais de quatro horas de viagem, e que não tinha julgado necessario estabelecer cifra telegraphica comigo, como o fizera o conde de Paço d'Arcos, não podendo siquer consultar o almirante americano por não receber elle a bordo dos seus navios visita de qualquer pessoa estranha a elles, para se isolar e defender contra o contagio da febre amarella que, n'essa occasião principalmente, estava devastan-

do horrorosamente a população da cidade e dos navios, achei que era dever impreterivel dar o asylo que se me pedia.

Os commandantes de quaesquer outros navios de guerra de outras nações teriam procedido da mesma forma, e mais tarde isso mesmo me foi confirmado, visto que o perigo de vidas para os revoltosos se apresentava inexoravel e tremendo dentro de poucas horas. A hesitação de um unico instante poderia ser irremediavel. Concedi, pois, o asylo sem hesitação alguma. Pouco depois voltava da parte do almirante o mesmo official offerecendo as bases de uma capitulação, e pedindo-me que a fizesse eu chegar ao conhecimento do Governo. N'essa proposta de capitulação estipulava elle a sua retirada e da sua officialidade para o estrangeiro sob a proteção da bandeira portugueza: — a garantia de vida para os officiaes inferiores, praças de pret e voluntarios; —a entrega das fortalezas, navios de guerra e material respectivo, no estado em que se achavam; — e a restituição dos prisioneiros.

Pelo mesmo já citado motivo da distancia do Encarregado de negocios, e da grande urgencia do tempo, entendi dever eu proprio diligenciar transmittir officiosamente essa proposta; e tendo-me avistado com o almirante Julio Cesar de Noronha, chefe do estado maior general da armada, interinamente encarregado da pasta da marinha, concertei por indicação e intermedio d'elle uma entrevista com o vice-presidente da Republica em exercicio, marechal Floriano Peixoto, a qual teve com effeito logar ás 11 horas d'essa noite no palacio Itamaraty.

O marechal recebeu-me com toda a sua calma cortezia, ouviu-me muito serenamente, recebeu uma copia da proposta de capitulação,— porque o

original reservava-o eu para o entregar, como com effeito o entreguei no dia seguinte, ao conde de Paraty;— assentiu significativamente com a cabeça quando lhe declarei firmemente que o asylo estava, em principio, e desde logo, garantido por mim aos officiaes revoltosos; mas fez—me ver que, sendo aquella uma proposta importantissima sobre um assumpto da mais transcendente gravidade, não podia emittir opinião sem consultar os ministros, principalmente os militares, isto é, os da marinha e da guerra. Prometteu, comtudo, que no dia seguinte enviaria qualquer resposta ao consulado geral de Portugal, onde eu lhe disse que certamente estaria então o respectivo Encarregado de negocios.

Em 12 de manhã chegou ao consulado, onde eu já estava, o Encarregado de negocios de Portugal e desapprovou o meu acto de concessão de asylo. Telegraphei immediatamente ao Almirantado pedindo mais uma vez a minha exoneração do commando.

Logo em seguida annuciei ao conde de Paraty o passo que havia dado, dizendo-me elle que eu fôra precipitado, mas declarando que visto estar empenhada a minha palavra na promessa de asylo, elle compartilharia comigo essa responsabilidade. Parece, portanto, que depois de alguma reflexão elle approvava o meu acto.

O meu pedido foi respondido em telegramma da mesma data, e a exoneração era—me redondamente negada *por estar eu exercendo um posto importante de confiança* ! Era realmente uma confiança bem cheia de restricções ! !

Quanto a proposta de capitulação, o conde de Paraty recebeu-a e guardou-a comsigo, aprasando nova conferencia comigo nesse mesmo dia á 1 h.

p. m. para a apresentarmos ao ministro das relações exteriores na respectiva secretaria.

Nesse dia fazia o corpo diplomatico, sem exito algum, junto do governo brazileiro, as possiveis diligencias para que o praso annunciado fosse prorogado por mais 24 horas pelo menos.

Achando-me eu pois n'essa occasião no ministerio das relações exteriores com o respectivo ministro Cassiano do Nascimento, e com os representantes de Portugal, de Inglaterra, de França, de Italia, todos concordaram em que a proposta de capitulação do almirante Saldanha da Gama era acceitavel, declarando-me o ministro Cassiano do Nascimento que ia immediatamente a Itamaraty empregar a sua influencia para que ella fosse acceita pelo marechal. Declarou-me mais este ministro que, quanto ao asylo promettido por mim aos revoltosos, era esse um direito sacratissimo que eu estava exercendo e que ninguem poderia questionar-me!

O ministro da Inglaterra declarou-me n'essa entrevista que, visto dever ser dado asylo aos revoltosos no dia immediato, ia mandar ordem para que o crusador *Sirius*, que estava em Itaipú fóra da barra, entrasse para receber tambem refugiados, se fosse necessario. Pareceu-me mesmo notar-lhe uma ligeira sombra de ciume por ser só aos navios portuguezes que o asylo havia sido pedido.

A declaração cathegorica do Dr. Cassiano do Nascimento sobre o asylo, e o não menos cathegorico assentimento do proprio marechal sobre o mesmo assumpto, merecem ser aqui registrados, para que a critica imparcial e desapaixonada os compare com a linguagem desbragada e insultuosa, com que o meu acto foi depois vilmente apreciado pela imprensa brazileira, mas só depois que houve a cer-

teza de que os revoltosos se haviam asylado unicamente em navios portuguezes. (1)

A influencia do ministro das relações exteriores Cassiano do Nascimento não teve grande effeito sobre o animo duro, voluntarioso e inflexivel do marechal Floriano Peixoto, e a proposta do almirante Saldanha foi rejeitada, fundando-se o governo em que não queria por fórma alguma tratar com revoltosos. O resultado foi destruirem estes toda a sua artilharia, lançando no mar as suas culatras moveis e munições, bem como o armamento de mão, e deixando os navios em um estado miseravel e quasi inuteis ! Acharam isto preferivel a uma capitulação que a nada obrigava o governo, e em que só elle ganhava.

.˙.

Apenas os revoltosos se refugiaram nos navios portugueses, houve logo da parte do governo brazileiro reclamação diplomatica, dirigida ao nosso, para a sua entrega; telegraphando logo o Ex.mo conselheiro Hintze Ribeiro ao Encarregado de negocios

---

(1) O illustre e distincto escriptor commetteu uma injustiça, que urge reparar: em vez de *imprensa brazileira* devêra dizer *imprensa florianista*, que se compunha apenas de tres folhas, *O Paiz*, *O Tempo* e *Diario de Noticias*, menos de metade dos orgãos diarios da Capital Federal.

Dessa tripeça da legalidade só resta hoje a primeira perna, *O Paiz*, que, porem, suppre perfeitamente a falta das outras e promette ainda longa duração; primeiro, por que adoptou o commodo systema de não responder ás interpellações dos collegas ou de quem quer que seja, senão quando lhe apraz, ou lhe faz conta, sem olhar á naturesa e actualidade do assumpto; segundo, por que tem um senador da Republica—*sacerdos magnus*, o illustrado Sr. general honorario Quintino Bocayuva, para cobril-o com as immunidaes parlamentares, quando chamado a juizo, apresentando-se em logar do editor da folha !

conde de Paraty, que não deviamos praticar qualquer acto que pudesse ser desagradavel ao governo do Brazil.

Nessa data já estava por mim resolvida—bem ou mal, mas irrevogavelmente—a concessão de asylo, o qual de facto havia já sido dado. O conde de Paraty sabia esta minha resolução desde 12 de manhã, e portanto deveu com certeza communical-a n'estes termos ao nosso ministerio dos Estrangeiros, assim como devia ter communicado que em 13 ao meio dia começaria o governo as suas operações de guerra em grande escala.

Não comprehendo, portanto, como em 13 o ministerio dos Estrangeiros lhe telegraphava novamente, dizendo que *quanto a asylo convinha participar-se o pedido aos representantes das potencias afim de asylo,* **a ter de realisar-se,** *ser por accordo todos, entendendo-me para isso eu com os commandantes de navios estrangeiros.*

Está pois evidenciado que, não podendo eu avistar-me com o almirante americano, como atraz ficou dito, e havendo imperiosissima urgencia de tempo, teriam os refugiados sido com certeza e fatalmente sacrificados ás iras do marechal Floriano Peixoto, si eu lhes não tivesse sem hesitações concedido asylo.

Durante o dia 13 de Março desde as 8 horas a. m. até ás 2 ou 3 horas, pouco mais ou menos, foi pois a corveta *Mindello* invadida pelos refugiados, como já ficou dito, o que foi perfeitamente presenciado de bordo de todos os navios surtos no porto e de todas as alturas da cidade. Sabia portanto o Governo brazileiro com certeza que, as ilhas rebeldes e os navios que haviam obedecido ao almirante Saldanha da Gama,não podiam oppor-lhe quarquer resistencia.

Não obstante essa certeza, porém, como era necessario dar-se uma publica, bem notoria, e bem arrogante demonstração de força, rompeu pouco depois das 3 horas p. m. um vivissimo canhoneio de todas as alturas da cidade, e das fortalezas da barra e baterias de Nictheroy, contra aquellas abandonadas ilhas e contra os navios, que nada responderam nem podião responder ! Um homem, armado com todas as armas que pudesse manejar, batendo em um cadaver não faria mais brilhante figura ! !

Só depois desse estrondoso bombardeamento que durou pouco mais de meia hora, e de haver a plena certeza, indirecta e directa, de que nada mais havia a receiar dos navios e das ilhas dos revoltosos, é que se fez signal para que entrasse a famosa esquadra do governo, a qual não teve já que fazer violencias e foi fundear no *Poço*, perto da fortaleza de Villegaignon. Estava assim concluida a victoria do governo, a qual foi logo celebrada ao pôr do sol n'esse mesmo dia, e nos dois seguintes ao nascer e no occaso do sol, por salvas de artilharia dadas em todos os pontos fortificados da cidade do Rio de Janeiro, de Nictheroy, das fortalezas da barra, da ilha do Governador, etc. etc. etc.

Entendia eu que era inconveniente, depois da attitude que eu tinha assumido, permanecer mais tempo na bahia do Rio de Janeiro; e como o Exmo ministro da Marinha impediu que eu expedisse os asylados no vapor *Cidade do Porto*, como lh'o propuz, fiz os preparativos para seguir para o Rio da Prata a esperar instrucções do governo, d'accordo com o Encarregado de negocios. Recebi carvão, os mantimentos especiaes que atraz fallei, etc., mandei encerrar as contas do navio, o que tudo era inevitavelmente moroso, em consequencia da distancia

a que da terra se achavam os nossos navios, e das nossas circumstancias especialissimas. Tencionava partir em 16 á tarde, mas não tendo sido isso possivel pelos motivos apontados, resolvi sahir em 17 de manhã. N'essa noite, porém, recebi telegramma do Encarregado de negocios, dizendo-me que não sahisse sem conferenciar com elle e por isso tive que ficar mais tempo.

Em 17 veio novo telegramma do ministerio dos Estrangeiros para o Encarregado de negocios. Dizia-me o mesmo Encarregado de negocios n'essa mesma data, e por escripto, saber particularmente pelo governo brazileiro que no dia seguinte era esperada de Lisboa resposta á reclamação diplomatica, e accrescentava que, si até às 4 horas p. m. d'esse dia 18 eu não tivesse recebido contra-ordem, podia então seguir viagem para o meu destino, *ficando eu sempre responsavel pela entrega dos refugiados nos termos em que fosse decidida a questão diplomatica*.

Nesses dias de anciedade e espera na bahia do Rio de Janeiro, correram varios boatos mais ou menos aterradores, os quaes me eram communicados em cartas particulares de amigos meus e de anonymos. Diziam que o governo brazileiro ia mandar arrancar á força os asylados brazileiros de bordo dos navios portuguezes; que estes iam ser atacados por torpedeiros, e que finalmente as fortalezas da barra se opporiam pela força da sua artilharia á nossa sahida do porto. Não dei credito a esses boatos tetricos; vi que os dois primeiros se não tinham realisado, e esperava que o governo brazileiro pensaria melhor, e que o ultimo se não verificaria tambem.

Em 18 ás 4 h. p. m., não tendo recebido qualquer nova communicação do Encarregado de

negocios, levei ancora e segui para a barra, com as portinholas todas abertas, as peças em bateria, e andando vagarosamente, acompanhado á curta distancia pela corveta *Affonso d'Albuquerque*. As fortalezas da barra ficaram mudas como era natural, vendo-se comtudo varias pessoas sobre as muralhas de Santa Cruz, olhando curiosas.

Relação nominal dos asylados abordo das Corvetas "Mindello e Affonso d'Albuquerque" na bahia do Rio de Janeiro a 13 de Março de 1894.

Contra-almirante-chefe das forças navaes revolucionarias, Luiz Felippe de Saldanha da Gama

Contra-almirante-chefe do Corpo de Saude, Dr. José Pereira Guimarães.

Capitão de mar e guerra Eliezer Coutinho Tavares; capitão de fragata Benjamin Ribeiro de Mello; capitão de fragata do Corpo de Saude, Dr. Galdino Cycero de Magalhães.

Capitães-tenentes, Emilio Carvalhaes Gomes, Joaquim Franco e João Vellozo d'Oliveira; capitão-tenente machinista Tarjino José dos Anjos.

1os tenentes, João da Silva Retumba, José Liduino Castello Branco, Alberto Carlos da Cunha, João Huet Bacellar Pinto Guedes, Antão Corrêa da Silva, Alipio Dias Colona, Luiz Timotheo Pereira da Roza, Antonio Accioli de Magalhães Castro, José Antonio Coutinho, Antonio Julio d'Oliveira Sampaio, Adolpho Victor Paulino, Thomaz de Medeiros Pontes, João Prudencio da Costa Lima, Luiz Carlos de Carvalho, José Libanio Lamenha Lins de Souza, José Augusto Vinhaes, Francisco Por Deus da Costa

Lima, José M. de Moura Rangel, Luiz Lemelle, Alberto Fontoura F. d'Andrada, Olympio Pereira Gomes, Octacilio Nunes d'Almeida, José Fructuozo Monteiro da Silva, Arthur Affonso de Barros Cobra, Jentil Augusto de Paiva Meira; 1os tenentes do Corpo de Saude, Drs. Thomaz A. Gaspar Filho, Augusto G. da Silva Lima, Affonso Henriques e Francisco Ferreira Vellozo; 1º tenente honorario Francisco José de Araujo Gomes.

2os tenentes, Arthur Thompson, Manoel Ferreira de Lamare, Carlos Alberto Witt, José Moreira da Rocha, Honorio de Lamare Koller; 2os tenentes machinistas, Clemente de Souza e Victor Lazaro Rodrigues; 2º tenente commissario Marcionilio Olegario Rodrigues Vaz; 2º tenente honorario Narcizo Josè Vieira; 2os tenentes em commissão, Manoel Souto e José Felix da Cunha Menezes Filho.

Guardas marinha, Armando Cesar Burlamaqui, Alberto de Sá Peixoto, Raphael Brusque, João Antonio da Silva Ribeiro Sobrinho, Augusto Carlos de Souza Silva, Alberto Durão Coelho, Antonio Dias de Pinna Junior, Conrado Heck, Mario Cesar Borman de Borges, Arthur Torres, Oscar Muniz, Ignacio Ribeiro, Joaquim Ribeiro Sobrinho, Antonio Candido de Carvalho, Eraclito Belfort de Souza, Jorge Martiniano de Castro e Abreu, José Joaquim Brandão dos Santos Junior; Guarda-marinha pharmaceutico Guilherme Hoffmam Filho; guardas-marinha machinistas, Serafim José Soares, Antonio Gonçalves Cruz, André Corrêa Codilho, Ismael Dias Braga, Antonio José Lopes, Miguel Moreira; guardas-marinha commissarios, José Luiz de Lima Junior, Juvenal Jardim, Manoel Marques de Faria, Jorge Marques Dubouchez, Francisco Roberto Barreto.

Alferes do batalhão naval João Borbosa da Silva.

Aspirantes, Trajano Augusto de Carvalho, Arthur da Costa Pinto, Jonatas Ribeiro de Loureiro Fraga, José Antonio de Lacerda, Adalberto Nunes, Herman Carlos Palmeira, Octavio Perry, Ernesto Frederico da Cunha Junior, Theophilo Osvaldo Pereira Souza, Alexandre Coelho Messeder, João Antonio da Silva Ribeiro Junior, Mario Cesar de Castro Menezes, Otton de Noronha Torrezão, Augusto Cesar Burlamaqui , Alvaro Nunes de Carvalho, Luiz Augusto Diniz Junqueira, Roque Dias Ribeiro, Emanuel Dias Braga, Manoel C. de G. Coutinho, Damazo Pereira de Novaes, Oscar Gomes Braga, Theodureto H. de Faria Souto, Priamo Diniz Telles, Luiz Perdigão, Francisco da Fonseca Neves, Arthur de Brito Pereira, Braulio de Araujo Braga, Joaquim Buarque de Lima, Agenor Monteiro de Souza, Ormisdas M. d'Albuquerque, Luiz Cyrilo Fernandes Pinheiro, Damião Pinto da Silva, Theodoro Jardim, José de Lima Campello, Thorquato Diniz Junqueira, Augusto D. Costa Guimarães, Oscar de Assis Pacheco, Octavio de Lima e Silva, Henrique de Santa Rita, Roberto de Barros, Manoel Nogueira da Gama, Candido d'Andrade Dortas, Henrique A. Guilem, Frederico Lemos Villar, Raul Tavares, Durval d'Aquino Gaspar, Antonio Affonso Monteiro Chaves, José Mattozo de Castro Silva, Egas Muniz da Silva, Guilherme de Azambuja Neves, Domingos Ribeiro Junior, Manoel Caetano de Gouvêa Coutinho, Americo Cardozo, Willian Canditt, Joaquim Barcellos Garcia, Americo de Azevedo Marques, José do O. d'Almeida, Victor de Mattos, Octacilio Rozas, Ernesto Peixoto Junior, Frederico Adrião Chaves, Luiz Pereira Pinto Galvão, Thomaz d'Aquino Freitas, Tancredo d'Alencastro Gomes.

Medicos civis, Drs, Daniel d'Almeida, Sebastião

José de Saldanha da Gama, Climaco Barboza, Antonio F. Santos Abreu, Joaquim A. d'Oliveira Botelho, Augusto P.da S. Senna.

Pharmaceuticos civis, Arthur de Souza Martins, Julio Martins, Manoel da Silva Castro, José Maria Paes Leme, Alberto Neves.

Officiaes marinheiros mercantes:

José Augusto Ribeiro, Henrique Ludder, Chrispim José Marques, Manuel José da Silva, Francisco Thadeu, José do Carmo Madeira, Francisco da Silva, Carlos Antão Duarte, Frederico Raulino, Domingos de Souza Cardia, Porfirio Primo da Costa, Domingos Ribeiro, Pedro Pereira da Silva.

Officiaes da Guarda Nacional:

Antenor Pompeu da Silveira, Camillo de Souza Guimarães, João de Castro Noval, Rozendo Machado Zacharias, Julio Cesar Carvalho Lobo, Valentim Gomes.

Machinistas mercantes:

Manuel de Azevedo Martins, Joaquim da Costa Freitas, João Baptista de Moura, Arthur Smoll, Alberto Dias, Victor Leandro Rodrigues, Pedro Olympio dos Santos, Americo Mariz da Silva, Alfredo Carneiro Burges, Joaquim de Gaia, Manuel de Oliveira, Dias Correia, José Joaquim de Abreu, Maximiano Rubens, Luiz Antonio da Silva, Pedro José, Francisco José Alves, Antonio Madeira.

Aspirantes voluntarios:

Antonio Francisco, Leonardo Ferreira da Costa e Souza, Virgilio Nogueira, José Ferreira Marques, Alvaro d'Oliveira, José Vicente Martins, José Mariano da Siva, Alvaro Colás, Carlos de Saldanha da Gama, Mario de Saldanha da Gama, Alvaro de Carvalho Lima, Luiz Victor Vargea, Carlos Pereira da Fonseca, Pedro da Fonseca, Eliezer Jansem Tava-

res, Ildefonso Lopes, Frederico de Gouveia Coutinho, Antonio Esteves de Oliveira, Guilherme Lopes Angelo, Manuel Magalhães, Alvaro d'Oliveira, Carlos Clement, Joaquim F. de O Maggioli, Francisco Rodrigues Cordeiro, Delphim Moreira, João da Silva Cardoso, Manuel A. de Miranda Carvalho, Luiz Vaury, Dr. Aquilino do Amaral Filho, Manuel Pereira de Carvalho, Antonio da Costa Borlido, Gustavo Moncorvo Bandeira de Mello, Candido Lacerda Corry, Antonio Ferreira Lopes, Joaquim José da Rocha, Manuel Pereira Duarte, Joaquim Francisco da Silveira, Vicente Horacio Pinheiro Domingues, Arthur Ferreira de Alvarenga, José Soares, Dr. Henrique Schutel.

Contra-mestres:

Casimiro Hermenegildo, Eusebio da Silva, Francisco Mendes Lopes, Francisco Pimenta dos Santos.

Patrões:

Antonio Pereira dos Santos, Paulino Lopes, Bernardino de Senna Lopes, Antonio da Silva Valente, Domingos Vieira da Rosa.

Mestre, José Francisco dos Santos Paes.

Escreventes:

Octaviano d'Alcantara, Jeomilicio Eduardo d'Oliveira.

Fieis:

Ulysses d'Oliveira Cesar, José dos Santos Carneiro, Eduardo Emigdio Gomes.

Enfermeiros : Irineu do Amaral, Francisco Maquieira.

Calafate, Luiz Paulino de Carvalho.

Serralheiros: Manuel Pereira de Sá, João Furno.

Carpinteiro, José d'Oliveira Ornellas.

Sargento-ajudante, Belmiro Ferreira dos Santos.

1.os *sargentos*:

Salustio de Mello, Nelson E. de Alfavaca.

Guarda do Arsenal, Sebastião Ferreira do Nascimento.

Operarios:

Antonio José Lopes, Firmino D. Nascimento, Candido Senna Martins, José Pereira.

Marinheiros:

Vicente Rodrigues da Silva, José Pereira de Souza, Antonio da Silva, Baptista d'Oliveira, José Nobre, Joaquim Medeiros, João Paulo, Luiz Francisco.

Marinheiros-mercantes:

Augusto Nolasco da F. Pereira da Cunha, João Sabino de Mello, Felizardo Guerra, Pedro Alves, Carvalho de Andrade, Casimiro de Abreu, Eduardo Ferreira, Joaquim de S. Paulo, João Soares, Domingos Alves de Jesus, Adriano Gomes, Antonio Gomes, Antonio José da Silva, Francisco Rozendo, José da Silva, Francisco Rodrigues, Joaquim dos Santos, Luiz Soares, José Maria, Leonardo Ferreira da Silva, Antonio dos Santos, Manuel Felix, Thadeu Joaquim Ribeiro, Claudio José da Silva; *marinheiro nacional* (invalido), João Capistrano.

Foguistas:

José Theodoro dos Santos, Frederico Teixeira, Americo Vieira, Luiz Felippe, José Machado de Souza, João Valerio de Lima, Roberto Leite Ferraz, Francisco Luiz de Queiroz, Francisco Rodrigues, Ramon Vidal, Miguel Hypolito de Araujo, Egydio José Marques, Manuel Pereira, Pedro Miguel, José Gomes da Silva C. d'Araujo, Armando Candido Ferreira, José Maria Tavola, Fernando Pulcherio da Silva, Alberto Pinheiro.

Carvoeiros:

Ayres Teixeira Sarmento, Manuel Hypolito, Antonio Paulo das Neves, Francisco Pereira da Cunha, Felicio Roldini, João Isaias, Mariano Cardoso Moura.

Cosinheiros:

Jacintho Nunes dos Santos, Epiphanio Francisco de Assis, João Pedro Hegonet:

Serventes e criados:

José Santos, Luiz de Araujo, Antonio Ferreira de Albuquerque, Cesario Pinto, José Alipio Goulart, José Gondel, Antonio Ribeiro dos Santos, José Rodrigues da Silva, Severo da Silva Gomes, Santiago Fernandes, Augusto José Mendes, Bento Solha, Manuel Joaquim de Barros, Manoel Ramires, Innocen-Gomes. (1)

Offerta das senhoras da Cruz Vermelha Argentina aos asylados brazileiros ("Portugal e Brazil", tomo 3º—pag. 300)

Buenos-Ayres, Abril 3 de 1894.

Al señor comandante de la corbeta portuguesa "Mindello"

Tengo el honor de dirigirme al señor comandante, rogándole quiera dignarse poner em manos del señor almirante Saldanha da Gama, la comunicacion adjunta del Sub-comité de Señoras de la

---

(1) E' possivel, e mesmo provavel, que faltem nesta relação os nomes de outros asylados, tanto militares como civis, devido á difficuldade de obter de momento os dados exactos.

Sociedad Argentina de la Cruz Roja, como asi mismo las ropas y viveres que essa H. Corporacion envia á los señores emigrados brasileros que se encuentran á bordo del buque á su digno mando.

Al agradecer desde luego la atencion que solicito del señor comandante, complazcome en espresarle los sentimientos de mi mas alta consideracion.

J. M. Ramon Mejia
Nicolás Lazano.

Nota do almirante Saldanha ao commandante da "Mindello" á cerca de taes soccorros.

Bordo da corveta "Mindello", 3 de Abril de 1894.

Exmo. Snr. Conselheiro Augusto de Castilho, capitão de fragata, commandante da corveta «Mindello» e official superior dos vasos de guerra portuguezes surtos na rada exterior de Buenos-Ayres.

Segundo a carta que acabo de receber, as senhoras da Sociedade Argentina da Cruz Vermelha, sub-comité de Buenos-Ayres, resolveram enviar-me e aos meus companheiros de exilio, por intermedio das suas distinctissimas presidenta e secretaria, não sómente varios viveres frescos especiaes, como tambem artigos diversos, entre os quaes algumas camas portateis, travesseiros, cobertores e camisas de vestir. Acredito dever acceitar em nome dos meus companheiros essa prova de fina galanteria e dos sentimentos altruistas das nobres damas argentinas, mas espero que V. Ex.ª não veja n'esta minha resolução signal ou indicio de não apreciarmos todos devidamente o solicito desvelo de que te-

mos sido alvo a bordo d'este navio e da «*Affonso de Albuquerque*» por parte de todos os officiaes maiores até os ultimos marinheiros.

Ainda hontem, offereceu-me V. Ex.ª, em nome do sr- Ministro de Portugal n'este paiz, as roupas e outros artigos de abrigo, que fossem necessarios ao agasalho dos meus companheiros, e eu tive a honra de pedir a V. Ex.ª que suspendesse qualquer supprimento n'este sentido, até a definitiva solução sobre o nosso desembarque n'este porto ou nosso ulterior destino.

Na certeza pois de que V. Ex.ª não enxergará nenhum inconveniente n'este meu acto, aproveito a opportunidade para reiterar a V· Ex·ª os protestos de minha pessoal estima e subida consideração.

Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Protesto contra o governo portuguez e agradecimento especial ao commandante Castilho ("Portugal e Brazil", tomo 3º—pag. 312)

Bordo da corveta "Mindello" surta no ancoradouro exterior de Buenos-Ayres, 8 de Abril de 1894.

Ex.ᵐᵒ Sr. Capitão de fragata Conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta « Mindello », e superior das forças navaes portuguezas na costa oriental da America do Sul.

Si mau grado meu tenho que cumprir o penosissimo dever de lavrar um protesto contra a maneira vexatoria, deshumana e sem precedentes, pela qual o governo de Sua Magestade Fidelissima entende fazer observar o asylo que tão cavalheirosa-

mente nos foi concedido sob o generoso auspicio de V. Ex.ª a bordo d'esta corveta e da «Affonso de Alburquerque», não menos rigoroza é para mim a obrigação de declarar ao mesmo tempo a V. Ex.ª, que ao contrario não temos senão motivos de gratidão pelo solicito desvelo com que todos á porfia, officiaes-maiores, inferiores e praças, se teem esmerado a bordo dos dois navios por fazer minorar as agruras de nossa situação.

Dirijo o protesto ao Sr. ministro de Portugal nas Republicas do Prata, por isso que a elle tem dirigido o governo de Sua Magestade todas as instrucções relativas a nossa sorte, desde a chegada das duas corvetas a este porto.

De V. Ex.ª esperamos a fineza da entrega d'este documento ao Sr ministro, ou, no caso negativo, que consinta servirmo-nos de outro conducto para fazel-o chegar as mãos do destinatario.

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a V. Ex.ª os protestos de minha melhor estima e distincta consideração.

Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Protesto formal contra as violencias praticadas na «Affonso d'Albuquerque» ("Portugal e Brazil", tomo 3º)

Bordo da corveta "Mindello" em Montevidéo, 21 de Abril de 1894.

Ex.ᵐᵒ Sr. Capitão de fragata Conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta «Mindello» e superior da força naval portugueza na costa oriental da America do Sul.

Desde que a corveta " Affonso d'Albuquerque " veio reunir-se á «Mindello» no ancoradouro da *Punta del India*, ao meu conhecimento chegou, ainda que vagamente, que alguma cousa de grave se havia passado a seu bordo, quando ancorada no porto de *Quilmes*, entre o respectivo pessoal tripulante e os meus companheiros d'exilio alli reunidos. Naturalmente inquieto, fiz com que, no primeiro ensejo de communicação entre os dois navios, o meu secretario sr. capitão de fragata Benjamin de Mello escrevesse ao official mais graduado entre os recolhidos a bordo da «Affonso d'Albuquerque», capitão-tenente Joaquim Franco, pedindo imformações ácerca do occorrido. Devido a difficuldade de nossas communicações somente hoje recebi a resposta, e devo dizer que, longe de acalmar os meus receios, ao contrario veio trazer-me a crua certeza dos vexames impostos aos meus companheiros. E' certo que alguns d'entre elles procuraram retirar-se de bordo (9 de abril) aproveitando a circumstancia de se acharem atracadas ao costado do navio duas embarcações argentinas, porem não é menos certo tambem que o fizeram sem violencia, e antes com o leal aviso previo á segunda auctoridade de bordo. Si foi isso uma falta, tambem foi por outro lado um recurso extremo de que lançaram mão para se libertarem de um asylo que já se transformou em prisão de guerra. Facto identico, em maior escala se passára um dia antes (8 de Abril) a bordo d'esta corveta, e no entanto nem V. Ex.ª, nem seu digno immediato, auctorisaram actos violentos como meio de repressão. Na «Affonso d'Albuquerque» o proprio official immediato, acompanhado de praças armadas, foi arrancar á força do palhabote argentino «Pepito Donato», já então afastado do costado

da corveta, os asylados que n'elle haviam embarcado; e emquanto isto se passava fóra do navio, como a bordo os outros asylados que tinham permanecido quêdos levantassem protestos contra os meios violentos empregados contra seus companheiros, o official de quarto mandou que as praças arremetessem contra elles á mão armada.

Que não houve siquer tentativa de resistencia prova o mesmo resultado do conflicto, sóbretudo attendendo-se ao crescido numero dos asylados. Não houve pessoa a bordo physicamente offendida, ao passo que varios dos asylados ficaram contusos ou feridos. Essas mesmas medidas repressivas postas em pratica a bordo da «Affonso d'Albuquerque», sobre contrastarem com a hospitaleira complacencia de V. Ex.ª e do digno official immediato da «Mindello», revestem-se de um tom premeditado aggressivo e insolito, que não era licito esperar certamente das cavalheirosas tradicções da nobilissima armada portugueza. O commandante, o immediato, os officiaes e demais tripulantes da «Affonso d'Albuquerque» não podiam, e não podem mostrar-se esquecidos de que seus asylados eram, e são na mór parte officiaes de patente de uma marinha de guerra regular, condição que até agora ainda não perderam no seu proprio paiz, apezar de classificados ali como revoltosos.

V. Ex.ª que já deve ter tido communicação d'essa grave occorrencia por conducto official, não ha de por certo estranhar que eu venha cumprir o ingrato, mas ineluctavel dever de protestar perante V. Ex.ª contra tão insolito vexame, infligido áquelles meus companheiros de infortunio. Para justificar o que deixo dito apresento a V. Ex., por copia, a parte que me foi dada pelo official acima referido.

Não acredito dever voltar ás condições novissimas e excepcionalmente vexatorias do nosso asylo. V. Ex.ª é testemunha de *visu* dos nossos padecimentos, n'uma situação que já perdura ha mais de mez, e que ameaça prolongar-se com a triste perspectiva de uma longa viagem por mar. Seja-me licito accrescentar apenas que, si o governo de S. M. Fidelissima tem taes compromissos internacionaes tomados a nosso respeito com o governo reconhecido do Brazil, a ponto de solicitar publicamente pelo orgão do seu representante diplomatico o auxilio do governo argentino para poder cumpril-os, tambem os tem explicitos e implicitos para comnosco em face do mundo civilisado e para honra da mesma reputação cavalheirosa da nobre nação portugueza.

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a V. Ex.ª a segurança de minha mais distincta estima e pessoal gratidão.

Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Ultima nota pedindo luz sobre a situação dos asylados ("Portugal e Brazil", tomo 3º).

Bordo da corveta *"Mindello"*, surta no porto de Montevidéo, em 25 de Abril de 1894.

Exmo Sr. capitão de Fragata Conselheiro Augusto de Castilho, commandante da corveta *"Mindello"* e superior da divisão naval portugueza da costa occidental da America.

A virtual terminação da lucta civil no Brazil e bem assim a maneira agasalhadora e franca pela qual acabam de ser acolhidos nas duas Republicas

do Prata os numerosos combatentes de terra e mar do lado da Revolução, vieram tornar mais afflictiva, mais desoladora ainda minha posição e a de meus companheiros de infurtunio. Ao passo que os primeiros já conhecem a sua nova situação e desfructam de certa liberdade relativa em suas acções, nós contiuamos, ao contrario, no mesmo viver de ha quarenta e dois dias, padecendo as inclemencias do tempo, sem roupas, mal alimentados e coactos como verdadeiros prisioneiros de guerra; aquelles mesmos de nossos companheiros, que procuraram n'uma evasão sem violencia de bordo da *Affonso d'Albuquerque* a melhoria de sua sorte, foram retirados á força do convez da embarcação argentina em que já se achavam. Reclamados pelo governo da Republica Argentina, como justa reparação da offensa feita á sua bandeira, nas suas proprias aguas, esses companheiros ainda não lhe foram entregues.

E como se tudo isso não bastasse, hoje se nos offerece ainda a triste perspectiva de uma longa viagem para destino que V. Exª deve sem duvida ignorar, visto como ainda não se dignou informar-me qual seja ao certo, tendo-se limitado a declarar-me verbalmente hontem, pela primeira vez, suppôr não poder deixar de ser para Lisboa. Comprehende-se quanto nos importa saber quaes os compromissos de honra que o governo de Portugal diz ter contrahido com o do Brazil; quaesquer que sejam, porém, e acima delles, deve estar o compromisso moral que contrahiu tacitamente para comnosco desde que nos aceitou como asylados, á sombra de sua bandeira. E é sem duvida menosprezar um tal compromisso o occultar-nos, como se tem feito até agora, as condições d'esse asylo, assim como guar-

dar em reserva nosso destino, que aliás todas as noticias que circulam na imprensa platina e do Rio de Janeiro indicam como devendo ser algum ponto das possessões portuguezas da costa occidental da Africa.

Fico aguardando, pois, que antes de nossa partida das aguas do Prata a bordo do vapor argentino *Pedro III*, arvorado em transporte de guerra portuguez, v. Ex.ª se digne dar-me a conhecer officialmente, por escripto, qual o nosso exacto destino, assim como as condições reaes do nosso asylo; outrosim, si o governo da Republica Argentina desistiu da entrega aqui dos asylados brazileiros que foram retirados á força de bordo do palhabote *Pepito Donato*, no ancoradouro da *Punta de Quilmes*, entrega que, segundo a imprensa platense, ainda é objecto da reclamação entre aquelle governo e o representante diplomatico de Portugal. A resposta de V Ex.ª será uma garantia para mim e para meus companheiros, ou então servirá para justificar qualquer resolução que acreditemos dever adoptar em face da situação tão singular quão vexatoria em que nos encontramos collocados.

Prevaleço-me da occasião para assegurar a V. Ex.ª os meus protestos de particular estima e elevada consideração.

Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Telegrammas do almirante Saldanha sobre a sua evasão de bordo (Portugal e Brazil, tomo 3º— pag. 352).

Isla Flores, 28, Abril—1894.

Comandante Castilho, corbeta portuguesa *Mindello*. Montevidéo, Rada.

Movimiento de ante ayer irresistible tuvo que salir de abordo yo por no desamparar los alumnos navales sin recursos. Ruego el desembarco de los pocos alumnos que quedaron abordo y de todo nuestro equipaje. Si no puede V. E. ordenarlo, ó si lo pasado no basta todavia para resolver el caso de nuestra traslacion á Portugal, mi palabra queda empeñada al gobierno portugues y volveré á presentarme á V. E., luego que tenga llenado mis deberes de jefe y de companero aqui dispuesto á seguir para Lisboa de cualquier modo, caso el *Pedro III* tenga carpado antes. Debemos desembarcar en Montevideo á las dos de la tarde de hoy. En seguida me haré conducir á la rada esterior para recibir las ordenes de V. E. Lamento profundamente ser causa para V. E. de tantos disgustos y contrariedades. Saludo a V. E, atentamente y con la mas sincera gratitud.

Saldanha da Gama

.·.

Montevideo, Abril, 29—94

Presidente Conselho Ministros—Lisboa.

Representante diplomatico vosso aqui não informou por certo nossa afflictiva situação, más condições vapor *Pedro III*, e outras causas que motivaram e justificam retirada ultima de bordo meus companheiros infortunio. Tambem desembarquei para não deixar companheiros desamparo aqui, mas

fica minha palavra empenhada pelos que seguiram, e logo haja garantido situação primeiros partirei immediatamente Lisboa.

Não será preciso custodiar-me. Aceitai segurança respeitoso apreço.

Contra-almirante *Saldanha da Gama.*

Carta do almirante ácerca da fuga de maior parte dos asylados do Pedro III (Portugal e Brasil», tomo 3.—pag. 353).

Montevideo, Abril, 30,—1894.

Ex.mo prezadissimo camarada e amigo Sr. conselheiro Augusto de Castilho.

Devo principiar repetindo as ultimas palavras do meu telegramma expedido do Lazareto da ilha das Flores: «Lamento profundamente ter sido causa das contrariedades e desgostos que V. Ex.ª possa ter experimentado por motivo do nosso asylo (meu e dos meus companheiros de infortunio), a bordo da *Mindello* e da *Affonso de Albuquerque*»

V. Ex.ª não inspeccionou pessoalmente o vapor *Pedro III.* Si o houvesse feito teria sem duvida previsto, pelas condições internas do navio, qual não seria a impressão de todos nós ao entrarmos para elle após quarenta e quatro dias de soffrimento, e ainda diante da perspectiva de uma longa viagem. A centelha contida produziu o incendio. O desejo de escapada lavrou rapidamente, de sorte que, ao atracar a embarcação, ajustada antes por alguns mais impacientes, o movimento de sahida tornou-se geral, irresistivel. Não encontro expressões para traduzir todas as scenas, que então se passaram a

bordo. Na onda dos que se precipitavam para fóra do *Pedro III*, eu mesmo vi-me arrastado. Não pude resistir ao pensamento de deixar aqui ao desamparo aquelles de quem sou n'este momento o unico arrimo e protector. Refiro-me aos alumnos da Escola Naval. Estava convencido de que todos haviam sahido de bordo. Ao verificar o contrario, apressei-me em expedir a V. Ex.ª o telegramma acima referido. Offerecia-me em refem por elles, empenhando a minha palavra, comtanto que desembarcassem tambem. Infelizmente, o sr. consul de Portugal, a quem foi entregue o meu telegramma logo cedo, guardou-o no bolso até á tarde de 28, e somente o passou ás mãos de V. Ex.ª quando era já tarde para qualquer resolução.

No meio de tanta afflicção telegraphei no dia immediato para Lisboa ao presidente do Conselho de Ministros dando minha palavra por empenhada, e declarando que para lá seguiria, logo que houvesse garantido a situação dos que aqui se acham e constituem o maior numero. Penso partir por meiados de Maio entrante. Si não lograr resgatar os meus companheiros e sobretudo os meus rapazes, que ora lá vão mar em fóra no *Pedro III*, ao menos partilharei da sorte d'elles.

Ah! meu distincto camarada e nobre amigo, porque não lhe coube a direção e responsabilidade do assumpto até ao fim! Quanto desgosto não se teria prevenido de parte a parte!

Classifique-se embora como peior se queira o nosso proceder, as resoluções adoptadas a nosso respeito tambem foram alem do limite do supportavel e do justo.

Mas basta de importunal-o com semelhante assumpto. Li a reproducção da sua entrevista com o

reporter do *El Siglo*. Não direi mais palavra em contestação.

Vae inclusa a copia do meu telegramma ao presidente do Conselho de Ministros.

Faço aqui ponto final, rogando-lhe apresente minhas respeitosas homenagens á Ex.ª Sr.ª D. Maria, sua digna consorte, e tambem me creia sempre, apesar de tudo, com a maior sinceridade

De V. Ex.ª

Camarada e amigo muito attento affectuoso e grato

Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

P. S. Desculpe o tremido da lettra; o estado do meu braço não permitte ainda a firmeza da mão.

Cortamento das relações diplomaticas com Portugal.

Ministerio das Relações Exteriores—Rio de Janeiro, 13 de Maio de 1894.

O Sr. Conde de Paraty, encarregado de negocios de Portugal, serviu-se communicar-me por nota de 2 do mez proximo passado que o seu Governo tinha expedido as ordens necessarias para que os insurgentes refugiados a bordo das corvetas *Mindello* e *Affonso de Albuquerque* fossem desembarcar o mais breve possivel em territorio Portuguez, onde, guardados em deposito militar pelas autoridades competentes, seriam impedidos de intervir na luta politica Brazileira.

Não tenho respondido a essa nota, porque o Sr. Vice-Presidente da Republica julgou necessario

aguardar o desenlace da situação creada pela viagem das duas corvetas ao Rio da Prata. S. Ex. está hoje de posse das informações que d'alli esperava.

Dos 493 individuos que aqui se refugiaram a bordo das duas corvetas partiram para terra Portugueza pelo *Pedro III* somente 239: os outros evadiram-se e com elles o Sr. Saldanha da Gama.

Assim pois, não obstante as seguranças dadas pelo Sr. Conde e pelo seu Governo, realisou-se o que o Sr. Vice-Presidente da Republica previa. Os rebeldes desembarcaram em terra estranha e em grande numero, não temporariamente, para voltarem ao seu refugio, mas como evadidos que conservam toda a liberdade de acção e podem, continuando em rebeldia, reunir-se aos seus alliados do Rio Grande do Sul.

Estou certo de que esse facto se deu contra a intenção do Sr. Augusto de Castilho, mas deu-se sem duvida por falta de vigilancia, e veiu aggravar o acto da concessão do asylo que o Sr. Marechal Floriano Peixoto, pelas circumstancias em que se effectuou, considera como offensa á soberania nacional.

A revolta da esquadra, iniciada n'este porto em 6 de Setembro do anno proximo passado pelo Sr. Custodio José de Mello e continuada pelo Sr. Saldanha da Gama, terminou, como o Sr. Conde sabe, em 13 de Março do corrente anno.

Durante esses longos seis mezes, primeiro a esquadra e depois ella e as fortalezas de Villegaignon e da Ilha das Cobras bombardearam diariamente as fortalezas que se tinham conservado fieis ao Governo legal da Republica, a cidade de Nictheroy, capital do Estado do Rio de Janeiro, e frequentes vezes a Capital Federal, ferindo e matando pessoas inoffensivas e destruindo a propriedade publica e

particular. Durante esse longo tempo, não obstante a presença de navios de guerra estrangeiros, os insurgentes apoderaram-se de navios e carregamentos pertencentes a nacionaes e estrangeiros e paralysaram o commercio, causando prejuizos incalculaveis. E o Governo Federal, privado de recursos navaes, teve de supportar essas hostilidades até que, com grande sacrificio da fortuna publica, conseguiu organisar uma esquadra.

O Sr Saldanha da Gama, que ainda em 25 de Dezembro, por meio dos Commandantes das forças navaes estrangeiras e dos respectivos agentes diplomaticos, ameaçava bombardear esta cidade com os seus maiores canhões, ao chegar aqui aquella esquadra, reconhecendo que não poderia resistir-lhe, lembrou-se de propor capitulação. O Sr. Conde de Paraty o sabe, pois que na sua presença entregou-me o Sr. Castilho a respectiva proposta depois de fazer constar ao Sr. Vice-Presidente da Republica que recebêra esse encargo. A resposta de S. Ex. foi prompta e negativa, como devia ser, e eu a transmitti no dia 12 ao Sr. Conde.

Não é de admirar que o Sr. Saldanha da Gama concebesse a esperança de salvar-se por meio de capitulação ; mas é certamente de estranhar que o Sr. Commandante da corveta *Mindello* se encarregasse de apadrinhar a sua pretenção, sabendo, pois era publico e notorio, que um decreto do Governo Federal havia declarado o dito Sr. Gama desertor e traidor á Patria.

Mudára-se o estado das cousas. Os rebeldes passavam de bloqueadores a bloqueados e o Sr. Augusto de Castilho, que, com os outros Commandantes estrangeiros, havia respeitado a situação anterior em que os rebeldes tinham todas as vantagens, não

[illegible]

[illegible] ser, porque as fortalezas da barra [illegible] sempre em [illegible] para que a Capital Federal [illegible] só se applicava ás [illegible] nos seus pontos elevados.

Iam começar as operações e cada um devia manter-se na posição que lhe competia. A dos Commandantes das Forças Navaes estrangeiras era de simples expectadores alheios á contenda. O das Forças de Sua Magestade Fidelissima assim o não entendeu.

De conformidade com a promessa do Governo as forças do littoral conservaram-se silenciosas. Antes de expirarem as cincoenta e uma horas só fizeram fogo as fortalezas da barra e as baterias de Nictheroy.

Os rebeldes não respondiam, mas isso não era de estranhar, porque já nos dias anteriores o não faziam e demais a bandeira branca, distinctivo da re volta, estava arvorada nos pontos por elles occupados.

Pouco tempo durou o engano. Os rebeldes não respondiam porque se tinham refugiado a bordo das corvetas Portuguezas. A conservação da sua bandeira foi talvez um ardil que o Sr. Castilho não percebeu e do qual, sem duvida involuntariamente, se tornou cumplice.

O asylo tornou-se effectivo na manhã do dia 13, como o Sr. Conde teve a bondade de communicar-me em nota datada de 15.

Assim pois, ainda antes de expirar o prazo das cincoenta e uma horas e portanto durante a suspensão parcial das operações, interveiu o Sr. Castilho, com detrimento da soberania territorial e da justiça publica, em questão do dominio interno a que era e devia conservar-se estranho.

O Sr. Conde de Paraty invocou na sua citada nota os dictames do direito internacional e os principios humanitarios geralmente reconhecidos pelas nações civilisadas. Civilisado tambem é o Brazil e por isso o Governo Federal não comprehende que esses principios possam aproveitar aos rebeldes, que sem attender a elles, fizeram barbaramente tantas victimas, atirando a êsmo para esta cidade durante mais de seis mezes com os proprios canhões que lhes tinham sido confiados para a conservação da ordem publica e a defesa do paiz.

Invocando os dictames do direito internacional, o Sr. Conde alludiu ao chamado e mal definido direito de asylo. Tambem o seu Governo os invocou, bem como o tratado de extradicção, em resposta

verbal que o Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros deu ao Encarregado de Negocios do Brazil quando, tambem verbalmente, exigio a restituição dos refugiados.

O tratado de extradicção não é applicavel ao caso presente, porque refere-se a individuos refugiados no territorio real e não no de ficção e que nelle se refugiam sem o previo consentimento da autoridade local. Os rebeldes protegidos pelo Commandante das Forças Navaes de Portugal foram por elle recebidos ao portaló e distribuidos pelas duas corvetas.

E' verdade que aquelle tratado exceptua os accusados de crimes politicos ou connexos com elles, mas ha muito que dizer sobre este assumpto.

A excepção, salutar em alguns casos, é perigosa em outros e não convem deixar inteiramente ao arbitrio de um commandante de forças navaes uma resolução que póde, como presentemente, ferir a soberania de um paiz amigo e os seus mais sagrados interesses.

O Sr. Augusto de Castilho considerou os seus protegidos como réos de crime politico sem attender, elle estrangeiro e estranho á questão, ao modo porque o Governo Federal, unico competente, poderia qualifical-os segundo a lei do seu paiz. Nas penas desta estavam elles incursos desde o começo, e posto que se insurgissem proclamando idéas politicas, o seu procedimento degenerou em crime commum pela tenacidade com que se oppuzeram á manifestação quasi unanime do paiz e pela crueldade com que o hostilisaram.

Passo agora ao ponto principal da questão e mostrarei que, réos de crime politico, ou não, indevidamente acharam os rebeldes refugio a bordo das corvetas Portuguezas.

No momento da concessão, que tão facilmente obtiveram, estavam elles, como se sabe, cercados pelas baterias do littoral desta cidade, pelas de Nictheroy, pelas fortalezas da barra e pela esquadra que, prompta para entrar em combate, impedia-lhes completamente a sahida. Tinham de bater-se ou render-se, no circulo de fogo que os apertava, dentro da bahia, onde só podia ter acção a soberania territorial, e desde logo podiam ser considerados como prisioneiros.

Os navios de guerra Portuguezes, que, como os outros estrangeiros, só tinham a missão de proteger os seus nacionaes, não podiam intervir na luta nem inutilisar, directa ou indirectamente, as operações com tanto custo preparadas pelo Governo Federal, não só para debellar a revolta, mas tambem para submetter os seus autores á justiça publica.

O Commandante das Forças Navaes de Sua Magestade Fidelissima a nada attendeu. Deu asylo aos rebeldes no momento critico e assim protegeu-lhes a retirada, que sem esse soccorro não poderiam effectuar.

Digo—protegeu-lhes a retirada, porque elle não recebeu a bordo dos seus navios somente alguns homens, mas 493, que constituiam em grande parte as guarnições de duas fortalezas e de dous ou tres navios de guerra e que seriam de sobra para guarnecer outras tantas embarcações.

Com effeito, da relação que o Sr. Encarregado de Negocios me forneceu consta que havia naquelle grande numero, um contra almirante, um capitão de mar e guerra, dous capitães-tenentes, 25 primeiros-tenentes, cinco segundos-tenentes, 16 guardas-marinha, 69 aspirantes de 1.ª classe, medicos, pharmaceuticos, machinistas e mais 344 pessoas, entre

as quaes estavam classificados os inferiores e mercantes.

Era a parte principal das forças com que o Sr. Saldanha da Gama hostilisou por tanto tempo o Governo legal do seu paiz.

O Sr. Castilho protegeu a retirada dos rebeldes e talvez ainda ignore que, antes de se refugiarem, elles destruiram tudo quanto puderam nas duas fortalezas e nos navios de guerra ou armados em guerra e deixaram intactas minas de dynamite com que haviam preparado a destruição das mesmas fortalezas para o caso de serem occupadas pelo Governo.

Salvaram-se, deixando apparelhada a morte dos seus compatriotas e talvez a ruina de grande parte da cidade.

O Sr. Vice-Presidente da Republica não podia assistir impassivel ao extraordinario acto que se praticava no porto desta Capital, debaixo das suas baterias, no momento em que elle exercia o direito, não de guerra, mas de repressão. O seu silencio contribuiria para estabelecer-se um precedente funesto. Reclamou, pois, pelo direito do seu paiz, dirigindo-se verbalmente ao Governo Portuguez para obter a restituição dos refugiados. Não a conseguiu; mas elle não se havia illudido com a esperança de resposta favoravel; deu ao mesmo Governo ensejo para declarar que não approvava o acto do Commandante das suas Forças Navaes.

Em vão o fez. Assumiu, portanto, o Governo Portuguez toda a responsabilidade do procedimento do referido Commandante desde a obsequiosa concessão do asylo neste porto até a evasão no Rio da Prata de grande numero dos refugiados. Demittiu, é verdade, os Commandantes das corvetas, mas isto de nenhum modo deminue a sua responsabilidade.

Quem concede asylo fica obrigado a providenciar efficazmente para que os asylados delle não abusem, directa ou indirectamente, contra o Governo que hostilisavam. O Sr. Capitão de Fragata Augusto de Castilho não quiz, não soube ou não pôde cumprir essa obrigação. Por elle responde o Governo de Sua Magestade Fidelissima.

O Sr. Marechal Floriano Peixoto crê ter dado durante a sua administração provas evidentes de sincero desejo de manter e desenvolver a amizade que por tantos e tão valiosos motivos deve existir entre o Brazil e Portugal. Com vivo pezar se vê, portanto, na obrigação de suspender as relações diplomaticas com o Governo Portuguez.

Hoje communico pelo telegrapho essa resolução ao Encarregado de Negocios em Lisboa. Recommendo-lhe que a transmitta ao Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros pedindo-lhe passaporte e se retire com o pessoal da Legação a seu cargo.

Tornando-se, portanto, sem objecto a presença do Sr. Conde de Paraty neste paiz como Encarregado de Negocios, incluso lhe remetto o passaporte de que necessita para retirar-se com o pessoal da Legação a seu cargo.

Cumprindo esse penoso dever, aproveito a occasião para ainda uma vez ter a honra de reiterar ao Sr. Conde de Paraty as seguranças de minha mui distincta consideração. (1)

Cassiano do Nascimento.

---

(1) Ao juizo indefectivel da Historia cabe decidir com quem está a verdade:

Se com o Dr. Cassiano do Nascimento—que de apaixonado *leader* da opposição em 1892 passára a feliz apaniguado e ministro do mesmo Governo em 1893—, quando diz que o marechal Floriano recusou promptamente a proposta de capitulação e impugnou

Carta simi-official dirigida ao Presidente do Conselho de Ministros de Portugal, e publicada no Jornal do Commercio de 16 de Dezembro de 1895.

Madrid, 24 de Junho de 1894.—A S. Ex. o Sr. Conselheiro Hintze Ribeiro, Presidente do Conselho de Ministros de S. M. Fidelissima.

Exm. Sr.—Desde ante-hontem acho-me nesta Capital, a poucas horas da fronteira portugueza. Era meu firme proposito proseguir sem mais detença na rota até Lisboa e, em cumprimento ao telegramma que em 28 de Abril tive a honra de expedir a V. Ex. de Montevidéo, apresentar-me ahi ao Governo de S. M. Fidelissima, collocando-me inteiramente á sua disposição. Mas deteve-me aqui a quasi certeza de me estar interdicta a entrada em territorio portuguez, pelo menos segundo posso deprehender de informações fidedignas, corroboradas por noticias da mesma imprensa diaria lisbonense, e até pelo recente facto da brusca expulsão imposta ao meu secretario, capitão de fragata Benjamin de Mello.

---

a concessão do asylo, considerando este uma affensa á soberania nacional e aquella uma pretenção repulsiva, incabivel, por partir de um official jà declarado desertor e traidor á Patria, assim como que elle ministro, por sua parte, condemnou desde logo uma e outra cousa;

Se com o capitão de fragata Augusto de Castilho—que acaba de sair laureado do conselho de guerra que conheceu destes seus actos—, quando affirma (documento á pag. 78) que o marechal Floriano assentio ao asylo com pronunciado movimento de cabeça e quanto a capitulação, cuja proposta recebeu por copia, ficou de ouvir a respeito seus ministros, especialmente os das duas pastas militares, e de mandar-lhe uma resposta no dia seguinte por intermedio do consulado portuguez. Ainda mais, que o proprio Dr. Cassiano, na conferencia que teve comsigo Castilho e o conde de Paraty, no dia 12, em presença dos ministros d'Inglaterra, Italia e França, na secretaria das Relações Exteriores, declarou que a concessão do asylo era um direito sacratissimo, que ninguem poderia questionar, e que aquella proposta de capitulação estava em

Longe do meu pensamento concorrer com a minha insistencia para melindrar ainda mais o resentimento de que tão animados se têm mostrado o Governo e o povo portuguez contra mim e meus companheiros de exilio. Já na minha resolução de enviar primeiramente o meu secretario e logo em seguida apresentar-me eu mesmo em Lisboa, creia-o V. Ex., outra intenção se não continha, que não fosse antes de tudo offerecer plena e publica explicação pelo meu desembarque e da maior parte daquelles companheiros no Rio da Prata, e depois velar de mais perto pelos outros que, transportados para Portugal, forão recolhidos ás praças de Elvas e do Peniche. E V. Ex. ha de conceder que não são difficeis de avaliar os sacrificios que a mim mesmo tive de impôr para cumprir com essa resolução. Entretanto, nem o estado precario dos meus ferimentos, nem a longa viagem transoceanica e seu oneroso custo, nem o abandono de elevados interesses momentosos, nem a mesma prespectiva de amargos ultrages pessoaes—nada me foi obstaculo, e, peço ve-

---

condições muito acceitaveis, pelo que ia sem demora advogal-a junto ao marechal!

Ha um ponto, porém, desta nota diplomatica em que o embuste resalta dos proprios termos. é por demais calvo: a cohonestação, á titulo de conservar-se içada a bandeira branca, do feroz bombardeio, respondido com o silencio tumular, que as fortalezas e baterias legaes dirigirão na tarde de 13, ao expirar o prazo marcado pelo Governo, sobre as ilhas e os navios occupados pelos revoltosos, quando havia já muitas horas que estes se tinhão passado para bordo das duas corvetas portuguezas. conforme estava sciente o mesmo Governo e foi perfeitamente visto das alturas da cidade!

Em summa, põe-lhe o sêllo da paixão, da protervia, da inepcia, esta *piyramidal* asserção, incongruente de si mesma « O Brazil tambem é civilisado, mas desconhece que os principios de humanidade podem ser applicados a rebeldes».

A' esta hora, talvez que nem na Costa d'Africa se profira semelhante barbaridade!

nia para accrescentar, tudo supportaria de bom grado até ao fim para ter a dupla e gratissima satisfação de poder pôr em prova o meu acto de espontanea abnegação e explicar-me, directa e pessoalmente, ácerca das occurrencias que tanto parecem haver excitado as susceptiblilidades da inteira nação portugueza.

Não que eu reconheça ao Geverno de Portugal direito ou razão fundamentada para se haver comigo e com meus companheiros do modo pelo qual se houve e ainda está se conduzindo, seja em virtude de resolução propria, seja sob a pressão de exigencias estranhas, tão injustas quão descabidas. Ao contrario, nunca mostrei aceitar esse principio que lhe fosse licito reter-nos, conforme nos reteve, pela força e pelo constrangimento, a bordo dos seus vasos de guerra no Rio da Prata, em aguas de outras duas nações, que alliás se mostravão dispostas a nos abrir de par em par as portas da mais franca e agasalhadora hospitalidade; e ainda agora mesmo acredito poder contestar que lhe seja permittido deter aquelles dos seus asylados que vierão para Portugal, encerrados em praças de guerra, por tempo indeterminado.

O que me impulsou e dictou o meu proceder foi, sobre tudo e apezar de tudo, o desejo de patentear juntamente com a expressão do reconhecimento de todos nós, pelo acto tão cavalheiroso do asylo verificado em 13 de Março, na bahia do Rio de Janeiro, o meu proprio e respeitoso apreço por esse povo portuguez, ao qual me ligão estreitos laços de sangue, e os laços não menos affectivos das pessoaes relações adquiridas no decurso da vida. Tambem por isso, não é sem pezar, confesso, e pezar profundo, que me vejo forçado a desistir desse meu espontaneo e sincero impulso.

Mas o caso desse asylo carece de ser igualmente esclarecido por parte dos emigrados brazileiros, afim de que se possa aprecial-o e julgar das occurrencias supervenientes.

E' pelo menos o que, na situação em que me encontro e attenta a responsabilidade que me incumbe, vou tentar fazer em algumas palavras.

O asylo foi sem duvida cavalheiroso a mais não poder ser, porém incondicional. Não assumi compromisso algum, por mim e por meus companheiros, que nos obrigasse moralmente a não desembarcar senão em territorio portuguez; ao contrario, apenas pude perceber haver tal resolução por parte do Governo a que V Ex. preside, si bem que essa resolução nunca nos tivesse sido notificada de modo formal, apressei-me em protestar contra ella por documento dado a publico, e no qual declarava deixar os meus companheiros livres de proceder como melhor fosse para se libertarem de tão vexatoria situação. Si no sobredito documento consignei fazer acto de abnegação da minha propria liberdade, por motivos de deferencia e cortezia, logo depois, em tres cartas successivas, todas de caracter official, deixei claramente entendido que não me podia ser licito levar o meu sacrificio até ao ponto de comprometter, por minha causa, aos meus companheiros, que, inspirados na sua só dedicaçao, recusavão libertar-se, abandonando-me. Do mesmo facto de havermos permanecido por espaço de mais de 40 dias, a bordo dos navios de guerra portuguezes, no Rio da Prata, a despeito de toda sorte de privações e soffrimentos, não ha a inferir tão pouco que reconhecessemos a obrigação de respeitar a todo o transe o asylo que se tranformára em uma verdadeira detenção de guerra, em virtude de compromissos to-

mados, sem sciencia nossa e contra nós, porém, tão sómente que nos detinha ainda o acatamento votado aos que nos havião cavalheirosamente acolhido no momento da difficuldade. A nossa retirada em massa de bordo do vapor *Pedro III*, arvorado em transporte da armada portugueza, não foi, portanto, mais que o acto justificado de quem, indevidamente coagido, recobra por suas proprias mãos a liberdade, e ainda nisso envidando todos os esforços para não recorrer á mais ligeira medida de violencia.

Quanto aos meus telegrammas, expedidos a V. Ex. e ao digno commandante da *Mindello*, logo após aquelle facto, o que procurei exprimir nelles não foi o reconhecimento de um compromisso e sim um sentimento de gratidão e de apreço, levado até ao extremo do sacrificio. Esse sacrificio, repito, vinha cumpril-o gostoso, apezar das exacções injustificaveis dos soffrimentos padecidos e dos doestos tão gratuitos quão pungentes.

Mas, uma vez que a minha intenção, longe de ser acolhida no seu justo valor, ao contrario é encarada sob o desfavoravel prisma de uma intrugice incommoda e impertinente, desde que esse meu acto de espontanea abnegação, em vez de ser agradavel ao Governo de S. M. Fidelissima e ao povo portuguez, não só não é bem acceito, senão que está interdicto por antecipação, outra alternativa não me resta mais que retroceder daqui, tendo por desobrigada a minha palavra e reservando-me a liberdade de dar publicidade a estas linhas, onde e quando se me figurar mais conveniente.

Comprehendo assaz quão difficil deve ser o conseguir-se neste momento em Portugal um conceito justo ou, pelo menos, desapaixonado, em relação aos asylados brazileiros, que aliás mais não fizerão que

usar de um direito, abandonando o asylo desde que este se tranformou em prisão. Mais fortes que toda e qualquer explicação ou argumento, parece imperar ahi, ao menos por agora, os effeitos do fundo abalo produzido pelo acto do Governo do Marechal Floriano Peixoto, rompendo as relaçoes diplomaticas, acto em cujo fundo como que se deixou divisar adrede, sobre tenue disfarce, a possibilidade de medidas, que visão consideraveis interesses da nação portugueza.

A opinião publica transviada desafoga-se contra os pretensos culpados, isto é, contra nós, que nem siquer podemos defender-nos, em apôdos cada qual mais pungente e que a imprensa jornalistica se encarrega de espalhar, acerando-os cada vez mais.

Finalmente, o mesmo Governo, do qual V. Ex. tem a superior responsabilidade e direcção, persiste encarando o asylo concedido a refugiados politicos sob essa differente face, segundo a qual parece licito exercer sobre elles direitos anormaes, assim como sujeital-os a maiores vexações, além do constrangimento inherente á propria situação. Já antes, em Buenos-Aires, por exemplo, tentára o representante diplomatico do Governo Portuguez obter do Governo Argentino a entrega dos primeiros asylados que sahirão de bordo da *Mindello* e da *Affonso de Albuquerque*, e hoje é o proprio Governo que mostra querer tratar a seu bello talante os que ainda se achão retidos em seu poder, usando delles como objectos de compromissos diplomaticos e conservando-os encerrados em praças fortes, peior do que a prisioneiros de guerra, sem determinação de tempo e ainda depois da fixação official do Governo do Marechal Floriano Peixoto, que deu como debellada e extincta a revolução no Brazil.

Até o direito da legitima defesa ficou tolhido a esses asylados, que vierão para Portugal; se-lhes negou resposta e publicidade ao protesto que, fundado em principios de direito universalmente acceitos, levárão á presença do Governo de S. M. Fidelissima, logo ao desembarcar em Lisboa.

Força é, pois, aguardar para mais tarde a volta do predominio da justiça e da razão. Esperarei por essa volta com a calma e a confiança que me incutem de um lado a consciencia da correcção do meu proceder e do outro a fé na tradicional nobreza de sentimento do povo portuguez. Na situação difficil em que me encontrei no porto do Rio de Janeiro, podia ter procurado outro asylo, ou mais asylos, para mim e para meus companheiros de causa; acolhendo-me, porem, á sombra da bandeira da nação co-irmã, acreditei dar-lhe com isso e sem partilha, a par do pesado encargo, é certo, prova tambem não equivoca de preferencia e simpathia. E apezar das desagradaveis occurrencias supervenientes, que de coração lamento, diz-me a razão que não podia, nem devia ter adoptado differente alvitre.

Quando, passada a impressão das exigencias do momento e permittida no Brazil a expansão do verdadeiro sentimento nacional, puderem o Governo e o povo portuguez melhor ajuizar dos factos e dos acontecimentos aqui alludidos, então, ainda que tardiamente, se convencerão um e outro de que exorbitaram em tudo, com relação a nós seus asylados, e reconhecerão mais que não constituiamos sómente, conforme nos acoimão hoje, um mero punhado de insurrectos aventureiros, mas legitimos defensores de uma causa na qual se achava empenhada a grande parte, para não dizer melhor parte do povo brazileiro.

Escusadas são as perguntas quando a certeza se tem quasi de que não hão de merecer resposta. Todavia, consinta-me V. Ex. deixar aqui consignadas as duas que seguem:

Até quando acredita o Governo de S. M. Fidelissima ter o direito de manter essa detenção imposta áquelles dos seus asylados que se achão em Portugal? E' de razão deixar que o ignorem os mesmos interessados, e até aquelle que por elles e para elles acceitou asylo de tão duras quão imprevistas consequencias?

Acaso pódem os interesses da nobre nação portugueza, por muito serios e respeitaveis que sejão, fallar mais alto que os deveres internacionaes implicitamente contrahidos para com aquelles que forão recebidos, sem condições, á sombra da bandeira portugueza?

Pedindo escusa a V. Ex. por esta carta, que a necessidade de explicações impreteriveis tornou naturalmente longa, só me resta aproveitar-me da opportunidade para reiterar a V. Ex. a respeitosa segurança da minha mais elevada estima e distincta consideração.

Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Saldanha da Gama constituindo-se a alma da Revolução do Sul, na sua ultima phase.

Tellegrammas d'O Paiz, em 1894.

Montevidéo, 23 de Agosto—Regressou da Europa o contra-almirante Saldanha da Gama, que hospedou-se com os aspirantes seus antigos alumnos.

.˙.

Montevidéo, 2 de Setembro—O Sr Saldanha da Gama foi a Buenos-Ayres conferenciar com o Sr. Gaspar da Silveira Martins.

.˙.

Buenos-Ayres, 6 de Setembro—Houve nesta cidade conferencia entre os Srs. Saldanha da Gama, Gaspar Martins e Custodio de Mello, que resolverão ficar na espectativa de futuros successos.

.˙.

Montevidéo, 2 de Outubro—O chefe revoltoso Ulyses Reverbel invadio o Rio Grande com 300 homens por Upamaroty; Joca e Zeca Tavares penetrarão por S. Luiz.

Esta demonstração dos revoltosos na fronteira do Estado Oriental tem por fim chamar para esses pontos a attenção das forças legaes brazileiras, de modo a poderem invadir tambem pela provincia de

Corrientes, para onde vai seguir o contra-almirante Saldanha da Gama, que tomará o commando em chefe de todas as forças revolucionarias.

.·.

Buenos-Ayres, 4 de Outubro—Saldanha da Gama prepara um assalto á Flotilha Brazileira do Alto Uruguay. Está augmentada a vigilancia.

.·.

Buenos-Ayres, 5 de Outubro—Annuncia-se que os Srs. Demetrio Ribeiro, Barros Cassal, Annibal Cardoso e Antão de Faria vão publicar um manifesto condemnando a projectada invasão do Rio Grande.

.·.

Buenos-Ayres, 13 de Outubro—O Sr. Saldanha da Gama, em consecutivas reuniões de emigrados, tem exposto e discutido a conveniencia de prolongar a revolução.

.·.

Montevidéo, 16 de Outubro—Consta que Saldanha da Gama chegou a Monte-Caseros, dirigindo-se ao Alto Uruguay, onde vai assumir o commando das forças revolucionarias.

.·.

Buenos-Ayres, 19 de Dezembro—Os revoltosos brazileiros, ao mando de Saldanha da Gama, activão os preparativos para a invasão do Rio Grande e desta vez parece-nos que com tendencias separatistas.

Os chefes da invasão recrutão nas Republicas Argentina e Oriental, sem que as autoridades os embaracem.

Sabemos que os revoltosos contão com recursos de toda a sorte, dinheiro recebido do estrangeiro e armamento fornecido da mesma forma.

Tudo isto faz-se abertamente.

. ˙ .

Montevidéo, 21 de Dezembro—Consta que deu-se a invasão do Rio Grande pela fronteira do Quarahy.

. ˙ .

Buenos-Ayres, 31 de Dezembro—N'uma conferencia havida entre o Sr. Saldanha da Gama e um reporter da *Prensa*, aquelle declarou que o programma da revolução era a reforma da Constituição para implantar o systema parlamentar representativo, confessando ao mesmo tempo o proposito da restauração monarchica para destruir o militarismo, porém, por meio do plebiscito nacional.

—Disse que jamais recorreu a expedientes clandestinos para faser triumphar suas convicções; que a revolução feita pelos republicanos historicos não tem importancia, pois se compunha de um pequeno grupo de **comtistas** ambiciosos.

—Ataca o governo do Dr. Prudente de Moraes, por seguir elle a politica do marechal Floriano Peixoto, e assegura terem os revoltosos elementos para triumphar.

—Comparou a missão do general Moura, para pacificar o Rio Grande, com a do Duque de Caxias no Imperio, e vaticina a quéda do Dr. Prudente de Moraes.

Pessoal de marinha que se pôz ás ordens do almirante Saldanha, para continuar a revolução do Sul, com designação do pseudonymo que diversos tomaram no desempenho de commissões especiaes.

Capitão de fragata Benjamin Ribeiro de Mello (nome particular *Ben*), secretario do almirante e chefe do movimento geral em Montevidéo.

Auxiliares: 1.º tenente Alipio Dias Colona, aspirantes Willian Canditt e Henrique Guilhem (transferido depois para a fronteira) e os civis Mario de Saldanha e Carlos de Saldanha.

1º tenente João da Silva Retumba (*Alberto Duran*), secretario e chefe do movimento geral em Buenos-Ayres.

Auxiliares: 2º tenente Arthur Thompson, aspirantes Damasio de Novaes (1) e Octavio Perry (2), civil Antonio da Costa Borlido e sargento Belmiro dos Santos.

1.º tenente Antão Correia da Silva (*Alonso Barbera*), a principio chefe do movimento na cidade da *Concordia* e depois commandante da brigada de marinha, estacionada em diversos pontos do Alto Uruguay (Republica Argentina).

1.º tenente Viriato Duarte Hall (*Verissimo Hatboult*), commandante do 1º corpo de marinha (Alto Uruguay)

1.º tenente Felinto Perry (*Germain*), commandante do 2º corpo de marinha (Alto Uruguay)

Guardas-marinha: Alberto de Sá Peixoto, Augusto Carlos de Souza e Silva, Antonio Dias de Pina

---

(1) Promovido a guarda marinha em 12 de Março de 1896.
(2) Idem idem.

Junior, Oscar Muniz, Ignacio Ribeiro da Silva, Heraclito Belfort Gomes de Souza; aspirantes: Theodureto Henrique de Faria Souto (1), Luiz Cyrillo Fernandes Pinheiro, Roque Ribeiro (2), Damião Pinto da Silva, Henrique Guilhem, Agenor de Souza; commissario Francisco R. Barreto;—officiaes da brigada de marinha (Alto Uruguay)

1.° tenente José Libanio Lamenha Lins de Souza (*Libenio Lenx*), auxiliar do movimento em *Livres*.

Tinha em sua companhia o civil José Felix da Cunha Menezes Filho.

1.° tenente Dionisio Lessa Bastos (*F. A. Gallo*), auxiliar do movimento em Santa Rosa e fronteira do Quarahy (Republica Oriental)

1.° tenente Francisco Cesar da Costa Mendes (*Francisco Menendez*), substituto do 1° tenente Lessa Bastos naquella commissão de Santa Rosa.

1.° tenente Pio da Silva Torelly (*V. Dupré*), auxiliar do movimento em *Ortigas, Mello* e *S. Luiz* (Republica Oriental)

Capitão-tenente Emilio de Carvalhaes Gomes (*Gravina*), chefe do movimento no Salto (Republica Oriental)

1° tenente commissario João Teixeira de Carvalho (*Eduardo Affonso*), auxiliar do movimento no centro dos departamentos de *Santa Rosa* e *São Eugenio* (*Isla Cabellos*, na Republica Oriental).

1° tenente Tranquilino de Alcantara Diogo (*Diogo Pablo*), secretario do general Prestes Guimarães, em *Pousadas*, (Republica Argentina)

---

(1) Promovido a guarda marinha em 12 de Março 1996.
(2) Idem idem.

2º tenente Eduardo Piragibe, ajudante de ordens do general Antonio Carlos da Silva Piragibe (Rio Grande do Sul).

2º tenente Honorio de Barros (*Antonio Sievia*), auxiliar do movimento em Monte-Caseros (Republica Argentina)

Guarda-marinha Conrado Heck (*C. Heckel*), em commissão especial na provincia de *Corrientes*, em companhia do Dr. José Luiz Martins (Republica Argentina)

Guarda-marinha Armando Burlamaqui, addido ao estado-maior do general João Manoel da Silva Tavares (Rio Grande do Sul)

Guarda-marinha Alberto Durão Coelho (*Roberto Milton*), em commissão especial até o territorio das Missões, depois secretario do commandante da brigada de Marinha (Alto Uruguay)

Aspirante Joaquim Nunes de Souza (*Nunez de Soza*), addido ao estado-maior do coronel Domingos Ribas, em S. Luiz (Republica Oriental)

Aspirantes Durval Melchiades de Moraes e Othon de Noronha Torrezão (1) (*Joaquim Manuel Soares e Torrezano*), de vigilancia na fronteira de S. João Baptista do Quarahy (São Eugenio, Republica Oriental).

Aspirantes Braulio Braga e Oscar Campos (*Braulio* e *Oscar Ocampo*), em vigilancia na fronteira de Sant'Anna do Livramento (Departamento da Rivera, Republica Oriental)

Aspirante Theodoro Jardim (*Teodoro*), em vigilancia na fronteira de S. Luiz (Republica Oriental)

---

(1) Promovido a guarda marinha em 12 de Março de 1896.

Aspirante Jorge Coelho, addido ao corpo de exercito commandado pelo general Antonio Carlos da Silva Piragibe. (Rio Grande do Sul)

Aspirante Agerico de Souza (*A. Sóza*), addido ao estado-maior do general Silva Tavares. (Rio Grande do Sul)

Aspirante Diniz Junqueira (1) (*D. Junquera*), em commissão junto ao estado-maior do general Prestes Guimarães (Alto Paraná, na Republica Argengentina)

Aspirante A. de Brito Pereira (*B. Pireyra*), em commissão junto ao coronel Timotheo Paim. (San Eugenio do Estado Oriental)

1os tenentes: Silvio Pellico Belchior (secretario do almirante Saldanha), Francisco Cesar da Costa Mendes, L. Timotheo Pereira da Rosa, Fernando Pinto Ribeiro, Augusto Clemente Monteiro de Barros, Tranquilino de Alcantara; 2os tenentes: Honorio de Barros, Manoel Ferreira de Lamare, João Francisco dos Reis Junior; guardas-marinha: Conrado Luiz Heck, Armando Cesar Burlamaqui, Alberto de Sá Peixoto, Carlos Augusto de Souza e Silva, Ignacio Joaquim Ribeiro, Antonio Candido de Carvalho, Mario Cesar Borman de Borges; commissario Francisco R. Barreto; aspirantes: João Antonio da Silva Ribeiro Junior (2), Alexandre Coelho Messeder (3), Octavio Pereira Lima, Herman Palmeira (4), Frederico Adrião Chaves. Thomaz Aquino de Freitas, Jorge Coelho, A. Ferreira Caldas, Nicoláo Muniz de Aragão, Arthur Etchbarne, Durval Alves de Moraes, Roque Ribeiro da Silva.

---

(1) Promovido a guarda marinha em 12 de Março de 1895.
(2) Idem idem.
(3) Idem idem.
(4) Idem idem

Instrucções dadas ao primeiro-tenente Libanio Lins. (Extrahido do Jornal do Commercio)

1ª Constituir-se primeiro élo da cadêa de communicações com a expedição do *Alto Uruguay*, collocando-se, para esse fim, de preferencia na cidade de *Los Libres* (Restauração), onde o pessoal tem que deixar a ferro-via argentina e procurar outro meio de transporte para seguir viagem para *La Cruz*, junto do *Alvear*.

Essa preferencia de collocação não o impedirá de mover-se rio acima e mesmo rio abaixo até La Cruz ou até Federação e Caseros, para melhor observar e resolver sobre o que fôr util á expedição ;

2.ª Informar á testa da expedição, assim como ao segundo élo em Caseros, ao terceiro na Concordia, ao quarto em Buenos-Ayres e ao *Annilho* (Quartel General), o que lhe parecer conveniente em referencia á mesma expedição, a todos os respeitos, inclusive no que interessa á posição, condições e recursos do adversario;

3.ª Em caso de successo do principal golpe da expedição, prestar-lhe mão, fazendo convergir para o ponto indicado os recursos ao seu alcance, inclusive previnir da occurrencia os chefes revolucionarios emigrados mais proximos, afim de que fação marchar para alli as forças de que ainda dispõem ou possão dispor;

4.ª Em caso de insuccesso, proteger e guiar a retirada do pessoal nosso ;

5.ª Si o successo da expedição se reduzir á posse de material fluctuante, auxiliar em tudo o commandante nomeado.

Si o successo fôr até á conquista de uma parte da margem brazileira, então auxiliar efficazmente o

commandante da mesma, na defesa de tal ponto e, no impedimento do sobredito commandante, *assumir o mando do ponto em terra, em nome do chefe da revolução.*

No exercicio desse mando manter a disciplina da força, fazer respeitar as pessoas inermes e sua propriedade, tratar com humanidade os prisioneiros e arrecadar o conquistado (*valores, armas, munições, apetrechos, roupas, cavalhadas*, etc., etc.), em proveito da revolução.

Observações

1.ª Ao passar pela Concordia entrará em combinação com Antão, que o apresentará ao prestimoso amigo *Domingo Giulani.*

Chegado a *Libres*, faser sciente da sua presença alli ao da Cabeça (Hall).

Communicar-se com os dous acima mencionados e com os da base de operações, sobretudo quando entender conveniente ou fôr preciso.

Si entender que, do ponto que lhe está indicado como centro seu, póde concorrer para completar ou apoiar o *golpe principal*, dizel-o em tempo ao mando em chefe, indicando os meios ou recursos que lhe possão ser necessarios.

Si entender tambem que são precisos outros élos intermedios em Federação e Caseros, avisal-o opportunamente.

2.ª Fica avisado que em Santa Rosa existe outro élo da cadêa F. A. Gallo (Lessa Bastos), com o qual poderá entender-se, avisando-o do que parecer necessario e fazendo attenção aos avisos que dalli lhe forem dirigidos.

3.ª Em caso de urgencia de recursos, e que não tenha tempo de pedil-os á base de *operações*, poderá

contrahir *qualquer obrigação realisavel* no momento, seguro de que essa obrigação será reconhecida pelo mando em chefe.

Buenos-Ayres, 23 de Setembro de 1894.—*Luiz Felippe de Saldanha da Gama.*

Resposta ao primeiro-tenente Retumba. (Extrahido do Jornal do Commercio)

Montevidéo, 6 de Outubro de 1894.

Meu caro Sr. Retumba—Tenho em meu poder sua carta de hontem, trazida pelo Muniz.

Peço-lhe continue a mandar-me os *excerptos* da imprensa dahi, referentes ao Brazil e sobretudo aos assumptos que ora mais nos interessão, porém não se esqueça de indicar, por escripto, ao menos a data de cada um e a folha de que foi extrahido.

Agradeço ao Borlido a boa lembrança das moedas. A mais antiga não é precisamente de 300 annos, e sim, de 209, pois tem a data de 1695, o que em todo o caso não lhe diminue o merito.

Deve ter-se avistado hoje com o Roque e o companheiro deste. Tambem já devem ahi estar os cinco homens que forão hontem no *Venus*, capitaneados pelo Sr. Fradique, que parece rapaz serio e de poucas palavras. Pelo menos foi sempre assim na escola e na propria esquadra.

O nosso Sr. X... pretendeu dar-me vomitorio sobre politica. Satisfil-o na medida do possivel. Todavia prevaleço-me do ensejo para fazer-lhe uma prevenção. Quando lhe fallarem em manifesto ou declarações *prévias* de minha parte, vá dizendo com minha autorização que não sou inclinado a taes *ba-*

bozeiras, nem o momento propicio para ellas. O que tinha que dizer já o disse, quando empunhei a espada. O meu empenho é salvar a revolução, ou pelo menos sua honra. Não procuro e menos solicito addictos;aceito porém de braços abertos os que *expontaneamente* me quizerem coadjuvar na minha honrosa, porém perigosissima tarefa. Confiança por confiança!

O mais é disfarce embusteiro para justificar tibieza de animo, interesse particular e pessoal, já dominando os deveres do momento, ou, emfim, desejo de politicar baixamente com a nova situação que se espera com o levantar (si levantar-se) do sol de 15 de Novembro. *Fiem-se na virgem e não corrão,* como sóem dizer em tom zombeteiro as nossas velhas comadres do interior. Autoriso-o a repetir isso e mesmo mostrar o trecho inteiro a quem entender conveniente fazê-lo. Dest'arte ficaremos todos descançados—eu e elles.

E accrescente mais este bocado: Eu não promovi a revolução, como elles o fizerão e forão causa inicial dos males sobrevindos; ao contrario reprovei-a e procurei em tempo impedil-a com o meu conselho e o meu influxo. Arrastado para ella pela força das circumstancias, sacrifiquei-me a mim, aos meus, e aos meus amigos; porém agora, em relação á revolução como com respeito a tudo o mais em que me metto, ou hei de levar a empreza por diante, ou fico no caminho, ou serei o ultimo a retirar-me da estacada.

Não faça segredo disto.

Do velho camarada e amigo—*Luiz de Saldanha.*

Cartas do Conselheiro Gaspar Silveira Martins (Extrahido do Jornal do Commercio.)

« Amigo Sr. almirante.—Recebi a carta de V. Ex. De tudo quanto diz-me sobre nossas forças na fronteira já me achava inteirado por telegramma e carta do Cabeda.

Não é exacto haver eu autorisado *B a* communicar-lhe que Gumercindo está vivo, quando tenho a certeza da sua morte. O que disse a *B* foi que havia chegado um proprio que assegurava-me ser falsa a exhumação no cemiterio de Santo Antonio, por haver passado lá immediatamente e não encontrar sepultura mais nova de 30 dias; mas não que Gumercindo estivesse vivo.

Morreu atôa, sem combate, indo vêr uma guerrilha, travada por força que não era sua, por forças do Duarte ; foi ferido por bala no ventre e sobreviveu somente duas horas. E' o que informa-me Prestes Guimarães. Apesar de não haver combate em Carovy, a morte de Gumercindo produzio uma verdadeira derrota. Prestes, que queria ficar na Serra e só por condescendencia descia com Gumercindo, com a morte deste separou-se para tornar á *Paufundo,* onde havia deixado uma guarnição de 600 homens, e vio-se obrigado a emigrar, não tendo nem cavallos, nem armas e munições sufficientes; sua gente erão 900 homens, que em sua maioria seguião para a Serra, emigrando elle com o seu estado-maior. Dinarte, com sua gente, muito mal montada e mal armada, dividio-se em 4 columnas, para melhor escapar ao inimigo apetrechado de tudo, que o perseguia.

Aparicio marchou com as forças de Gumercindo, mas não podendo atravessar o Ibicuhy, cheio e

guarnecido por grandes forças inimigas, contra-marchou. Na batalha do *Passo Fundo*, que durou 6 horas, tivemos 300 baixas entre mortos e feridos; mortos 88; entre os feridos Cesario Saraiva, que perdeu um olho; Aparicio, que jà está bom; e gravemente meu filho menor Alvaro, que vinha em carreta e não sei que fim terá levado.

Alexandrino consta-me tambem achou-se na batalha e portou-se galhardamente. O inimigo teve mais de mil homens fóra de combate, e salvou-se pela posição que occupava, impossivel a carga de cavallaria, tendo á esquerda um banhado, á direita o matto, e esgotada a munição das forças de Gumercindo, pois tinham abandonado os cargueiros que a conduzião na picada que abrirão para passar ao Estado do Rio Grande, e só 8 dias depois da batalha recebeu-a com a metralhadora de 25 que trazia. Assim continuou a marcha para o Sul, que era o seu objectivo, sem que o inimigo pudesse impedir-lhe a passagem, quando, depois de vencidas as maiores difficuldades, veio infelizmente morrer de uma bala perdida. Assim morreu o general Concha na guerra dos Carlistas, assim morreu Turenne, em Saltobach; e aqui como alli, exercitos que ião ser laureados por uma victoria certa, forão derrotados sem combate. Nossa causa, porem, não está perdida; o Rio Grande é uma fabrica de soldados e não será vencido; o Brazil não terá paz emquanto o Rio Grande estiver emigrado; pela resistencia no Rio Grande, poderemos obter não só garantias para os revolucionarios, senão salvar as liberdades publicas postergadas. Não tenho meios de obter recursos; os ultimos de que podia dispôr, a emigração da divisão de Juca Tigre consumio-os, e nas armas que ahi na Alfandega de Mondevidéo estão detidas

empreguei o dinheiro que pude obter por imprestimo pessoal. O meu credito está esgotado; por isso não posso contrahir obrigações que sei não poderei satisfazer no dia seguinte. Só um imprestimo em nome da Revolução; mas para isso precisamos formar uma especie de Governo, que a represente. Tomado o couraçado *Rio Grande* e Uruguayana, o que é difficil, conseguindo-o primeiro poderemos obter alguma cousa. O que é preciso para honra da Revolução é que Floriano não entregue o governo a Prudente no dia 15 de Novembro victorioso. Com elle não podemos tratar.

Ahi vai o Orlando, que mandei chamar de Alvear; elle informará sobre a empreza. Com uma estupida noticia publicada hoje pela *Nacion,* de achar-se Gumercindo em Buenos-Ayres, tenho sido tão attribulado de reporters e visitas que quasi não tenho tempo de responder á carta de V. Ex., o que faço á ultima hora, sem tempo siquer de revel-a.

Remetto-lhe uma carta inclusa que aqui encontrei sobre a minha mesa; não sei quem a trouxe, mas é do Rio, e veio pelo correio, pelo que dou-lhe os parabens:—não pensava que a tolerancia do Floriano chegasse a tanto. Além das forças do Cabeda e Joca, temos na fronteira do Jaguarão 800 homens com Burlamaqui, Ladislau, Carolino Amaral, Malachias.—Sempre ás ordens de V. Ex., como amigo, muito obrigado e admirador—*G. Silveira Martins.* - Buenos-Ayres, 13 de Setembro de 1894.»

∴

« Meu caro Almirante— Esta lhe será apresentada por nosso amigo Dr. J. L. Martins, que offerece a quantia de que V. Ex. precisa.

As condições elle as dirá; supponho que pouco exigirá, pois tem-se provado grande patriota.

O coronel V. Martins está com mais de 200 homens em Corrientes (cidade); segue a pé amanhã para o Uruguay por falta de recursos; o Lebindo, coronel distinctissimo, está em S. Thomé, e tambem pede recursos para conduzir o armamento que tem occulto. Supponho que 1.000 nacionaes serão sufficientes para ambos. Aqui tambem ha um commissario radical que offerece 15 remingtons e 4.000 tiros embarricados promptos para serem entregues em Alvear por 465 nacionaes; si é verdade, é pouco, mas barato e seguro. A gente que vai sobre Uruguay é muita e carece de armas; na Concordia ha um Sr. Baltar, de quem já lhe fallei, que tambem offerece entregar porção em Alvear. Communico tudo isto para sua sciencia e poder achar-se ao facto dos recursos com que póde contar em um ponto dado. Prestes Guimarães aqui se acha; fallei-lhe. V. Ex. póde dar-lhe suas ordens; para Torquato Severo, Vasco Martins, Carlos Lebindo, Nogueira da Gama e Portilho, o Dr. José Luiz, que volta para seguir immediatamente por Paraná e Uruguay, levará cartas. V. Ex. póde francamente dirigir-se a qualquer delles que suas ordens serão cumpridas.

O José Luiz voltará amanhã mesmo para seguir viagem; póde por elle dar as ordens que quizer.—De V. Ex. patricio, amigo e admirador—*G. Silveira Martins*.—Buenos-Ayaes, 1 de Outubro de 1894.»

***

«Exmo. amigo—Recebi os papeis que me emviou e incontinenti os passei ao nosso amigo Brito, que chegou quando apromptava-me para leval-os.

Nada tive que modificar no artigo que mandou, em suas ponderações razoavel, em sua redacção conciso, em suas informações verdadeiro.

A morte do Fidelis foi uma grande perda para a Revolução, principalmente na phase em que se acha; a grave molestia que atormenta o Ribeirinho, enfraquece o concurso deste, que é o rival do Fidelis, no genero de guerra que mais resultado dará, em quanto não tivermos um exercito regularmente organisado.

Alvaro seguio no dia 12; o Christofersen daqui, pois são dous, tambem recommendou-o ao commandante. Accresce, que foi no mesmo vapor um emigrado brazileiro, seu antigo companheiro de collegio, com o Burlamaque, um Sr. Lopes Anjo, que delle terá cuidado.

Muito lhe agradeço a carta e o telegramma que ao Carvalho mandou. O combate dos *Trihiras* é de grande importancia para a liberdade da nossa patria; si o tyranno entregar no dia 15 o mando, fal-o-ha tendo levado pancada ainda no dia 6; o que significa que a sua tyrannia não foi acceita pela nação e que, si o seu successor fôr simplesmente seu continuador, ha de encontrar o mesmo protesto armado por parte dos seus concidadãos.

E' uma advertencia para que mude de rumo e de politica. Sem mais nada a dizer-lhe neste momento, subscrevo-me com o maior prazer—De V. Ex., compatriota, amigo grato e admirador—*G. Silveira Martins*.— B. Ayres, 14 de Outubro de 1894.»

.·.

«Muito prezado amigo e Sr. Almirante—Recebi as cartas de que foi portador o Hasslocher; devolvo-lhe

as do Ruy, que V. Ex. teve a bondade de mandar-me para lêl-as; não forão ha mais tempo por falta de pessoa de confiança, e não ser negocio tão urgente que se fizesse preciso enviar uma de proposito.

Já cogitei da *hypothese*, que se me afigura possivel, mas estou convencido que elle só tentará esse meio, si de todo não puder conservar o poder. Sempre parece mais seguro empregar a força de que se dispõe, do que largal-a para depois tornar a tomal-a. Essa manobra falhou ao coronel Latorre, que até hoje está no exilio.

Longe, porém, de procurar evital-a, como pensa Ruy, eu a desejo ardentemente, será o unico meio de poder-mo-nos libertar mais depressa da tyrannia.

As cartas que pede, irão, mas, permitta-me que lhe diga, faltão algumas, que não mandei porque na occasião V. Ex. não podia communicar com as pessoas — que erão Prestes Guimarães, Duarte Dornellas, Aparicio Saraiva, Nogueira da Gama, David Martins, chefes que tem sua personalidade, que me acompanhão, mas não obedecem a sub-chefes, mas vão áquelles que nomeava-me, que acompanhão Maneco Machado e Ulysses, a Cabeda, G. Barreto e Tavares, como a Ladisláo e outros, a quem na carta deste dirigi-me. Calculo que foi meu companheiro Salgado para mostrar-se conhecedor dos homens que lembrou-lhe esses nomes, mas não se lembra que um chefe não se pode dirigir aos subalternos, deixando de parte os superiores sem até certo ponto descontentar a estes. Maneco Machado é dedicado a Cabeda; Ulysses é intimo amigo deste e tem sido seu constante companheiro. Em todo o caso, irão as cartas para todos. Aparicio emigrou, não podia deixar de fazêl-o: antes foi um triumpho que conseguio, salvando-se com sua divisão inteiramente a pé, sem mu-

nição nenhuma. Castilhos, em telegramma, assegura que não só essa divisão estava perdida por não ter meio de escapar-se, cercada como estava por todos os lados, mas que nem o proprio Aparicio individualmente se salvaria. No entanto, até os feridos salvaram-se.

Meu filho Alvaro, o mais joven dos dous que lá tenho, no dia em que completou 19 annos foi gravemente ferido com dous balasios no combate de *Passo Fundo,* no peito e no pé. Este tambem salvou-se ; o irmão já telegraphou-me da *Concepcion de la Sierra* no Alto Uruguay, onde chegou com Aparicio. Isso não impedirá que voltem á carga.

Si a nova invasão se fizer, e aquelle golpe tiver bom resultado, adquiriremos armas e munições que nos faltão. Acho de maior conveniencia que o Floriano no dia 15 de Novembro não possa dizer que não ha inimigos armados no Rio Grande do Sul.

A gente de Prestes voltou para a Serra ; a do Dinarte, dividida em quatro columnas, fez o mesmo. Ainda lá temos o coronel Baptista com mais de 1.000 homens.

Vai sahir vapor. Burlamaque chega; faço ponto assignando-me—De V. Ex., amigo certo e admirador —*G. S. Martins.*—B. Ayres, 19 de Outubro de 1894»

. ˙ .

«Meu caro almirante—Recebi sua carta. Já providenciei como foi possivel sobre as forças do Uruguay. Gente não me falta. Espero Vasco Martins, Torquato Severo, Amaral, que não só valem como chefes bravissimos, mas pela gente heroica que os acompanha. Si tivessemos recursos para armal-os com um pouco de disciplina, sem o que não póde ha-

ver unidade de acção, levariamos tudo por diante. Já tinha determinado mandar meu filho com todas quantas chaves possuo, pois não sei qual é a caixa onde se encontra o Codigo; elle experimentará.—De V. Ex., amigo e admirador.—*G. S. Martins.*—Buenos-Ayres, 28 de Outubro de 1894»

O almirante satisfeito do logar em que tinha de ser morto.

(TRECHO DE UMA CARTA INTIMA)

«Costa do Quarahy, 17 de Maio de 1895.—Presado Sr. Benjamin de Mello

....

Depois do combate de 28 do passado na picada e passo do *Aipo*, temos mantido a mesma posição sobre a linha no fundo ou vértice do Rincão chamado de Artigas, ao fundo do campo dos *Ozorios*.

Temos aqui uma posição admiravel para a defesa, com a retaguarda garantida, e duas magnificas linhas de resistencia na frente: o arroyo denominado *Quarahy Chico* e o arroyo dos *Mourões*.

Si pudesse dispor dos seis canhões Krupp, que o Sr. Benchimol nos conserva retidos em seu poder em Buenos-Ayres, desafiaria as forças contrarias durante todo o inverno.

Mas o judeu exige *umas luvas* de dez mil pezos ouro por uma couza, que aliás não é d'elle, que foi comprada com o producto da venda de nosso café.

Já tentei isso e nada consegui.

Onde alcançar essa quantia ?

Não temos podido operar activamente pela demora na chegada do armamento d'ahi remettido, e tambem por certa escassez de cavalhada. Alem disso observão-nos de perto duas columnas fortes do inimigo—a do general Hypolito de cêrca de mil homens e a de Sant'Anna (Paula Castro) com 800 presumidamente.

Com a gente bem montada poderia mangar com esses vigilantes; nas condições em que me encontro, é preciso temporisar espreitando ensejo favoravel. Ainda assim nossa presença aqui tem produsido o salutar effeito de reter forças superiores do inimigo, impedindo-as de apertar a columna de Apparicio Saraiva.

O general Hypolito, que havia ido desde o dia 2 collocar-se no *Passo do Cerrito*, como para impedir a juncção deste exercito com o de Apparicio, retrocedeu hontem para as pontas do *Caty* (affluente do Quarahy), sobre a estrada que vai para Uruguayana.

Hontem, n'uma descoberta em que tomei eu mesmo parte, arrebatamos-lhe um prisioneiro que confirmou o que acabo de dizer.

Nossa unica falta é a de recursos.

Só de uma couza me arreceio: do inverno já proximo, por causa do desapparecimento das cavalhadas, e dos soffrimentos do pessoal por falta de ponches e roupas.

Mas não desanimo, estou disposto a tudo, resignado, tranquillo e forte na minha consciencia.

Saudações aos bons amigos d'ahi, e creia-me seu velho companheiro, affectuoso e grato—*Luiz de Saldanha*»

Telegrammas do Jornal do Commercio, em 1895.

Montevidéo, 4 de Fevereiro—Consta que o Sr. Saldanha da Gama passou para o Rio Grande.

Montevidéo, 20 de Março—O Sr. Saldanha da Gama telegraphou para aqui nos seguintes termos. «Temos a lamentar a perda do chefe Scott, que foi degolado com 20 companheiros. O exercito governista continua mentindo á sua missão: fez-se pretoriano e agora assasina»

Montevidéo, 30 de Abril—Communica-nos o correspondente da Rivera:

«Têm havido fortes guerrilhas nos campos de *Ozorio e Alves*, entre as forças do governo e os revolucionarios.

As noticias ahi publcadas são exageradas.

Hoje chegou communicação de que no dia 28 o Sr. Saldanha da Gama, á frente de forças que se achão proximo á picada *Aipo*, conteve uma divisão legalista que devia passar por ahi afim de reunir-se ao general Hypolito em Sant'Anna.

Parte passou e parte foi rechassada.

A força do governo que atacou compunha-se de perto de mil homens, durando a acção cerca de 4 horas.

Ignora-se as perdas de ambos os lados.

Saldanha continua occupando o mesmo ponto por julgal-o estrategico.

Montevidéo, 10 de Junho— Communicão-nos de Santo Eugennio : «Saldanha da Gama encorporou parte da força de Aparicio Saraiva. No logar *Campos Altos* deu-se um sangrento combate contra as forças de Feliciano Santos.

Espera-se pormenores.

Morte do almirante em combate

Telegrammas publicados—mutatatis mutandis—n'O Paiz, Gazeta de Noticias, Jornal do Commercio, Jornal do Brazil, Cidade do Rio, Diario de Noticias, Gazeta da Tarde, Correio da Tarde, A Noticia, Diario Official.

Junho de 1895

Montevidéo, 25 ás 6 e 40 m. da tarde—Hontem houve combate entre forças de Saldanha da Gama e de João Francisco, na margem do Quarahy. Os revoltosos forão derrotados, morrendo Saldanha da Gama.

Esperão-se detalhes.

. ˙ .

Montevidéo, 25 ás 9 1/2 da noute—A noticia de uma seria derrota dos insurrectos em *Campo Ozorio* está confirmada.

O combate foi renhido de parte a parte. Os revolucionarios tiverão numerosos mortos e feridos. As forças legaes fizerão diversos prisioneiros, entre os quaes se achava Saldanha da Gama, que falleceu pouco depois, devido aos graves ferimentos que recebeu durante o combate.

Esta noticia causou forte emoção nos circulos federalistas, que, entretanto, não se mostrão desanimados para proseguir na luta.

Montevidéo, 25—Ao Dr. Prudente de Moraes—Rio—Saldanha com 600 homens completamente derrotado, perdendo para cima de 150 homens. Morrerão Saldanha e muitos officiaes.

Foi derrotado por João Francisco e coronel Azambuja.—Da Legação Brazileira.

.˙.

Porto-Alegre, 25—Ao Dr. Prudente de Moraes—

Neste momento recebi o seguinte telegramma do nosso Encarregado de Negocios em Montevidéo:

« Saldanha com 600 homens completamente derrotado, perdendo acima de 150 homens. Morrerão Saldanha e muitos officiaes.

Foi derrotado por João Francisco e coronel Azambuja.

Daqui a momento irá parte official.»

Acceitai minhas saudações—Julio de Castilhos.

.˙.

Pelotas, 25—Ao Dr. Prudente de Moraes—Acabo de receber este telegramma do Encarregado de Negocios em Montevidéo:

«Saldanha com 600 homens completamente destroçado, perdendo para cima de 150 homens. Morrerão Saldanha e muitos officiaes. Foi derrotado por forças commandadas pelo coronel Azambuja e capitão João Francisco».

Saudações—General Galvão.

.˙.

Porto Alegre, 26—Ao Dr. Prudente de Moraes—Reporto-me telegramma que vos dirigi hontem transmittindo outro de Montevidéo.

Noticias ulteriores confirmão derrota e morte de Saldanha da Gama, cuja horda invasôra ficou anniquilada no combate.

Aguardo pormenores que vos transmittirei.

Penso que Saldanha tinha invadido nosso territorio entre Livramento e Quarahy. Pertenciam á divisão sob o commando do intrepido general Hypolito as forças que alcançaram essa admiravel victoria, cuja importancia não preciso encarecer; melhor que eu, sabeis avaliar seus grandes effeitos no sentido do restabelecimento de nossa paz interna a tanto tempo perturbada pelos contumazes adversarios da Republica.

Acceitai minhas saudações—Julio de Castilhos»

.˙.

Rio de Janeiro, 26—Ao Dr. Julio de Castilhos—Agradeço vosso telegramma em que communicaes a derrota das forças revoltosas sob o commando de Saldanha da Gama pela divisão do general Hypolito e na qual encontrou a morte aquelle chefe militar rebelde.

Espero que este assignalado acontecimento concorra para apressar a pacificação d'esse Estado, como tanto convem aos interesses da Republica—Prudente de Moraes» (1)

.˙.

Identico telegramma ao general Galvão.

---

(1) E' mais que lamentavel, é triste e bem triste que o chefe do Estado— e homem de cordura, espirito culto e sentimentos elevados, como é considerado o Dr. Prudente de Maraes—não tivesse senão o gume frio de acerado anathema politico, apanhado na *officina positivista* do Governador do Rio Grande do Sul, para talhar a mortalha de um almirante emerito, brazileiro distinctissimo, que

Montevidéo, 26— Os ultimos detalhes recebidos a respeito do sangrento combate em Campo Ozorio, entre os federalistas commandados por Saldanha da Gama e as tropas legaes de Castilhos, affirmão que estas erão muito superiores em numero.

Os federalistas attingião apenas a 500 homens.

Seu commandante Saldanha da Gama, vendo-se cercado por todos os lados e tendo já perdido muitos homens, desesperado, suicidou-se para não cair vivo nas mãos dos inimigos. Elle tinha recebido ferimentos muito graves.

Os seus ajudantes de ordens conseguirão salvar-se e dizem a diversas pessoas que assistirão ao suicidio do seu chefe e que a batalha foi renhida de parte a parte, dando os federalistas provas de heroismo, mas succumbindo finalmente ao numero.»

.˙.

Mondevidéo, 26— Ao Presidente da Republica Dr. Prudente de Moraes—Rio—Peço ordeneis Livramento entregar-me cadaver meu irmão.—Dr. Sebastião de Saldanha.»

---

cahira como um heróe no campo de batalha, pugnando por um ideal nobre, embora erroneo, criminoso mesmo aos olhos do partido dominante da Republica, e que, por sua rara illustração, por suas luzes profissionaes, por sua aprimorada educação, chegára a constituir-se, ainda bem moço, uma gloria fulgente da armada nacional e uma admiração invejavel das marinhas estrangeiras!

Si em vez de triumphante, a 15 de Novembro, o marechal Deodoro da Fonseca tivesse perecido na praça publica, à frente da sedição esmagada, o que dependeu unicamente da fidelidade militar, nesse dia sacrificada em nome do patriotismo e hoje elevada pelos mesmos protogonistas, assim incoherentes com a conducta de hontem, a uma supremacia resolutiva e executiva, sem limites nem condições, o *santo officio* da espada, ameaçando *a priori* de levar a ferro e a fogo qualquer tentamen que se levante, sob qualquer invocação, contra o regimen actual, esquecidos de que sob o Imperio elles proprios—os membros effectivos das classes armadas—tinhão a liberdade de professar idéas republi-

Montevidéo, 26—Annuncião que o general Tavares acaba de assumir o commando em chefe das forças federalistas em operações, pelas quaes foi muito acclamado »

. • .

Montevidéo, 26— Telegraphão da Rivera que o cadaver de Saldanha da Gama não appareceu, sendo opinião geral na fronteira que não o encontrarião.

O Jornal *Rason*, noticiando o combate, accrescenta a seguinte phrase «Neste detalhe horrivel não consta ter havido revoltosos feridos?!

O *Siglo* publica um telegramma dizendo que houve baile na casa do commandante da guarnição, coronel Paula Castro, atirando-se foguetes e bombas. Houve *vivas* a João Francisco e *morras* aos federalistas.

. • .

Montevidéo, 26—Corre que o almirante Custodio de Mello vai apresentar-se para substituir Saldanha da Gama no campo da lucta.

. • .

Rio de Janeiro, 27—Ao Dr Sebastião de Saldanha —Montevidéo—Autoridades Livramanto já receberam

---

canas, de fazer parte dos respectivos Clubs e o astuto propagandista Quintino Bocayuva (Edições d'O Paiz de 1886 a 1889) adjudicava-lhes duas entidades distinctas na mesma individualidade official « uma civica para rebellar-se contra a autoridade constituida e a forma de governo, outra militar para fazer o serviço do quartel e respeitar ahi ao superior hierarchico » ; e si o Imperador, o Sr. D. Pedro II, de saudosa memoria, tivesse respondido ás saudações e homenagens da legalidade victoriosa, accentuando a vileza cuspida sobre o corpo insepulto do intrepido marechal, que tanto havia honrado o exercito e a patria, S. Ex. o Sr. Dr. Prudente de Moraes, por certo, acharia que o Monarcha Brazileiro, com todos os seu fóros de precláro, procedendo por tal forma collocara-se muito a quem do *Negus Menelik* da Abyssinia.

ordem entregar-vos cadaver vosso irmão—Prudente de Moraes.»

.·.

Montevidéo, 27—Os Jornaes continuão a occupar-se do combate de Campo Ozorio e morte de Saldanha da Gama, cuja versão de suicidio é repellida pela opinião imparcial e insuspeita.

Inserem hoje a sua biographia, declarando que era uma das figuras mais salientes dos militares actuaes do novo continente e que personificava a lealdade e a valentia.»

.·.

Montevidéo, 27—Persistem em assegurar que o almirante Custodio de Mello está decidido a retomar a offensiva contra as forças do governador Castilhos»

.·.

Montevidéo, 27—ás 11 e 20 m. da noite—O Dr. Sebastião de Saldanha teve communicação hoje de ter o Presidente da Republica ordenado ao commandante das forças federaes que mandasse entregar-lhe o cadaver de seu irmão o almirante Saldanha da Gama.

Si a entrega se effectuar, o corpo virá embalsamado para cá.

Em uma numerosa reunião de brazileiros, acaba de deliberar-se solemnes homenagens á memoria de Saldanha da Gama e de seus companheiros mortos no combate de 24; sendo para tal fim nomeada uma commissão, composta de dez membros, que ficou incumbida de mandar receber e trazer o cadaver do almirante e de promover-lhe os funeraes, para os

quaes serão convidados indistinctamente brazileiros e estrangeiros.

Até esta hora o Dr. Sebastião de Saldanha não recebeu do coronel Paula Castro, chefe da guarnição do Livramento, resposta ao telegramma que lhe dirigio ás 2 horas da tarde, relativamente á ordem expedida pelo Dr. Prudente de Moraes para a entrega do corpo do almirante.

.˙.

Montevidéo, 28— Partio hoje para Rivera a commissão que vai receber das autoridades de Sant'Anna do Livramento o cadaver do almirante Saldanha da Gama e transportal-o para aqui. Fazem parte d'ella os Snrs: Dr. Carlos Landares, Ramon Silveira, Francisco Secco e Lourenço Carvalho.

.˙.

Rivera, 29— Chegou hoje a commissão designada pela colonia brazileira de Montevidéo para receber o corpo do almirante Saldanha da Gama. A opinião geral é que ella não obterá o cadaver, apesar das ordens dadas pelo presidente Prudente de Moraes e pelo governador do Rio Grande do Sul Julio de Castilhos.

A commissão dirigio-se incontinente á Sant'Anna do Livramento.

.˙.

Montevidéo, 30 ás 10 e 20 m. da noite—Telegraphão da Rivera o seguinte:

Costa Mendes, Chiquinote e o coronel Ulysses puderão sepultar 51 cadaveres. Estavão todos nús e degollados e alguns, como o de Timotheo Rosa,

horrivelmente mutilados. Os governistas somente sepultarão os seus.

Continua ser opinião geral que o cadaver de Saldanha não será entregue. O Intendente de Sant'Anna do Livramento declara não dispor de força para ir ao logar da batalha, sob pretexto achar-se agora occupado por federalistas, cousa inacreditavel, e accrescenta que, si o governo insistisse, elle se demittirá, por não poder cumprir a ordem.

Outro telegramma que acabo de receber diz:

« Corre a versão, que alguns julgão verdadeira, que Saldanha foi lanceado pelo major Tambeiro. Cahindo do cavallo, levantou-se e procurou dirigir-se para outro ponto, sendo novamente lanceado. Affirma-se que tinha no bolso um cheque de 3,000 francos. Tambem affirmão que todo o archivo foi salvo.»

A commissão brazileira continua em Sant'Anna do Livramento a espera do cadaver do almirante Saldanha, cujo revolver, ainda com algumas balas, dizem estar em poder de um irmão de João Francisco.

A enfermaria de Sant'Anna acha-se cheia de feridos castilhistas.

O Dr. Saldanha da Gama tornou a telegraphar ao Dr. Prudente de Moraes, em vista de nenhuma solução dada pela autoridade do Livramento.

Presume-se que o almirante Saldanha, que esperava ser atacado, fez arredar do acampamento, na vespera, a maioria dos moços que o acompanhavão, mandando-os em commissão.

Noticiario e Juizo da Imprensa[1]

1895

D'O Paiz de 26 de Janeiro.—Revolução do Sul e a morte de Saldanha da Gama.

«Recebemos hontem de noite os telegrammas do Sul que hoje publicamos, noticiando o tremendo combate entre as forças revolucionarias e as forças legaes, ao commando do general Hipolyto.

Os rebeldes foram mais uma vez derrotados pelas tropas republicanas, succumbindo, além de outros officiaes, o ex-almirante Saldanha da Gama.

A' hora relativamente adiantada em que recebemos a confirmação desta noticia não nos é possivel commentar, com a largueza que a importancia do facto requer, esta brilhante victoria das forças legaes sobre os revolucionarios do Sul.

Em todo o caso é licito prever que o resultado deste combate, cujos permenores nos faltão ainda, deve influir poderosamente para que a paz se firme, porque o federalismo soffreu um golpe de morte com a perda do seu chefe militar, o caudilho restaurador Saldanha da Gama.

Sabe-se que era elle a alma do movimento, o braço direito do directorio monarchista forjado pelo

---

(1) Deixão de ser mencionados muitos outros orgãos, publicados no Brasil e paizes estrangeiros, por não ter sido possivel obtel-os a tempo.

genio sinistro do Sr. Gaspar da Silveira Martins. Graças á sua energia, á sua coragem, á sua tradição de um militar illustre, a revolta creára nova seiva de esperanças, seiva que viera fortalecer e animar na capital da Republica a reacção contra o regimen institucional vigente.

Saldanha da Gama era o representante fiel do sentimento e das aspirações monarchistas; corporisava a luta tremenda travada entre o regimen decahido e a idéa republicana.

Com esse corpo que tombou no campo de combate devem ter tombado tambem as ultimas illusões desse bando de rebeldes, que ha dois longos annos perturbam e ensaguentam a patria, tentando impor a esta parte do continente americano ó sudario de uma realeza oppressora.

Possa o sangue desse homen, estranhamente transviado do dever militar, mas que manda a justiça dizer que foi sempre um bravo, um inimigo com qualidades nobres de coração e virtudes notaveis de guerreiro, possa o sangue desse homem, tão responsavel pelas desgraças da patria, servir de seiva fecunda para a fructificação da paz na familia brazileira.

Erão 7 horas quando recebemos o primeiro telegramma.

Immediatamente affixemos o original á porta do nosso escriptorio.

A' sala da redacção grande numero de co-religionarios affluio, afim de que lhes déssemos a confirmação e detalhes que só nos vierão depois da meia noite.

Ao marechal Floriano Peixoto foi enviado o seguinte telegramma:

« MARECHAL FLORIANO —DIVISA — Telegramma agora recebido do pai do Dr. Rivadavia Correia, deputado federal pelo Rio Grande do Sul, diz: «federalistas derrotados; Saldanha morto.»

Ao benemerito consolidador da Republica saudamos por tão assignalada victoria — *Antonio Azeredo, Rivadavia Correia—Gomes dos Santos* (Radical)—*João Salles—Mario Barbosa*.» (1)

Da Cidade do Rio de 26 de Junho — Morto?

«Logo que circulou, hontem a noite, a noticia da morte do Sr. Saldanha da Gama, alguns dos convivas da legalidade fizeram estourar *champagne*, para brindar mais esta victoria do castilhismo.

O telegramma diz que o illustre almirante morreu com as armas na mão, e em um combate desigual, em que 600 homens luctavam contra mais de mil.

Sem roupa, sem armas, sem munições de guerra e de bôcca, estes heróes vestem-se sómente com as tradições da terra gaúcha, e nutrem-se do ideal de uma patria livre.

Perseguidos sem treguas por forças muito superiores em numero e armamento, as indomaveis le-

---

(1) Altos decretos de cima!

Decorridas apenas 90 e poucas horas depois d'esta soffrega saudação, o marechal Floriano Peixoto lá na Divisa (Estado do Rio) entregava a alma ao Creador, após longa agonia e abundante hemorragia!

Note-se mais: falleceu ás 5 horas da tarde de 29 (dia de S. Pedro) e ainda na edição d'esse dia o mesmo *O Paiz* noticiava que elle se achava em melhores condições de saude e regressava por isso á Capital Federal!

giões fazem milagres de valor e dão ao mundo o exemplo da mais extraordinaria abnegação.

Nem as tropas de Gustavo Adolpho, e mereceram a honra de reviver na penna de Schiller, se lhes comparam nos dias amargos das suas desgraças quando, abandonadas e trahidas por todos os alliados, tinham de recorrer ao fervor da fé como estimulo derradeiro.

Quando se amortecerem as paixões ; quando da violencia da guerra civil restarem somente paginas imparciaes e frias, narrando os episodios da guerra civil e cotejando a bravura dos dous campos , a tradição, a lenda e a historia hão de ir respigar, com a pureza de Ruth, os pampas ensopados de sangue, para recolher religiosamente a memoria dos bravos, que, em uma época de servilismo epidemico, honraram os annaes da liberdade humana sacrificando-lhe serenamente propriedade, familia e vida.

Já, hoje, quem lê a historia da Revolução Franceza não repete mais a acclamação sanguinaria do Jacobinismo aos seus heróes do momento.

A critica iconoclasta da posteridade destruio, sentenciando-os no seu tribunal austero, todos os idolos e é com a ponta do pé que ella affasta a cabeça de Robespierre e Saint-Just.

Ao contrario, uma piedade invencivel canonisa o martyrio da maioria de girondinos, cujo patriotismo e sentimentos humanitarios renascem da morte com um brilho de constellação.

Fez-se ao Sr Saldanha da Gama grande carga do seu manifesto, que para nós foi simplesmente impolitico, mas não restaurador, como o acoimaram.

Mas a injustiça devia ficar patente e o odio devia trahir-se, mais tarde, na accusação de corbardia do homem, que um mez antes da capitulação de 13 do

Março havia demonstrado que sabia despir a farda de almirante em meio do fogo vivo, e amortalhar com ella os companheiros feridos no tremendo combate da Armação.

Disseram que o almirante havia deshonrado a marinha e a farda do Brazil, recolhendo-se a bordo das corvetas portuguezas. Soube-se já ao certo que só a desesperada situação, em que a esquadra se encontrava, forçou o seu commandante a salvar-se pela capitulação, que é mais que um direito, é um dever, quando a existencia é de todo impossivel e o suicidio improficuo.

Trocando o oceano pelo pampa; indo procurar de novo a batalha, para submetter-se aos seus caprichos, o sr. Saldanha da Gama desmentio galhardamente seus rancorosos diffamadores.

Apuraram-lhe a capitulação como cobardia; por que celebrar bachanaes sobre a noticia da sua morte em combate?

Depois da derrota de Março, preparada pela inercia e pela inepcia, naquelles dias tremendos em que se destacavam turmas de marinheiros para a faxina da morte, os legalistas banqueteavam-se e escandalisavam o theatro de tanto fratricidio, esta misera terra, com as festas da victoria delles.

Podia-se então desculpar esta allucinação. Os corações ainda não haviam voltado á serenidade; o odio ainda não havia tido tempo de arrefecer.

Mas, hoje, decorrido mais de um anno; quando se sabe que a marinha revolucionaria poupou misericordiosamente esta cidade; quando se sabe que ella não attentou contra a vida de seus prisioneiros e restituio mesmo alguns delles ás suas familas, por que tripudiar sobre a memoria de um homem que

morreu cumprindo o seu dever de soldado revolucionario no campo de batalha?

Si o Sr. Saldanha da Gama é morto, honremos no seu nome o heroismo brazileiro.

Do Jornal do Brazil de 26 de Junho.—Saldanha da Gama.

Os importantes e minuciosos telegrammas que publicamos na secção competente noticiam a morte em combate do chefe revolucionario Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Como se sabe, este militar, desde que rompeu a neutralidade na bahia do Rio de Janeiro e que assumiu a direcção das forças revolucionarias na ilha das Cobras, manteve-se sempre na posição de chefe, porquanto, apesar da rendição de 13 de Março do anno passado, e do asylo a bordo dos navios de guerra portuguezes, Saldanha da Gama conseguio desembarcar no Rio da Prata com grande parte dos seus companheiros, indo incorporar-se ás forças revolucionarias do Rio Grande do Sul, onde, transformando-se de almirante que era em general de terra, collocou-se á frente de forças que elle proprio arregimentava de combinação com os outros chefes revolucionarios.

A noticia da morte de Saldanha da Gama e de seus companheiros é um grande golpe e uma grande perda para os revolucionarios do Rio Grande do Sul, si bem que não altere em muito a causa federalista que ainda conta chefes aguerridos e para quem por certo esta catastrophe de um punhado de companheiros vai ser um novo incitamento.

Para os brazileires em geral a morte de Saldanha da Gama, apezar da sua qualidade de revolucionario que o tornou antipathico para muitos, não pode deixar de produzir profundo sentimento de tristeza, porque, a parte essa phase ultima de sua vida, Saldanha da Gama foi um dos mais illustres almirantes da nossa armada, que muito procurou dignificar.

Aspirante a guarda-marinha em 26 de Fevereiro de 1861, foi nomeado guarda-marinha a 26 de Novembro de 1863, 2º tenente a 22 de Dezembro de 1865, 1º tenente a 21 de janeiro de 1867, capitão-tenente a 2 de Dezembro de 1869, capitão de fragata a 9 de Dezembro de 1879, capitão de mar e guerra a 25 de Maio de 1889 e, finalmente, contra-almirante a 14 de Novembro de 1891. Era condecorado com as medalhas de merito das campanhas do Paraguay, Uruguay e tomada da villa de Uruguayana.

Cobrem-se hoje de luto, naturalmente, não poucas familias brazileiras com mais este desastrado acontecimento da encarniçada guerra civil que ensanguenta o Rio Grande do Sul, e para a continuação da qual parece que tudo se conspira.

O « Jornal do Brazil » que tanto se tem esforçado por ver terminada esta luta fratricida, appella mais uma vez para os poderes publicos afim de que não tenhamos que chorar mais desgraças neste nosso Brazil, digno de melhor sorte.

Da Gazeta da Tarde de 26 de Junho—Saldanha da Gama

Nos campos do Rio Grande do Sul a morte acaba de entrelaçar louros e goivos em mais uma pagina da historia do Brazil!

Saldanha da Gama, o brazileiro illustre, o notavel marinheiro, o cavalheiro fino e correcto, a possante mentalidade, a invejavel illustração, o bravo, o glorioso revoltado, acaba de cahir no campo de batalha, crivado de golpes, luctando como heróe, e por fim degollado por inimigos rancorosos e carniceiros.

O sólo do Rio Grande devia ter estremecido ao baque d'aquelle gigante!

O valente marinheiro, accusado de cobardia a 13 de Março do ando passado por ter salvado sua guarnição de um sacrificio inutil e inglorio, acaba de mostrar eloquentemente que sabia enfrentar a morte e atirar-se-lhe nos braços heroicamente.

Envolvendo-se na lucta do Rio Grande do Sul, provou que não tinha fugido, reanimando a revolução, demonstrou os seus talentos militares; luctando e morrendo heroicamente em lucta desigual, respondeu com o sangue e com a vida aos que lhe atiraram calumniosamente o epitheto de cobarde.

Cobarde, elle, que já tinha na sua fé de officio provas do contrario, que já havia assombrado com a sua temeraria coragem seus soldados e seus inimigos, a 9 de Fevereiro, em Nictheroy! Cobarde, elle, que, já ferido, volta á refréga, para tomar nos braços seu ajudante de ordens morto!

Cobarde, Saldanha da Gama!

Quando o tempo tiver apagado os odios de hoje e tiver atirado ao esquecimento as paixões actuaes,

e a historia escrever calma e imparcialmente os acontecimentos em que andou envolvido o nome de Saldanha da Gama, hão de ser bem differentes os epithetos que lhe serão dados.

Esse rebelde, tão malsinado e odiado pelas dictaduras e seus adoradores, ha de ser ploclamado o martyr gloriosamente sacrificado á liberdade de sua patria! Esse cobarde, que não quiz fazer sem proveito nem gloria a hecatombe de um punhado de bravos na bahia de Guanabara ha de ser pintado como um heróe, que foi tão notavel, morrendo no campo de batalha, quanto o tinha sido em vida.

E' assim que a historia ha de fallar desse filho illustre que a sorte da guerra acaba de roubar ao Brazil; e o *O Paiz*, impondo silencio ás intransigencias de seu partidarismo, já hoje começou a fazer-lhe merecida justiça.

Que se regosigem os seus inimigos de hoje; que bata palmas o Sr. Julio de Castilhos ao triumpho que lhe acaba de ser dado pela cegueira da morte e pelo azar da guerra; que se arrependa o Sr. Presidente da Republica, vendo o sacrificio de um nome brazileiro illustre, de não ter tido a coragem, a decisão e o patriotismo de pôr termo á guerra civil no Rio Grande do Sul; que, pelo mesmo motivo, curta o Senado o remorso que agora lhe vai custar sua recusa a uma amnistia completa; tripudiem sobre uma sepultura fresca, sobre um sangue generoso e ainda quente os representantes do Rio Grande, fazendo espumar o *champagne* nas mezas de um café cantante; façam o que quizerem; amanhã, a historia ha de dizer a verdade, e o glorificado será Saldanha da Gama!

Pigmeus, não veem que ali, d'aquelle ponto do territorio rio-grandense, onde tombou o cadaver do glorioso revolucionario, levantou-se uma gloria, e a morte escreveu uma epopéa!

E fizeram bem os janisaros do Sr. Julio de Castilhos, degollando o glorioso ferido e poupando-lhe a humilhação da prisão e o martyrio dos máos tratos; do mesmo modo que para o almirante batavo, nas nossas luctas com a Hollanda, só o oceano foi um tumulo digno, só os immensos e magestosos pampas do Rio Grande do Sul podiam ser o tumulo digno do cadaver de Saldanha da Gama!

Que aquella terra, grande pelo heroismo e malaventurada pelo despotismo que a opprime, guarde em seu seio os restos do seu heroico defensor.

E acceitem a patria, a marinha nacional e a familia do grande morto as expressões do nosso mais profundo e sincero pezar.

Do Correio da Tarde de 26 de Junho—Saldanha da Gama.

Desde hontem, logo que os nossos collegas da rua do Ouvidor affixaram em suas portas telegrammas noticiando a morte do illustre brazileiro, cujo nome encima estas linhas, o povo fluminense sentiu uma profunda magua invadir-lhe o coração, e em todos os semblantes daquellas pessoas que recebiam tão doloroaa noticia notava-se uma conturbação manifesta.

Embora a gente do LEGALISMO, essa gente rancorosa e pervertida procure offuscar os meritos do valente e legendario marinheiro, cuja epopéa foi es-

cripta com todo o valor do seu heroismo e das suas alevantadas virtudes civicas, os verdadeiros patriotas saberão tributar a esse vulto toda a sua veneração.

Publicar aqui a brilhantissima «fé de officio» do heróe de 9 de Fevereiro, é coisa de que nos abstemos, porque em nossa folha não teriamos o preciso espaço para narrar todas as minudencias da sua vida e de seus feitos.

Agora, empenhado na lucta, em que succumbiu victimado pelo seu entranhado amor patrio, elle não se deixou curvar pelos rigores do inverno nem pelo calor da palavra inimiga.

Saldanha da Gama morreu para o mundo, mas nasceu para a historia, que ha de saber narrar os seus gloriosos feitos, que tanto assombraram o mundo e que foram, aqui na bahia de Guanabara, alvo da admiração da esquadra estrangeira surta em nosso porto.

Com o coração ferido de acerba dor, curvamonos reverentes ante a memoria do intrepido brazileiro, desfolhando saudades sobre o montão de terra que cobre no fundo de um Rincão o cadaver do grande e bravo marinheiro.

D'A Noticia de 26 de Junho

« Seja de festa o dia de hoje para os irreconciliaveis, que prolongam as coleras humanas além da morte, seja de acrimonias e represalias para os irmãos da mesma cruzada odienta, elle é de concentração melancolica para os homens serenos, para as consciencias boas.

Morrer em combate foi sempre, em todos os periodos da historia humana, um titulo de veneração: o selvagem mais brutal, luctando como féra bravia pela furia da mashorca e pela gula anthropophaga, tinha cultos respeitosos em honra á bravura infeliz; o *condottiere* impenitente, nos assaltos do saque e da *vendetta*, conhecia os estremecimentos de enthusiasmo pelo heroismo mallogrado.

O brazileiro hontem morto era uma figura querida da nossa armada, tradição honrosa da guerra, exemplo de amor profissional, de correcção e disciplina para os seus pares e subalternos.

Durante muitos annos, mesmo depois da Republica, emquanto o olhar inquieto dos patriotas via agitarem-se nas manobras trefegas da politicagem centenas de militares, chefes rebaixando-se em transacções e deslealdades de baixa esphera, officiaes sonhando com o ministerio e dictaduras nos Estados, a figura de Saldanha da Gama symbolisava o typo classico do soldado, encastellado no brio militar, mais digno de respeito ainda, quando se sabia comprimir na correcção da farda um peito dedicado ás instituições e ás pessoas do antigo regimen.

Lembro-me ainda do dia em que devia ter logar no Congresso Nacional a eleição do primeiro presidente constitucional da Republica. Temia-se talvez sem fundamento sério, que certo grupo militar tentasse affrontar o Congresso, caso elegesse para aquelle cargo—candidato civil.

Era então—devem lembrar-se bem as testemunhas d'esse momento—Saldanha, commandante das forças navaes desembarcadas, uma das esperanças mais ardentes, uma das confianças mais solidas dos amigos da ordem, dos bons republicanos.

O 6 de setembro veio transvial-o: a rigidez do seu caracter, enfraquecido pelo impulso das suas crenças, abalado pela fraternidade da classe, não foi bastante para amparal-o; e a correcção e disciplina do soldado foram arrastadas na corrente dissolutiva dos pronunciamentos.

Entretanto, ha ainda ahi uma justiça a fazer ao marinheiro morto: é que o dirigio nesse acto de desvario um sentimento impessoal, ainda que impatriotico, um ideal desinteressado, ainda que retrogado.

Saldanha da Gama era monarchista por herança, por indole, por educação e por influencia do meio. Fossem quaes fossem as suas palavras, os seus processos de acção, conduzia-o na revolta esse sentimento radical de sua alma.

E nisso está justamente a attenuante do seu procedimento, a proeminencia sobre os outros, instrumentos de odios, de ambições e de despeitos mesquinhos.

Do Jornal do Commercio de 27 de Junho.—Saldanha da Gama.

Como se já não bastassem os sacrificios de toda a ordem que nos tem custado a perda sem conta de vidas, de esforços, que nos vão lentamente depauperando, e mais que tudo, as perniciosas consequencias da discordia e do odio que hão de sobreviver, quando algum dia ella haja de se extinguir, a nefanda guerra civil do Rio Grande do Sul acaba de nos arrebatar, de um modo tragico e doloroso, em pleno vigor da vida, um Brazileiro illustre, em quem confluião os mais raros predicados, um militar

cheio de virtudes as mais nobres e raras, justo orgulho de toda a sua classe, e que envolvido, máo grado seu, pela tremenda discordia que se desencadeiou ha cêrca de dous annos sobre a nossa patria, soube conservar intactos, até ao ultimo momento, com uma nobreza e sobranceria nnuca assás louvadas, a pureza e a honra de seu nome e de sua classe.

A todos os verdadeiros Brazileiros, áquelles a quem não turvão as paixões do momento, obliterando-lhes a exacta visão das cousas, a noticia da morte do almirante Saldanha da Gama fere como qualquer cousa de anormal, de paradoxal, e consterna sobremaneira, como uma perda irreparavel. Sentia-se nelle tamanha intensidade de vida, era elle tão prompto e animado, dava uma tamanha impressão de movimento, a tal ponto parecia carregado de energia vital, que só penosamente se póde associar a sua idéa á da morte, e da morte que bruscamente deu tragico desfecho a uma vida fadada aos mais nobres commettimentos.

Não queremos neste momento apreciar o homem politico, que elle teve de se fazer á ultima hora, coagido pelas circumstancias e contrariando as tendencias de seu espirito e de sua educação. Só uma commoção profunda, como a que abalou a nação e mais particularmente a armada, poderia, pela fatalidade das cousas, arrastar o almirante Saldanha a assumir a posição que tomou em face da revolta. O homem politico improvisado podia ter errado, levando assim o militar que até então se conservára sem jaça e irreprehensivel.

O que é preciso, porem, ficar bem patente e bem claramente assignalado, foi a nobreza incomparavel de seu animo, em face dos acontecimentos e a pureza dos moveis a que obedeceu.

Com uma carreira gloriosa, figura dominante de toda a sua classe, para quem se volvião enlevados todos os olhares, com o valor pessoal que o distinguia, com a superioridade que logo se impunha, e a que lhe davão jus a sua elevada intelligencia, a sua educação aprimorada, o seu cultivo intellectual, a seducção incomparavel de sua pessoa, solicitada até á perseguição com proventos e honrarias, vendo abertos de par em par todos os accessos a que podem conduzir as ambições humanas, no meio do desencadeiamento das cubiças de mando das classes, conservou-se impolluto e, no seu erro destacou-se, como uma excepção gloriosa, deixando como um exemplo de alta nobreza a grandeza de seus moveis e de seus sentimentos.

Não o cegou a ambição pessoal, bateu-se como cavalheiro que era, pelas idéas sãs ou erradas que o animavão e morreu gloriosamente com as armas na mão, tendo renunciado a todos os confortos e commodidades.

Tripudiem embora sobre o seu corpo, onde pulsou uma vida tão generosa, tão cheia de dedicações e de valor, aquelles que sobrepõem as suas paixões á Patria e á justiça, e que só vêm irmãos nas linhas dos seus partidarios. Para nós, a quem não pertubão a nossa serenidade de justiça, sentimentos de odio, nem os fanatismos do momento, é com dôr profunda e sincera que registramos o desapparecimento de um Brazileiro, cuja vida por tantos e tão assignalados actos bem merecêra da Patria.

Esta vida, estes serviços são a sua fé de officio.

Da Gazeta de Noticias de 27 de Junho—Saldanha da Gama.

A noticia da morte de Saldanha da Gama causou funda impressão nesta cidade. Não fallaremos naqnelles que entenderam dever manifestar o seu modo de sentir bebendo *champagne* e congratulando-se pelo facto. As guerras civis têm esses horrores; os odios que ellas acendem dão logar a toda ordem de aberrações.

Comprehende-se que para a causa do governador Castilhos e para a do governo federal, que esposou aquella e por ella continúa a bater-se, a morte de Saldanha da Gama representa um claro aberto nas fileiras da revolução, claro que não póde deixar de enfraquecel-a muito; mas convem não esquecer que o federalismo faz uma guerra de recursos na fronteira, e que mesmo sem este chefe essa guerra póde prolongar-se ainda por muito tempo. Os horizontes não ficam por isso muito menos turvos do lado do sul, a revolução nem por isso deixa de continuar a ser um sorvedouro de dinheiros publicos, do nosso credito e da nossa tranquillidade.

O que se não póde sem injustiça é injuriar o nome do homem que, tendo-se transviado, tendo-se ligado a uma revolta que foi o mais grave erro que se commetteu neste paiz depois de 15 de Novembro de 1889, tendo publicado um manifesto que foi a condemnação da revolta, soube ser soldado até ao fim e morreu a morte honrada e gloriosa do soldado. Fosse qual fosse o movel do seu procedimento nesta desgraçada campanha, deve-se fazer á memoria de Saldanha da Gama a justiça de reconhecer que elle foi um dos mais distinctos officiaes da nossa marinha de guerra, e que, si nesta ultima phase de sua

vida entendeu mal o seu dever, pelo menos soube cumpril-o como o tinha entendido, até o sacrificio da propria vida, que mais de uma vez expoz aos azares da batalha.

E' licito que partidarios se congratulem vendo diminuidas as probabilidades de victoria de seus adversarios; mas quando cahe um inimigo como Saldanha da Gama, os homens que têm coração descobrem-se diante do seu cadaver e honram a si honrando a sua memoria.

Do Diario de Noticias de 27 de Junho.—Almirante Saldanha dá Gama.

A impressão produzida no Rio de Janeiro pela noticia da morte do Sr. Luiz Felippe de Saldanha da Gama não podia ser maior, pois elle representava um ideal tão querido por uns, como detestado por outros, não havendo talvez nem siquer um pequeno numero de indifferentes no caso.

O almirante revoltoso significava um programma, synthetisava uma idea, interessando toda a Republica em suas aventuras guerreiras, pois dellas talvez dependesse a sorte das instituições actuaes, porque, assim como a sua derrota pode influir na consolidação do novo regimen, a sua victoria podia trazer-nos séria inquietação e quem sabe se não até a restauração!

Monarchista por indole e por educação, por herança e por temperamento, o Sr. Saldanha da Gama não occultou os seus sentimentos quando, tendo de se envolver na revolta de 6 de Setembro, publicou o seu manifesto francamente restaurador, dizendo

que era de *justiça repor as cousas como antes do dia 15 de Novembro de 1889*. Até então o marinheiro disciplinado, chefe querido e respeitado pelos seus camaradas e estimado por todos quantos o conheciam, nunca se pronunciara em politica, fazendo sempre as maiores reservas e declarando-se sempre obediente á lei e á autoridade e contra todas as manifestações de indisciplina e de caudilhagem.

Affastado dos partidos politicos desde o Imperio, o Sr. Saldanha da Gama affastou-se na Republica dos agrupamentos politicos, deixando-se transviar somente, mas acreditamos que ainda por obediencia á autoridade superior, quando acceitou a sua promoção illegal ao posto de contra almirante, cumprindo todas as ordens emanadas da dictadura e procurando resistir em nome do golpe de Estado de 3 de Novembro. Fóra desta posição difficil em que se collocou, talvez levado pela disciplina, nenhuma outra vez envolveu-se em luctas politicas o almirante morto, que pelo seu trato e cultivo impressionava tanto num salão pela sua delicadeza e pela sua correcção fidalga, como sabia fazer-se respeitar como almirante, tornando a disciplina uma realidade. (1)

Mas passaram-se os tempos e o movimento revolucionario na Armada veio comprometter quem

---

(1) A doutrina é correcta e moralisadôra, não ha duvida, mas cumpre á Historia registrar o seguinte:

Quem ora a proclama, tão severamente profligando a promoção de contra-almirante de Saldanha da Gama, e averbando a este o dezar de têl-a acceitado passivamente, como um acto illicito, oriundo da dictadura assumida pelo marechal Deodoro da Fonseca, presidente da Republica, desde que dissolveu o Congresso Nacional, contra a letra expressa da Constituição de 24 de Fevereiro, é o mesmo redactor chefe do *Diario de Noticias*, o Sr. Antonio Azerêdo, ex deputado geral por Matto Grosso, que, em 1892, applaudio o acto dictorial do substituto de Deodoro, o marechal Floriano Peixoito, que reformou violentamente a onze ge-

tanto se esforçava por ser o mais correto de sua classe, e o que nimguem póde contestar é a resistencia que elle offereceu aos seus companheiros, antes desse maldito pronunciamento de Setembro. Convidado pelo capitão de fragata Alexandrino de Alencar para a revolução, o Sr. Saldanha da Gama declarou: 1º que não ia na rebadilha de ninguem; 2º que não dirigia seus camaradas para caminho errado.

E o Sr. Saldanha da Gama foi convidado para chefe, mas recusou ainda, promettendo então, segundo dizem, conservar-se neutro. E assim foi, pois o director da Escola Naval conservou-se alheio ás luctas até o dia 7 de Dezembro, quando fez espalhar o seu famoso manifesto restaurador, que tanto impressionou o paiz inteiro, tendo, durante os tres mezes da sua neutralidade, dado provas da sua energia, indo a bordo buscar muitos dos aspirantes que fugiam para a esquadra.

Mas o Sr. Saldanha da Gama não foi bastante forte para resistir ás seducções dos seus companheiros e de suas convicções monarchicas, rompendo a sua neutralidade criminosa e fazendo conhecido o seu manifesto restaurador.

A disciplina do almirante, respeitador e obediente á lei, estava já quebrada com a sua neutrali-

---

neraes de terra e mar, rasgando da mesma forma o pacto fundamental, e não teve uma só palavra d'estranhesa siquer para os officiaes que se apavonaram com as bordados e galões adquiridos a custa desse escandaloso attentado administrativo, chrismado então com o titulo de *acto de energia*, cuja crassa illegalidade foi afinal, tres annos depois, reconhecida e condemnada por *accordão do Supremo Tribunal Federal*, confirmando a sentença do Juizo Seccional, na acção movida por uma das illustres victimas o provecto marech l José d'Almeida Barreto, e cuja plena nullificação de facto foi ultimamente decretada pelo governo do Dr. Prudente de Moraes.

Portanto, dous criterios para o mesmo commettimento!

dade durante tres meses e contra a qual nos pronunciámos desde logo porque não comprehendiamos semelhante procedimento na classe armada; foi talvez por assim o comprehender, que o Sr. Saldanha da Gama, vendo-se perdido, pelo erro em que cahira, abandonou a neutralidade em que se achava, hasteando a bandeira negra da restauração. E assim fazendo, provou a sua grande intelligencia, porque os revoltosos já tinham dado tudo o que podiam dar; entretanto, os monarchistas conservavam-se encolhidos e um golpe de audacia podia levar á revolta um auxilio poderoso, pelo levante que podia dar-se em terra. Mas os monarchistas receiaram e, a não ser o Sr. Andrade Figueira, que trabalhava, os demais co-religionarios de s. ex. dormiam com o pesadello do medo, deixando á sua sorte o bravo almirante, que se fez então chefe do movimento.

Mas a Providencia de que fallou um estadista do Imperio vela pela Republica, impossibilitando a restauração, na qual ainda pensa muita gente. E d'ahi esse formidavel desastre de 13 de Março que deu em resultado a fuga do almirante morto no Campo Ozorio pelas forças republicanas do sul.

Asylado a bordo de um navio de guerra estrangeiro o Sr. Saldanha da Gama, que já havia quebrado a correcção que todos lhe admiravam, com a sua neutralidade, fugiu para terra, de onde seguio para a Europa.

Durante a ausencia do illustre marinheiro e depois da morte de Gumercindo Saraiva, o movimento do sul estava como que abafado, o desalento tinha invadido os federalistas, que viviam dispersos pelas fronteiras, mas o almirante volta da Europa, onde conseguiu angariar recursos com os monarchistas,

e começa o seu esforço no sentido de reunir os elementos de lucta, reorganisando as forças federalistas e, de accordo com o Sr. Silveira Martins, tomou a chefia do exercito, dirigindo a campanha revolucionaria, com a sua intelligencia, actividade e convicções monarchicas.

A invasão do Rio Grande torna a dar-se e a lucta recomeça com mais intensidade, encaminhando o Sr. Saldanha da Gama os seus amigos e co-religionarios, até que no encontro de ha tres dias pereceu á frente do seu exercito, que foi obrigado a abandonar o territorio oriental, pelas providencias tomadas pelo governo uruguayo, demittindo autoridades conniventes ou sympathicas aos federalistas.

Neste momento a morte do Sr. Saldanha da Gama para a revolução é mais sensivel do que a perda de Gumercindo no fim da revolta de Setembro.

Reunindo em si as qualidades de um chefe extraordinario e capaz de conseguir recursos pecuniarios da parte dos seus amigos da Europa e do Brazil, é possivel que com o seu desapparecimento a revolução termine, ou pelo menos que ella enfraqueça a tal ponto, que em breve se extinga de uma vez. Outros podem entender que a morte do almirante seja um incitamento; nós, porém, pensamos que ella concorre para a terminação dessa lucta desgraçada que tantas vidas ha ceifado, esterilisando o solo fertilissimo do Rio Grande. Além disto, o Sr. Saldanha da Gama era uma bandeira e representava um programma, emquanto que os que ficam e se acham envolvidos na lucta, tanto irão para frente como para traz, acceitando a restauração ou a dictadura, uma vez que o seu chefe mande e imponha a sua vontade.

E' neste sentido que se deve apreciar a morte do almirante, que foi uma gloria da nossa Armada e que se transformou num caudilho vulgar, depois de esquecer o seu honroso passado.

A morte, pois, do Sr. Saldanha da Gama não podia impressionar mais do que impressionou, causando pezar e alegria a todos quantos se interessam pela politica do paiz.

Não é pelo desapparecimento do individuo que a sua morte causou dôr ou prazer, mas porque elle representava um ideal que uns applaudiam e que outros condemnavam.

O almirante revoltoso encarnava a idéa restauradôra, que tem adeptos e adversarios, e uma vez que todos se batem em nome dos principios, o homem desapparece para dar logar ao ideal, não passando a morte de um simples accidente.

Lastimando a morte de um marinheiro illustre, jamais dexariamos de applaudir a victoria da causa republicana em jogo na revolução do Rio Grande.

Da Cidade do Rio de 27 de Junho —Saldanha da Gama.

« Foi sempre um bravo; um inimigo com qualidades nobres de coração e virtudes notaveis de guerreiro.»

Estas palavras foram escriptas pelo *O Paiz*, orgão do odio jacobino.

Nem elle poude mentir diante d'esse cadaver, que dá á guerra do Sul um relevo de Illiada, e diante do qual a epopéa nacional ha de um dia empunhar a tuba como a Grecia diante de Achilles.

Alheio ás luctas politicas, Saldanha da Gama creou o seu nome pelo cultivo primoroso do seu talento, pelo requinte das suas qualidades de gentilhomem.

Era um typo como os contemporaneos de Benevenuto Cellini, tão seductores no salão, como intrepidos na lucta, tão namorados da vida elegante como dos louros do combate.

Muito moço a guerra, como um escopro, apurou as linhas da sua personalidade. Fazendo parte da marinha nacional, o joven official demonstrou desde logo em Paysandù que tinha tanto direito a represental-a na historia das suas glorias, como de personifical-a, pela altiva abnegação, nos dias de infortunio.

A natureza incumbiu-se de esculpil-o como um busto, dos que devem figurar na galeria dos grandes homens. A sua physionomia de mascula belleza tinha uma attracção irresistivel. Alem disso, a sua palavra correntia e colorida, em varios idiomas, imantava os ouvintes, e, instrumento docil, vibrava ás manifestações da sua variada instrucção e á nobresa dos seus sentimentos.

Em New-York, onde foi representar o Brazil, n'um congresso da marinha do mundo civilisado, Saldanha da Gama proferiu, em inglez, um discurso que o fez reconhecer como uma das maiores glorias da classe, a que pertencia.

A ovação transbordou do congresso para a imprensa; repetiu-se de ouvido a ouvido pela narração do auditorio, e, dentro em pouco, a acclamação ao grande brasileiro era geral nos Estados Unidos do Norte.

Raros são os homens que têm assim conquistado renome universal.

Foram estes peregrinos dotes de coração e de espirito, que lhe deram sobre a mocidade que elle dirigia na Escola de Marinha, esse ascendente, que sobreviveu a seu infortunio, e ha de sobreviver á sua morte.

Procuraram infamal-o, infamando conjunctamente uma porção da mocidade brasileira.

E que porção! Aquella que em todos os transes de uma vida amargurada tem dado provas de uma intrepidez stoica no cumprimento do dever, contrahido para com a sua consciencia e para com as suas idéas. Aquella que demonstrou a antiga fidelidade ao Mestre; que não o discute, e o acceita, e o defende, e morre por elle.

Um dia parámos diante de uma téla de Rubens. A palheta do genio encurvava nervosamente as garras e acouchava as azas da aguia de Jupiter sobre o corpo franzino, e a face livida de Ganimedes, engilhada pelo terror, que melhor do que tudo pinta um jacto de subita micção. Ser pusillanime é o complemento da insexualidade.

Quem viu sombra de pusillanimidade n'essa briosa mocidade, que esculpiu o seu heroismo no odio que ainda lhe votam os seus e nossos adversarios na lucta contra a mais brutal e a mais infame das dictaduras?

Do mesmo modo que é impossivel impedir que os corpos se attraiam na razão directa das massas, é impossivel obstar que a mocidade, que é o futuro, admire e venere o talento, que é a immortalidade.

Disciplinador, dos que fazem a autoridade nascer do prestigio do merecimento, Saldanha da Gama foi o organisador do corpo de marinheiros nacionaes.

Lá jà não eram rapazes, já não era a alma aberta na grande estufa da civilisação, e por isso mesmo ciosa de todos os caminhos a que a educação da familia nos habitua; era o rude filho do povo, era a bella alma semi-selvagem d'essa gente do norte, direita como as palmeiras das suas praias e das suas charnecas; de fibra bastante forte contra todos os embates do mar e da dôr, e bastante flexivel e textil para se converter nas mãos de um homem de genio, em rêde a mais resistente de affectos e dedicação.

Saldanha da Gama fez-se idolatrar por esses homens. A sua palavra fêl-os ficar neutros; a sua palavra levou-os ao combate.

Por honra da valentia do brazileiro, nenhum de nós, qualquer que seja o partido a que pertençamos, e o odio que nos cegue, poderá negar que Willegaignon é uma das mais bellas paginas da historia do heroismo nacional.

Só se aprende a morrer por um homem na seducção do seu exemplo, no deslumbramento do seu prestigio.

O elogio do caracter, da alma de Saldanha da Gama, palpita n'aquellas muralhas derrocadas, e agora que elle é morto, ha de ulular, como Dido abandonada no gemer continuo das ondas, sobre aquelle arrecife.

E chamaram-n'o cobarde porque capitulou!

Em Waterloo houve quem n'um desespero lendario preferisse morrer a render-se, mas nem por isso alguem lembrou-se ainda de classificar como cobardia a capitulação do grande Bonaparte.

Não era, pois, necessario o fim tragico de Saldanha da Gama para consagrar o heroismo, com que elle se estreiára e manteve durante toda a sua vida de marinheiro.

Mas, para desfazer completamente a calumnia, um telegramma nos annuncia que o combate, em que Saldanha da Gama foi victima, durou 24 horas e só cessou quanda já não havia munições.

Que descance em paz o grande brazileiro.

Com que delicadesa de sentimentos elle amava a liberdade, sentimol-o nós n'um grande dia da nossa Patria.

Vimol-o, montado garbosamente n'um ginete, atravessar estas ruas, onde agora a infamia jacobina cospe injurias á sua memoria, acclamado delirantemente.

Desdobrava-se a procissão civica em commemoração do 13 de Maio.

Rompia o prestito o batalhão de imperiaes marinheiros, commandado por Saldanha da Gama.

Visto de longe, aquelle corpo lembrava uma grande onda coberta de espumarada em flôr.

Mas o que attrahia não era o garbo, não era a correcção dos marinheiros, era uma nota profundamente humana e civilisadôra que o seu commandante déra áquelle corpo.

O exercito, representado por alguns batalhões, fazia reluzir triumphalmente as suas bayonetas caladas nas carabinas que não ameaçavam, ao contrario dividiam o sol em myriades de sóes, como se fosse uma constellação ambulante.

Os marinheiros, porem, haviam substituido as baionetas por pequenos bouquets, como se quizessem assim dizer que só com flôres se devia d'ahi em diante conquistar a liberdade em nossa Patria.

E morreu em combate, varado por dois lançaços, recorrendo talvez ao suicidio como ultimo desforço da sua honra de soldado e de patriota, contra os oppressores do povo brazileiro, o grande soldado, o immortal marinheiro!

Não o quizeram comprehender, para poder victimal-o, e não viram que, matando-o, privavam a patria de uma força, que no presente não póde ser substituida, porque ninguem na armada—e não vai nas nossas palavras desejo de ferir susceptibilidades—ninguem ha que se lhe equipare em saber e prestigio.

Abençoada seja a sua memoria e que o reconhecimento nacional pelo grande holocausto á nossa liberdade ensine as creancinhas a repetir o seu nome e com ellas cresça a veneração á memoria do grande morto.

A respeito do capitão João Francisco, que se recommenda como vencedor de Saldanha da Gama, por um acto que elle não praticou, é o mesmo que foi mandante da morte de orientaes, pela qual o Brazil pagou fortes indemnisações.

Ha telegrammas que dizem que Saldanha foi degolado. Como se trata de tal *heroe*—o Sr. João Francisco—tudo é possivel.

Do Correio da Tarde de 27 de Junho.—Luto e Festa. —Sangue e Champagne.

Alem de indelicado e impio, o regozijo dos inimigos do brio, vendo cahir mais um illustre capitão

brazileiro, denota ainda a lamentavel puerilidade nesta época em que algum bom senso seria bem salutar para a reparação dos males que nos affligem.

Vivemos em tempos tão calamitosos que a propria indole nacional vai soffrendo modificações, perdendo parte dos brazileiros aquella generosidade e aquellas virtudes que sempre ornárão o caracter deste povo, educado nos nobres e humanos principios da igreja christã.

Entre os proprios selvagens, implacaveis na guerra e ferozes após a victoria, entre homens sem outra educação que aquella recebida na escola dos combates, em seguida ás renhidas pugnas, foi sempre merecedôra de louvores a attitude nobre dos que vencem respeitando o vencido e honrando os despojos das victimas desta tremenda barbaridade que é a guerra.

Nas lutas civis, porém, a paixão doentia, o odio insensato, o rancor inexoravel, apagão do espirito dos homens a memoria das doutrinas singelas, puras e justas da fraternidade, do perdão e do amor.

Os mais notaveis soldados, cujas façanhas illustrão a historia dos povos, merecem a estima e a indulgencia da critica, pela grandeza que demonstrárão acatando o prisioneiro, o ferido ou morto.

Os intrepidos combatentes de qualquer paiz ou época nunca negárão a coragem dos adversarios, cobrindo de calumnias a reputação daquelles com os quaes, entretanto, cruzam o ferro mortifero, na liça ensanguentada pelas discordias que divide os homens.

Entre nós, os partidarios do governo empenhão-se em assegurar que os adversarios são covardes, perversos e fracos, desprovidos de munições.

A cegueira é tamanha que os brazileiros interessados no infortunio de seus compatriotas olvidão o proprio interesse, diminuindo-lhe sua contestavel gloria, não conseguindo, em tempo prolongado, derrotar os covardes desarmados que fogem á approximação de suas legiões!

Como explicar ao futuro os bizarros acontecimentos destes tempos, quando os perversos, covardes, pobres sustentão uma luta de annos contra um governo rico, servido pelos mais devotados e valentes lidadores?

E como justificar perante o juizo sereno do porvir a morte em combate dos chefes revolucionarios accusados de tanta pusillanimidade?

Mas, principalmente, como desculpar perante a Humanidade essa orgia jubilosa do *champagne* e dos amplexos, das congratulações e dos discursos; como lavar o nosso nome nacional dessas torpezas de canibaes folgando diante do esquife de um homem morto ao serviço de suas idéas?

As calumnias vomitadas contra o virtuoso marinheiro, por cujo passamento a patria enluta-se, as miseraveis aggressões ao brio do soldado partem de criminosos hoje commodamente assentados nas galés da representação nacional, emquanto o *aristocrata, o fraco, o hypocrita, o sem virtudes* é ferido em peleja, á frente de 400 bravos contra 1,400 inimigos.

E' isso covardia, segundo a moderna e local significação dos vocabulos! A temeridade infortunada é talvez pusillanimidade e opprobrio.

Não é covardia trucidar prisioneiros inermes; não é covardia insultar á distancia; não é covardia empregar o dinheiro publico para o armamento de partidos; não é covardia degolar um ferido, um moribundo!

Covardia é fugir ao captiveiro degradante do despotismo; covardia é lutar longos annos sem armas, sem dinheiro, sem roupas, contra um exercito disciplinado!

Um Estado que resiste não só ao governo local como ao da União; um povo que tem fé no futuro e que não hesita combater pela sua fé, esse povo é covarde!

Os generaes que enriquecem, os coroneis que assassinam, os fornecedores que prevaricam, a todos esses homens que após os assassinios votão pela propria absolvição, esses são os corajosos, os bons...

Mudaram simplesmente o valor dos vocabulos; não é tão grave para a época mais essa revolução grammatical.

Depois das batalhas os corvos adejam lugubremente nos espaços, farejando a farta nutrição assegurada á sua avidez. Hoje os homens insultam suas victimas e não hesitam em revolver a terra fresca das sepulturas para ultrajar os mortos.

Em uma terra civilisada o rancor politico perturba a dôr de uma familia debruçada sobre o esquife do seu chefe!

Esse mesmo que hontem accusavam de covarde pereceu gloriosamente á sombra da bandeira revolucionaria, emquanto os seus calumniadores tagarellão na esterilidade dos conflictos parlamentares.

São os *bravos* que sobrevivem, são os opulentos e fazendeiros; a patria agonisa como seus mallogrados filhos que ainda confião na justiça e no direito.

A morte de um homen não tem o alcance do desastre de uma causa, antes, é um novo incendio

para os luctadores que não enrolão a bandeira, embora coberta de crepe.

Mais um martyr succumbe pela liberdade brazileira, um cidadão illustre, uma legitima gloria nacional desapparece.

O commandante da legalidade soberana fez ao vencido um supremo insulto, mutilando o corpo de um moribundo. Este quadro pavorosamente tragico deve ensoberbecer a autoridade dominante.

Os barbaros intolerantes, sustentadores da situação nefasta, festejão a morte de um homem, augmentando sua gloria, a dôr de seus amigos e as apprehensões do presente pelos imprevistos do futuro, ao qual roubão as probabilidades de reconciliação e paz.

Um famoso democrata, influente junto da enfermidade executiva e um *bello deputado*, autor de expertezas financeiras em S. Paulo, solemnisárão hontem o triste acontecimento, regalando-se á *champagne*. Ainda não se erigio uma estatua a Robespierre...

Honra á imprensa brazileira que soube render a devida justiça ao vencido, não fazendo côro com os aggressores desapiedados sobre um cadaver sem cabeça.

Bem haja.

Os nossos honrados confrades não se fazem echos das paixões torpes.

Gloria ao civismo dos nossos compatriotas empenhados na defesa da errante liberdade pelos campos do Sul— extremo reducto da dignidade popular.

A morte de um chefe não lançará o desanimo entre o exercito composto de heróes.»

Do Apostolo de 28 de Junho. — Saldanha da Gama

Pudessem neste momento se pôr em linha de confronto os rostos que irradiaram de alegria, e os que se banharam de lagrimas sob a dôr pungente, sentimentos tão oppostos que em uns e outros despertou a inesperada nova da morte de Saldanha da Gama!

Pudessem, sim, e nós todos, a nação e o *mundo,* pudessemos fazer um estudo, que não seria difficil, mas antes instantaneo e intuitivo, sobre os caracteres que deploram a catastrophe de que foi victima o denodado marinheiro, e aquelles que com tal desgraça se regosijam : Quem se illudiria ?

Em outros casos toda a nação sentiria pungir-se-lhe o coração e alma pela desgraça que a toda ella com certeza feriria, ceifando a vida de um de seus mais dilectos e gloriosos filhos.

Mas hoje as nossas desgraças, o nosso aviltamento chegou ao ponto de haver quem tripudie sobre o cadaver mutilado de um dos mais heroicos representantes da dignidade nacional, pois foi exactamente este o seu crime maior, e é por isso que ha brazileiros assás degradados de todo sentimento de nobreza civica, para ultrajarem a patria, que na presente quadra cobre-se de luto pela perda dos filhos assassinados, e não menos pela perda e pela vergonha de haver nutrido em seu seio os filhos assassinos.

Aquelle Luiz Felippe de Saldanha da Gama, que em uma tarde pudera, antes de reduzido a postas pelos canibaes do marechal Floriano, ter aberto uma larga avenida, calçada de ruinas e de cadaveres, desde a ilha das Cobras até o antro da féra do Itamaraty, a

13 de Março de 1893; aquelle Saldanha da Gama, que foi vilmente calumniado de covarde, porque poupou á capital de sua terra natal a maior de todas as calamidades que esteve em suas generosas mãos fazel-a soffrer, cahiu no campo da honra militar aos golpes das lanças innumeraveis de um inimigo tres vezes superior em numero, cahiu crivado de golpes e degolado pela sanha dos facinoras, ao mesmo tempo que nas orgias, com os labios a escorrerem a espuma da embriaguez, os representantes da legalidade que dilacera o coração e a dignidade nacional, dão urrhas por ver a patria orphã de um filho que não deixa successor!

A calumnia posthuma cobrindo de um ultimo ultrage, aponta-o como suicida, no momento em que viu-se perdido nas mãos dos ferozes castilhistas.

Não, não podemos crêl-o, nem isso era possivel. (1)

Combatendo até o ultimo instante. Luiz Fellippe de Saldanha da Gama não arriou as armas, ellas cahiram-lhe das mãos decepadas pelas centenas de golpes que o ferirão de todos os lados: morreu como nunca terá a gloria de morrer nenhum dos miseraveis que hoje festejam esse dia de verdadeiro luto nacional.

---

(1) De facto, em telgramma dirigido de Montevidéo ao *Jornal do Commercio*, foi declarado ter o guarda-marinha Conrado Heck desmentido desde logo a versão propalada, de haver elle e seus collegas do estado-maior do almirante affirmado o suicidio do seu glorioso chefe, o qual ao contrario se apeára do cavallo para fazer frente ao inimigo.

[illegible]

[illegible] compri
[illegible] vertigi-

[illegible] para

[illegible] nosso
[illegible] com a
[illegible] da terra
[illegible] manifestações

[illegible] moral

[illegible] incon-
[illegible] desco-

[illegible] lindas?
[illegible] logo
[illegible] da

[illegible] paixão
[illegible] lam-
[illegible] a farejar sepul-

[illegible] o mesmo não póde fugir a acção [illegible]

O *Jornal do Brazil* publica este telegramma:

«Porto-Alegre, 26.—O Dr. Prudente de Moraes, presidende da Republica, passou o seguinte telegramma ao presidente do Estado «Agradeço o vosso telegramma em que me communicaes a derrota das forças revoltosas sob o commando de Saldanha, e na qual achou a morte aquelle chefe revoltoso. Espero que este assignalado acontecimento concorra para apressar a pacificação d'esse Estado, como tanto convém aos interesses da Republica. Saudações.»

O palacio echoa assim o voseio das festas e das manifestações de alegria de Sant'Anna do Livramento!

O poder publico tem horror ao sangue. Esta tunica vermelha de doge que substiuiu a casaca democratica do governo civil horrorisa o Sr. presidente da Republica. S. Ex. quer a paz; tem a nostalgia da côr branca, que elle trazia nas suas barbas honradas e quizera repartir com a Patria... Mas S. Ex. sente que essa brancura só póde ser tomada de emprestimo aos vermes de um cadaver.

Grande tumulo o do heroe: não é um epilogo, é um inicio; mais do que isso, uma esperança.

Talvez a espada molhada na sanie do heroe salve a liberdade rio-grandense. O pús descoberto por Jenner, não é uma infecção, mas um preservativo.

. ˙ .

E' tambem um caracteristico dos paizes empestados, dos dominios da morte, a gargalhada dos scepticos, a mofa acintosa á dôr alheia.

Por isso mesmo o *O Paiz* abriu n'uma risada larga afixando nas suas vitrines o retrato do vencedor de Saldanha da Gama.

Contra quem ri elle ? Contra a victima ? As corujas quando riem sobre as casas onde ha agonia, não são ouvidas pelos que morrem, mas pela familia tranzida de terror.

A risada do *O Paiz* é contra o governo.

Em 11 de Abril d'este anno, o Sr. ministro de Estrangeiros expedia esta nota ao Dr. Carlos Castro.

« Tenho a honra de communicar-vos que, em resposta ao telegramma que expedi em 9 do corrente, o general Francisco Antonio de Moura, commandante do 6º districto militar, me declarou, tambem por telegramma de hontem, que o capitão João Francisco Pereira de Sousa não foi confirmado na promoção feita pelo general Hypolito; não está exercendo commissão alguma e acha-se na cidade de Uruguayana, onde aguardará o seguimento do inquerito a que se procede sobre as accusações que lhe são feitas.»

Por essas accusações ficou provado que o capitão João Francisco invadio o Estado Oriental, derramou alli sangue uruguayo, pelo qual pagámos à indemnisação de cem contos de réis, e no entanto agora, o mesmo capitão João Francisco já é o commandante victoriado, o heróe de uma batalha de que não restam feridos, da parte adversa.

A exposição do retrato é, pois, uma risada de escarneo.

Do Echo du Brésil de 28 de Junho.—Mort de Saldanha da Gama.

L'opinion publique est surexcitée depuis avant-hier, par une grosse nouvelle venue de Rio Grande

du Sud, et l'emotion produite par les télégrammes réçus n'est pas ancore calmée.

....

Et les télégrammes se succèdent les uns aux autres sans variantes qui puissent dêfinir la situation.

Trois versions ont cours tendant toutes à la mort de Saldanha da Gama:

1º. Il serait mort en combat;

2º. Blessé et fait prisonnier, il se serait suicidé pour ne pas rester aux mains de ses adversaires;

3º Blessé et prisonnier, il aurait été impitoyablement massacré.

Quelle que soit la vérité—que nous arriverons á connaître—Saldanha da Gama est mort.

Nous n'admettions pas ses idées et peut-être l'eussions nous combattu si notre nationalité nous avait obligé à prendre parti, mais personne ne peut nier que Saldanha était un bon marin, un brave dans toute l'acception du terme, et quelles qu'aient été ses erreurs, son honneur de soldat reste intact et sa bravoure indiscutable.

On a, parait-il, fêté sa mort; triste aberration des passions qu'il est impossible de maitriser!

Do Le Brézil Républicain de 29 de Junho

Mardi soir arrivaient les premières dépêches annonçant la mort, en un combat, de l'amiral Saldanha da Gama, actuel chef militaire des révoltés fédéralistes du Sud.

D'autres dépêches, reçues pendant la nuit et dans la journée du lendemain, vinrent confirmer cette nouvelle dont on avait douté au premier abord.

Surpris avec sa petite troupe de cinq à six cents hommes, par des forces castilhistes trois fois supérieures, et grâce, dit-on, á une violation du territoire oriental de la part de ses adversaires, afin de le cerner sur ses derrières, l'amiral se defendit héroiquement avac ses officiers e soldats, qui presque tous tombèrent sur le champ de bataille aprés avoir lutté comme des lions pendant une journée entière. Ils furent ecrasés par le nombre. Saldanha mourut dans ce combat: plusieurs versions courent sur cette mort, mais la véritable ne doit pas tarder á être connue.

Les uns disent que frappé de deux coups de lance, il tomba aux mains des ennemis, expirant quelques instants après.

D'autres, et parmi eux un de ses aides de camp qui réussit á s'échapper, affirment qu'il s'est suicidé en se tirant un coup de revolver dans la tête, lorsqu'il constata qu'il était vaincu.

Et l'on se souvient, en effet, qu'en mettant dernièrement le pied sur le territoire brésilien pour prendre la direction des opérations, il déclara qu'il n'en sortirait que mort ou victorieux.

Quoi qu'il en soit, sa mort n'est plus douteuse; il est mòrt les armes à la main, et avec lui un grand nombre d'officiers de marine qui l'accompagnaient.

Cette nouvelle a produit ici, comme on pense bien, une assez grande émotion.

Les uns s'en réjouissent naturellement, mais ceux lá ont au moins la pudeur de cacher leur satisfaction, et de ne pas insulter à la mémoire du vaillant soldat qui vient de succomber les armes à la main sur le champ de bataille, combattant pour des idées, erronées si l'on veut, mais qui étaient chez lui une conviction depuis longtemps exprimée et connue.

D'autres, et parmi eux beaucoup de ses adversaires politiques, se rappellent des grandes qualités de l'homme et du militaire, ils se souviennent des serviçes rendus á la patrie, ils se souviennent enfin qu'il était brésilien, et tout en envisageant les conséquences peut-être favorables de sa mort, ils ne peuvent se réjouir de la mort héroique d'un frère égaré.

Quant á ses partisans, ils sentent le coup terrible et peut-être décisif que vient de recevoir le parti fédéraliste et regrettent amerement le chef qui vient de succomber au campo Ozorio.

Et maintenant on se demande quelle influence va exercer cet événément sur la lutte fratricide qui depuis trois ans ensanglante le territoire de Rio Grande.

Depuis la fin de la revolte du 6 septembre; depuis le jour ou l'amiral Saldanha, échappé du port de Rio, débarqua dans la république voisine et s'incorpora aux révoltés rio-grandenses, il prit la direction des opérations militaires contre les troupes fédérales et castilhistes.

Il rallia les fédéralistes, les equipa et les organisa et les lança a nouveau sur le territoire brésilien.

C'était leur chef effectif qui les animait et les dirigeait. Lui mort, avec un grand nombre de ses plus vaillants officiers, le gros des révoltés ne vat il pas se trouver démoralisé, et perdant confiance dans la victoire, abandonner finalement la lutte?

C'est possible de la part d'une partie des troupes, volontaires et soldats. Mais il reste encore des chefs énergiques, dont la mort de Saldanha ne fera qu'exciter l'ardeur à vaincre et à le vanger, et peut-être ces chefs réussiront—ils á réagir sur le découragement d'une partie de leurs hommes, et á les ramener au combat plus animés que jamais.

Ce serait donc se faire une ilusion que de croire que la disparition de Saldanha va mettre fin á la guerre civile et amener la reddition des révoltés. Peut-être, armé de ce succés, le gouvernement central pourrat-il faire une tentative de conciliation; mais il y a gros á parier qu'elle ne réussirait pas, et s'il n'est pas absolument impossible que la mort du principal chef fédéraliste facilite la conclusion de la paix, il est toutefois beaucoup plus probable qu'elle va être le signal d'une recrudescence des hostilités.

N'oublions pas qu'il y a toujours par derrière Silveira Martins qui excite le feu, et qui dispose d'abondantes ressources de diverses natures que lui fournissent les ennemis de la République, á l'intérieur et á l'étranger.

Da L'Etoile du Sud de 29 de Junho.

—Divers télégrammes du Sud nous ont appris la mort de l'amiral Luiz Felippe de Saldanha da Gama, dans un combat désespéré contre les forces légales, qui aurait eu lieu le 24 courant à Campo Ozorio. Les états de service, publiés par la presse brésilienne, font de la carrière de cet homme une tradition ininterrompue de honneur, de convictions e de courage. Il ne nous appartient pas d'apprécier sa conduite durant la dernière guerre civile. Ce que nous pouvons affirmer, nous qui en avons douloureusement suivi les péripéties, c'est que l'amiral Saldanha da Gama fait honneur à l'humanité.

Respectueusement nous nous découvrons devant cette tombe qui recouvre aujour d'hui les restes d'un des hommes qui aient porté haut et loin l'honnêteté et la valeur brésiliennes.

Do Don Quixote de 29 de Junho

Parte illustrada.—Scena tragica em toda a extensão da folha, denominada—a morte de um heróe

Don Quixote descortina o seguinte quadro, eloquentemente esboçado:

Saldanha da Gama, resvalando sobre o ginete que montava, depois de mortalmente ferido, e cahindo de frente com um pequeno revolver em punho; os jacobinos e castilhistas, symbolisados por uma vivandeira de pistóla á cinta, bebendo champagne delirantes de prazer; a Nação Brazileira, representada por uma linda mulher, de joelhos e desgrenhada, comprimindo a fronte com a mão direita, em desespero de dôr; o presidente da Republica—Dr. Prudente de Moraes—assignando um telegramma, que lhe apresenta o general paulistano Francisco Glicerio, empennachado á cacique, de felicitações a Julio de Castilhos!

TEXTO:

A morte do almirante Saldanha da Gama, que determinou uma perda irreparavel para o paiz, será, de certo, sentida no mundo inteiro, na Europa, na America, na Asia, onde elle esteve, grangeando a maior sympathia pelas suas bellas qualidades não só de grande marinheiro como de verdadeiro gentleman.

Não ha um só dos officiaes de marinha de qualquer das esquadrilhas estrangeiras que estiverão na nossa bahia, que ao saber de tão fatal acontecimento não sinta verdadeiro pezar pela morte desse distincto brazileiro que elles tanto admiravam.

E todo esse *champagne* que agora bebem os vis tripudiantes, é em quantidade muito menor que as lagrimas que nest'hora derramão os pais, as viuvas, parentes e amigos dos que tão valorosamente cahirão neste combate que acaba de ferir-se no Sul e que veio privar a Patria de um filho que tanto a honrava.

O combate do Campo Ozorio, de 24 de Junho de 1895 (Extrahido de publicações feitas na Gazeta de Noticias e Jornal do Brazil)

Nos primeiros dias de Maio as forças ás ordens do almirante Saldanha acamparam nas *Pontas do Quarahy,* proximo umas trintas quadras do rio d'este nome, em frente á barra do Quarahy—Chico.

O terreno n'este logar offerece uma topographia ondulada e escabrosa, em que se tropeça a cada passo, cheia de pontas e serros.

O acampamento estabeleceu-se sobre a coxilha que corre de norte a sul, tomando-se como centro um *posto de estancia* que existe nella, a saber, uma pequena casa situada no ponto culminante.

Em frente ao *posto,* para a esquerda, ha um *alambrado* (cerca de arame), e á direita do *posto* uma *mangueira* de pedra (grande curral de gado), de um metro e vinte centimetros de altura. Nos fundos, a uns tres mil metros de distancia, corre o rio Quarahy, onde vão ter as picadas denominadas do *Osorio* e da *Barra.*

A' esquerda e á mesma distancia corre o arroyo Quarahy-Chico.

Um matto espesso, que devia servir de abrigo e defesa em caso de ataque, circumda tanto a margem do rio como a do arroyo.

As picadas facilitariam a retirada do exercito, em caso de surpreza, para o territorio oriental.

Para completar a defesa natural desta posição, perfeitamente apropriada a arraial de inverno, a infantaria de marinha levantou trincheiras de pedra, que não chegaram a ficar concluidas, entre a mangueira e o *posto* central.

O ponto não podia ser mais estrategico, dadas as condições topographicas do terreno, que torna-

vam possivel uma retirada rapida—tomando a picada da Barra, cujo trajecto é pouco escabroso, uma retirada lenta—seguindo a direcção da picada do Osorio, cujo terreno é muito accidentado e permittia aos atiradores dominar as cargas de cavallaria.

.˙.

Ao romper d'alva de 24 de Junho, o almirante, como de costume, mandou sahir um piquete de 30 homens para descobrir o inimigo, seguindo-o até o *posto*, e ahi se conservou em observação.

A's 6 horas da manhã, mais ou menos, o piquete avistou um outro do inimigo, que avançava; esperou-o estendendo-se em linha de atiradores e rompeu o fogo.

O inimigo, avançando sempre, só fez alto tão proximo, que se ouvio distinctamente esta phrase cheia de mófa, atirada aos nossos ««Destaque-se um de vocês e venha conversar comnosco...»

Logo o tenente Lino (o commandante) *cortou-se* da força e flanqueando approximou-se do inimigo o mais possivel, sendo recebido por uma descarga.

Retrocedendo para o seu piquete, mandou de novo fazer fogo e expedio o official Dórtas para participar aquelle encontro ao almirante.

Este, ao chegar o official ao *posto*, disse-lhe, antes que elle fallasse «Sei que o inimigo ahi vem, acompanhei tudo com o meu binoculo» Em seguida ordenou que o official Dórtas voltasse ao piquete e transmitisse ao seu commandante :— Viesse recuando até ás trincheiras»; o que se realisou sem accidentes.

Apenas o almirante, com o auxilio do binoculo, descobrira o inimigo, ordenou aos commandantes de

brigada que mandassem dar o signal de *montar e marchar* e seguissem para as trincheiras.

Ouvida a ordem no acampamento, foi grande o enthusiasmo e em pouco tempo estava ella executada.

O almirante, reservando para si o commando do centro, dividiu as forças pela seguinte forma:

A infantaria de marinha, composta de 64 marinheiros, no centro das trincheiras, formando á retaguarda della uma secção de 25 franco-atiradores, todos officiaes de marinha e alguns honorarios; no flanco direito (dentro da *mangueira*) 30 praças de infantaria, protegidas por 100 homens de cavallaria, sob o commando do coronel Vasco Martins; no flanco esquerdo, por traz do aramado, outras 30 praças de infantaria, protegidas por 90 homens de cavallaria, sob as ordens do coronel Processo (na ausencia do coronel Ulysses Reverbel); e ainda em reserva, os coroneis Ribeirinho e Ayres com alguns officiaes e 14 soldados :total 370 homens, com os officiaes do estado maior e da fileira.

Pelas 8 horas da manhã, o almirante, depois de recommendar a maior calma e boa pontaria, mandou romper o fogo sobre o inimigo, que se achava a 500 metros approximadamente e que, apenas começou a ser assim hostilisado, tornou-se impetuoso e avançava resoluto em columna cerrada, formando um grande alvo com as suas forças de cavallaria e infantaria, calculadas em cêrca de 1.200 homens, occupando a infantaria o centro.

.·.

Entre as dez e meia e onze menos um quarto, a linha dos castilhistas distava menos de

tres quadras da linha dos federalistas. Nesse momento, do flanco direito destes avançou um esquadrão, com quarenta clavineiros, que se dirigiu para o centro da linha inimiga. A infantaria federalista viu-se forçada a suspender seus fogos, para não offender o esquadrão que avançava. O ataque iniciado produzio nas fileiras federalistas alguma desordem; soldados e officiaes paravam nas trincheiras, dando vivas á Saldanha e á Revolução.

Entretanto, o esquadrão que imprudentemente se adiantára retrocedeu em meio do caminho e, em vez de voltar a occupar sua antiga posição, dirigiu-se para o centro da infantaria federalista, que se abriu para dar-lhe passagem.

Aproveitando este desgraçado incidente a cavallaria castilhista — cêrca de quatrocentos homens— atirou-se em massa para secundar os seus que tambem haviam penetrado pelo centro da infantaria, completamente confundidos com os federalistas.

O batalhão de marinha, ignorando a divisa do inimigo, julgou que os perseguidores eram seus proprios companheiros e, em vez de castigal-os com seus fogos, dirigiram as pontarias para a infantaria contraria.

Livre a cavallaria castilhista do fogo da infantaria federalista, dividiu-se em duas metades, dando a carga pela retaguarda sobre a cavallaria federalista, que foi tomada de surpreza.

Esta operação executou-se com extraordinaria violencia; o almirante Saldanha, seguido do estado-maior, correu ao flanco esquerdo para prevenir o golpe e repellir a carga.

Seus esforços forão estereis. A confusão era medonha e a cavallaria do flanco direito empre-

hendeu sua retirada em direcção á picada da Barra, tomando o caminho mais accessivel.

Já se havia pronunciado a derrota em toda a cavallaria federalista e comtudo o batalhão de marinha, apezar de achar-se dizimado pelo nutrido fogo da infantaria inimiga, permanecia em seu posto defendendo a posição.

Saldanha da Gama percorria a linha, montado em um cavallo escuro, dando coragem a seus bravos companheiros, até o momento em que foram envolvidos por um esquadrão de cavallaria, que cahiu sobre elles de sabre em punho.

Apenas restavam 40 homens de pé, quando se deu esta carga. Um punhado de combatentes, aliás 15, foram os que puderam desprender-se da linha federalista, fazendo fogo em retirada até ao Quarahy. N'este grupo de valentes achava-se o tenente Honorio de Barros, que se defendeu das cargas frequentes que faziam os pelotões de cavallaria.

A's 12 e 30 chegou Barros com alguns companheiros á picada do Osorio, cujo *passo* atravessaram á nado, supportando o fogo do inimigo que avançára até ás barrancas do rio. O medico do exercito de Saldanha, Dr. Gouvêa, tinha se transportado ao mesmo lugar, para receber os feridos e passal-os para o territorio oriental.

As cavalhadas de reserva e o comboio ficaram nas grutas ou quebradas, á retaguarda da linha, a umas cinco quadras de distancia.

Os federalistas usavam divisas verdes e amarellas, que com a acção do tempo tinham ficado brancas, e os castilhistas usavam divisas desta ultima côr.

O almirante Saldanha trazia vestida uma bluza azul.

A' semelhança das divisas attribue-se em parte o desastre soffrido.

. ·.

Segundo os officiaes sobreviventes, o plano de Saldanha era dar o ataque, destacando de cada flanco sessenta homens, que deviam avançar sobre os flancos da cavallaria inimiga, afim de attrahil-a até junto á sua infantaria, a qual, abrindo-se em duas alas, daria logar a que ella cruzasse pelo centro.

Verificada esta operação, a reserva de seus lanceiros levaria um ataque sobre a cavallaria inimiga, cuja retirada seria cortada pelo batalhão de marinha, que com seus fogos, e amparado pelas trincheiras de pedra, devia conter ao mesmo tempo o avanço dos batalhões de infantaria castilhistas.

Contava Saldanha com esta tactica poder limitar a acção ao choque das cavallarias, obtendo com seus elementos um triumpho facil sobre o inimigo, pois a topographia do terreno o favorecia extraordinariamente.

Derrotada a cavallaria castilhista, e contando só com cento e poucas praças de infantaria para responder á carga dos dous batalhões desta arma do inimigo, de 400 homens cada um, procuraria retirar-se, dividindo suas forças, em direcção ás duas picadas já referidas, protegendo a retaguarda com o batalhão de marinha. Este plano, porém, não poude ser posto em pratica, por causa da má interpretação que se deu a uma sua ordem expedida nesse sentido ao coronel Vasco Martins.

Segundo já foi consignado, na tortuosa zona do campo que se estende na barra dos Quarahys, duas são as verêdas que conduzem ás picadas que

existem no rio que limita o territorio oriental e o do Brazil.

Dividido o exercito federalista no curso da acção, os dispersos do flanco direito dirigiram-se para a picada do Osorio e os do flanco esquerdo para a picada da Barra. O almirante Saldanha retirou-se com aquelles, sendo o ultimo a abandonar o campo de batalha.

Os momentos erão preciosos e não havia tempo a perder, sem risco de cahir em poder do inimigo.

O almirante levava o cavallo soffrenado e, apezar de lhe pedirem que galopasse, continuou trotando tranquillamente. Desafiava a morte e, ao ver-se sua calma, dir-se-hia que até a procurava, como consolo ás amarguras que n'esse terrivel instante experimentava sua alma.

Inuteis foram os pedidos de seus companheiros para apressar a marcha. Um sargento do batalhão de marinha acompanhou-o durante um largo trecho, descarregando a carabina sobre os lanceiros que tentavam alcançal-o.

Por fim, rodeado de um grupo de inimigos, bota-se a galope para livrar-se d'elles; mas era tarde, não consegue escapar-lhe e é lanceado. Vendo que estava ferido, apeou-se, tendo apenas na mão, como unica arma, um revolwer Smith.

.•.

Este é o ultimo dado que se pôde obter dos companheiros de Saldanha sobre seu destino. Todos ignoram qual foi o desenlace da lucta que se travou desde o momento em que elle se apeou.

—Si suicidou-se servindo-se da arma que empunhava n'aquelle momento, ou si luctou com seus

[illegible] elles poderão [illegible] em consciencia.

Não [illegible] porém a sua morte como um crime, segundo a informação insuspeita colhida no Rio da Prata por enviado especial do *Jornal do Brasil*, que assim se expressa:

«Está verificado, por confissão do proprio João Francisco, que o almirante Saldanha foi lanceado por Salvador Tambeiro e seu irmão.

Lanceado em uma perna o almirante cahio do cavallo que montava, levantando-se logo, chamando sua gente á carga. Salvador deu-lhe novo lançaço que lhe varou o peito, cahindo o almirante para novamente se levantar, disparando nessa occasião um tiro com seu pequeno Smith-Wesson.

Dous ou tres golpes de sabre na cabeça prostraram-no morto: sendo estas as suas ultimas palavras «Basta, miseravel!

Trabalhou então a faca!

Diz João Francisco que, ao reconhecer o almirante pelos papeis que tinha no bolso, mandou chamar o seu medico para ver se ainda lhe restava vida.

Dil-o elle, mas certamente não o fez, pois o corpo do almirante tres vezes lanceado e tres veses cortado de espada, além de um golpe de faca no pescoço, já não tinha vida»

. ·.

A correspondencia particular de Saldanha foi entregue por elle antes do combate a um chefe superior, para que a posesse a salvo. Parece que este seu desejo foi cumprido, pois ha noticias de que essa correspondencia está em poder do *comité* revolucionario.

Os federalistas calculam as suas baixas em cento e cincoenta homens, sem contar as que tiveram nas picadas, sobretudo da Barra, onde pereceu afogado um bom numero de soldados e mulheres. Não podem precisar o numero de mortos, mas incluem n'estes os feridos, pois é certo terem sido executados até os prisioneiros.

Quanto ás baixas do inimigo, calculam que chegam a cento e vinte.

Os castilhistas acamparam no mesmo acampamento dos federalistas e durante a noite illuminaram-no com as chammas de sinistras fogueiras !

Ordem do dia do general Silva Tavares (Extrahido do Jornal do Commercio)

Quartel General do Commando em Chefe das Forças Revolucionarias, 30 de Junho de 1895.

Armas em funeral !

O Almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama que, apesar de suas conhecidas idéas, mostrou-se sempre disposto a servir o governo civil de sua patria ou a retirar-se á vida privada, si seu nome fosse um obstaculo á pacificação do nosso glorioso Estado, acaba de desapparecer das fileiras dos lutadores pela liberdade.

No dia 24 do corrente pela manhã, forças inimigas, em numero de 1,500 homens, atacarão os 250 bravos marinheiros commandados pelo inclyto Almirante que, depois de heroica resistencia, foi anni-

quilado com todos os seus companheiros pela brutalidade numerica (1).

A perda foi sensivel tanto para a revolução como para o paiz inteiro. Saldanha da Gama é um nome historico e que muito honra a nossa patria nos diversos certamens profissionaes em que a representou, fazendo sobresahir a marinha brazileira. A mutilação de seu cadaver é a deshonra das forças legaes lançadas contra os libertadores da nossa terra natal, asselvajada por uma horda de fanaticos pela dictadura positivista.

A nossa causa continúa a ser a causa da liberdade e da humanidade e quanto mais barbaro e selvatico fôr o procedimento dos nossos adversarios, mais justificado será perante a historia a nossa conducta, a nossa resistencia heroica, a nossa tenacidade na luta.

Chamão-nos os—assassinos do Rio Negro—, onde aprisionamos o marechal Isidoro, o coronel Pantoja, toda a officialidade do 28 batalhão de infantaria, que hoje gosão de plena liberdade: e elles, os puros, os immaculados queimão cadaveres, nunca fizeram um só prisioneiro!

---

(1) Estão exagerados estes algarismos, o primeiro para mais, o segundo para menos, assim como sabe-se que as forças de Saldanha em *Campo Osorio* não constavão só de marinheiros.

E' estranho, senão incrivel que o legendario e probidoso Joca Tavares, benemerito por muitos titulos, houvesse commettido tal incorrecção em um documento solemne, da ordem deste, onde ainda insiste pela luta em nome da liberdade, da justiça e da verdade.

Por mais respeitavel, porem, que seja a sua palavra, como realmente o é, a rectidão da Historia manda contrapor-lhe neste episodio o testemunho competente dos proprios que tomaram parte na acção; segundo os quaes (pag. 195), as forças castilhistas attingiam a 1.200 homens e as federalistas a 370, avultando neste numero a cavallaria de Vasco Martins e Ulysses Reverbel.

Disto para aquillo ha notavel differença, que fica assim reparada.

As forças legaes têm se conservado fóra das leis da humanidade e emquanto durar o dominio do assassinato e das mutilações no Rio Grande do Sul, com armas ou sem ellas, conserve-se de pé o nosso protesto contra o aviltamento da patria.

Armas em funeral!

Que todos os nossos companheiros se cubrão de luto por 8 dias em honra á memoria de Saldanha da Gama, são as ordens que deveis transmittir aos vossos commandados.

Não vos recommendo coragem e resignação porque essas são as vossas companheiras dos dias de glorias e das horas de amargura.—(Assignado) João Nunes da Silva Tavares.

Ordem do dia do general Hypolito Ribeiro (Extrahido do Jornal do Brazil)

Quartel General do Commando em Chefe da 1ª Divisão Legal. Acampamento em marcha, 3 de Julho de 1895.

Camaradas!

E' com o maior enthusiasmo e exultando de satisfação que dirijo-me a vós ainda uma vez para annunciar-vos a gloriosa e estupenda victoria que alcançamos sobre o rebelde inimigo na manhã de 24 do mez findo no Rincão de Artigas, onde ruiram para sempre as ultimas esperanças do monarchismo.

Partindo para aquelle ponto uma força nossa commandada pelo valente e brioso coronel Antonio Candido de Azambuja, força composta das brigadas 2ª e 4ª e corpo de exploradores, alli chegaram, sendo logo recebidos por vivissimo fogo, o qual foi galhar-

damente correspondido pelos nossos leaes e bravos soldados. O inimigo forte de mais de 700 homens, bem armados e municiados, occupando superiores e excellentes posições de defesa e levado por um enthusiasmo, valor e heroismo, dignos de melhor causa, não logrou deter, siquer um momento, as nossas brilhantes e impetuosas cargas de cavallaria e o intenso fogo de infantaria, que abria claros numerosos em suas fileiras.

E' assim, meus camaradas, tanto mais gloriosa a nossa victoria, quanto que tivemos de batermo-nos, pela vez primeira nesta malfadada revolução, com um inimigo que soube defender até o heroismo a causa que combatemos.

Ascende a mais de duzentos o numero de rebeldes que perderam a vida no campo da acção e entre elles contam-se o chefe Saldanha da Gama e muitos officiaes.

Lhes tomaram quasi todo o armamento e munição, que se inutilisou por falta de meios de transporte, mais de quinhentos cavallos, correspondencias, papeis etc.

Camaradas! Deveis de render um preito de homenagem, que a nossa lealdade e o nosso caracter não podem recusar, ao valor intrepido daquelles que commetteram o crime de empunhar armas contra a Patria, mas que souberam resgatal-o, perecendo nobremente no campo da honra, e volvamos o olhar para os nossos leaes defensores da Republica, agora mais forte e pujante e sempre vencedora (1).

---

(1) Em um ponto merece censura o signatario desta ordem do dia: quando diz que as forças de Saldanha da Gama attingião a mais de 700 homens, o que é fabulosamente inexacto, pois está verificado que nem chegavão a 400, e acha-se em flagrante desaccôrdo com os proprios telegrammas officiaes, de Montevidéo, Porto

Celebremos e louvemos os [illegible] Antonio Candido de Azam[illegible] signe gloria de commandar [illegible] coronel João Francisco Pere[illegible] victorioso chefe que á frente [illegible] radores, que commandou, traz [illegible] victoria, que ainda desta vez [illegible] devida.

Louvemos tambem aos demais [illegible] praças que com galhardia e den[illegible] ter com firmeza as posições que lhes [illegible] especializando entre os inferiores, pela [illegible] branceiria com que investiu contra o inimigo [illegible] temido e bravo sargento do 4º regimento de cavallaria Faustino de Varges Jiloca, o que custou-lhe atroz e cruel ferimento de bala em ambos os braços, quebrando o direito.

Temos a lamentar a perda de quatro praças que pereceram no cumprimento de seus deveres civicos, defendendo a patria e a lei.

Fazendo minhas as palavras dos srs. commandantes de brigadas e corpos, louvo e agradeço a todos os srs. officiaes e praças a boa coadjuvação e

---

Alegre e Pelotas, dirigidos ao Dr. Prudente de Moraes (pag. 144), os quaes uniformemente dão-lhe 600 homens.

Em outro ponto, porém, merece louvor, que manda a justiça lhe seja tributado e o autor do livro com prazer lh'o rende: quando reconhece e consagra, em termos precisos e claros, o valor dos adversarios, confessando ter sido essa a primeira vez, em toda aquella malfadada revolução, que a sua gente teve de bater-se com um inimigo decidido e bravo até o heroismo.

Ora graças que da cegueira castilhista destacou-se um raio de hombridade civica!

Este lampejo de civilisação, que constitue uma gota de christalino [illegible] da face rubra do cyclone, diga-se a verdade, colloca o [illegible] Hypolito Ribeiro, que em arte da guerra ainda [illegible] antiga da Monarchia, d'onde trouxe a sua patente, superior [illegible] ao general de divisão Inno-

empenho que mostraram para que o successo pelo qual aspiravamos fosse com brilhante realidade. — (Assignado) Hypolito A. Ribeiro.

---

cencio Galvão de Queiroz, aliás dos mais distinctos da Republica em todos os sentidos.

S. Exa., que era o commandante do districto militar, o representante directo da União e o general em chefe de todas as forças em operações no Estado, não dice uma palavra ao exercito a seu mando sobre o combate do *Campo Osorio* (pelo menos a imprensa desta Capital Federal nada publicou a respeito), quando consignal-o especialmente em ordem do dia de seu quartel general, era um dever que duplamente se impunha á sua competencia de commandante em chefe e á sua qualidade de general hodierno, na sua propria phrase; tornando-se assaz notavel esse feito d'armas, não ha negal-o, já pelas consequencias do maior alcance da victoria obtida pelas forças legaes, já pela morte dignamente tragica do almirante soldado, que era um padrão de gloria da armada brazileira.

Que differença: Aqui no Rio de Janeiro, na pujança da sua posição de senhor da bahia e arbitro da cidade aberta, Saldanha da Gama lavra uma ordem do dia (assim o affirmão diversos officiaes de marinha, a partir do seu ajudante d'ordens Armando Burlamaqui) dando pezames á esquadra e á Patria pelo fallecimento do general João da Silva Telles—florianista *enragé*—, gravemente ferido na ilha do Governador, e exalçando a sua bravura;

Alli no Rio Grande, quando a sorte asinha das armas lhe depara a vez de uma retribuição desse acto de nobreza, que mais interessa á honra da Nação, aquelle que tinha o sagrado dever de praticaI-a, o citado general em chefe, emmudece atraz dos bastidores do exercito e leva a incorrectissima indifferença até assistir impassivel, moderno *Pilatos*, á sacrilega sonegação do cadaver do gentil-homem guerreiro!

Desrespeito á ordem do Presidente da Republica e não entréga do cadaver do almirante Saldanha.

Telegrammas do Jornal do Commercio.

Montevidéo, 1 de Julho ás 10 h. 55 m. da noite —O general Hypolito, que declarou não ter cavallos para fazer acompanhar a commissão brazileira, promettendo comtudo um piquete para no dia 2 do corrente leval-a ao logar do combate, levantou acampamento, tomando direcção opposta a Campo Ozorio.

A commissão por isso resolveu seguir pelo territorio Oriental. João Francisco recusou acompanhal-a, sendo falsa a noticia aqui publicada de ter elle se offerecido para guial-a.

.˙.

Montevidéo, 3 de Julho ás 11 h. da n.—Telegrapharam da Rivera o seguinte «A commissão chegou hontem ao logar do combate, nada encontrando, e deve regressar hoje a noite. O cadaver do almirante foi queimado no dia 27, pela seguinte forma: O general Hypolito chegou ao campo da acção e pedio para vel-o. Trouxerão-no sobre um couro. Examinou-o e retirou-se. Fez marchar a tropa, ficando apenas um piquete que, para consummar a obra, servio-se de uma lata de kerosene que estava occulta no matto. Isto foi visto pelos carroceiros que forão transportar os feridos para Sant'Anna do Livramento.

.˙.

Montevidéo, 4 de Julho, ás 11 horas e 15 m. da n.

A commissão brazileira, que foi encarregada de receber o cadaver do contra-almirante Saldanha da

Gama em cumprimento das ordens do presidente Dr. Prudente de Moraes, regressou hoje a Montevidéo.

As autoridades castilhistas faltaram ao compromisso, de achar-se no campo do combate o general Hipolyto ou preposto seu, para entregar o cadaver do almirante.

A commissão demorou-se até á noite no mesmo campo, examinando os cadaveres já sepultados e os insepultos.

Foram reconhecidos os cadaveres de Pinto Ribeiro, Timotheo Rosa, Alberto Peixoto, Arthur Torres, Antonio Carvalho, Adrião Chaves, Luiz Iber, Schevering, Ulysses, Canuto, Horacio Machado, Laberte Carvalho, e outros.

Quasi todos os corpos estavam mutilados, e o de Timotheo Rosa de modo horrivel.

Alberto Peixoto, que defendeu heroicamente o corpo cahido do almirante, tinha ferimento de bala no coração. E' o unico que não foi degolado da brigada de marinha.

Junto a uma casa encontrou a commissão o couro em que foi arrastado o corpo do almirante desde o logar onde cahio até o quartel-general castilhista.

Ahi esteve o corpo em exposição dois dias.

O Dr. Laudares trouxe esse couro que está todo manchado de sangue.

As senhoras e a população de Rivera haviam preparado uma manifestação de pezar á chegada do cadaver do almirante.

O Dr. Laudares, que examinou quasi todos os corpos encontrados no Campo Osorio, declarou que trinta d'elles não apresentavam ferimentos que explicassem a morte. A morte deu-se pelo corte da carotida, isto é, pela degola.

A commissão lavrou no logar do combate uma acta do que vio e do que examinou.

Especificará depois o procedimento das autoridades de Sant'Anna e do general Hipolyto.

Tudo foi subterfugio para não cumprir a ordem do Presidente.

Editorial da Cidade do Rio de 6 de Julho de 1895.

Os Funeraes De Fogo

Dizem telegrammas de varios jornaes que o cadaver de Saldanha da Gama foi mutilado e encinerado.

Até hontem, nós eramos os calumniadores; emprestavamos aos nossos adversarios a furia dos nossos odios só para crear scenas monstruosas e vinhamos em seguida para a praça publica, carpideiras dolorosas, chorar atrocidades e sacrilegios imaginarios.

Mas, iamos ser finalmente desmascarados!

Ainda bem que o honrado presidente da Republica mandára entregar á familia o cadaver de Saldanha da Gama. Ver-se-hia, agora, como se tratavam vencidos com acatamento, e se guardava para com os mortos a compostura que Cezar, moribundo, teve o cuidado de dar ao seu corpo.

Não! As legiões da *legalidade* não se confundiam com a vil canalha federalista.

E houve mesmo um telegramma côr de rosa que noticiou a entrega do cadaver.

Nós tinhamos o presentimento de que heróe tão grande não podia morrer sem provocar a sanha sa-

crilega dos mercenarios do morticinio, mas impediamos a nossa consciencia de bradar o que ella nos segredava.

Agora, porém, estamos diante da cruel realidade. Os chacaes do castilhismo profanaram o cadaver, e depois pediram ás chammas um valhacouto para a sua miseravel cobardia. A treva pediu á luz que lhe servisse de homisio; o vácuo apresentou-se como desculpa ao desapparecimento de um corpo.

Ainda precisaremos de argumentos para convencer o nosso paiz de que elle está sendo joguete das mais infames paixões, de uma facção mais ignobil que a propria ignominia?

A degolação dos vivos, a mutillação dos mortos é a praxe canibalesca do castilhismo.

Fizeram o mesmo com Gumercindo Saraiva, que elles começaram por pintar como uma féra sedenta de sangue e um *diletanti* de execuções á faca.

Entretanto esse *monstro* entrou no Paraná, sob uma chuva de flores!

Ahi ficavam como refens as familias das autoridades, que haviam desertado precipitadamente os seus postos. Nenhuma d'ellas foi vexada, quanto mais violada.

Não se derramou uma lagrima; não se gastou um metro de luto, além d'aquelles que a fatalidade do combate havia imposto.

Improvisou-se uma lenda, é certo, mas ninguem tratou de averiguar qual a origem da pena, e nós não temos aqui o dever de historiador.

Não obstante, á retirada de Gumercindo seguiu-se a scena do kilometro 65 e como esta não bastasse, as paredes do cemiterio de Corityba contam a histo-

ria das execuções e a terra esconde envergonhada, sob uma capa de relva e de flôres, uma das mais infames paginas de nossa historia.

Na fronteira, cahiram em poder dos federalistas, entre os chefes legaes, o marechal Izidoro e Santos Filho.

Bem sabiam os *bandídos revoltosos* o valor d'esses prisioneiros. Não obstante, as suas vidas foram poupadas. Vozes se ergueram vingadoramente pedindo o holocausto d'essas victimas aos manes dos companheiros por elles victimados.

Os sentimentos humanitarios triumpharam ; as vidas d'esses chefes foram cavalheirosamente poupadas.

Fallam na execução de Pedroso, mas não dizem qual foi a repulsa nobre, brazileira, chistã das legiões federalistas. Por um pouco se não dissove o exercito revolucionario.

Entretanto, o depoimento de centenares de victimas de incendios, defloramentos, humilhações e barbaridades de todo o genero imputadas a Pedroso, tornavam-no digno do pincel com que o immortal Wirtz descreveu a chegada do primeiro Bonaparte nos dominios de Satan.

Apesar da sentença de um tribunal de viuvas e de orphãos, de anciãos castrados uns, outros com o nariz golpeado e as orelhas mutiladas ; o exercito federalista não perdoou aos seus companheiros vencedores a execução de Pedroso; e uma grande parte da mocidade, que havia tomado armas, depol-as horripilada.

Saldanha da Gama não esqueceu na revolta o que devia a si mesmo.

Falle por nós a honra dos [prisionsiros durante os dias lutuosos da lucta na nossa bahia. Nenhum foi desrespeitado; todos foram tratados com a maior humanidade. Muitos foram restituidos ás suas familias. Só ficaram na esquadra os que, por infermos, por adhesão espontanea, ou por vexame de tornar á terra, quizeram ficar.

As ilhas occupadas pela revolta não se transformaram em cemiterios clandestinos.

Pelo furor jacobino, pelo rompimento de relações com Portugal, pela noticia do destino que tiveram os imperiaes marinheiros aprisionados, Saldanha da Gama soube que para elle e para todos os seus não subsistiam mais as generosas tradições do governo brazileiro.

Mas, voltando ás armas, elle começa proclamando os deveres humanitarios para os prisioneiros, e arvora a bandeira da civilisação, as suas armas de cavalheiro, no campo de batalha.

Acceita um combate; a sorte das armas lhe é adversa, cahe nobre, brazileira, galhardamente, commungando o sacrificio do ultimo dos seus soldados; e o vencedor que devia honrar esse heroismo, que affrontou a superioridade do numero e fez prodigios de valor, engradecendo a patria commum, não se satisfaz com a morte do heróe, mutila-o, queima-o!

Gloria a ti, grande heróe!

Os teus proprios inimigos julgaram que só a chamma incorruptivel podia ser a tua sepultura e

que, ainda cadaver, tinhas em ti com que formar tremendo clarão.

Gloria a ti, grande herói! Na tua fogueira tumular as carnes chiavam, resumindo todas as nossas dores e encarquilhavam-se symbolisando a aspiração confrangida de todo o povo brazileiro; mas os gazes se fizeram luz e desterraram para sempre as trevas do odio, que nos obscureceram o espirito.

Apesar da columna de fumo, que se levantou de teu calvario em labaredas, ficaram em baixo vivas as brazas e as chammas, de quando em quando estrellejadas. Assim tambem a tua memoria sobreviveu á noite da morte, e a tua historia constella a alma de um povo.

Tu cahes grande e venerando como Codrus: o teu corpo servirá de alicerce á liberdade brazileira.

Do «*Canabarro*» de Rivera de 7 de Julho de 1895.

O cadaver do Almirante Saldanha

« Confirmada a noticia do ataque do dia 24 e consequentemente a da morte do bravo almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, circulou ainda o boato de que seu cadaver seria transportado para Sant'Anna do Livramento, onde pretendiam enterral-o os representantes do governo castilhista.

Esta medida adoptada por individuos que acabavam de festejar com as mais revoltantes manifestações de regosijo official a morte de um dos mais eminentes brazileiros, dispertou entre os correligionarios do illustre morto a idéa da requisição de seus sagrados despojos, para que a inhumação tivesse logar aqui em Rivera, na presença de todos aquelles

que não tripudiaram, que não beberam pelo desapparecimento d'aquelle homem excepcional, typo cavalheiresco e honra da patria.

Um requerimento que n'este sentido foi enviado ao Sr. tenente-coronel Francisco de Paula Castro, commandante da guarnição de Sant'Anna, pelo Sr. Mario Saldanha, sobrinho do almirante fallecido, foi o primeiro passo que se deu para a realisação d'esse objectivo tão humano quanto ardentemente desejado pelos que, revoltados pelo procedimento inqualificavel da guarnição militar do Livramento, temiam ver profanados os restos mortaes do immortal almirante, chefe dos revolucionarios rio-grandenses.

O intendente municipal de Sant'Anna, Dr. Moysés Vianna, *dignou-se* vir á Rivera e declarar « que estava prompto para satisfazer aos justos desejos do Sr. Mario Saldanha; que o general Hyppolito mandára *enterrar o almirante Saldanha da Gama com todas as honras militares*, e que para o transporte do cadaver seria agora necessario um caixão de zinco »

Mais tarde appareceu tambem em Rivera o Sr. tenente-coronel Paula Castro, declarando «que o corpo do almirante ESTAVA INSEPULTO e que conforme as ordens que já havia recebido achava-se disposto para auxiliar em que lhe fosse possivel o transporte e entrega do corpo requerido» O mesmo tenente coronel Paula Castro pediu nesta occasião ao sobrinho do almirante que em seu nome respondesse um telegramma do Sr. Dr. Sebastião da Gama, pois elle não tivera ainda tempo de o fazer..... S. S. havia passado a noite baillando em sua residencia, onde se festejou, com a mais alegre e deshumana desenvoltura, o passamento universalmente sentido do intrepido militar.

Coincidiam com esses primeiros passos, caminhados no sentido de rehavermos os despojos do nosso heroico chefe, as mais terriveis versões sobre o destino que lhes dera o general Hippolito por insunuações do intendente Moysés; coincidiam tambem com o aviso que recebeu o Sr. Mario Saldanha para que cessasse sua generosa intervenção neste assumpto, que passava desde então para a competencia de uma commissão organisada em Montevidéo, com o fim de encarregar-se de todos os serviços necessarios para que lhe fosse entregue o cadaver do almirante e remettido para a capital da Republica Brazileira, para cujo effeito já recebêra a preciza autorisação do governo central.

Os membros desta commissão, os Srs. Ramon Silveira, Lourenço de Carvalho, Francisco Secco e Dr. Carlos Laudares, acompanhados de muitos officiciaes de marinha, actualmente residentes em Montevidéo, chegaram á Rivera no dia 29 á tarde em trem expresso, conduzindo o caixão de zinco que devia receber, tal como ainda se achasse, o corpo, que já sabiamos estar horrivelmente mutilado, do digno almirante Saldanha da Gama.

A commissão seguio immediatamente para Sant'-Anna do Livramento, onde apresentou aos Srs. Moysés Vianna e Paula Castro os documentos que acreditavam-nos como delegados do Dr. Sebastião da Gama; ficando apenas resolvido nesta occasião que para se effectuar a entrega solicitada o Sr. Moysés entender-se-hia directamente com o general Hippolito Ribeiro, por que *s. s. não delegaria nem em seu proprio pai os poderes que tinha para tornar effectiva a ordem que recebera nesse sentido e por preço nenhum iria ao logar do combate!*

No dia seguinte o referido Dr. Moysés Vianna mandou uma carta ao presidente da commissão, declarando que havia mandado uma outra ao general Hyppolito Ribeiro, na qual pedia que fizesse ou mandasse fazer entrega do cadaver do almirante Saldanha da Gama; e *quatro ou seis horas depois* remettia pelo cidadão Antonio Carlos Martins ao mesmo presidente uma nova carta assignada pelo general Hipolyto, como contestação da que lhe fôra enviada e na qual lhe dizia que, por falta de cavallos, não podia despender forças em cumprimento daquella ordem, mas que sempre mandaria um piquete ao sitio do ataque effectuar á commissão a entrega do corpo que solicitava.

No dia 1º. a commisão conferenciou de novo com o intendente Moysés, pedindo-lhe que designasse dia e hora para que no lugar dos successos podesse ella receber os despojos que viera buscar para serem restituidos á familia e á patria. A' noite o intendente designou o dia seguinte ao meio dia ! Uma couza quasi impossivel e que revelava a má vontade e a má fé com que se desenvolvia neste assumpto o chefe dos castilhistas em Sant'Anna do Livramento. Mas os dignos e benemeritos membros da commissão, no cumprimento dos deveres sagrados de que estavam investidos, não desanimaram e nesta mesma noite seguiram pelo Estado Oriental para o sinistro Rincão de Artigas, *posto do Osorio*, onde eclipsou-se para sempre o astro mais brilhante da marinha de guerra do Brazil.

No dia 2, ás 11 horas da manhã, uma hora antes do momento assignalado pelo ja citado intendente, achava-se no campo do combate do dio 24 aquelles infatigaveis companheiros que tão acerta-

damente foram honrados com a confiança da familia do immortal almirante.

A commissão não encontrou absolutamente ninguem com quem tratar; estava em presença de cadaveres insepultos, covardamente mutilados, horrivelmente expostos á voracidade dos corvos negros e famintos que n'um adejar ruidoso receberam irados os perturbadores de seu nefando festim.

Foram examinados todos os corpos alli existentes: a putrefacção dos cadaveres, o cheiro insupportavel que delles se desprendia, não impedio que a commissão procurasse minuciosamente descobrir entre todos elles aquelle que fôra alli buscar convencida já de que não havia de encontral-o, como effectivamente não encontrou, mas fazendo lavrar uma acta de todas as investigações que foram realisadas no sinistro local.

O cadaver do almirante Saldanha da Gama não foi encontrado; as ordens do governo central da Republica foram burladas pelos seus delegados no Livramento, o que faz acreditar que são verdadeiras as noticias da mutilação do cadaver e da fogueira que o consumiu.

Procuraremos, citando nomes, dar uma idéa das varias noticias que tivemos áquelle respeito, enumerando os factos que parecem levar-nos á consequencia evidente de que fôra reduzido a cinzas os restos materiaes do immortal almirante, afim de evitar que tal qual fôra abandonado pelo infame João Franscisco apparecesse aos olhos da commissão encarregada de recebel-o, o que seria mostrar ao mundo inteiro com o mais irrecusavel testemunho o modo deshumano com que nos faz a guerra o tyranno Julio de Castilhos.

....

Na noite de 26 chegou em Sant'Anna do Livramento, conduzindo os feridos governistas, o *tenente* Barnabé Ramos a quem o Sr. Moysés Vianna interrogou sobre o cadaver do almirante.

O tenente respondeu-lhe que onde se achavam não era logar proprio para se fallar nessas cousas.

O dr. Moysés Vianna declarou ao sr. Mario Saldanha que o *corpo tinha sido enterrado com todas as honras militares* e o sr. Paula Castro diz ao mesmo sr. Mario que o *corpo estava insepulto*. O sr. Moysés pede um caixão de zinco para o transporte do cadaver e ao mesmo tempo pede cavallos gordos ao cidadão Antonio Thomazzi para mandar apressadamente ao acampamento do general Hypolito....

De tudo isto e das outras revelações que já publicamos se deduz que o dr. Moysés mentia como um vilão, que S. S. procedia com má fé e que seus intentos era ganhar tempo para que fossem cumpridas suas ordens no sentido de fazer desapparecer para sempre os despojos que se buscavam.

O capitão medico da guarnição de Sant'Anna, dr. Irineu Catão Mazza, declarou aqui em Rivera *que vio o cadaver do almirante ferido debaixo do queixo, ferimento que lhe deu a morte;* o coronel medico chefe do corpo de saude da divisão do general Hypolito, dr. Agostinho da Silva Campos, declarou tambem na cidade do Livramento *que o cadaver estava em lugar tão feio que elle não se animava a pôr lá os pés*. Este mesmo dr. conta que dos bolsos das calças do almirante tirou uma medida metrica com a qual lhe medio o corpo, que tinha 1 metro e 60 centimetros.

Ninguem mais duvida: o almirante Saldanha da Gama morreu heroicamente, mas os seus implacaveis inimigos degolaram-no, castraram-no,

furaram-lhe os olhos, cortaram-lhe as orelhas, embeberam cem vezes as lanças e as espadas no seu cadaver, que foi, afinal, queimado e reduzido á cinzas!

Era demasiadamente nobre e glorioso para occupar um lugar na terra onde impera a vontade despotica de Julio de Castilhos!

Relatorio da mallograda commissão do recebimento do cadaver.

Montevidéo, 8 de Julho de 1895.—« A' digna Commissão Geral de honras funebres á memoria do contra-almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Vimos cumprir o dever de vos expor os esforços que empregámos para recolher na fronteira brazileira os restos do glorioso almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, sem conseguil-o.

Confiados nas terminantes ordens do exm. sr. presidente do Brazil e autorisados devidamente pelo sr. dr. Sebastião Saldanha, que solicitou aquellas ordens de accordo com o digno departamento nacional de hygiene desta Republica; seguros do apoio das autoridades á nossa piedosa missão e de conmidade com as vossas deliberações, dirigimo-nos em trem expresso á Rivera, onde chegamos no dia 29 do mez passado.

Immediatamente á nossa chegada fomos ás autoridades do Livramento, constando do impresso e originaes que juntamos as conferencias verbaes e correspondencia escripta que mantivemos sobre o piedoso assumpto de que fomos encarregados.

[illegible] tambem. cavalheiros estran-[illegible] [illegible] espontaneamente offerecida. [illegible] experimentada tam-[illegible] [illegible] nos impressos [illegible] [illegible] cidade, cujos infor-[illegible] [illegible] todos os episodios [illegible] das autoridades..

[illegible] nossas diligencias [illegible] commissão esgotou [illegible] officiosas e [illegible] cumprimento das [illegible] presidente da Re-[illegible] [illegible] assim como [illegible] não valeram [illegible] a positiva mas [illegible] logar do com-[illegible] [illegible] a promessa [illegible] uma força do general [illegible] corrente ao [illegible]

[illegible] que na fron-[illegible] [illegible] cidade e no Rio [illegible] de que se-[illegible] da Republica e ja-[illegible] almirante Sal-[illegible] [illegible] as mon-[illegible] [illegible] Entretanto [illegible] apaixonada por es-[illegible] pelas murmura-[illegible] [illegible] e sobre [illegible] suspeitoso das au-[illegible] poderia até á [illegible] dos factos.

[illegible] subterfugios até [illegible] essas autorida-

des para fazer mallograr a incumbencia e desviar-nos dos nossos intentos, com intimidações de imaginarios perigos, viagens escabrosas, chegando até a negar-nos um *guia* que nos acompanhasse ao campo de batalha, de modo a fazer-nos voltar a esta cidade sem podermos explicar na realidade porque fracassara nossa commissão; saltando por todas essas cavillações que nos eram oppostas, resolvemos seguir até ao logar do combate e verificar, no terreno, a sinceridade, a boa fé, e especialmente a *boa vontade* que as autoridades do Livramento tinham sempre em bocca quando tratavam de apparentar disposições para cumprir as ordens superiores, que as collocaram em situação muito critica por não poderem dar conta do cadaver reclamado.

As autoridades do Livramento nos affirmaram que elle havia *ficado no campo de batalha* e á ultima hora combinaram comnosco que alli fossemos e que encontrariamos forças do general Hypolito, no dia *2 de Julho corrente ao meio dia*, que nos entregariam o corpo do almirante Saldanha. Parece-nos que aquellas autoridades não acreditavam que fossemos até o logar indicado, ultimo refugio de suas inexplicaveis contradições ás ordens que haviam recebido e ás quaes se obrigavam pela inexoravel pressão dos factos. Ellas não podiam dizer que haviam retirado o corpo do almirante do lugar em que havia cahido, sem dizer tambem o destino que lhe tinham dado.

Realmente, assegurar que elle ficára no campo, *onde havia grande perigo em ir sem grande força*, era um expediente regularmente manhoso, que salvaria as difficuldades que atormentavam as ditas autoridades, si a commissão se tivesse deixado con-

vencer por aquelles perigos hypotheticos, e pelo precipitado de tão longinqua viagem.

Nós, porem, a despeito de tudo quanto ouviamos e viamos, levados por essa credulidade inexgotavel, de dar fé aos protestos de *boa vontade e lealdade* que forão feitos com infracção da seriedade costumada entre cavalheiros, chegámos a acreditarque era impossivel não encontrar no campo da batalha o corpo do mallogrado almirante, quando pessoas de reputação official nos asseguravam sem hesitar e sem mudar de côr *que elle estava alli* e combinavam comnosco os meios de aplainar as difficuldades, durante tres longos dias.

Por estas razões percorremos 24 leguas desde Rivera ao Quarahim, partindo no dia 1° momentos depois de haver recebido a definitiva resposta de que deviamos nos achar *no dia 2 ao meio dia no campo da acção*, para receber da força do general Hypolito o corpo do almirante. Seguimos por territorio oriental e no indicado dia 2 penetramos no horroroso terreno da batalha. Alli chegámos sem os obstaculos nem perigos com que tentaram assustarnos: até a ausencia da força promettida pelas autoridades concorria para que não houvesse risco em permanecer naquella lugubre paragem, livre inteiramente da *amena vontade* que usaria comnosco aquella força, que necessariamente, com asseverações de perigo para nossa segurança e saude, nos impediria de fazer um rigoroso exame nos cadaveres mutilados, como seus superiores do Livramento quizeram, com *toda a sua boa vontade*, impedir a nossa viagem. Pudemos finalmente cumprir nossa dolorosa missão com o testemunho imparcial de visinhos, nacionaes e estrangeiros, que nos acompa-

nharam, como consta da acta que lavramos e que elles tambem assignaram.

Revirados todos os cadaveres, insepultos uns e mal inhumados outros, aquelles em muito maior numero que estes, estando todos os das forças vencidas, com excepção apenas de quatro, inteiramente nús e havendo alguns, como o do 1º tenente Timotheo Pereira da Rosa, com tal numero de feridas e contusões, que denunciavam por sua natureza o heroismo da lucta que deviam ter mantido com seus inimigos, e assim tambem que estes forão depois della crueis com seus cadaveres. Entre os mais ou menos sepultados, reviramos os corpos dos inimigos legalistas, que estavam com suas roupas e alguns com suas armas. Reconhecemos todos os officiaes e aspirantes que cahiram com o glorioso almirante, os soldados de marinha, os atiradores da brigada do coronel Vasco Martins e alguns outros voluntarios civis do nosso conhecimento ou das pessoas que nos acompanhavam.

Prolixamente se foi examinando todo o terreno do combate e seus adjacentes, todos os logares que pareciam indicar se tivesse removido a terra, as sangas e grutas do campo, empregando-se a commissão e todo o pessoal de seu sequito, desde ás 11 horas da manhã até ao anoitecer, nessa desesperadora tarefa de procurar um cadaver no meio do horror causado pelos corpos mutilados dos seus heroicos companheiros.

Retirámo-nos assim, sem encontrar o corpo do almirante Saldanha, que as autoridades do Livramento e o general Hypolito asseguravam que *estava alli* no campo onde cahira; retiramo-nos sem que chegasse a força que *ahi* devia estar ao *meio dia*; retiramo-nos sem haver corrido o menor dos riscos

com que nos amedrontavam; retirámo-nos com a dolorosa convicção de que haviamos sido enganados em nossa missão amiga e piedosa pela boa vontade inqualificavel dos funccionarios, á cujas portas fomos bater por obediencia e respeito ás ordens do primeiro magistrado do Brazil, tão villipendiado por elles como nós o fomos nesta tarefa. E de tudo lavrou-se a acta acima referida, cujo theor a baixo reproduzimos.

Estamos convencidos de que as autoridades do Livramento não podendo desobedecer formalmente as ordens recebidas, porém vendo-se forçadas a não cumpril-as, para não ficar descoberta a atrocidade de seus companheiros, procuraram todos os meios de mallograr por completo a nossa missão.

Mas não conseguiram: ao menos ficou averiguado o logar em que não está o corpo do almirante Saldanha.

As autoridades affirmaram que elle estava no campo do combate, nós affirmamos e juramos que elle ahi não está.

E por tudo o que ouvimos de pessoas circumspectas, por certas revelações intimas de pessoas que tem motivos para saber a verdade, por todas as peripecias da nossa excursão e trato com as autoridades do Livramento—por seu provado empenho de sequestrar o cadaver—por sua estudada affirmativa de que elle se achava no campo onde não está; concluimos, que é nossa convicção tambem, hoje, que não quizeram as autoridades entregar-nos o cadaver do almirante Saldanha, seguramente para que não se reconhecessem as mutilações nelle perpetradas.

O lugubre luxo de atrocidades que a commissão vio nos corpos estendidos no campo de batalha — grande maioria dos quaes *não apresentavam fe-*

ridas mortaes, sendo evidente que foram ultimados por degolação—essa furia de mutilação que vimos exercida sobre victimas, obscuras umas e menos illustres todas que o glorioso almirante, cujo cadaver está sigillosamente escondido pelos vencedores, provam que as profanações exercidas excederam a tudo o que se possa imaginar.

Damos-vos os nomes dos cavalheiros que nos auxiliaram em nosso empenho, para que lhes tributeis vossos agradecimentos, como já o fizemos em vosso nome.

Resta-nos informar-vos que ao sr. intendente do Livramento demos conta do resultado negativo dos nossos esforços, com o que certamente não ficou surprehendido, agradecendo-lhe a original *boa vontade* com que nos ajudou em nossa piedosa missão. Então declarámos-lhe que sabiamos as causas do mallogro de nossa incumbencia e que em seu devido tempo seriam aclaradas.

N'este relatorio encontrarão as autoridades do Livramento a aclaração promettida.—*Ramon E. Silveira.—F. A. G. Secco—Lourenço P. Cavralho—dr. Carlos Laudares.*

Acta lavrada pela Commissão

«A 2 de julho de 1895, reunidos se apresentaram nos fundos do *Campo Osorio*, logar em que se travou o combate entre as forças do almirante Luiz Phelippe de Saldanha da Gama e as do coronel Antonio Candido de Azambuja e tenente-coronel João Francisco Pereira, os cidadãos Ramon Silveira, Francisco A. G. Secco e Lourenço P. Carvalho, que constituem a

commissão encarregada pelo dr. Sebastião de Saldanha da Gama para receber o cadaver do referido almirante seu irmão, e o dr. Carlos Laudares, encarregado de verificar o obito e embalsamar o corpo. Tendo chegado ás 11 horas, esperaram até ao anoitecer o general Hypolito ou seus enviados, que, conforme o combinado com o dr. Moysés Vianna, intendente do Livramento, deviam alli effectuar a entrega do referido cadaver. Não tendo comparecido nem o general Hypolito nem pessoa enviada por elle, resolveram retirar-se ao anoitecer, depois de percorrer todo o campo da acção, no qual encontraram muitos cadaveres insepultos e varias tumbas recentemente fechadas, que foram abertas e examinadas, sem que entre os corpos que continham, e os que estavam insepultos, mutilados na sua quasi totalidade, encontrassem aquelle que buscavam.

Em fé do que redigiram e assignaram esta acta, na presença do dr. Augusto Pereira.

Documentos relativos á Commissão

Eu abaixo assignado, doutor em medicina, de accordo com as ordens transmittidas pelo exm. sr. presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, Dr. Prudente de Moraes, confio plenos poderes aos srs. Carlos Laudares como perito, Ramon Silveira, Francisco A. G. Secco e Lourenço P. Carvalho, para que recebam das autoridades brazileiras em Sant'Anna do Livramento, ou em outra localidade por ellas indicada, o cadaver de meu irmão Luiz Phelippe de Saldanha da Gama, qualquer que seja o estado em que se ache, depois de feito o exame

pelo perito acima mencionado, na presença das duas commissões reunidas, a que entrega e a que recebe, lavrando-se o competente auto—Montevidéo, junho 28 de 1895—*Dr. Sebastiao J. de Saldanha da Gama* (Está reconhecida a firma pelo consulado do Brazil.)

.˙.

Livramento, junho, 29 — Illm. sr. Francisco Secco

Peço-lhe a especial fineza de levar ao conhecimento da Commissão a que dignamente pertence, que infelizmente não foi possivel conseguir cavallos para o fim que conversámos, e n'estas condicões e n'este momento mando um proprio ao general Hypolito communicando-lhe tudo e dizendo-lhe que a Commissão segue para o logar do combate pelo Estado Oriental e que, conforme as ordens recebidas, elle deve mandar uma força afim de entregar o cadaver,. lavrando-se no momento respectivo a acta da entrega.

Sinto profundamente não poder por outra forma corresponder aos intuitos da humanitaria commissão a que pertenceis e que muito aprecio.

Disponha do seu patricio obrigado.— *Moysés Vianna.*

.˙.

Rivera, 30 de junho de 1895.—Ao Illm. Snr. indentente Dr. Moysés Vianna.

Commissionados pelo dr. Saldanha da Gama e em cumprimento da ordem do exm. presidente da Republica do Brazil, aqui viemos para conduzir o cadaver do almirante Saldanha da Gama.

Em seguida passámos ao Livramento a nos entendermos com o intendente, e não obstante haver V. S. dito que era impossivel ir ao logar do combate e que tão pouco delegaria seus poderes, ás 2 horas da tarde de hontem teve a delicadeza de escrever-nos dizendo que se dirigia ao general Hypolito afim de que este mandasse uma força entregar o cadaver. Mais tarde, por seu cunhado Martins mandou V. S. mostrar-nos uma carta que acabava de receber do dito general, na qual declarava elle estar a 15 leguas do lugar do successo e completamente sem cavallos, razão pela qual não podia desprender nenhuma columna que fosse fazer a entrega, porém que podia mandar uma pequena força effectual-a.

Como isso não é affirmativo, a Commissão necessita, para seguir com a presteza que o caso requer, de uma affirmação muito positiva das autoridades do Livramento, que, segundo telegramma do presidente da Republica do Brazil, são as que devem effectuar a entrega do cadaver.

Por isso se dirige a Commissão a V. S. e ao commandante da guarnição, para que indiquem de maneira positiva, dia, logar, hora e meios para receber o cadaver e poder dar cumprimento á sua humanitaria missão.—*A Commissão.*

.·.

RIVERA, 30 de Junho (*á noite*)—Sr. coronel commandante da guarnição do Livramento.

Havendo o exm. presidente da Republica, em seu telegramma dirigido ao dr. Sebastião de Saldanha, irmão do almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, communicado que havia ordenado ás

autoridades do Livramento que procedessem a entrega do cadaver do mesmo almirante, autorisada pelo dito dr. Sebastião esta Commissão se dirigio ao dr. Moysés Vianna e a V. S., as duas autoridades do Livramento. Até este momento não nos foi possivel conseguir que fosse determinado, de modo positivo, o effectuamento da entrega, propondo por escripto e verbalmente o dr. Moysés Vianna uma vez um meio e outra vez outro, sem que nenhum delles offereça nenhuma garantia de poder ser executado sem que circunstancias imprevistas venham burlar nosso cummum intento.

Em taes circumstancias nos dirigimos nesta occasião a V. S., como ao dr. Moysés, afim de que com franqueza e lealdade declare si é ou não possivel a V. .S, de accordo com o ordenado pelo presidente da Republica do Brazil, fazer effectiva a entrega do cadaver do almirante.

Em caso affirmativo, declaramos a V. S. que a Commissão está disposta a empregar todos os seus esforços e fazer todos os sacrificios.

V. S. deve comprehender que a demora que se dá é sensivelmente prejudicial ao desempenho da commissão em que devem estar todos interessados.

Aguardamos de V. S. contestação prompta e positiva.—*A Commissão*.

.˙.

Livramento, 30 de junho (á noite)—Illm. Sr. Francisco Secco.

Acabo de receber da Commissão a carta que se dignou enviar-me hoje. Conforme declarei a VV. S. S. não tenho elementos de forças com que poder ir ao logar em que se deu o combate e fazer effectiva a

entrega do cadaver, como desejava. Nestas condições me hei dirigido ao general Hypolito, que me ha contestado nos termos que levei ao conhecimento de V. V. S. S.

Como se vê pela carta do mesmo general Hypolito, não obstante achar-se longe do campo da acção, está elle prompto a mandar uma força effectuar a entrega e dar garantias a todas as pessoas que forem levantar o cadaver.

Creio que por esta fórma poderá a Commissão nomeada cumprir sua missão.

Repito mais uma vez a VV. S. S. que me é profundamente doloroso não poder por outra fórma corresponder aos vossos desejos.—*Moysês Vianna.*

.·.

Livramento, 30 de Junho (*á noite*)—Sr. Francisco Secco.

Empenhado no cumprimento da missão em que veio a Rivera essa Commissão, levo ao vosso conhecimento que será facil seu desempenho seguindo por territorio brazileiro até o acampamento do general Hypolito, que, como já communiquei, está prompto a auxiliar em tudo e lhes ha mandado offerecer todas as garantias.

Por esta fórma em menos de tres dias podereis desempenhar vossa missão; se fôr acceito este meio, conseguiremos aqui um *guia* que vos levará ao acampamento do general.—*Moysés Vianna.*

.·.

Rivera, 30 de junho de 95—Ao ministro do Brazil—Montevidéo

O intendente Moysés Vianna, depois de dizernos que não delegaria poderes a ninguem para a entrega do corpo e que não poderia ir hoje ao logar do combate, avisou-nos de haver escripto ao general Hypolito para effectuar a entrega. Mais tarde, mandou-nos uma carta do general Hypolito, em que este dizia não poder distrahir forças por falta de cavallos, mas que mandaria um piquete.

Pedimos dia e hora para não termos que esperar no logar do combate indefinidamente, e respondeu-nos, agora, por carta, que afim de cumprir a nossa missão, devemos ir ao acampamento do general Hypolito, que se retirou para outro logar, offerecendo-nos um guia!... O dr. Cabellos offereceu-se para acompanhar-nos pessoalmente, faltando-lhe sómente um vaqueano que conhecesse o logar onde está o cadaver, vaqueano que Moysés e Paula Castro não conseguiram. Pedimos ao general Hypolito que ordenasse para que nos fosse facilitado um vaqueano. Compromettemo-nos a trazer o cadaver a Livramento, onde as autoridades procederiam de modo a fazer a entrega, lavrando-se uma acta, salvo se o general Hypolito quizesse mandal-o buscar, dando nós os meios de transporte e caixão.

Pedindo por favor uma resposta prompta, invocamos a vossa valiosa intervenção, para conseguirmos o humanitario fim.—*A Commissão.*

.˙.

LIVRAMENTO, 1° de julho.— Sr. Francisco Secco.

Esta manhã, ás 9 horas, pelo sr. Quesada me foi entregue a carta que me dirigio a Commissão, datada de hontem ás 9 horas da noite.

Conforme conversei á noite com dois dos respeitaveis membros da Commissão, ficou convencionado que iria ella por territorio oriental até ás immediações em que se deu o combate e alli aguardaria até o dia 2 do corrente, ao meio-dia, a força do general Hypolito que iria fazer entrega do cadaver.

Resolvido isso ás 8 da noite, em presença do mesmo sr. Quesada, immediatamente despachei um proprio ao general Hippolyto comunicando-lhe a resolução que haviamos tomado, para que no dia, logar e hora expressados, se achassem os membros da Commissão com a força do mesmo general.

Por tal fórma a Commissão poderá amanhã estar com a sua missão cumprida, attenta a boa vontade e cavalheirismo com que o general Hippolyto se acha empenhado em auxilial-a.—*Moysés Vianna.*

.·.

Sant'Anna do Livramento, 1 de Julho de 1895—Illustres cidadãos da Commissão

Rebebi vossa carta de hontem que trata da entrega do cadaver do almirante Saldanha da Gama; me cumpre contestar-lhes que não havendo recebido nenhuma ordem a tal respeito, tratei sempre de satisfazer vossos desejos acompanhando o dr. Vianna, intendente do municipio, quem recebeu ordem para a entrega do cadaver de Saldanha.

Creio que a digna Commissão tem de modo positivo recebido declarações de que é possivel a entrega do cadaver e qual o meio mais expedito para conseguil-o.

Me é grato communicar-lhes ainda que hontem, ás 8 horas da noite, mais ou menos, fiz seguir por

intermedio do tenente-coronel Gentil Gomes um proprio para o general Hippolyto, levando uma carta do dr. Moysés communicando a vossa disposição de seguir para o ponto onde se deverá encontrar o cadaver, e requisitando a força necessaria

Creio haver assim contestado vossa carta; além disto hei telegraphado ao dr. Saldanha da Gama em Montevidéo e conversado com um seu sobrinho ou filho de nome Mario, morador em Rivera.—*Francisco de Paula Castro*. (1)

.·.

RIVERA, 1 de Julho de 1894—Sr. intendente do Livramento dr. Moysés Vianna.

Havendo V. S. declarado que mandaria um proprio ao general Hipolyto, afim de que amanhã, ao meio dia, mandasse effectuar a entrega do cadaver do almirante, sem que comtudo pudesse V. S. garantir que fosse acceita a requisição, occorre que acabamos de ser informados que o general Hi-

---

(1) Esta declaração positiva do commandante da guarnição de Sant'Anna do Livramento, tenente-coronel Paula Castro, de não lhe ter sido expedida nenhuma ordem official acêrca do cadaver do almirante Saldanha da Gama, quando era elle o mais legitimo e proprio, senão o unico competente para fazêl-a executar, visto ser determinação oriunda do governo da União e sobre assumpto militar, é a prova real da ominosa dependencia castilhista, a que submetteu-se infelizmente o conspicuo Dr. Prudente de Moraes, n'um incidente de tanta monta para a honra nacional, e bem assim do ignáro papel de *mero espectador*, que desempenhou o illustrado general Innocencio Galvão, dentro da sua plena jurisdicção, perdendo lamentavelmente d'ess'arte o ensejo de poder de facto occupar na Historia um logar distincto entre os generaes hodiernos, por exemplo, ao lado do ex-commandante em chefe do exercito hespanhol em Cuba, o marechal Martinez Campos, que não deixou nunca de render publica homenagem ao valor dos officiaes insurrectos mortos em combate, fazendo-os sepultar com toda a solemnidade militar correspondente ás suas respectivas patentes.

Mais uma triste desillusão!

polyto se moveu com todas as suas forças em direcção completamente opposta ao ponto em que se diz estar o cadaver.

Somos commerciantes residentes em Montividéo, pouco habituados a fazer viagens e nos pesaria fazer o sacrificio de largas jornadas sem nenhum resultado; em taes condições, e tendo o Sr. Presidente da Republica no telegramma que dirigio ao dr. Saldanha da Gama, irmão do almirante, declarado que mandára ordens ás autoridades do Livramento para effectuar a entrega do cadaver, pedimos a v. S. que nos declare em forma positiva, se póde ou não fazer a entrega, visto ser V. S. a autoridade para tal fim indicada pela suprema autoridade do Brasil. Em caso affirmativo deverá V. S. indicar por escripto os meios.

A Commissão está prompta a fazer todos os esforços e sacrificios para preencher devidamente sua missão, porém, para isso pedimos a V. S. que dê uma contestação positiva, com o que nos obsequiará. —*A Commissão*.

.˙.

LIVRAMENTO, 1º de Julho de 1895—Srs. membros da Commissão.

Como V. V. S. S. hão visto pela carta que me escreveu o general tratando do assumpto e que tive o gosto de mandar mostrar a V. V. S. S., não tendo vindo o cadaver para esta cidade, como lhes hei dito no primeiro momento que tive o prazer de tratar com a digna Commissão, e havendo ficado no campo da acção, creio que o unico meio para a commissão poder cumprir sua missão é o que indiquei e ficou convencionado.

Como sabeis, no momento actual é impossivel a entrega do cadaver n'esta cidade em vista de haver ficado no campo da acção e o general Hippolyto de accordo para entregal-o lá.

Concluo esta com bastante pezar por ver que mais uma vez fracassam os esforços que se ha empregado para que a commissão realize os fins a que veio.—*Moysés Vianna*.

.˙.

Rivera, 3 de julho de 1895—Sr. dr. Moysés Vianna.

Junto encontrará V. S. copia da acta que foi lavrada no campo em que se deu o combate entre as forças do tenente-coronel João Francisco e o almirante Saldanha da Gama.

Os membros d'esta Commissão, retirando-se para Montevidéo, lamentam que todos os seus esforços e sacrificios e a *boa vontade* manifestada por V. S. hajam sido completamente estereis por extraordinarias circumstancias que não desconhecem e que neste momento não procuram esclarecer, o que, porém, farão opportunamente.—*A Commissão*.

Editorial do Jornal do Commercio de 10 de Julho de 1895

ULTRAGE A' CIVILISAÇÃO

Era previsto, desgraçadamente previsto.

O nosso correspondente de Montevidéo, transmittindo-nos a opinião corrente naquella civilisada capital, annunciara que o corpo do contra-almirante Saldanha da Gama *não seria encontrado*; euphe-

mismo que na sua apparencia decente denunciava o acto selvatico da sequestração do cadaver á sepultura que a sociedade não recusa aos justiçados. O facto está agora confirmado.

Ficou insepulto, pasto dos carniceiros, o corpo de um brazileiro, que mesmo no seu erro não esquecêra os sentimentos e a nobreza d'alma e as virtudes que o havião, na vida anterior, tornado benemerente á patria. Os seus restos não terão para cobril-os, no descanço eterno, a terra da patria que elle tanto servira e nem á piedade dos seus foi licito dar-lhe o derradeiro jazigo !

A ordem do Sr. Presidente da Republica não pôde ser cumprida, porque os seus subordinados legaes, que têm a responsabilidade do mando das forças federaes, instrumentos da lei, são desobedecidos pela autoridade dos chefes de bandos que só obedecem ao Presidente do Rio Grande do Sul.

A autoridade do primeiro magistrado da União não chegou áquelles bandos que, por antithese affrontosa, alli são denominados—patriotas.

Não retaliamos; em vão procurariamos retaliar contra os factos que ahi estão em todo o peso de toda a sua hediondez.

Não é o sentimento da indignação pela justiça ultrajada, pela lei conculcada, pela humanidade desrespeitada que inspira estas linhas; não é um protesto pelo insulto á Patria: temos assistido á impunidade de tantos crimes, temos ouvido tanto clamar benemerencia por attentados horriveis, que a indignação, outr'ora vibrante por factos somenos, se nos vai embotando. E' o nosso patriotismo que se confrange ainda no estertor do derradeiro aviltamento, que nos angustia no anniquilamento da nossa civilisação. Tem-se-nos levado os bens,

tem-se malbaratado a fortuna nacional em explorações sem conta e sem pudor, expiamos grandes erros nas amarguras do nosso credito nacional outr'ora tão estimado, mas parecia-nos poder esperar que a civilisação do povo brazileiro se mantivesse immaculada em tantos infortunios. Nem isso. Fizerão-nos descer na escala da civilisação, pois no Rio Grande do Sul já não se conhecem aquelles sentimentos, aquelle decóro que distingue o homen do bruto, o civilisado do selvagem.

Os prepostos do Sr. Dr. Julio de Castilhos, illudindo, escarnecendo da ordem do Sr. Presidente da Republica, recusarão sepultura humana ao corpo de um dos Brazileiros que perecêrão no combate do Campo Osorio, mutilárão, despedaçarão um cadaver, na furia daquellas vinganças que só virão os nossos campos e as nossas florestas quando n'ellas dominavão as tribus selvagens. Os cannibaes cevão-se nos corpos dos inimigos cahidos sob as suas armas, a gente civilisada respeita-os.

Ficamos em sentimentos humanitarios abaixo dos africanos barbaros. Os zulús entregárão o corpo do principe Napoleão á piedade materna, os bandos do Presidente do Rio Grande do Sul recusárão sepultura ao cadaver de um Brazileiro, de um seu concidadão, ainda que adversario politico.

Que patriotismo, que partidarismo é esse, gerador de odios que não parão no tumulo?! Que causa é essa que impõe a profanação dos despojos humanos do vencido e os manda devorar na vingança selvatica do incola ? !

Aquella gloriosa terra rio-grandense, berço de tantos heróes, teria sido por tal fórma subvertida, que perdesse os ultimos vestigios da civilisação,

que a engrandecia e de que se ufanavão os seus valentes filhos? !...

Não é em nossa terra nem em nosso seculo que encontraremos o *simile* do estado bestial da barbaria que se apascenta de cadaveres e nem na Grecia barbara achamos outro exemplo que não seja o de Achilles entregando o corpo de Heitor ao pai doloroso. E' sómente nas negruras estriadas de sangue da historia das gentes as mais barbaras, que lobrigamos o vandalo feroz espalhando cadaveres em roda das muralhas de Hippone, para forçar os defensores da civilisação a renderem-se pela infecção da podridão humana.

No Rio Grande do Sul querem os guerreiros do presidente positivista a rendição dos contrarios por esse methodo vandalico. Alli os corpos dos vencidos depois de mutilados devem ser pasto dos vencedores e tropheos justificativos das suas soldadas. Os bandos do Presidente do Rio Grande levão aos campos de batalha o olfato de Vitellio. Não sentem o que os outros homens sentem.

E são Brazileiros os vencidos e são Brazileiros os vencedores que sequestrão cadaveres, quando não vão desenterral-os para insultar os despojos do adversario subido á justiça do seu Creador!

Não é um brado de indignação, não é um grito de revolta, a força abafou-os todos; é um gemido de dôr que Brazileiros soltamos ante essa humilhação da nossa nacionalidade. Puzerão-nos abaixo dos zulús no respeito á morte.

Seja esta a derradeira provação daquella guerra selvatica, sejão as victimas do combate do Campo Osorio as ultimas que de um e de outro lado expiem os seus e os nossos erros, e que a energia e o grande patriotismo do Sr. Presidente da Republica ponha

quanto antes termo a essa guerra que nos affronta com taes horrores, restabelecendo a tranquillidade do infeliz Estado do Rio-Grande do Sul.

E' preciso que esse Estado volte á civilisação de que os seus pretensos chefes o fizerão sahir. (1)

Editorial da Gazeta da Tarde de 13 de Julho de 1895

Como mais um tributo de veneração á memoria de Saldanha da Gama, o bravo contra-almirante, morto heroicamente em Campo Ozorio, no Rio Grande do Sul, offeremos hoje aos nossos leitores o seu retrato.

A patria não póde esquecel-o, porque a historia ha de ter para a sua curta, porém brilhante vida de 49 annos, paginas eloquentes de encomios, de admiração e de saudades, dessas que perpetuam um nome na memoria de um povo. E' nessas paginas que ha de ser pintado mais tarde o seu mais bello retrato.

O que hoje illustra a nossa folha, offerecemos nós aos contemporaneos, como uma reliquia que lhes trará sempre presente á memoria o famoso marinheiro, em quem, ainda hontem, admiravam um thezouro de distincções e um titulo de desvaneci-

---

(1) Optimo,explendido, edificante, se tivesse começado este patriotico e civilisador libello pelo chefe da nação, o Dr. Prudente de Moraes, por ter confiado a entrega do cadaver ás autoridades do governador Castilhos, e não ás federaes, (vid. pag. 233) ou, a não ser isto verdade, pelo commandante em chefe das forças em operações no Rio Grande, o general Galvão de Queiroz, por não ter se importado absolutamente com o cumprimento da ordem recebida.

mento para a Patria, e sobre cuja sepultura hoje se debruçam em prantos, pungidos de saudades.

Que os patriotas, contemplando-o, saibam honrar o nome brazileiro, como elle honrou, e aprendam a morrer gloriosamente por uma idéa, como elle morreu.

Que a mocidade da armada nacional, essa brilhante classe em que Saldanha da Gama foi um modelo e de que era um idolo, o guarde, como um incentivo capaz de ensinar-lhe o caminho que vai ter ao renome e á gloria.

Que as mãis brazileiras, mostrando-o aos filhos e para nelles preparar o caracter dos futuros cidadãos, lhes contem, na tranquillidade do lar, com a delicadeza de seu sentimento, com a doçura de sua voz e com a simples e natural eloquencia de sua palavra, a historia de um grande homem, surprendido, ao subir os ultimos degráos da gloria, pela fatalidade que o poz ao alcance da foice terrivel e céga da morte.

Que o contemplem os seus proprios inimigos, para que, desvanecida hoje a enorme projecção de sua sombra, confessem que só a grandeza de seu vulto, o desvairamento politico e o odio partidario os levaram a fazer injustiça aos seus sentimentos e atirar calumnias ao seu caracter.

Que o gardem todos, porque o retrato de Saldanha da Gama é uma reliquia preciosa, um livro cheio de grandes lições !

Espirito ricamente cultivado e capaz de encaminhal-o para as mais variadas e brilhantes posições, não se deixou sedusir por ellas; cavalheiro do mais fino trato e da mais correcta e apurada cortezania, não se enamorou dos salões; tinha se dedicado á vida do mar, fez-se e ficou marinheiro: foi o mar o

grande theatro de quasi todas as suas glorias. Mais de uma vez as honras e as posições lhe acenaram de terra; elle ficou sempre firme e inabalavel no tombadilho de seu navio, preferindo ás tranquillas vantagens d'aquellas os riscos e aventuras do mar.

Marinheiro illustrado, honrou o Brazil mais de uma vez, no estrangeiro, em commissões importantes e recebeu repetidas provas de apreço da marinha de outras nações. Navegante, realisou com pericia diversas travessias longas e difficeis e affrontou calmo e impavido as iras dos temporaes.

Guerreiro, escreveu brilhantemente o seu nome na guerra do Paraguay, na bahia do Rio de Janeiro e em Campo Ozorio, onde tombou, para nunca mais levantar-se, depois de haver luctado gloriosamente como um heróe.

Disciplinador, não teve quem com elle competisse e difficilmente poderá ser substituido. Entretanto, a amenidade do seu trato não deixava suspeitar nelle esse marinheiro amestrado, esse navegante impavido, esse guerreiro valente e esse disciplinador severo.

Respeitador da disciplina e escravo da lei, conservou-se neutro, quando rebentou a revolução de 6 de Setembro, e o seu immenso prestigio manteve nesse estado as duas ilhas fortificadas da bahia do Rio de Janeiro; pretendeu assim sustentar o governo constituido, evitando ao mesmo tempo fazer correr o sangue de irmãos e companheiros de classe.

Não o comprehenderam, aggrediram-no, insulsultaram-no, calumniaram-no, negaram-lhe tudo, e, por fim, o atiraram nos braços da revolução, porque seu grande coração não tinha que hesitar entre ella e um governo dictatorial que o ameaçava de morte e a seus irmãos de armas, que se achavam

cercados de perigos e carecendo do seu valioso auxilio.

Era tarde, porém, para vencer, luctando contra os poderosos elementos que tinham sido amontoados em torno das ilhas e dos navios revoltados e quando, segundo se diz, não tinham sido fielmente executados os planos por elle inspirados.

Ainda assim, a revolução luctou muito sob o seu commando, praticou prodigios de valor em differentes pontos da bahia e em Nictheroy, onde o glorioso marinheiro recebeu mais de um ferimento, e escrveu a brilhante epopéa da corajosa e admiravel resistencia da guarnição de Villegaignon, esse alvo para onde convergiam diariamente milhares de balas de todas as armas e de todos os calibres!

Capitulou, em fim, para evitar o sacrificio inglorio de seus valentes commandados e dedicados companheiros; não o comprehenderam ainda, e chamaram-no de cobarde.

Para responder ao insulto, preparou pacientemente os elementos, reorganisou a revolução riograndense e fez nova invasão nas fronteiras do Rio Grande do Sul.

Seus inimigos conheciam-lhe o valor, estremeceram, duplicaram os elementos de lucta e recorreram a todos os meios para vencel-o.

Venceram-no pela emboscada e pela traição! Venceram-no em lucta notavelmente desigual, e depois de haver elle queimado o ultimo cartucho e gasto o ultimo alento!

E' assim que morrem os heróes.

E seu corpo, o corpo daquelle que, aqui na bahia do Rio de Janeiro, não matou um prisioneiro, tratou desveladamente os feridos, e restituiu á pais

desolados filhos que havia aprisionado, foi degolado, mutilado e se recusa aos que o pedem, para dar-lhe sepultura!

Como esse martyrio além da morte glorifica ainda mais o grande morto e aponta á execração universal os inimigos cobardes e odientos, os infames profanadores!

....

Os azares da guerra e as insidias da traição fizeram com que um anonymo te vencesse, te roubasse a vida e te profanasse os restos; o que não conseguirão teus inimigos é apagar as fulgurações de gloria que hão de rodear teu nome na historia, é riscar da memoria do povo brazileiro o nome de Saldanha da Gama!

Dorme, glorioso filho desta grande terra! Dorme, heroico luctador! Dorme nas solidões dos pampas rio-grandenses, vastos como os mares em que iniciaste as glorias de tua vida; teu sangue generoso ha de regar alli a arvore da liberdade, que foi o teu ideal de patriota e a quem déste em holocausto tua vida preciosa!

Officiaes da legião de Saldanha da Gama que morreram com elle em Campo Ozorio (Extrahido em parte do "Canabarro" de Rivera, Republica Oriental.)

Pertencentes á Armada Nacional:

1º tenente Luiz Timotheo Pereira da Rosa, natural do Rio Grande do Sul, filho do distincto rio-grandense dr. Timotheo Pereira da Rosa, já falle-

cido e que foi um dos fundadores do antigo e glorioso partido liberal.

O 1° tenente Rosa foi commandante do cruzador *Liberdade* e actualmente commandava o batalhão de marinha. Feito prisioneiro, foi degolado e horrivelmente mutilado: faltavam-lhe os dedos da mão esquerda e tinha no rosto tres grandes talhos parallelos, um na testa, outro em cima do nariz e outro no queixo.

Tinha 26 annos incompletos.

.˙.

1° tenente Fernando Pinto Ribeiro, natural do Rio-Grande do Sul, filho do actual consul portuguez em Porto-Alegre João Pinto Ribeiro. Foi immediato da corveta *Lamego*, achou-se preso no Rio de Janeiro durante a permanencia da esquadra revolucionaria naquella bahia, e, dando-se-lhe depois a cidade por menagem, evadio-se e veio apresentar-se ao almirante Saldanha, no Quarahy, onde servio como fiscal do batalhão de marinha.

Feito prisioneiro, foi o ultimo que mataram, sendo degolado barbaramente pela nuca; e dizem que, vendo ser assassinados os companheiros e elle conservado, descarregava contra os vandalos toda a indignação de sua nobre alma, até que o victimaram tambem.

Tinha 28 annos.

.˙.

1° tenente Tranquilino Pedro de Alcantara, natural do Estado do Rio de Janeiro. Official do *Riachuelo*, achava-se em serviço na Europa ao revolucionar-se a esquadra. Abandonou aquelle navio no

estaleiro de Tolon e veio tomar parte com a maioria de seus companheiros de classe na gloriosa revolta. Era o ajudante do batalhão de marinha. Foi prisioneiro, degolado e infamemente mutilado.

Tinha 29 annos incompletos.

. ˙ .

Gaurda-marinha Arthur Torres, natural do Estado de Sergipe. Ex-immediato do cruzador *Liberdade*, actualmente commandava a 2ª companhia do batalhão de marinha, onde morreu sustentando arriscada posição nas trincheiras.

Seu cadaver foi reconhecido, apezar de estar tambem mutilado.

Tinha 22 annos.

. ˙ .

Guarda-marinha Antonio Candido de Carvalho, natural do Estado de S. Paulo. Ex-commandante da ilha do Engenho, commandava actualmente a 3ª companhia do batalhão de marinha.

Seu cadaver estava tambem mutilado e a cabeça presa ao tronco só pela pelle anterior do corpo; fôra degolado pela nuca.

Tinha 22 annos.

. ˙ .

Guarda-marinha Alberto de Sá Peixoto, natural do Estado do Rio. Official da companhia de *Franco-atiradores*, morreu pelejando como um bravo, em seu posto de combate e por ultimo em defeza da pessôa do almirante, a quem era dedicado em extremo.

Foi o unico cujo cadaver não foi profanado. Tinha 22 annos.

.·.

Aspirante fazendo serviço de guarda-marinha Frederico Adrião Chaves, nasceu no palacio da legação brazileira na capital do Paraguay. Official da companhia de *Franco-atiradores,* morreu no assalto.

Seu cadaver foi tambem mutilado.

Tinha 21 annos incompletos.

.·.

Aspirante fazendo serviço de guarda-marinha Durval Alves de Moraes, natural do Estado de S. Paulo. Servio á revolução no Paraná com a graduação de major do batalhão de marinha e actualmente era empregado como secretario do coronel Ulysses Reverbel. Morreu pelejando na companhia de Franco-atiradores.

Estava tambem degolado pela nuca.

Tinha 20 annos.

.·.

Alferes João Guimarães, natural do Estado de Minas Geraes. Era 2° sargento da Armada, sendo ultimamente commissionado em alferes do batalhão de marinha, do qual era quartel-mestre. Morreu combatendo dignamente ao lado de seus companheiros.

.·.

Alferes Antonio Canuto, natural do Estado de S. Paulo. Sendo escrevente da Armada, fôra commis-

sionado em alferes e servia como official subalterno do batalhão de marinha; morreu nas trincheiras aos primeiros tiros do inimigo. Tambem foi mutilado.

. ˙ .

Alferes Borges. Era inferior da Armada e tinha sido commissionado em alferes; morreu no seu posto de official subalterno do batalhão de marinha. Tambem mutilado.

. ˙ .

Alferes Frederico. Era sargento da Armada e fôra commissionado em alferes, servindo de subalterno do batalhão de marinha. Foi degolado.

Officiaes estrangeiros

Capitão Von Schuerin, official reformado do exercito allemão, excellente engenheiro. Nunca carregou bagagens, na sua mala em logar dos artigos mais necessarios para a vida de campanha só se encontravam livros. Durante a revolução rio-grandense, que accompanhou desde seu inicio, elle, atirador consummado, aprendeu correctamente portuguez, hespanhol e inglez. Ha poucos dias abandonára o 1° corpo, onde sempre servio ao lado de Raphael Cabeda, para vir á Rivera, vestir-se para o inverno, e apresentou-se ao almirante. Servia nos Franco-atiradores, em cuja linha morreu combatendo com aquella serenidade e sangue frio que a todos que o viam nessas occasiões causava admiração e enthusiasmo.

O vandalismo, a atrocidade dos adversarios elevou-se ao auge na presença dos cadaveres deste

estrangeiro e do outro que se segue. Desventurados martyres ! Elles, os ignorantes e perversos, não sabem, como vós bem sabeis, que a liberdade não tem patria, que não ha estrangeiros nas luctas pela sua reivindicação.

. ˙ .

Tenente Henrique Ludder, nutural da Inglaterra. Ex-immediato do Vapor mercante «Santos«, atirador e artilheiro perito do cruzador «Tamandaré». Servia na companhia de Franco-atiradores.

. ˙ .

Tenente honorario Ezequiel Porto, natural do Estado de Sergipe. Ex-ajudante do 3º regimento de artilharia no Paraná, servia como secretario do batalhão de marinha e succumbio no combate.

Seu cadaver foi reconhecido apezar de atrozmente mutilado.

Pertencentes ás Forças Patriotas

Major Horacio Machado, natural do Quarahy, Estado do Rio-Grande do Sul, filho do tenente-coronel revolucionario João Machado. Servia á revolução desde seu principio nas forças sob o commando do coronel Ulysses Reverbel, assistindo aos combates de Jararaca, Inhanduhy, Upamaroty, Baptista, Rio Negro, Bagé e Sarandy. Pelejando heroicamente teve as pernas quebradas e, neste estado, gastas as ultimas munições de seu revólver, foi degolado. Contam que cercado pelo inimigo encarniçado e feroz, elle lhes disse: Chamo-me Horacio

Machado; minha espada está alli; matem-me, bandidos !

.˙.

Major Flores, natural do Rio-Grande do Sul. Servia na cavallaria de Ulysses Reverbel. Foi morto á bala e lança.

.˙.

Capitão Laherte de Carvalho, natural da cidade de Uruguyana do Rio-Grande do Sul. Servio á revolução desde o seu inicio no intemerato batalhão «Antonio Vargas», entrando em todas as acções, sempre distinguindo-se pelas grandes virtudes militares que possuia. Foi official do batalhão « Ernesto Paiva», organisado depois do combate do Rio Negro com os prisioneiros do 28° batalhão de infantaria. Contraste notavel ! Ao passo que os federalistas armavam aquelles que combatiam e venciam, os sicarios do governo castilhista degolam, não só os prisioneiros e os que se rendem, como tambem os mortos, porque, na covardia que sempre manifestaram, parece que temem até do cadaver dos federalistas ! Laherte morreu como um bravo, morreu combatendo. Seu cadaver era o unico que não estava despido ; o desventurado tinha parentes mui chegados entre os vandalos.

.˙.

Tenente Ulysses Azevedo, o gaucho, como lhe chamavam no batalhão de marinha, onde servio addido e onde se distinguia de seus valentes compa-

nheiros pelos habitos da vida rio-grandense, de cujo Estado era natural.

Succumbio galhardamente.

.·.

Tenente Antonio Alvarenga, natural do Rio-Grande do Sul. Servia na cavallaria de Ulysses Reverbel. Morto á bala e degolado.

.·.

Tenente Anastacio Fagundes. Idem, idem, idem,

Apreciações individuaes competentes da personalidade civil e militar de Saldanha da Gama.

Por Affonso Celso Junior

Conheci-o durante a exposição continental de Buenos-Ayres, em 1882.

Era então capitão de fragata e commandava a *Parnahyba*.

Verdadeiro brinco, sob a direcção delle, esse vaso de guerra,—cuja officialidade e marinhagem haviam sido adrede escolhidas para figurar naquelle certamem industrial!

Saldanha produzia vivissima impressão nos argentinos.

Tornou-se a personalidade culminante da exposição, a que haviam accorrido representantes illustres da mór parte das republicas americanas.

Não o largavam os *reporters*. Voava de bôca em bôca o seu nome. Banquetes, *tertulias*, sessões litterarias, scientificas e artisticas disputavam a sua presença. Acolhiam-no em toda a parte sorrisos e acclamações.

Magnificas festas se effectuaram na *Parnahyba*, onde reinavam ordem e disciplina exemplares.

Na camara do commandante, adereçada de *bibelots* magnificos, trazidos por elle da China e do Japão, reunia-se a fina flôr da sociedade porteña.

E Saldanha a todos deslumbrava, pela extensão e variedade de seus conhecimentos, pela sua verve, pela fidalguia das maneiras, pela facilidade com que falava varios idiomas, pela cortez energia com que se impunha aos seus commandados, pela suprema correcção e superioridade, em summa, do porte, do procedimento, dos menores gestos.

Os estrangeiros sentiam-se possuidos por elle, de respeito e inveja. Nós brasileiros, de ufania.

D. Demetrio Lastarria, plenipotenciario chileno, o fino e excellente D. Demetrio (coitado ! mais tarde foi uma das victimas da tyramnia balmacedista), o meu caro e saudoso D. Demetrio exclamava, convencido :

—*Caramba!* Neste D. Luiz Felippe está o homem mais completo que o céo cobre: elle é polyglotta; elle toca; elle dança; elle canta; elle é bravo; elle é bello; elle é um soldado ás direitas, um *gentleman*, um sabio, um companheirão, um demonio. Bastaria ao Brazil mandar um producto social como Saldanha, para dar a maior prova de seu desenvolvimento e ganhar a palma em qualquer exposição.....

D. Demetrio traduzia sentimento unanime. Não eivava a sua apreciação o exaggero castelhano. Saldanha honrava e glorificava o nome brazileiro.

Vi-o, pela ultima vez, annos depois, conduzindo o *cotillon* num baile do *Club de Regatas Guanabarense*.

No centro do salão, trajando casaca, em vez de farda, luvas claras, pespontadas de escuro, empunhando garbosameute o *claque*, elle marcava os passos choreographicos com elegantissima distincção. Resplandecia a sua aristrocatica cabeça loura. A's suas ordens, breves e peremptorias, partiam os pares, valsando ou polkando em torno delle. E no meio da reunião selecta, opulenta de belleza, mocidade e luxo, o insigne marinheiro dava a nota mais alta de requintado apuro, foco de attenções, num destaque vibrante de inconcussa predominancia, não só alli, como em tudo.

Evocando estas reminiscencias, repugna-me acreditar que o inclito commandante da *Parnahyba* em

Buenos-Ayres e o fino mestre-sala de Botafogo seja o mesmo que as noticias do Sul apresentam como varado por lançaços fratricidas, em crudelissimo prelio, degolado e mutilado talvez, e sobre cujo cadaver tripudiam temulentas hordas, rojando-lhe na lama os despojos sanguejantes, numa ignobil caricatura de Achilles (elles, vulneraveis em todos os pontos do physico e do moral!...)—quando arrastou tres vezes, amarrado ao carro de triumpho, o corpo de Heitor em roda dos muros de Hion!

Oh! o principe sardanio, que, emquanto vivo, sustentou o imperio de Priamo, resistindo áos ataques e á astucia da collisão grega, recuando de dez annos, por meio de bizarras façanhas, a ruina de Troia decretada pelos deuses,—oh! o preclaro e infeliz Heitor,—eis a imagem que instinctivamente me occorre ao relembrar Saldanha, mas Heitor qual Canova o fixou no marmore, no momento em que se aprestava para combater Ajax,—a chlamyde pendente do hombro, ostentando as formas ageis e robustas, numa postura de nobre altivez, a physionomia accendida de mascula segurança e de imperterrita coragem, envolto, entretanto, nos fluidos indiziveis da fatalidade!

Não é, porém, propriamente aos rudes heróes homericos que Saldanha se assemelha.

Filia-se, de preferencia, nos cavalleiros medievaes tantos dos quaes fulguram na epopéa de Tasso, prototypos de franqueza, desinteresse e lealdade, cheios de fé, delicados, infatigaveis, clementes, intrepidos, trovadorescos, tão arrojados quão magnanimos, expressando-se sempre com colorida e bellica eloquencia, defendendo, atravez o mundo, a orphandade e a viuvez, paladinos do justo, do bello, e do bem.

Sim! elle era brilhante como Renaud; generoso como Tancredo, o siciliano; zelador da sua palavra como Nerestan; temerario como Coney; irreprehensivel como Bayard; preoccupado, como o joven, bravo e galante Bouillon, em meio de proezas inauditas, sob as muralhas de Solyma, com o que delle pensariam as damas formosas da côrte de França...

—Offereço a minha vida em holocausto no altar da Patria. Espero poder cumprir o meu dever de brazileiro até ao sacrificio,—declarou elle no seu malsinado manifesto de 7 de Dezembro, precioso documento de probidade politica.

E o holocausto realisou-se; e o sacrificio, no desempenho de tremenda tarefa, teve logar. Succumbiu bellamente, como Machabeu, assoberbado pelo numero, olhos fitos no seu ideal patriotico.

Mais que barbaras,—estupidas, as guerras civis!

Não falta quem aponte a Saldanha como um criminoso, quando o seu crime não diversifica dos de Deodoro, de Benjamin Constant, de Floriano Peixoto (este, com aggravantes que hão de desafiar a maxima severidade dos posteros), de Custodio de Mello, a 23 de Novembro, do de quantos, levados por aspiração, interesse, ambição, despeito, sonho, idéa, rebellam-se contra os poderes constituidos, no intento de mudar a ordem de couzas de seu paiz.

No bom exito da empreza consiste o criterio do julgamento. Se triumpham, a benemerencia, a apotheose; se caem esmagados,—a ignominia, a geral animadversão!

Não! esse criterio é falsissimo. Nada importa que Ernesto Renan asseverasse não passar a historia de série ininterrupta de immoralidades e in-

justiças. Gloria aos subjugados por cega força, aos immolados pelo despotismo ou por obtusas leis! Em Christo se encontra a sua sublime concreção!

Desfalcou-se enormemente o patrimonio nacional com o desapparecimento de Saldanha.

Quantos annos, quantos esforços para formar quem o substitua, quem accumule a experiencia, a acção dominadora, o prestigio, os raros predicados que nelle se reuniam, tão necessarios á causa publica!

Profundamente estupidas, repitamos, as luctas civis!.

Gomes Carneiro, Silva Telles, Lorena, Gumercindo Saraiva e, sobretudo, Saldanha, que preciosos recursos, que inestimaveis elementos de um e outro lado, esterilmente destruidos,—elementos utilissimos, senão imprescindiveis, á honra e á estabilidade nacionaes em conflictos, porventura proximos, com audaz estrangeiro!.....

Bramem e espumejem embora desvairados facciosos. Está na consciencia collectiva que a attitude da Patria, ante a morte de Saldanha da Gama, é a que o genio de Miguel Angelo immortalisou no seu grupo a *Pietá*. Ampara sob os joelhos o corpo inerte e sangrento do filho idolatrado, contemplando-lhe as feridas, por onde se lhe esvae o alento, em tragica mudez: silenciosa e immovel, parece, comtudo, indagar dos transeuntes se póde haver dôr comparavel áquella dor.

E a alma da pobre mãe desesperada se arremessa ao infinito em pungentissima supplica:— Senhor, Deus dos exercitos, como te chamava o povo eleito, vê esta immensa perda que eu soffro! Paz! Basta de provações..... Tem pena de mim...

(*Do Commercio de S. Paulo*)

Por Leopoldo de Freitas

MARTYR.—A guerra, o terrivel flagello da guerra civil acaba de extinguir mais um brazileiro illustre.

Combatendo nas campinas rio-grandenses o absolutismo positivista do governador Julio de Castilhos, perdeu a vida o contra-almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Dizer que este finado é um dos brazileiros cujo nome mais resonancia teve ultimamente na esphera da opinião geral—não ha necessidade, pois o Brazil, a America e a Europa tiveram larga occasião de se occuparem delle muitas e repetidas vezes.

Como rio-grandense e sinceramente dedicado aos interesses liberaes da patria, entendemos cumprir dever civico manifestando-nos sobre esta nobre individualidade.

Embora arrostando os obices da intolerancia, a vehemencia do fanatismo partidario, ou a exaltação apaixonada dos terroristas conteporaneos—temos convicção de que o almirante Saldanha da Gama occupa logar proeminente na reduzida aggrupação dos homens de coração e dos espiritos dedicados a uma causa, á um principio, a um ideal.

A historia nacional não póde deixar de aquilalar o seu grande *loyalism* e a sua abnegação ao serviço das liberdades publicas.

São verdades que só a imparcialidade do porvir ha de reconhecer e proclamar.

Epicamente preliando nas coxilhas do Sul, o almirante Saldanha da Gama teve o mesmo destino glorioso que o batavo chefe da esquadra hollandeza, ha dois seculos, procurou nas vagas do oceano, que beijam as praias do norte.

Mas, o vulto politico e militar deste notavel contemporaneo ainda não póde ser completamente analysado.

Contemporaneos do denodado lidador, o que mais sinceramente podemos dizer é que a sua morte significa a fatal consequencia da sociedade brazileira achar-se a mercê das classes armadas.

—Um dia a marinha nacional insurgiu-se á voz de um chefe, a exemplo da marinha hespanhola em Dezembro de 1870, levantada pelo brigadier Topet para destruir o despotismo dynastico da rainha Izabel, e tambem influida pelo exemplo recentissimo da insurreiçao naval do Chile capitaneada pelo almirante George Montt.

O pampeiro agreste da guerra civil varreu quasi todo o Brazil durante muitos mezes e cauzando grave prejuizo ás institituições adoptadas como regimen governativo.

Contaminadas pela paixão politica as forças terrestres e parte das maritimas se degladiaram pujantemente encharcando de sangue o terreno da patria.

O almirante Saldanha da Gama educado nos principios austeros da disciplina e inspirado pelo sentimento do dever militar, consta que, mostrou-se muitas vezes inaccessivel, irreductivel mesmo a qualquer idéa de insurreição.

Espirito adiantado, conhecedor das civilisações estrangeiras, alma que se librava muito acima do campo das ambições partidarias, elle sempre snbtrahio o seu concurso ás repetidds investidas subversoras da ordem publica e que se tornaram frequentes no paiz desde a jornada de 15 de Novembro.

[illegible] das classes na-[illegible]

[illegible] mesmos navios no porto [illegible] pela Europa em auxilio [illegible] commandados, e quiça desempe-[illegible] altamente politica, o al-[illegible] regressou ás Republicas [illegible] voluntario nas phalanges li-[illegible] candense.

[illegible] que este moderno [illegible] Calcando na campina de [illegible] yatagans [illegible] os ottomanos [illegible]

a Grecia e a Bulgaria, o almirante Saldanha da Gama infundio-nos pezarosa emoção.

O historiador Polybio qualifica de *inexpiavel* a horrivel guerra carthagineza, porque então foram postergados os preceitos tanto de direito sagrado como de direito humano; o mesmo se pode applicar a actual campanha do Rio Grande.

Vencer humanamente os brazileiros não sabem mais.

Conta-se que o corpo do nobre almirante vencido foi trucidado pela sanguinosa ferocidade dos chacaes castilhistas..

Deploravel destino o do martyr da liberdade!—

(*Do Democrata Federal de S. Paulo*)

Por Cunha e Costa

Saldanha da Gama—A fidelidade a um ideal politico, mormente a um ideal agonisante, foi e será sempre uma grande virtude, ainda mesmo restringindo-se á esphera psychologica, quanto mais exteriorisando-se em actos de provada bravura, coroados por uma morte heroica.

Estas dedicações incondicionaes, que sobrevivem ao occaso de astros, cuja luz, uma vez amortecida, não póde mais recuperar as bellas fulgurações de outros tempos; este culto religioso dos principios, esquecendo as victorias do adversario, o desalento dos camaradas, o abandono dos que, por indeclinavel obrigação moral, deveriam estar ao nosso lado; esta lealdade medievica que, suppondo só servir a patria quem servir Deus e el-rei, abandona honras, pretere futuro e depõe glorias, para

luctar ainda quando já el-rei é morto e a hoste desmantelada, busca o refugio das selvas e o anonymato da planicie infinda: esta galhardia fidalga, que antes prefere morrer obscuro por uma bandeira infortunada a viver glorioso por um estandarte rutilante; tudo isto pode analysar-se, criticar-se, discutir-se, mas tudo isto é nobre, é honesto e respeitavel.

Por isso, em face do cadaver ainda tépido do Bayard da monarchia brazileira, todos os odios se apagaram como por encanto e, ao passo que no sul os partidarios do illustre almirante choravam essa perda irreparavel, aos labios dos seus inimigos, dos defensores da legalidade, assomaria por certo, como consagração do heroismo dos victoriosos e dos destroçados, esta exclamação eloquente:—«E vencemos um tal adversario!»

Sim, porque para o autor destas linhas a heroicidade das luctas mede-se pela coragem e tenacidade dos combatentes, criterio que, approximando-se um tanto do de La Palisse, parece, comtudo, ser ignorado de muita gente. Para mim, do meio dos mil episodios que tem por origem o 6 de Setembro e sem querer nem poder immiscuir-me na politica do paiz em que sou hospede, um facto resalta nitido, claro, auroral «O heroismo do povo brazileiro, leal ou rebelde, republicano ou monarchista, crente ou especulador» Heroes os milicianos que defendiam a republica fiorianista, heroes os marinheiros que sustentavam a republica custodista, heroico o batalhão naval que apoiava Saldanha e a monarchia.

E por isso que a bravura não desertára de um campo para ir abrigar-se em outro, e por isso que uma e outra bandeira dispunham de adhesões [illegible]

recursos, por isso a victoria da Republica é mais bella e mais indiscutivel e ao orgulho dos vencidos, mostrando o preço da victoria, póde replicar a justa vaidade dos vencedores, baseada na ferina resistencia dos antagonistas.

Outro fôra o estofo inimigo e a victoria republicana resultaria pallida e incaracteristica. O baptismo guerreiro teria sido substituido pelo baptismo policial, o que é um pouco differente, e, em vez de acordes vibrantes do clarim, teriamos supportado o sibillo de um apito incorrigivelmente burguez. Sómente, em vez de uma lucta franca e liquidante, o Brazil nasceria para o periodo dos motins diarios, essa guerra surda de guerrilhas, que acaba por perturbar a marcha de um paiz, tornando impossiveis a confiança e o credito.

De todos os adversarios da legalidade, Saldanha da Gama era por certo o mais sympathico, porque era sem duvida o mais convicto. Não creio que a sua rebeldia tivesse por determinante outros motivos além da fé monarchista, que a educação do seu espirito julgava essencialmente vinculada ao progresso da patria brazileira. Illustre na Monarchia, sel-o-ia tambem na Republica, se honradamente a servisse. Soldado, educador e homem de sciencia, o 15 de Novembro julgara cumprir um dever comservando-lhe todas as honras e prorogativas compativeis com a indole do novo regimem politico. Na democracia brazileira, a sua estatura, longe de descer, crescia. Poderia ter sido antes o favorito de um rei, o que é bom; passaria a ser um dos escolhidos da nação, o que é melhor. Mas a prova provada de que elle possuia solidas qualidades, que o simples capricho de um imperante não póde con-

ceder, era a estima incondicional da mocidade por elle educada.

Monarchista por indole, por influencia especial do meio a que se lhe affeiçoara o espirito, por amizade para com o velho imperador, por affecto a uma instituição que soubera reconhecer-lhe os meritos e premiar-lhe os serviços, temperamento autoritario e disciplinador, Saldanha não usufruia ja a malleabilidade necessaria para distinguir na apparente desordem do regimen nascente a parte das perturbações fataes e inevitaveis a todos os systemas politicos que radicalmente se transformam. Para elle a Republica, complexo de principios, de instituições e de leis baseadas na livre manifestação da vontade popular, não existia; a Republica resumia-se nas desordens, nos motins, nos conflictos que extensivamente presenciava. D'ahi, a impossibilidade de transigir e pactuar com a ordem de cousas creada pelo 15 de Novembro.

A prova da sinceridade das suas intenções está na sua falta de tino politico. O seu manifesto, ao adherir á revolta, é politicamente uma inepcia; mas moralmente contribue para fazel-o respeitar como um crente. Saldanha desconfiava talvez dos outros chefes revoltosos e por principio algum queria acompanhal-os, emquanto acobertados sob bandeiras de indecisa tenacidade.

Era monarchista, defenderia os seus principios. E assim fez, sem pensar que, com a divulgação dos seus verdadeiros intuitos, ia dar o mais rude golpe na causa que com tamanho zelo procurava servir.

Chamam de «sebastianista» o partido em que Saldanha militava. Para mim, o unico, o verdadeiro sebastianista, foi elle, não dos que, ficados no

reino, aguardavam ainda, após Alcacer, a volta lendaria do «Desejado», mas do grupo heroico que tingiu com o seu sangue a agonia dos descendentes do mestre de Aviz, e com mais valor talvez, porque os de Alcacer tinham á exaltar-lhe os animos a presença de um epileptico, bello de mocidade e de audacia, e o velho rei de Saldanha dormia já o eterno somno na ultima jazida dos monarchas portuguezes.

«Sebastianista», não como os que ficam no reino, carpindo e arrepelando-se os cabellos; «sebastianista», como D. Jorge Tello, o porta-guião d'el-rei, como Alexandre Moreira, um velho mutilado de Africa:—«sejam-me todos testemunhas como me apeio a morrer, porque hoje não é dia de outra couza». «Sebastianista», como Francisco Aldana, o capitão elogiado pelo duque de Alba:—«porque hoje não escapará de nós outro algum». «Sebastianista» como D. Duarte de Menezes, como D. Fernando de Noronha, como D. Alvaro de Tavora, como Vasco da Silveira, como o conde de Vimioso, como o duque de Aveiro, como tantos outros que viveram e morreram pela realeza e pela patria.

. ˙ .

Sem duvida, terão comprehendido que n'estas linhas despretenciosas eu não procuro discutir a justiça ou a illegalidade do criterio politico do almirante. Como jornalista portuguez e em Portugal, no ardor da refrega, eu emitti a minha opinião sobre o assumpto, por signal que bem severamente, como sempre succede quando a lucta é accesa e violenta. Demais, republicano, como posso formar sobre os acontecimentos o juizo emergente das mi-

nhas convicções e dos meus compromissos politicos?

Mas aqui só me cumpre, como membro de uma collectividade affim da brazileira pela raça, pelos costumes, pelas tradições e pelos laços de amizade, julgar serenamente dos homens mais illustres do Brazil, quando sobre seu athaude não póde cahir a nodoa de uma infamia, a pecha de uma indignidade ou o estygma de uma villania; quando os erros de conducta derivam tão sómente dos erros do criterio, supposto verdadeiro; quando, acima da brutal materialidade da obra, plaina a egide de uma crença sentida, de uma convicção ardente; quando as faltas ou os desvarios de momento são amplamente compensados por um passado de brilhantes serviços; quando, apaziguada a contenda e serenados os animos, amargamente se computam as vagas e sinceramente se deploram as victimas como verdadeiras perdas nacionaes.

E é sob este ponto de vista que nenhum espirito imparcial póde recusar a Saldanha da Gama as palavras de justiça que rapidamente tracei.

E' justo que os mortos da Monarchia, que *convictamente* a serviram, recebam uma homenagem dos que lealmente servem a Republica, para que esta amanhã possa ter direito á reciprocidade. Então o choque de duas massas sedentas de odios e de rancores passa a revestir o nobre caracter da lucta entre dois ideaes, lucta sobre a qual, acima de todas as cruezas, paira um elevado espirito de crença e um deismo profundamente consolador.

(*Da Republica Portugueza do Rio de Janeiro*).

Por Carlos de Lacerda

O telegrapho, carpindo o echo triste e plangente de um dobre de finados, trouxe a noticia da morte do almirante Saldanha da Gama.

A queda da altiva e secular peroba, rainha das mattas, lascada pelo raio, arrancada por tufão medonho, não produziria na floresta virgem maior estrondo que o baque do corpo de Saldanha da Gama, ao cahir ferido no campo de batalha, no coração dos bons brazileiros.

Morreu como um heróe, sagrado pelo martyrio, batendo-se pela liberdade da patria a quem amou com extremo, serviu com lealdade e honrou com gloria.

Foi grande em vida, maior na morte e irá crescendo sempre na proporção da distancia que o separar da vida.

Ainda é cedo, para o seu julgamento.

Saldanha da Gama pertence ao numero dos homens privilegiados que só pódem ter por juizes o tempo, porque quando morrem para o mundo nascem para a historia.

Zombava da morte não temendo o juizo dos homens nem a presença de Deus, porque na consciencia não lhe pesavam crimes.

Bravo até o heroismo da loucura, na acção dos combates, era muito humano e caridoso apoz a victoria.

Para os inimigos que succumbiam na lucta tinha sempre o respeito sagrado que a religião chistã dedica aos mortos.

Para os feridos a humanidade que esquece o inimigo para pensar um ferimento, curar um enfermo e salvar uma vida.

Para os vencidos palavras de animação e conforto, abraçando-os depois como irmão.

Entretanto,...... mãos, perversos, selvagens e barbaros, sem religião, sem humanidade, sem consciencia, sem coração, sem alma e sem caridade,— não respeitaram seu corpo, mutilaram seu cadaver, entre *hypps* e *urrhas* de uma bebedeira de sangue, applaudindo o peccado e saudando o crime!

A' familia de Saldanha da Gama recuzam a entrega das sobras do banquete da festa gloriosa.

Devia ser assim mesmo; as féras bravias depois de fartas vão esconder no sombrio dos bosques, enterrados á superficie da terra, os restos das presas que dilaceraram com as garras na satisfação da fome, para exhumal-os todas as vezes que lhes aguça o apetite.

Mas, o glorioso marinheiro, o almirante Saldanha da Gama, a muitas familias restituio o socego e a tranquillidade de seus lares, á mães entregando filhos, á filhos paes e á mulheres os maridos.

Porque, pois, não respeitaram o seu corpo e mutilaram o seu cadaver?

Por ter sido um heróe e não um covarde, que aos inimigos pedisse a vida á trôco de alguma infamia.

A Republica abatida e humilhada ante a sua memoria deve prostrar-se em face do grande exemplo, que elle lega aos vindouros.

Tudo pela liberdade da patria, depois... o cadaver pertencerá á sanha feroz de inimigos perversos, e a alma pura e sem crimes á Deus cuja presença não temeu e a morte não maldisse na hora extrema.

(Da Gazeta da Tarde do Rio de Janeiro).

Por Luiz Murat

Do almirante Saldanha da Gama disse *O Paiz*: «Foi sempre um bravo; um inimigo com qualidades nobres de coração e virtudes notaveis de guerreiro.» Ainda ha bem pouco tempo, o almirante era para esse jornal um cobarde, um fujão e outras cousas igualmente insultuosas que a nossa penna se envergonha de reproduzir nestas columnas. São sempre assim os orgaõs excluzivistas, as opiniões apaixonadas, que, esquecendo a funcção que o jornalismo deve representar numa nação civilisada, se desentranham em accusações aleivosas, sonegam as virtudes mais raras e mais puras, para ferirem os grandes homens, na sua honra, no seu prestigio, na sua força e na sua bravura.

Digam o que disserem, pensem como pensarem, o almirante Saldanha da Gama era o espirito mais culto, a intelligencia mais seductora, a educação mais fina, mais lapidada, mais artistica da nossa marinha. Reunia a graça da phrase á elevação da idéa, ao burilamento da palavra, á verve, á solfa mais deliciosamente harmoniosa que já ouvi em labios de homem.

Com que precisão, com que naturalidade, o illustre almirante se remontava aos assumptos de philosophia e de arte e descrevia as suas viagens, as suas impressões recebidas em todas as partes do mundo, já pela observação directa dos factos, provocada pela natureza especifica e particular a cada civilisação, já pela leitura dos livros notaveis dos poetas mais apreciados, dos historiadores mais profundos, dos sociologistas mais universalmente conhecidos, como Spencer, como Stuart Mill, como Roberty, como Letuorneau, como Lefevre. Defluia

daquelle espirito como para um largo estuario a eloquencia mais arrebatadora que temos conhecido. O *causeur* delicadissimo, na mais expressiva significação desse vocabulo, não coloria, como elle, de imagens vivas, quentes e humanas, a sua palavra, que tomava todos os tons, segundo o assumpto, o idioma, o povo, a raça. Era uma combinação auroral de nuvens e raios, de orvalhada de estio e de trinados de aves o estylo encantador daquelle erudito, daquelle grande homem que o Brazil acaba de perder para sempre.

Delle disse José do Patrocinio: « Era um typo como os contemporaneos de Benvenuto Cellini, tão seductores no salão, como intrepidos na lucta, tão namorados da vida elegante como dos louros do combate »

Era uma figura realmente da Renascença, com todos os enthusiasmos de gentil-homem e todas as prosapias cavalleirescas de quem se julgava orgulhoso e heroico rebento de Vasco da Gama. O almirante Saldanha podia exclamar, no momento em que numerosos inimigos lhe crivavam o corpo de lançaços, como o intrepido e lendario guerreiro hespanhol, com o mesmo enthusiasmo e o mesmo heroismo:

Que je meure au combat, ou meure de tristesse, je rendrai mon sang pur comme je le reçus.

Si um dia formos arrastados aos azares de uma guerra com o estrangeiro, então todos os brazileiros, os que o insultaram hontem e profanaram o seu cadaver hoje; que achincalharam da sua memoria e desrespeitaram a sua gloriosa farda; os que o veneram, que amam a sua tradição de valor e de patriotismo, que collocam o seu nome á altura do dos maiores homens do Brazil e que o cercam de

uma apotheose de respeito, de amor e de gratidão; todos, sem exceptuar um só dos jacobinos da actualidade, verão como foi grande a perda que soffremos e imprehenchivel o espaço que a morte deste illustre almirante deixou na marinha brazileira.

No dia 9 de Novembro, fui apresentado, por carta, ao almirante Saldanha pelo almirante Custodio de Mello. Este desejava que me collocasse ao lado do governo revolucionario de Santa Catharina e guiasse o seu chefe, que já naquelle momento iniciava uma politica que contrastava singularmente com o pensamento politico do chefe da revolução.

Para que pudesse embarcar para Buenos Ayres e d'hi para o Desterro, era mister que o almirante Saldanha me fornecesse os meios de embarque.

Depois da leitura da carta do almirante Custodio de Mello, o almirante Saldanha da Gama acolheu-me com as maiores sympathias, com todo o cavalherismo, emfim, de que a sua fina educação era capaz, tanto mais quanto o meu nome não lhe era desconhecido.

S. Ex. não me deixou partir para bordo do *Aquidaban* nesse dia.

Conversámos largamente, desde as 4 horas da tarde até ás 11 1/2 da noute, quando a attenção de s. ex. foi solicitada por um tiroteio travado em um dos pontos da bahia do Rio de Janeiro.

Faz-se necessario um esclarecimento. O almirante dormia muito pouco, e, ao menor movimento, levantava-se e ia em pessoa examinar as posições do inimigo, transmitir as suas ordens e acautelar os navios surtos na bahia. Ainda não vi tanta actividade, tanta calma e tanta bravura. Notem que

isto tudo se passava quando ainda permanecia no Rio de Janeiro o almirante Custodio de Mello, isto é, durante o periodo da neutralidade. Quando s. ex. assumio francamente o commando em chefe da esquadra em operações na bahia, já eu estava em Buenos-Ayres á espera de um paquete que me transportasse para Santa Catharina.

Durante o jantar, questionei sobre varios assumptos litterarios, artisticos, philosophicos e sobre o que lhe era mais familiar—a historia da marinha de todas as nações, desde seu periodo rudimentar até o alto desenvolvimento a que attingiu, com os progressos da sciencia, neste seculo.

Surprehendeu-me profundamente a eloquencia do almirante, a variada illustração de que dispunha e, sobretudo, a perfeita orientação a que obedecia o seu espirito, em materia de litteratura. Conhecia todos os poetas antigos, citava Shakspeare e Dante, a cada passo, com toda a opportunidade, na lingua em que foram escriptas essas obras-primas do espirito humano. Não havia um só dos poetas contemporaneos da França, da Inglaterra, da Allemanha ou da Russia, da Italia ou da Hespanha, de Portugal ou do Brazil que s. ex. não houvesse lido e não sublinhasse com uma palavra de critica, fosse ella de enthusiasmo ou de desabono para o escriptor.

Dizendo-lhe eu que estava assombrado realmente de tanta erudição litteraria, s. ex. retorquiu:

— Os homens do mar, illustre Dr., amam, de quando em quando, surprehender o surto ás aguias, nessas regiões altissimas, onde se esvaece a imaginação dos fracos e se opulenta a grandeza dos genios.»

E sobre a imaginação affirmou, com enthusiasmo:

— A imaginação é propria dos homens de uma fina educação e de algum saber. Sem ella os monumentos que admiramos e os progressos que o mundo se orgulha de haver conquistado atravez dos seculos seriam um sonho vago e mysterioso, perdidos nos meandros do nosso espirito ou nos desalentos da nossa razão impotente.»

Tinha essa feitura o talento do preclaro almirante. Fosse elle cem vezes monarchista, tivesse fanatismo pela dynastia decrepita que desconjunctou a nossa civilisação e desencadeou sobre nossas cabeças, durante meio seculo, o peior de todos os males, a indifferença pela patria, ainda assim não deixaria eu de vir render-lhe a homenagem a que o seu nobre espirito tem direito, não só pelo muito que honrou o Brazil, sempre que o representava nos congressos internacionaes, senão tambem pela lição de bravura que acaba de dar á covardia nacional, empoleirada no anonymato das mashorcas ridiculas ou dos jornaes, quasi a receberem na nuca a pancada do martello do leiloeiro. (1)

(Do Democrata Federal de S. Paulo.)

---

(1) Ja é devidamente reputado o Dr. Luiz Murat entre os luzeiros de intelligencia da actualidade; releva, porem, reconhecer-lhe aqui esta essencial caracteristica democratica: S. Ex. não é nenhum *marco de pedra*, em politica e philosophia pratica. Assim é que hoje em dia está de corpo e alma congraçado com os mesmos jacobinos a quem referio-se ha pouco tão picantemente; está enfileirado no partido florianista com o mesmo Dr. Serzedello Correia, aliás um dos republicanos de mais esperanças, a quem qualificára em 1892 de rapôsa damnada!

Por A. Ferreira de Castilho

Quando finou-se desterrado o Imperador do Brazil, a alma nacional foi preza de uma dôr immensa. Pungiu a todos os corações a figura do velho servidor da patria, bom, honrado, justo, cujo crime unico foi ter amado muito o seu paiz e seu povo, morrendo no exilio como um scelerado. Os brazileiros não estavam acostumados a essas scenas tragicas, elles que passaram longos annos no seio da paz e da concordia. Depois vieram as convulsões sociaes, vieram as guerras fratriticidas, as prisões em massa, os fuzilamentos sem forma de processo, o pagamento de aviltantes indemnisações ao estrangeiro, que gastaram a sensibilidade nacional.

O povo se acostumou ao espectaculo do morticinio, da oppressão e do opprobrio. Nada o distrahia do seu habitual indifferentismo. A morte do almirante Saldanha da Gama veio trazer um despertar do sentimento publico; agitou-se a alma popular nas crispações de uma dôr profunda. E devia ser assim. Saldanha da Gama representava tudo o que o Brazil tem de mais alevantado, pelo caracter, pelo talento, pela illustração, pela familia, pela bravura. Elle cheio de aspirações, alvo das esperanças de um povo inteiro, atirou-se em uma lucta desordenada, sem armas, sem dinheiro, sem soldados, confiando só nos recursos do seu genio, para arrancar esta patria das garras que a estão devorando.

Tanto heroismo, tanta abnegação deviam mesmo acordar o patriotismo adormecido. Hoje o povo lamenta o heróe que, sacrificado em combate desigual, serviu de pasto ao odio dos seus inimigos,

que mutilaram o seu cadaver e o entregaram deformado á voracidade das chammas.

E elles fizeram bem; o mar, que foi o berço das suas glorias, teria de disputar aos pampas-esse outro oceano—o seu corpo, para dar-lhe sepultura, por que elle se constituira por sua vez uma gloria do mar. Fizeram bem os seus algozes, seus algozes não, algozes do seu corpo inanimado, porque elle era o seu terror emquanto vivo. Fizeram bem em lançar fogo ao seu cadaver; procuraram assim illudir as vinganças do oceano, dando o espaço por tumulo ás suas cinzas, amortalhadas em um lençol de chammas; chammas que illuminarão o seu nome por toda a eternidade da historia; chammas que lançarão um eterno clarão lugubre sobre a perversidade desses algozes, que são os algozes da patria; chammas que se podem converter em outra columna de fogo, para guiar o povo á reconquista da liberdade.

(*Do Commercio de S. Paulo.*)

Por A. S.

—A noite da tristeza se encurva sobre a alma nacional, enlutando-a, amargurando-a.

O delirio vehemente de uma paixão soprou por sobre a terra indomita dos pampas a labareda sinistra do odio, o incendio devastador das perseguições e dos crimes.

A politica cruel, converte a bella região meridional em triste campo de Nicéa, onde a morte ronda, onde a metralha ulula, ceifando victimas, ar-

rebatando em tropel, em confusão macabra, os fanaticos de uma idéa, os filhos desta mesma Patria, que a divergencia partidaria transforma em vencidos e vencedores!

E se insiste na lucta tremenda!

E não se procura derimir o soffrimento atroz que ulcera o coração da Patria, que rouba-lhe os mais dilectos filhos, que a barbarisa, que converte um punhado de nossos concidadãos em allucinados chacaes, que cégos pela fermentação do odio cospem injurias, á beira de um tumulo ainda fresco!

Basta de sangue e basta de cadaveres.

Cesse esse sacrificio inutil, que ensanguentando as cochilhas rio-grandenses desdobra a sementeira dos odios, deixa o luto e o desespero na alma chagada desta desventurada Patria.

A morte acaba de roubar ao Brazil um dos seus notaveis filhos—Saldanha da Gama, o marinheiro intrepido, o cidadão illustre, cuja mentalidade radiosa e pujante enalteceu esta terra, cujo valor civico, altivo e inquebrantavel era uma gloria para a marinha de guerra brazileira.

Moço ainda, quando a vida lhe sorria, elle preferiu trocar pelas aventuras da sorte, pelo acaso dos combates, as regalias e as commodidades que a subserviencia ao poder lhe garantia, em plenitude.

Valente, como uma legião de heróes, dos lendarios guerreiros de Ossian, elle soube rebellar-se contra a tyrannia que escravisava sua Patria, e alliar-se, na mais bella, na mais grandiosa affirmação de solidariedade e de patriotismo, aos seus bravos companheiros indisciplinados em nome da liberdade confiscada.

E durante mezes longos, nas trincheiras arruinadas da ilha das Cobras, nas muralhas derroca-

das de Willegaignon—esse heroico aquartelamento de bravos-a intrepidez esculpio a mais esplendida epopéa de civismo, a mais luminosa pagina de valor e de brio.

O capricho do acaso fel-o trocar, por theatro de acção, as aguas soluçantes do oceano pela planicie intermina dos pampas.

E lá a morte impiedosa o surprehendeu, em pleno combate, quando a fumarada dos canhões embriagava os luctadores e a fé, e o amor de uma idéa animava-os na refrega, encorajava-os nessa lucta memorial, que é mais um attestado affirmativo da intrepidez e do valor do gaúcho, do filho ardente daquelles pampas gloriosos, patria da liberdade, ultimo quartel onde se abriga o brio nacional.

Saldanha da Gama, impavido, afrontou a lucta e soube morrer gloriosamente, ensinando ás gerações que vêm, como o marinheiro brazileiro tudo sacrifica em nome da sua Patria.

Nem a familia, nem a vida, nem o mundo com suas attracções, prenderam-no, quando a Patria precisou de seus serviços.

Quando ha annos o dictador do Paraguay cuspio uma afronta á dignidade brasileira, Saldanha da Gama, uma creança quasi, soube correr ao encontro do inimigo, e Payssandú foi a primeira ramada de louro ennastrada em sua corôa de glorias.

Agora lá nos pampas, elle morre batendo-se pela reivindicação das liberdades publicas, assediadas em nome de um capricho.

A revolução perdeu um soldado valoroso e a patria, um filho que soube amal-a, que dignificou-a no estrangeiro, que a servio lealmente, sacrificando a vida pela liberdade.

Paz á alma do grande morto.

Treguas á paixão.

E os empestados pela sanie de um partidarismo rancoroso e feroz que nesta hora de angustias, quando a Patria, enclausurada no luto das desgraças que successivamente a ferem, soluça a dôr que sangra-lhe a alma, gargalham á beira de um tumulo, que é o sarcophago sagrado guardando os despojos de um heróe, saibam ser humanos, saibam ser brazileiros.

Perante um tumulo que se abre não se cospem injurias, não se escancaram as cataratas do odio, porque é uma caracteristica da degenerescencia moral, da depravação de sentimentos, do rebaixamento degradante da dignidade e do brio.

(*Do Tymburibá da cidade de Rezende.*)

Por Tullio Mascazzini

O contra-almirante da marinha de guerra brazileira Luiz Felippe de Saldanha da Gama, fallecido recentemente no combate do Campo Ozorio, em defeza de um principio que havia firmemente abraçado, nasceo a 7 de Abril de 1846.

Quando moço e frequentava a escola, distinguio-se entre os seus condiscipulos pela intelligencia clara e pelo seu intenso amor ao estudo.

Pertencia a uma das familias mais illustres do mundo, sendo descendente do intrepido e celebre viajante Vasco da Gama.

Os seus pais não tinhão fortuna e Luiz Felippe de Saldanha da Gama chegou por si, graças aos

seus esforços e á sua intelligencia, á alta posição militar e politica que occupava, quando a morte o roubou aos seus amigos e á patria.

Antes que a dictadura de Peixoto provocasse a sanguinolenta guerra que rebentou no Rio, nunca se occupára de politica, nem tomou parte, mesmo indirectamente, nos negocios do Governo; era unicamente o marinheiro mais culto da sua terra. Durante o Imperio visitou, como commandante de diversos navios de guerra, os principaes portos da Europa e da America, onde foi sempre acolhido com distincções especiaes; e na sua ultima viagem, como commandante do *Almirante Barroso*, teve manifestações como nunca marinheiro brazileiro havia recebido. Embora conhecedora de suas idéas monarchistas bem definidas, a Republica confiou-lhe o commando do batalhão naval, aquartelado na fortaleza de Willegaignon. Esse batalhão distinguia-se sempre pela sua admiravel disciplina entre as outras tropas que formavão a guarnição da cidade, naquelles dias de desorganisação geral, quando a harmonia no desenvolvimento da vida politico-economica não era certamente a caracteristica do Governo.

Em 23 de Novembro de 1891 o almirante Mello sublevou a esquadra ancorada no porto do Rio de Janeiro contra a autoridade do marechal Deodoro da Fonseca, que se havia proclamado dictador; mas o almirante Saldanha, prevendo graves desordens, fez em beneficio da Patria os maiores esforços para suffocar o movimento; não poude, porém, nem pela sua hierarchia militar, nem pelos seus merecimentos pessoaes, nem pelas sympathias de que gozava entre os officiaes de marinha, obter autoridade sufficiente para impedir o amotinamento e com elle to-

das as posteriores desordens, que, depois de terem custado milhões ao Brazil, rios de sangue e a vida de um de seus homens mais illustres, poderá ser ainda a causa de novos males.

Quando Peixoto subio ao poder deixou ao almirante Saldanha—que mesmo naquelles dias estava no apogêo da popularidade—o encargo que desempenhou de chefe da Escola Naval. O respeito que guardavão por elle as proprias autoridades que elle tinha combatido, contribuio em grande parte para o prestigio de que gozava e que nunca ninguem pôde contestar. O seu batalhão era o unico que o povo acclamava, quando percorria as ruas da cidade ou apresentava-se nas revistas. Na ultima revolução, a 6 de Setembro, foi-lhe offerecido o commando da esquadra insurgente, commando que não quiz acceitar; a occasião não lhe parecia propicia; sem, porém, cooperar para sustentar o Governo, conservou-se apparentemente neutro na ilha das Enxadas. E o seu exemplo foi imitado pelas guarnições das ilhas das Cobras e de Willegaignon, que se mantiverão neutras. Quando, porém, a sua posição açulada pelos acontecimentos tornou-se difficil, publicou um violento manifesto e declarou-se em favor da revolução.

Todos conhecem hoje nos seus detalhes essa gloriosa epopéa, que durou varios mezes, de uma esquadra combatendo sem munições, sem viveres e sem armas. Ferido gravemente em um braço no famoso assalto da Armação, logo que vio faltar-lhe todos os recursos, procurou refugio com todos os seus a bordo dos navios de guerra portuguezes.

Emigrado para a vizinha Republica do Uruguay, depois de muitas vicissitudes e soffrimentos, viveu sempre no meio dos seus subordinados como um

pai entre seus filhos ; e, embora quasi abandonado a si mesmo e soffrendo pelo ferimento que recebeu, fez uma viagem á Europa no navio «Victoria», para tentar, no velho mundo, se lhe fosse possivel, obter ao menos a liberdade dos seus alumnos, que tinhão sido levados prisioneiros para Portugal, por instancia do governo de Peixoto.

Tendo abortado em parte essa sua tentativa, voltou á Republica do Uruguay no mesmo navio «Victoria», onde deixára tão boa recordação de sua pessôa, e de Montevidéo foi para Buenos-Ayres, a esperar a occasião de pôr em acção os planos que havia preparado, nunca renunciando ao sonho patriotico que devia leva-lo ao tumulo.

Passando das elucubrações estrategicas á sua execução, voltou pela ultima vez ao posto de combate ao lado das tropas rio-grandenses.

Fez milagres, armou, instruio, disciplinou seis columnas de tropas, formou o plano geral da guerra, dirigindo do seu acampamento todos os movimentos que erão feitos, com sorte diversa, na vasta extensão da provincia do Rio Grande. E tinha a seu lado, nos combates, os seus valorosos officiaes de marinha, que, dignos alumnos de seu mestre, improvisárão-se instructores de cavallaria e infantaria, correndo audaciosos, com seu chefe, ao encontro da morte no campo de batalha.

Saldanha era o primeiro soldado da sua terra; ao lado, porém, do homem perito no exercicio das armas, tinha o typo do perfeito gentilhomen : valoroso até ao heroismo, tinha na sociedade as galanterias mais apuradas de perfeito cavalheiro.

Luiz Felippe de Saldanha da Gama, que a calumnia posthuma quiz chamar de cobarde, chamando-o de suicida, cahio no campo da honra, por

um principio que não abandonou um só instante; cahio sob os golpes de lança de um inimigo tres vezes superior em numero.

Pelejando até ao ultimo momento, Saldanha da Gama não abaixou as armas; ellas cahirão-lhe das mãos cortadas pelos centenares de golpes que o ferião de todos os lados.

Morreu como nunca terá a gloria de morrer nenhum daquelles que, levados pelo odio de partido, festejáram como dia de victoria, o dia que, pelo contrario, assignalou para o Brazil um luto irreparavel.

A paz esteja com a tua alma generosa, Saldanha; deseja-te a paz aquelle que em vida chamaste mais de que amigo, irmão.

(Do "Caffaro" de Genova, transcripto no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro).

A sublimidade do holocausto de Saldanha da Gama.

Correspondencia do enviado especiâl do Jornal do Brazil á fronteira do Rio Grande do Sul, publicada no mesmo jornal de 20 de Julho de 1895.

«A revolução rio-grandense se de ha muito não tomou incremento, se as suas forças, tão numerosas quasi como as do governo, não estão arregimentadas e em estado de poder dar uma batalha campal com probabilidade de exito, se, emfim, até hoje, não teve um plano serio de campanha, tudo isso é devido ás constantes desintelligencias que reinam entre chefes, commandantes e directores.

Não cabe nos estreitos limites desta missiva a narração de todos esses factos, que têm, mais que tudo, contribuido para os insuccessos da revolução rio-grandense.

Em opportuna occasião terão de tudo conhecimento os leitores do *Jornal do Brazil*. Agora tratarei apenas dos ultimos dias do almirante Saldanha da Gama.

Desde meiados de Abril, quando as forças saldanhistas assentaram definitivamente os seus acampamentos em territorio brazileiro, que começaram as deserções no corpo de marinha e nos corpos de gaúchos. De dois batalhões de marinheiros que havia, foi o almirante obrigado a fazer um só, e a formar com o excesso da officialiadade um corpo de *franco-atiradores* inferior a 30 homens.

Quando o almirante passou para o Brazil, a sua força compunha-se de cerca de 1.200 homens, e

pouco tempo depois, pelas constantes deserções, ficou redusida mais ou menos a 700.

As rivalidades entre os chefes, por algum tempo suffocadas, começaram a reapparecer. Todos queriam mandar, ninguem se entendia. Era um *novello*, na phrase pittoresca de um coronel, cujo nome não vem, por emquanto, ao caso referir.

Chiquinote, Lebiado e outros resolveram por fim separar-se do almirante, e, aos poucos, já nos ultimos dias foram-no abandonando, deixando-o apenas com o batalhão de marinha, os *franco-atiradores* e a gente de Ulysses Reverbel e Vasco Martins, ao todo 350 homens.

Este mesmo, em dias de junho, reuniu a sua gente e fez-se proclamar general.

Quando o facto chegou ao conhecimento do almirante, este destituiu-o immediatamente do titulo. E' uma historia curiosa que mais tarde ha de ser contada.

No proprio acampamento do batalhão de marinha não havia ordem, apezar da proverbial energia do almirante.

As deserções continuavam mesmo entre aquelles que mais amigos se diziam do almirante.

Os seus officiaes desertavam tambem.

As rixas, os desafios, mesmo em frente ao toldo que servia de barraca ao sr. Saldanha, eram constantes.

O desgosto do almirante era tal, que no dia 21 ou 22 de junho, dirigindo-se ao acampamento de Ulysses, este offereceu-lhe uma taça de café e o almirante, acceitando-a, disse-lhe.

—Coronel, ha dois dias é o primeiro alimento que tomo.

E era verdade!

O almirante vio-se obrigado até a encilhar e a desencilhar o seu cavallo, a amarral-o e a dar-lhe pasto, como se fosse qualquer dos seus soldados.

Na construcção das trincheiras, dois dias carregou pedras para dar o exemplo e estimular os seus commandados.

Quando o almirante encontrava-se na intimidade dos poucos que ainda lhe eram dedicados, a sua physionomia rija mudava-se, e no seu rosto pintava-se o desanimo e o desfallecimento. E, cousa rara, aquelle homem, que nunca proferia uma queixa contra quem quer que fosse, tinha palavras de censura para aquelles que o haviam arrastado até alli e que tão vilmente o abandonavam, a ponto de nem siquer responderem a uma só das suas muitas cartas!

Effectivamente, o almirante Saldanha havia sido abandonado por aquelles que lhe deviam o sacrificio da vida.

O silencio desses que faziam com que o almirante Saldanha se queixasse, não impedia que aos seus ouvidos chegassem as murmurações proferidas por elles mesmos nas ruas de Buenos-Ayres.

E tudo isso não impedia que o almirante não cessasse de recommendar aos seus agentes espalhados por diversos pontos do Estado Oriental: Aturem a fulanos (e citava os nomes), quando menos por amor á revolução.

Todos estes pontos hão de ser apurados com verdade, e então serão publicados os nomes de todos os que abandonaram o valente almirante.

E' necessario que se saiba quaes foram os que dedicadamente acompanharam ate o fim ao homem que se sacrificou por amor a uma causa que jurara defender.

Homenagens, suffragios e demonstrações de pezar.

Telegrammas do Jornal do Commercio, Gazeta de Noticias, Cidade do Rio, Jornal do Brazil, Gazeta da Tarde.

Montevidéo, 28 de Junho. — O deputado oriental Manoel Soarez offereceu o mausoléo de sua familia para nelle ser depositado o cadaver do almirante Saldanha. A empreza funeraria Donelly offereceu gratuitamente um carro funebre, de primeira classe, e tambem preparar uma capella ardente na estação da estrada de ferro, no caso do cadaver chegar fóra de horas. A familia do barão do Amazonas offereceu o sepulchro da familia, onde repousão os restos do vencedor do *Riachuelo*, adherindo ás manifestações de pezar.

A commissão brazileira resolveu acceitar o offerecimento da familia do barão do Amazonas, si por acaso fôr entregue o cadaver.

O deputado oriental Soarez pedio que lhe permittissem fallar no cemiterio. O senador Ellauri adherio á manifestação e consta que outros senadores e deputados tomarão parte nella.

O tenente-general Maximo Tajes, ex-presidente da Republica Oriental, pedio que o avisassem para concorrer com seus amigos á cerimonia.

Na reunião de brazileiros, convocada para o recebimento do cadaver e solemnes exequias, estiverão algumas pessoas addictas ao partido do Dr. Castilhos, dispostas a tributar homenagens ao almirante.

.˙.

Pará, 28 de Junho—Toda a imprensa lamenta a morte do almirante Saldanha da Gama, rendendo preito de homenagem ás qualidades raras desse official brazileiro, que honraria as primeiras marinhas do mundo.

Preparão-se demonstrações de pezar e suffragios á sua alma.

.˙.

S. Paulo, 29 de Junho.—Almirante Tamadaré—Rio-grandenses, residentes aqui na capital de S. Paulo, enviamos sentidos pesames á marinha brazileira, symbolisada na vossa patriarchal pessoa, pela lamentavel perda do grande patriota Saldanha da Gama, sacrificado no campo da lucta em defesa da liberdade. —Dr. *Leopoldo de Freitas.*—*Raul Camargo.*—*Souza Lobo.*—Capitão *Julio Azambuja.*—*Francisco Paula Maciel.*

RESPOSTA

Rio, 30 de Junho.—Dr. Leopoldo de Freitas.—Pela corporação Marinha, compungido acceito e retribuo pesames enviados rio-grandenses residentes em S. Paulo, pelo fallecimento do meu distincto amigo, o almirante Saldanha da Gama.—Marquez de Tamandaré.

Montevidéo, 2 de Julho—Em todos os departamentos desta Republica, além dos funeraes realisados hoje no Salto, preparam-se homenagens á memoria do contra-almirante Saldanha da Gama.

Os brazileiros residentes na campanha e nas cidades departamentaes têm nomeado commissões para represental-os nas exequias solemnes que vão ser celebradas nesta capital.

. ˙ .

S. Paulo, 2 de Julho—Na Franca, Guaratinguetá e outros logares têm se resado missas por alma do almirante Saldanha da Gama.

Aqui na capital, diversos rio-grandenses do sul e outros muitos admiradores do illustre morto, promovem a realisação de solemnes exequias.

. ˙ .

Ouro Preto, 2 de Julho—Geralmente sentida a morte do bravo almirante Saldanha da Gama. Nesta cidade foi celebrada uma missa com *libera-me* em suffragio de sua alma e diversas têm sido resadas no interior, S. João d'El-Rei, Cataguazes, etc.

. ˙ .

Pariz, 3 de Julho—Na egreja Chaillot celebrou-se hoje um officio funebre por alma do almirante Saldanha da Gama, a que assistiram, além dos seus parentes, os condes d'Eu e filhos e grande parte da colonia brazilera.

Na cidade do Rio de Janeiro (Capital Federal)

Julho de 1895

Desde o dia 1° até 24, isto é, desde o 7° até o trigesimo dia da morte do bravo almirante, houve quotidianamente missas resadas por sua alma, sem falha de um só dia, em diversos templos urbanos e suburbanos, celebrando-se ainda muitas outras depois daquella data; assim como crearão-se associações humanitarias em homenagem á sua memoria, fizerão-se publicas demonstrações civicas, distribuiram-se muitas esmolas etc.

Entre parenthesis. E' precizo registrar uma tristissima verdade, para que a justiça da Historia não seja uma illusão.

No meio de todo este piedoso affan, de todo este patriotico certamen de homenagens e culto á memoria do almirante eximio, do brazileiro notavel, cujo baque de heróe emocionou profundamente o paiz inteiro, ha uma corporação que se retrahe, que se esconde, que se chama ao silencio, que se mantem na plena indifferença do tragico successo, quando lhe competia, por espirito de classe e por devêr de gratidão, ser a primeira a cobrir-se de luto, ser a primeira a dar publico testemunho dos titulos de benemerencia do grande morto, ser a primeira a honral-o e glorifical-o, honrando-se a si propria.

Essa corporação é o *Club Naval,* fundado em 1884 aqui no Rio de Janeiro, ainda sua actual séde, pelo mesmo Saldanha da Gama, então capitão de fragata,—seu primeiro presidente, cargo que tornou a occupar,—seu constante e vigoroso propulsor do engrandecimento material e moral a que attingiu.

Foi de uma insensibilidade sem nome e sem exemplo ante a geral commoção e levou a sacrilega nostalgia até o recesso da sua vida social, onde nem siquer um simples voto de pezar foi consignado em sessão ordinaria !

Ainda mais, arrastou comsigo no despenhadeiro atroz a *Protectora dos Homens do Mar*, quelhe é annexa e que tudo deve a Saldanha da Gama, creada como foi tambem por elle e desenvolvida ao salutar bafejo do seu coração, do seu prestigio, do seu talento; como prova-o exuberantemente o brilhante papel que fêl-a representar, ao nivel das mais adiantadas associações congeneres do mundo civilisado, por occasião do naufragio e hecatombe do Solimões, em 1892, promovendo de norte a sul do Brazil a angariação de donativos para soccorrer as desoladas familias dos que pereceram no infernal sinistro, collecta que elevou-se á consideravel somma de 223:402$000; fasendo desde logo a respectiva distribuição, com escrupulo raro e equidade admiravel. pelo systema de quotas correspondentes aos annos de serviço de cada um desses mallogrados officiaes e marinheiros; realisando, em homenagem a elles, as solemnes exequias celebradas no Mosteiro de S. Bento e cuja sacra imponencia perdura ainda na nossa imaginação.

Não ha severidade bastante para uma tal ingratidão, que nem pode ter como attenuante a conjectura desairosa de falta de cultivo espiritual ou ausencia de sentimentos humanitarios de quem a praticou.

Contra essa interpretação, aliás a mais natural. protestam a conhecida capacidade intellectual e moral e os sentimentos religiosos dos seguintes officiaes, membros das respectivas Directorias, a saber:

Do *Club Naval*: Presidente, contra-almirante José Pinto da Luz; 1° vice-presidente, capitão de mar e guerra Miguel Antonio Pestana; 2° vice-presidente, capitão de fragata João de Andrade Leite; 1° secretario, capitão de fragata Alberto Carlos da Rocha; 2° secretario, capitão-tenente Antonio Coutinho Gomes Pereira; 1° thesoureiro, capitão-tenente Francisco Maria dos Santos; 2° thesoureiro, primeiro tenente honorario Gil Augusto de Siqueira; director interno, primeiro tenente Francisco José Marques da Rocha; 1° supplente, primeiro tenente José de Oliveira Gomes Junior; 2° supplente, primeiro tenente Dr. Caetano Pedro Duarte Nunes; 3° supplente, primeiro tenente commissario Jacintho Medeiros.

Commissão de redacção do boletim mensal: capitães-tenentes Firmino Herculano Ancora da Luz, Enéas Oscar de Faria Ramos e Henriqne Boiteux. Commissão de contas: capitão tenente Severiano Antonio de Castilhos, dito commissario Francisco Augusto de Lima Franco e primeiro tenente honorario Apolinario Gomes de Carvalho.

Caixa Beneficente: Presidente, capitão de fragata José Manoel Pereira de Sampaio; secretario, capitão tenente Estevão Adelino Martins; thesoureiro, primeiro tenente honorario Augusto de Souza Lobo.

Da *Protectora dos Homens do Mar*: Presidente, capitão de mar e guerra Innocencio Marques de Lemos Bastos; 1° secretario, primeiro tenente honororio Dr. Francisco Gusmão; 2° secretario, segundo tenente Octavio Teixeira; 1° thesoureiro, capitão tenente honorario Antonio de Babo Ribeiro Junior; 2° thesoureiro, primeiro tenente honorario Alamiro Mendes.

Protesta mais, e com a força esmagadôra da prova patente, o seguinte acto publicado nas «Varias Noticias» do *Jornal do Commercio* de 8 de Abril do corrente anno de 1896:

«A Directoria do Club Naval, em sessão de ante-hontem, resolveu lançar na acta um voto de profundo pezar pelo golpe que soffreu a Marinha de Guerra Italiana, com a perda do commandante, officiaes e praças do cruzador *Lombardia*, actualmente neste porto, e nomeou uma commissão composta dos Srs. capitão-tenente Henrique Boiteux, 1° tenente Cesar de Mello e guarda-marinha Suzano Brandão, para ir a bordo do mesmo cruzador apresentar as suas condolencias.

A commissão cumprio hontem o seu mandato».

Incomprehensivel!

A Directoria do *Club Naval* tem humanidade para sentir o fallecimento de distinctos officiaes de marniha estrangeiros, victimados por cruel epidemia a bordo do proprio navio que os trouxe, surto neste porto, tratados com todos os recursos, inhumados com todo o respeito, e não tem alma, não tem coração para condoer-se da sorte iniqua de seus proprios companheiros, do seu préclaro fundador, succumbidos á brutalidade numerica de feroz inimigo, no campo da honra, mutilados e abandonados aos corvos, insepultos!

A Directoria do *Club Naval* tem delicadesa, tem civilisação, tem cosmopolitismo para dar pezames à culta nação Italiana pelo infortunio sobrevindo á sua marinha de guerra com a perda d'aquelles alludidos officiaes, e não tem patriotismo, não tem educação civica, não tem amor fraternal para chorar no altar da Patria o tremendo golpe que esta soffreu, mil veses mais fundo que a Italia, com o desapparecimento

de tantas esperanças da armada nacional e do mais completo dos seus almirantes que morreu gloriosamente, luctando com lealdade e heroismo, na palavra insuspeita do proprio chefe adverso, o general Hypolito Ribeiro!

O que resta então para explicar tão feia acção?

E' penoso, mas é forçoso: resta esse partidarismo obcecado e deprimente, irrisorio e falaz apostolado democratico, que desgraçadamente continúa a dividir a familia brazileira; fatal tributo da revolta e da lucta fratricida; nefando remanescente da paixão desordenada e da subserviencia instrumental de odios e interesses tacanhos!

Dura Veritas...

Por falta de espaço para consignar detalhadamente todas as manifestações tributadas na Capital Federal, vão especificadas as mais salientes:

Dia 1, ás 9 horas da manhã, na igreja de S. Francisco de Paula, com acompanhamento de orgão, uma missa mandada dizer pelo Dr. Ramiz Galvão e sua familia e o Dr. Daniel de Almeida.

Foi celebrante o reverendo padre Cruz Saldanha, que fêz parte dos presos politicos encarcerados nos cubiculos da Casa de Correcção, de 1893 a 1894.

Houve grande concurrencia de pessoas gradas, constando da noticia dos jornaes o comparecimento das seguintes:

Almirante Marquez de Tamandaré e familia, Raul Wright e familia, coronel Aristides Guaraná, conselheiro Catta Preta, familias Miranda Pacheco e Netto Machado, barão de Paranápiacaba, coronel Accioli de Vasconcellos e familia, familias Barbosa de Oliveira e Pizarro, Dr. Ferreira Jacobina, esposa e filhas, Alberto Jacobina e familia, Lacombe e se-

nhora, visconde de Ouro Preto, conselheiro Pereira Franco, Drs. Cursino do Amarante, Lamenha Lins, Joaquim Nabuco, Martins Pinheiro e familia, Menezes Vieira, Raymundo Monteiro, Caldas Vianna e Oliveira Vianna, capitão Emiliano Tamborim e familia, Drs. Luiz Tamborim, Francisco Corrêa de Sá e Benevides e familia, Salvador Benevides, visconde de Saboia e senhora, familia Cruz Alta, general Honorato Caldas, viuva Silva Lima, Jeronymo Pimenta e senhora, familia Suruhy, D. Marianna da Fonseca, viuva do marechal Deodoro, familia Severiano da Fonseca, Dr. Fonseca Hermes, coronel Barros Sobrinho, Dr. Daniel de Almeida, Dr. Baptista Pereira, coronel Malvino Reis, Augusto Pinto, corretor Arlindo Gomes, marechal Miranda Reis, contra-almirante Pompeu, commandante Luiz Cunha, commissario de fazenda Lima Franco, Dr. Guimarães Rabello, contra-almirante Paiva Legey, Gaffray, Sebastião Alves, barão Ribeiro de Almeida, consul belga Laureys, barão Sampaio Vianna, Capistrano de Abreu, Dr. Acacio de Aguiar, barão de Capanema, Dr. Arlindo de Souza, conselheiro Silva Nunes, Dr. Affonso de Vasconcellos, Dr. Antonio de Castilho, barão Alves Matheus, coronel Mattos Gonçalves, capitão-tenente Tinoco, 1° tenente Deocleciano de Oliveira, capitão-tenente Midosi, capitão Santos Teixeira, Dr. Vieira Souto, desembargador Domingos Ribeiro, aspirante Alencastro Graça, Dr. Pedro Velloso, Francisco Xavier, commissão da Associação Beneficente «Patriotas Brazileiros e Estrangeiros», Barros e Martins, por parte do Gabinete Portuguez de leitura, Dr. Pires Ferreira Filho, Dr. Antão de Faria, corretor Saturnino, pharmaceutico Pereira Guimarães, barão de Javary, Candido Borges, J. Ketele, Dr. Ferreira de Araujo; Julio Pimentel, Al-

fredo Gonçalves, Castro Vianna, Montaury, M. Serzedello e João Chaves pela *Gazeta de Noticias;* Dr. Pederneiras pelo *Jornal do Commercio;* commendador Silveira, almirante Balthazar da Silveira, capitão de fragata Pereira Sampaio, capitão-tenente Torres Neves, capitão de mar e guerra Araujo Pinheiro, Henrique Rebello; Moura Brito pela *Gaseta da Tarde;* Maia e sua familia, Dr. Atanagildo Barata e seus filhos, Raul de Sampaio Vianna, Dr. Celso Bayma, Polibio Alves, Dr. José Americo dos Santos; Arthur Guimarães pela *Cidade do Rio;* Serpa Junior pelo *Correio da Tarde;* commendador Eduardo Braga e familia, Tasso Faria e senhora, 1° tenente Cruz Secco; Professores Frazão Olavo Freire e Velho da Silva Serra, José de Castro, S. Barreto, Eliezer Tavares e irmãs, P. R. Alves, Rodrigues da Rocha, commendador Borges da Costa, José Chiappe, José Guilherme Stelling, Leal, Dr. Canto, commendadores Simões e Cantuaria, major Teixeira, tenente Raja Gabaglia, Drs. Pessoa, Ismael Torres e Fortunato, coronel Lacerda, conselheiros Monteiro de Barros e Bandeira de Mello, visconde Duprat, Dr. Monteiro de Barros.

Em seguida as familias Ramiz, Wright, Daniel de Almeida e Pacheco ouviram uma outra missa que expontaneamente quiz celebrar o reverendo padre Leornardo Fortunato, ex-vigario de S. Gabriel e tambem uma das illustres victimas do governo da *legalidade* recolhidas em cubiculo da *Correcção.*

Estas mesmas familias distribuiram esmolas aos innumeros pobres que se achavam ás portas do templo.

Dia 2, das 8 ás 9 1/2 horas da manhã, em S. Francisco de Paula, 4 missas mandadas celebrar pelo Dr. José de Saldanha, irmão do almirante e pelos amigos J. Ketele, Malvino Reis e Angelino Ferreira Sampaio.

O templo encheu-se de parentes, amigos e camaradas do illustre morto, notando-se as seguintes pessôas:

Almirante Jaceguay e sua familia, almirante Fernandes, contra-almirantes Coelho Neto, Candido Brazil, Carneiro da Rocha, Euzebio Legey e Marques Guimarães, capitão de mar e guerra Olympio Chavantes, capitães de fragata Pereira Sampaio, Lemos Bastos, Espindola Ribeiro, Silveira Guimarães e Hyppolito Duarte, capitães tenentes Trajano de Carvalho, Indio do Brazil, E. Midosi e sua senhora, Dr. C. de Laet. Dr. Eurico Pedroso, Olavo Bilac, capitão de fragata Lins, 1º tenente Raul Fernandes, 1º tenente Carlos Midosi, senador Coelho Rodrigues, Dr. Soares Brandão, contra-almirante Teixeira, conselheiro Magalhães Castro, capitão de fragata Leopoldino dos Passos, barão de Novaes, conselheiro Basson, Dr. Daniel de Almeida, Dr. Antão de Faria, Dr. Martins Pinheiro, Dr. Braulio Monteiro, visconde de Ouro Preto, 1º tenente Petit, capitão de mar e guerra Pompeu, J. Ketele, Dr. Andrade Figueira, commendador Silveira, Guilherme Stelling, Dr. Joaquim Nabuco, tenente Raja Gabaglia, tenente-coronel Santos Rodrigues, Dr. Francisco Ferreira, Dr. athanagildo Barata, conde da Estrella, Dr. Torquato Couto, barão de Paranapiacaba, Dr. Silva Nunes, Augusto de Almeida, visconde de Saboia, general Dr. João Severiano, commendador Emilio Miranda, conselheiro C. Affonso, barão Sampaio Vianna, general Carlos Magno, Dr. M. Doria, Dr.

Nepomuceno Baptista, capitão de mar e guerra Victor de Lamare, general Honorato Caldas, capitão-tenente Vaz Lobo, Visconde de Taunay, Dr. Candido de Oliveira Filho, conselheiro Adolpho Barros, corretor Alfredo Barros, Dr. Zeferino J. de Oliveira, capitão-tenente Severiano de Castilho, 1º tenente reformado Pinto Castro, general Bento Fernandes Junior, Theophilo Nunes Pires, 2º tenente Manoel Corrêa Brito, Jeronymo José Macêdo, machinistas Andrade Leite e Henrique J. Santos, Horacio Caldas e familia, Alberto Porto, capitão-tenente Huet Bacellar, 1º tenente Rolim Pinheiro, J. A. Belchior e familia, general Dr. Bayma, Marcilio Oliveira, Alfredo Louzada Marcenal, Dr. Nolasco Almeida, Dr. Braz Carneiro e familia, Dr. Augusto Marques, Candido Drummond e familia, Dr. Raja Gabaglia, segundos tenentes Teixeira e Mattos Pitombo, Dr. Baeta Neves, viuva Ladislau Netto, D. Amelia Fonseca, Dr. Sá Brito, Dr. Carlos Botto, Dr. João Francisco Reis, barão de Loreto, desembargador Antonio Carvalho, Dr. Souza Leite, Dr. Ismael Torres, Dr. Agostinho dos Reis, Dr. Pinto Brandão, Dr. Domingos Ribas, coronel Pedro Caminha, capitão-tenente Silva Lima Junior, Benedicto Alves Barbosa, Raul Magalhães, Dr. Torquato de Mesquita, Alberto de Mesquita, consul da Republica Argentina, J. Custodio Moreira, Dr. J. Roberto d'Escragnolle, Drs. Cordeiro Graça e Pires Ferreira Filho, 1º tenente Algernon Schiefler, Dr. André de Faro Fleury, Alvaro Pereira de Faro, barão de Muritiba, Luiz Paranhos Macedo, Dr. Acacio de Aguiar e seus discipulos ex-alumnos da escola naval, Priamo Telles, Miguel Caminha, Castro e Silva, Adalberto Nunes, Durval Gaspar e Costa Pinto. A *Gazeta da Tarde* foi repre-

sentada pelo seu proprietario, redacção e todo o possoal.

. ˙ .

Dia 3, desde as 7 1/2 horas da manhã, na mesma igreja de S. Francisco de Paula, 11 missas, todas ouvidas no maior recolhimento, entre ellas as celebradas por Monsenhor Breves e Monsenhor Brito, em seu proprio nome, e as mandadas dizer pela redacção da Gazeta da Tarde, por um grupo de rio-grandenses do sul, pelos aspirantes de marinha Castro e Silva e Mattoso da Camara, e por D. Maria Eugenia, afilhada do pranteado almirante e casada com o Dr. Guilherme Frota.

A' esses piedosos suffragios, que terminaram as 9 1/2, seguiu-se immediatamente a magestosa solemnidade das exequias . mandadas celebrar por uma commissão, genuinamente representante de todas as classes sociaes, avultando o numero de ex-presos politicos, que se organisou por iniciativa do prestimoso commendador José Antonio da Cunha Silveira (1)

Eis como, *mutatis mutandis*, foi descripta a sumptuosa e sacratissima homenagem civica, pela *Gazeta da Tarde, Jornal do Brazil, Jornal do Commercio, Gazeta de Noticias, Cidade do Rio, Correio da Tarde e A Noticia*.

«Desde cedo, muito antes da hora em que deveria realisar-se a grande ceremonia religiosa, encheu-se o vasto templo de tal modo, que ao comec-

(1) Infelizmente, ja desappareceu dentre os vivos este estimado patriota, que falleceu a 29 de Fevereiro do corrente anno de victima de congestão cerebral.

çar a missa solemne já não era mais possivel penetrar nelle sem difficuldade e atropello, transbordando a qualificada multidão por todas as dependencias internas, inclusive a sachristia, e até fora do adro. A igreja offerecia um aspecto de excepcional imponencia, já pela magistral e fulgurante decoração, já pelo raro espectaculo do enorme concurso de povo que se comprimia por toda a parte, e sobre tudo pela sinceridade da commoção desenhada em todos os semblantes e unindo-os n'um só pensamento.

Não ha recordação de exequias celebradas em meio de maior respeito, de maior acatamento, de mais profundo sentimento de dôr, que irrompia a todo momento, aqui e alli, por manifestações irreprimiveis.

A capella mór estava rigorosamente forrada de preto. Um espaldar de velludo negro e de prata encerrava o throno, para fazer realçar sobre um monte de cyprestes e luzes uma perfeita imagem do Cruxificado. Todas as tribunas, portas e pulpitos achavam-se igualmente guarnecidos de cobertores de velludo preto e franjas douradas.

Officiou o monsenhor Amorim, pro-commissario da Ordem Terceira de S. Francisco de Paula, servindo de diacono o monsenhor Breves, de subdiacono o conego Gurgel do Amaral e de mestre de ceremonias o padre Guimarães. Monsenhor Brito assistio do solio.

No côro, que tambem ficou apinhado, sob a direcção dos padres Jeronymo e Vereza, estava uma grande orchestra regida pelo professor João Pereira, tocando o orgão o maestro Henrique Mesquita.

Estiveram presentes muitos outros sacerdotes, entre os quaes o conego Sereja e Amador e os pa-

dres Gouveia, Dr. Trindade, Fortunato, Tarle, Almeida, Campello, Leornardo Fortunato.

No centro da nave erguia-se deslumbrante catafalco, a que fazião alas ex-aspirantes da Escola Naval, segurando tochas, o qual era illuminado por 300 luzes, e circundado por 16 tocheiros tendo pendentes riquissimas grinaldas.

No cataleto do monumento destacava-se o retrato a crayon do almirante Saldanha, olhando para a porta principal do templo, envolvido pela bandeira brazileira e ao fundo um ramo de palmeira natural, d'onde pendia longa fita rôxa com esta simples inscripção—«saudade». Aos lados attraiam a attenção duas grandes e bellissimas ancoras de flores, de uma das quaes, a de violetas naturaes, balouçavam-se duas fitas pretas com franjas douradas, contendo estes dizeres: *Ao bravo Saldanha*—A familia Lucena". Entre as corôas pendentes dos tocheiros notavão-se as seguintes: A' Saldanha da Gama—homenagem dos Rio-grandenses. A' Saldanha da Gama, honra da marinha brazileira—reverente homenagem de um grupo de Paquetá. Ao immortal Saldanha da Gama—lembrança de Virgilina dos Santos Pinto. Ao intemerato e heroico almirante Saldanha da Gama, que sempre soube dignificar a patria—offerta de Manoel Mattos Gonçalves. Ao glorioso almirante Saldanha da Gama—homenagem da *Gazeta da Tarde*. Ao contra-almirante Saldanha da Gama—homenagem da classe maritima do cáes dos Mineiros.

Finda a missa, o digno celebrante e os sacerdotes que o acolytaram, assim tambem os do côro e os assistentes, conjunctamente com muitas outras pessôas, dirigiram-se para o catafalco e circumdaram-no, cada qual empunhando uma tocha accesa,

sendo então magistralmente cantado o *Libera—me* por 20 vozes ecclesiasticas, e dada a absolvição final pelo mesmo celebrante.

Erão 11 horas do dia quando concluio-se a edificante solemnidade, a que se prestaram gratuitamente diversos dos sacerdotes, entre outros os reverendos Cruz Saldanha, Almeida e Leonardo Fortunato.

Só então começaram a retirar se as innumeras familias— pertencentes á melhor sociedade—, que desde as primeiras missas se conservavão no templo, e bem assim os homens, muitos dos quaes lançaram seus nomes nas listas que para tal fim forão collocadas sobre pequenas mesas, na sacristia e no corredor lateral da igreja.

Não é exagerado calcular em mais de 4000 as pessôas que concorreram a tão eloquente e popular demonstração de pezar, podendo distinguir-se na grande agglomeração os seguintes Senrs:

Almirantes Ladario, Jaceguay e Fernandes; vice almirante Teixeira; contra-almirantes Marques Guimarães e Legey; contra almirantes Guilobel, chefe do estado maior general da armada e Carneiro da Rocha, chefe do corpo de saude (1); capitão de mar e guerra Baptista de Leão, commandante do corpo de marinheiros nacionaes, capitão de mar e guerra Rodrigo José da Rocha, capitães de fragata Antonio Francisco Velho e Antonio Pinto Duarte, capitães-tenentes Huet Bacellar, Enéas Oscar, Trajano de Car-

---

(1) Honra aos dois altos funccionarios da armada!
Esta sua hombridade, aliás vulgar em tempos idos, actualmente vale um poema; é cousa rara.
Diga-se, pois: os contra-almirantes Guilhobel e Carneiro da Rocha, chefe do estado maior general e chefe do corpo de saude, comparecendo a este acto salvaram a dignidade official da sua classe, sacrificada a falsos preconceitos de governo.

valho, Lima Franco, Aureliano Nobrega de Vasconcellos, Schieffler, primeiros tenentes Nelson de Almeida, Burlamaqui Moura, Alvaro Chaves, Carvalho Moreira e Pedro de Albuquerque, segundos tenentes Severino Maia, Athanagildo Barata, P. Vieira, A. Vezin, ex-aspirantes Octavio de Lima e Silva, Adalberto Nunes, Armando Ferreira, Antonio Monteiro Chaves, Annibal da Rocha, Adalberto Bastos, Arlindo Duarte, Arthur Costa Pinto, Antonio Gayoso, Amphiloquio Reis, Annibal Gama, Alvaro de Azambuja, Adhemar Teixeira, Alfredo Dodswort, Americo de Castro, Amancio Couto; generaes Mello Rego, Costa Guimarães, Honorato Caldas, Cunha Mattos, Bento Fernandes, Lassance, Costa Mattos, Dr. João Severiano, Dr. Cesario Alvim, João Manoel de Lima e Silva, Dr. Alexandre Bayma; coroneis Carlos Soares, Oliveira Galvão, Antonio Augusto de Almeida, Malvino Reis; tenente coronel Eliseu Guilherme; majores Callatino de Araujo Goés, Dr. Alfredo de Barros; capitão Miranda de Carvalho; tenente Domingos Jesuino; Alferes Alberto Braga; viscondes de Ouro Preto, de Barbacena e de Valdetaro, Marquez de Paranaguá, commendador José A. C. Silveira, Drs. Alfredo Valdetaro, Camillo Valdetaro, conselheiro Andrade Figueira, senadores Aquilino do Amaral e Coelho Rodrigues; deputados José Mariano, Gonçalves Maia; Drs Tiburcio Figueira, Carlos de Laet, Joaquim Nabuco, conselheiro Carlos Affonso, conselheiro Ferreira Vianna, Conde da Estrella, barões de Lucena, Pinto Lima e Maia Monteiro, baronesa de Sant'Anna do Livramento, Drs. Affonso Celso, Souza Mello, Pires Brandão e seu filho, Adolpho de Barros, conselheiro Silva Costa, Bertraud Rochfort, Drs. Firmo Martins, Julião Lacaille, Bandeira de Mello, J. Ketele,

visconde de Saboia, conselheiro Basson, Leopoldo ten Brinck, conselheiro Souza Ferreira, Heredia de Sá, Dr. Benedicto Valladares, barões de Loreto, de Muritiba, de Ibriamirim e do Cattete, Dr. Luiz Pereira de Faro, Léo da Affonseca, commendador Graça, Carlos Gianelli, Dr. Carvalho Aragão, José Guilherme Stelling, Hermano Joppert, visconde de Schmidt, Alfredo Smith de Vasconcellos, commendador João Martins dos Santos, barão de Sampaio Vianna, Dr. Luiz de Sampaio Vianna, commendador França Junior, Chaves de Faria, monsenhores Rocha e Brito, Pardo Vieira—representante do almirante Mello, Castelpogy, Crasbley, visconde de Taunay, Drs. Victor Nabuco, Torquato Couto, Callaça, Simões Corrêa, Bacellar, Valeriano Ramos, Jacintho Baptista dos Santos, Pedro Velloso, Antão de Faria, Agostinho dos Reis, Luiz de Bulhões Pedreira Guedes, Manoel da Costa Lima Castro, João do Valle, Ildeffonso Dutra, Ayres Pompêo, Heitor Cordeiro, Nabuco de Abreu, Alves Meira, Paula Ramos, Paula Ramos filho, Dr. Tupinambá, Jacobina D. Diniz, visconde de Duprat, commendadores Saturnino Gomes, Infante e Frederico Lage, conselheiro Barros Barreto, barão de Novaes, Haracio Nabuco Caldas e familia, barão de Mesquita, Emilio de Barros, conselheiro Candido de Oliveira, Dr. Barbosa de Oliveira, Dr. Frederico Rego, visconde da Cruz Alta, Arlindo Gomes, barão de Vasconcellos Rodolpho, conde Diniz Cordeiro, Carlos Raynsford, Leopoldo Heck, Frei João do Amor Divino Costa, Dr. Carlos Perdigão, representantes dos jornaes «Democrata Federal», «Provincia de Pernambuco», «Prensa», e «El Tiempo» de Buenos-Ayres, Dr. Antonio Eulalio Monteiro, Dr. Accacio de Aguiar, Dr. Achilles Varejão, conselheiro Alvaro Joaquim de Oliveira, Dr. Cordeiro da

Graça, Dr. Barbosa Romeu, Dr. Affonso Ramos, Dr. Alberto de Faria, Dr. Anfriso Fialho, commendador Abel Pereira Guimarães, padre Antonio Jeronymo de Carvalho Rodrigues, commendador Alberto Porto, Dr. Alfredo Santiago, Dr. Manoel Valdetaro, Dr. Antonio Candido de Oliveira Vianna, João da Costa Vianna de Castro, capitão Miranda de Carvalho, Dr. Alfredo Paraiso, Dr. Antonio Martins Pinheiro, Dr. Pereira da Silva, Dr. Augusto Marques, padre Arthur Cesar da Rocha, Dr. Alexandre Renaldy, desembargador Antonio Joaquim Rodrigues, Dr. Amarilio Hermes de Vasconcellos, pintor Antonio Alves Valle de Souza Pinto, commendador Arthur Napoleão, Dr. Antonio Augusto da Silva Junior, Dr. André de Faro Fleury, Guilherme Augusto de Barros Lima, Antonio Leitão, Carlos Americo dos Santos, Augusto Cesar Ramos, Henrique Aderne.

Imprensa da Capital Federal: Padre Loreto, pelo Apostolo; Dr. Pederneiras, Dr. Caldas Vianna, Dr. Tobias Monteiro, Baldomero Carqueja, pelo Jornal do Commercio; Dr. Ferreira de Araujo, Henrique Chaves, Castro Vianna, Julio Pimentel, Alfredo Gonçalves, pela Gazeta de Noticias; L. F. Moura Brito, Dr. Juvencio de Aguiar, Carlos de Lacerda, Santos Teixeira Junior, pela Gazeta da Tarde; Dr. Fernando Mendes, Carvalho de Moraes, Amadeu Peaure-paire Rohan, pelo Jornal do Brazil; Angelo Agostini, pelo Don Quixote; Oscar Rosa, Beaurepaire Pinto Peixoto, Juvencio Ferreira, pela Cidade do Rio; Serpa Junior, pelo Correio da Tarde.

O legendario almirante Marquez de Tamandaré fez-se representar por sua dilecta filha, a exma. Snra. D. Eufrasia Lisbôa e por alguns de seus netos.

A familia do almirante suffragado achava-se representada pelo Dr. José de Saldanha da Gama e sua familia e o Dr. Ramiz Galvão.

A commissão que promoveu as exequias offereceu ao Dr. José de Saldanha da Gama o retrato á crayon que se achava no catafalco.

Depois do acto, o artista Marc Ferrez tirou a photographia de templo.

A' sahida, as Sras. DD. Luiza Coutinho ten Brink e Adelaide Silveira distribuiram esmolas aos pobres.

(Publicado na Gazeta da Tarde, Cidade do Rio e Correio da Tarde, de 3 e 4 de Julho)



WILLEGAIGNON

Corpo de marinheiros nacionaes

Contra-almirante Saldanha

Os marinheiros nacionaes actualmente destados na heroica Willegaignon, compungidos pela mais acerba dôr com o desgraçado successo que enlutou a Patria no honroso combate do *Campo Ozorio* onde

cahiu coberto de gloria, defendendendo os direitos do povo rio-grandense, o corpo deste baluarte (Nelson Brazileiro) que se chamou Luiz de Saldanha, vêm do alto da imprensa convidar a familia, amigos e admiradores do Grande morto para assistirem uma missa que mandam celebrar na egreja de S. Francisco de Paula, no dia 5 do corrente, ás 8 1/2, por cujo acto da nossa religião ficam summamente agradecidos. Pedem desculpa de não comparecerem por achar-se o Corpo impedido; porem encontrarão quem os represente»

No dia e hora designados resou-se effectivamente a missa annunciada, a qual foi muito concorrida, apresentando o templo um aspecto commovente, serio, tocante.

Foi celebrada pelo reverendo padre Loreto, um dos 2 proprietarios e redactores do *Apostolo* (o outro é o distincto padre Scaligero), que affrontou as iras da dictadura do estado de sitio, registrando dia a dia em suas columnas editoriaes a resistencia titanica da legendaria Willegaignon. (1)

A *Gaseta da Tarde* do mesmo dia 5 consagrou nos seguintes termos o singelo e expressivo preito:

(1) Fatalidade! O padre José Alves Martins Loreto, o sacerdote correcto, o professor eximio, o jornalista emerito, o cidadão illustre, acaba de ser arrebatado pela mão da morte, na plena exuberancia dos seus dotes do coração e da intelligencia, contando 54 annos de idade.

Falleceu no dia 15 de Abril do corrente anno de 1896, ás 11 horas da noite, victimado por uma lymphatite gangrenoza, contra a qual foram impotentes todos os recursos da medicina e os ineffaveis cuidados de seu venerando progenitor, já octogenario, e seus dignos irmãos, a saber: duas distinctissimas senhoras e o reverendo padre Urbano, estimado vigario do Engenho Novo, em cuja residencia habitava a virtuosa familia e deu-se o lamentavel passamento.

«Á missa mandada celebrar hoje na igreja de S. Francisco de Paula, por alma do bravo almirante Saldanha da Gama, pelos marinheiros da heroica Willegaignon, revístiu-se da imponencia que era de esperar. Despida de pompas, teve entretanto a magestade de uma espontanea manifestação da dor profunda que pungiu a alma dos rudes marinheiros, que alli na inolvidavel fortaleza tantas provas de heroismo deram, quando a elles chegou a noticia de ter morrido em combate o seu idolatrado chefe, o seu almirante, bravo e audacioso como elles, nobre sempre para com os vencidos e arrojado e altivo para com os vencedores.

Embora impedidos por ordem do Governo, não deixaram elles de prestar uma homenagem á Saldanha; mandaram dizer hoje uma missa e fizeram-se representar por um dos seus companheiros. A concurrencia foi extraordinaria, sendo celebrante o nosso illustre collega do *Apostolo*, padre Loreto, o mesmo que ha tempos n'um artigo sublime tão bem delineou a epopéa de Willegaignon. Ao marinheiro, representante do seu corpo, foram apresentadas as condolencias dos presentes, sendo elle n'essa occasião muito abraçado.

Toda a imprensa da Capital Federal em breves traços necrologicos rendeu justa homenagem a seu caracter, moralidade, illustração e civismo, e no cemiterio de S. Francisco Xavier, ao baixar o corpo á sepultura, José do Patrocinio—repuplicano da gemma—, o insigne redactor-chefe da *Cidade do Rio*, com elevação de sentimentos e isenção de animo condignas da pujança do seu talento, (ainda não havia muitos dias que tinha terçado a vibrante penna com o valente batalhador do *Apostolo*, monarchista franco, sincero, inabalavel) proferio eloquente allocução pondo em relevo os titulos de rara abnegação, mascula hombridade e preclaro entendimento, que recommendam á posteridade a memoria do intemerato athleta da religião, da liberdade e da civilisação, honra da Bahia—seu berço natal.

Praza aos Céos que fructifique o grandioso exemplo.

Ao terminar a missa, o Dr. José de Saldanha da Gama, irmão do almirante, abraçando ao mesmo marinheiro disse-lhe o seguinte. «Agradeço de todo o coração, por mim e por meus irmãos ausentes, esta homenagem prestada ás cinzas do almirante Luiz de Saldanha pelos marinheiros nacionaes, tradicionalmente bravos e patriotas na historia do Brazil.»

Entre as pessoas presentes, notamos as seguintes:

2º tenente engenheiro naval Dr. Coelho Francisco Sobrinho, familia do capitão de mar e guerra Pinheiro Guedes, capitão Miranda de Carvalho, 1º tenente Jorge de Menezes, almirante Santa Rosa e sua familia, coronel Ignacio Carneiro, conselheiro Basson, Dr. Benevides e famila, commendador Carlos Jorge Naylor, Dr. Ismael Torres, general João Severiano e familia, Dr. José Felix, Dr. Arthur Maia, João das Neves Prata, Dr. Joaquim Nabuco, capitão-tenente Sidney Schiefler, commendador Pereira de Abreu, padre Fortunato, ex-aspirantes Alencastro Graça e Fernando Ferreira da Silva, representando grande numero de seus collegas, Horacio Caldas.

D. Leolpodina Guedes de Azevedo, Francisco Lopes Cardim, Dr. Queima, Henrique Rebello, José Raunier da Silva, José Ketele, João Kahl e sua familia, Dr. Barros Cassal, ex-aspirantes Costa Pinto, Chaves, Cyrillo, Areias, Menezes, Caminha Perdigão, Alberto Nunes, Priamo Telles, Trajano Carvalho, Castro Silva, Neves, Manott Sarrat, Octavio Perry, Agenor de Souza, Theodureto Souto, Gaspar Nogueira Gama, Alvaro Carvalho e Diniz Junqueira, Dr. Miguel Lisboa, familia Garcez Palha, João Cornelio dos Santos, Pedro da Costa Araujo, commendador Catramby, G. Vargas, Adalberto M. de

Souza e sua familia, Julio Cesar Carvalho, Lobo, Thadeu da Silva Castro, Eliezer de Carvalho, D. Amelia da Fonseca, padre Colona, capitão-tenente Huet Bacellar, Dr. Julio Bacellar, almirante Fernandes, almirante barão do Ladario, padre Fortunato, conego Accacio, actor Maia, Horacio Lemos, Lima Franco, Numa R. Macedo, José Willemsens, Innocencio Drumond, D. Maria Francisca Mourão dos Santos, Beaurepaire Pinto Peixoto e familia, commendador Fleury representado por seu filho Paulo Fleury, Dr. Sebastião Fleury Curado, Dr. Gonçalves Maia, commendador J. A. C. Silveira.

A *Gazeta da Tarde* foi representada pelos seus redactores, os Drs. Juvencio de Aguiar e Castilho Lisbôa.

Sessão do senado de 4 de Julho de 1895.
Presidencia do Dr. Manoel Victorino.

....

(Extracto do Jornal do Commercio)

O Sr. Barão do Ladario cumpre um dever a que desejava poder esquivar-se, mormente quando vê afundar-se no horisonte o crepusculo do astro que não mais voltará a radiar no oriente os esplendores do seu brilho e da sua força.

Si tivesse disposto de tempo na primeira hora, teria feito algumas considerações politicas referentes ás classes militares de mar e terra.

Desejando a paz neste paiz tão trabalhado pela desordem, julga serviço de alta relevancia procu-

rar trazer a essas classes a harmonia necessaria para a manutenção da ordem de que a Nação precisa para poder gozar a liberdade.

Vai tratar em traços geraes de um acontecimento que seguramente ha de influir para conseguir-se essa harmonia.

A população toda presenciou as grandes manifestações officiaes prestadas nos funeraes do marechal Floriano Peixoto.

Segundo pensa, ellas tiverão alguns incovenientes, sendo um de pensar-se que não erão acompanhadas pela maioria da população.

Ninguem póde affirmar que a multidão que enchia as ruas era impulsionada por sentimentos de reverencia e gratidão ao illustre morto.

O Sr. Joao Cordeiro: — No entender de V. Ex.

Não póde affirmar uma, nem o Sr. senador póde affirmar a outra, responde o orador.

Si deixou de acompanhar o feretro, foi consequente com seu modo de pensar, visto que votou contra o acompanhamento do feretro pelo Senado em peso.

Nunca fugirá á responsabilidade de seus actos, nem se amedronta com as ameças que diariamente lhe chegão por cartas anonymas. Provoca solemnemente a quem se julgar offendido com as suas opiniões a apresentar-se de frente, peito a peito.

Facto que não lhe passou despercebido e sobremodo o compungio, foi ter notado a ausencia da marinha no acompanhamento funebre.

Foi irregular esse procedimento; não porque a classe devesse prestar homenagens ao marechal Floriano, mas porque devia apresentar-se, provando que acompanhava o Governo nas homenagens prestadas.

Ápenas lembra-se de ter visto dous officiaes de marinha; entretanto, em uma publicação de hoje leu o nome de muitos outros. Daquelles, um era representante do Sr. Presidente da Republica; o outro, que carregava uma côroa, era esse almirante que manifestando-se sempre hostil ao marechal Floriano e ao Governo, depois prestou-se ao serviço da legalidade.

Não lhe quadra a pécha de jacobinismo e intransigencia, com que o acoimou o Sr. senador pelo Ceará, porque da tribuna foi o primeiro a verberar o procedimento do almirante Saldanha da Gama, conservando-se neutro nos primeiros tempos da revolta e depois abraçando-se a ella.

E essa intransigencia chegou a ponto de declarar que rompera com elle as antigas relações de amisade que sempre entreteve.

Demais, si é jacobinista, não é do molde daquelles que S. Ex. dirige.

O Sr. João Cordeiro: — Eu não dirijo nenhum club jacobinista; V. Ex. faz-me injustiça; pois, si os dirigisse, as cousas não se passarião platonicamente como se têm passado.

Guardará para outra occasião, continúa o orador, o que tinha a dizer sobre as classes armadas, agora vai cumprir um dever.

Longos annos lidou com marinheiros brazileiros nas furias do oceano, em mares diversos e longiquos; juntos jogárão a vida, arrostando os elementos; juntos travárão pelejas sangrentas em defesa da Patria.

Si ganhou galardões e recompensas a elles o deve, deve tudo á marinha.

Não é, portanto, justo que na hora do soffrimento, quem teve os proventos não tenha os en-

cargos. Sua natureza inteiriça e rebelde repelliria tal retrahimento.

Têm sido baldados seus esforços em procurar obter esclarecimentos sobre tantos crimes praticados; desejava dar a esses marinheiros uma prova de que ha quem compartilhe de seus soffrimentos.

Cita factos relativos á ilha das Cobras, em que diariamente ia um official buscar uma turma de marinheiros a pretexto de fazer fachina, e a verdade triste é que esses infelizes d'alli sahião para ser assassinados nas ilhas aos libambos, amarradas as mãos ás costas, pelas heroicas tropas da legalidade!

Fiz então justiça ao marechal Floriano, asseverando sua ignorancia a respeito desses crimes, como posteriormente provou, quando um novo commandante da ilha, tendo recusado entregar novas levas de marinheiros para a fachina, veio informar-se verbalmente do marechal e elle allegou ignorancia de tudo.

E nem siquer se sabe o nome e o numero desses infelizes que ião e não mais voltavão da fachina da morte.

Um dos chefes desses marinheiros, um chefe justamente querido, transviou-se, envolveu-se na revolta e depois abraçou a causa dos federalistas.

O que mostrou pujantemente com esse procedimento foi que não era o cobarde, labéo com que á legalidade aprouve ferreteal-o então por ter procurado refugio a bordo de navios portuguezes, em vez de entregar ingloriamente o peito ás balas assassinas ou suicidar-se.

Bem ou mal, assumio uma posição definida e desobrigou-se heroicamente, não deixando á marinha nacional nodoa alguma e batendo-se por uma

causa que não era a que foi abraçada pela maior parte da nação.

Mas não se deve regatear ao morto as homenagens que lhe são devidas; e o orador não regatêa homenagens sinceras, principalmente porque censurou-o quando desviou-se do caminho do dever militar.

Essa morte contrista a todo o paiz, máo grado uma parte da população fluctuante desta Capital, que tem por chefe o honrado senador pelo Ceará, que aqui affirmou que não encontrára jacobinos de sua tempera, para poder declarar-se seu chefe.

Diz bem alto que maiores e mais sinceras forão as manifestações prestadas ao almirante Saldanha da Gama, mórmente porque affrontaram essa população ambulante e desordeira a que se referio.

A nenhuma dessas manifestações de amigos ou da familia compareceu, não por falta de piedade ou de condolencia.

Hontem, pressurosamente acorreu á igreja, por que julga que as exequias que se celebravão tinhão significação mais elevada. E sua presença significou o protesto contra os que, depois de vencerem o nobre guerreiro, trucidarão-no, mutilaram-no barbaramente, recuando atavicamente ás epocas de selvageria, com esses factos que nodoão a civilisação e deturpão o caracter nacional.

E' natural o contraste entre esta manifestação e a da vespera; uma excessivamente official, outra puramente particular; uma forte e confiante em seus proprios elementos; outra, precisando da garantia da policia para realizar-se.

Leu hoje com pezar que os marinheiros nacionaes forão prohibidos de vir á terra prestrar homenagens a seu chefe illustre, assistindo á missa que

mandaram rezar, convidando para essa cerimonia todos os amigos e a familia do illustre morto.

Tambem achar-se-ha presente o orador e sente profundamente que elles não se lembrassem que ainda havia um antigo companheiro de outros tempos, para delegarem-lhe a honrosa missão de os representar nessas cerimonias religiosas.

Teria orgulho de mais uma vez agradecer a esses marinheiros os serviços que prestárão em seu beneficio, os que prestaram á Patria e os que ainda podem prestar, no dia em que periclitar sua integridade e a lei que a rege.

Vem á mesa o seguinte requerimento:

« Requeiro que por intermedio da Mesa se solicite do Governo, para o conhecimento do Senado, informações do que consta sobre a morte do contra-almirante Saldanha da Gama pelo encontro com as forças da legalidade, no campo Ozorio, Estado do Rio Grande do Sul; e bem assim, si foi o seu corpo entregue como solicitára a familia, e no caso contrario, porque?—Barão do Ladario».

E' apoiado, ficando a discussão adiada, visto já ter dado a hora.

Posto a votos na sessão seguinte, cahio o requerimento.

Sessão da Camara dos Deputados de 8 de Julho de 1895.
Presidencia do Sr. Arthur Rios (1º vice-presidente)

(Extracto do Jornal do Commercio)

O Sr. José Carlos (pela ordem) vem, a exemplo do Sr. Zama, pedir que seja dado para ordem

do dia o requerimento que ha dias apresentou, relativo a assumpto de marinha e que ficou com a discussão adiada por haver pedido a palavra o Sr. Montenegro. Acredita que o nobre deputado pelo Pará já teve bastante tempo para preparar a resposta. E' necessario que o paiz fique sabendo que o trabalho feito de 6 de Setembro a 13 de Março ainda está sobre cinzas...

O Sr. Fileto Pires:— O Ministro da Marinha está trahindo a Republica!

O Sr. José Carlos quer discutir um por um todos os actos do Sr. Ministro da Marinha, para provar que elle está atraiçoando o Sr. Presidente da Republica. Acaba de receber uma carta de Buenos-Ayres (a terceira), em que ex-collega, a quem ainda preza, apezar das divergencias politicas, annuncia que têm vindo officiaes de marinha revoltosos combinar serviço com outros officiaes... (*Protestos, tumultos*)

O Sr. Presidente observa que o assumpto de que o nobre deputado está tratando nada tem que ver com a ordem dos trabalhos da Camara.

O Sr. José Carlos requer, á vista disto, meia hora de urgencia para justificar um projecto relativo á Marinha.

O requerimento é approvado por 90 votos.

O Sr. José Carlos, em nome dos officiaes da Armada, que se conservaram fieis ao Governo legal durante a revolta, é que vem fallar, agradecendo o acolhimento da Camara. Só por amor á Marinha é que vem justificar um projecto, porque, ao que parece, quer-se anniquilar a Armada e esta missão está infelizmente reservada a um almirante!

Refere-se o orador ás administrações dos Srs. Joaquim José Ignacio, Joaquim de Lamare, Sabi-

no Pessoa, Carlos de Andrade e Amaral Tavares na pasta da Marinha, dizendo que, si elles não fizerão muito, fizerão em todo caso alguma cousa. Os Srs. Wandenholk e Custodio de Mello forão os unicos almirantes que, nestes ultimos tempos, fizerão excepção na pasta da Marinha, porque, embora adversario, o orador deve reconhecer que elles fizerão boa administração.

O Sr. Belisario de Souza:— Mas fizerão revoltas!

O Sr. José Carlos:—Quem sabe si o actual Ministro não está preparando alguma revolta?

O Sr. Serzedello.— O almirante Elisiario Barbosa não é só uma gloria da marinha brasileira; é uma gloria nacional. E' a honra e a lealdade personificadas, é incapaz de traição. (Apoiados). Elle é incapaz disto!

O Sr. José Carlos.—Incapaz porque não presta para nada.

(Tumulto. Vozeria)

O Sr. Presidente (não podendo manter a ordem) suspende a sessão por alguns momentos.

Reabre-se 15 minutos depois.

O Sr. Presidente pede aos nobres deputados que o ajudem a manter a ordem e ao orador que evite qualificativos menos dignos da Camara e do proprio orador.

O Sr. José Carlos (continuando) uma vez que o qualificativo «não presta» dado ao Ministro não presta mesmo, vem declarar que evitará recahir na falta e desviar-se de um rumo certo.

Lembra que muitos ministros têm sido em todos os tempos censurados em linguagem vehemente no parlamento. Entre outros, o duque de Caxias e Joaquim José Ignacio. O honrado presidente da Cama-

ra mesmo, o anno passado, quando sacudio da pasta da fasenda o Sr. Felisbello Freire, usou linguagem vehemente na censura dos actos a que se referio.

Passa a ler o annuncio da missa mandada rezar pelos marinheiros de Willegaignon, lendo tambem o commentario do «O Paiz» na noticia que deu sobre o facto, dizendo haver o Sr. Prudente de Moraes declarado ser aquelle annuncio de summa gravidade e ouvido o Ministro, cuja resposta foi que o convite era apocrypho.

Vozes:— Está ahi a defesa do Ministro!

O Sr. José Carlos:—Si a informação é official é de louvar a solicitude com que o Sr. Prudente de Moraes attendeu ao facto; mas, o que é verdade é que a missa foi rezada e que o «Jornal do Commercio» no dia 6 publicou uma «varia» dizendo que ella esteve muito concorrida, comparecendo até alguns marinheiros.

(Interrupção. Tumulto. Apartes.)

Ao lado deste facto, que significa a impunidade de actos de indisciplina, convém relatar outro— a prisão do capitão Gomes de Castro, simplesmente por haver publicado uma carta considerada desrespeitosa!

Este e outros factos provão que o orador tinha razão quando disse uma vez que o Sr. Elisiario Barbosa não podia bem exercer o cargo de ministro da Marinha.

Entre esses e outros factos cita os seguintes: 1° a promoção, com antiguidade de 16 de Abril de 1894, de officiaes que se conservárão neutros durante a revolta e que erão suspeitos, ficando assim igualados áquelles que o ex-vice-Presidente da Republica promoveu nessas condições por serviços na es-

quadra legal;—2º annullação de decretos de reforma dos officiaes superiores que forão julgados incapazes e que allegaram incapacidade physica para não acceitar commissões do Governo durante a revolta:—3º o contracto de fornecimento de 700 toneladas de polvora, sem autorisação, e que forão depositadas na ilha das Enxadas, como um torpedo permanente junto á Escola Naval;—4º reparação de navios imprestaveis e de madeira, condemnados ha 10 ou 15 annos já, etc., etc.

Póde o orador garantir mesmo que o intermediario na compra das 700 tonelladas de polvora não foi o Sr. almirante Jaceguay! O Sr. Presidente da Republica está enganado com o seu secretario da pasta da marinha!

Termina mandando á mesa um projecto de lei sobre as promoções a que acima se referio e um requerimento para que a Camara requisite informações ao Governo sobre o caso da missa dos marinheiros de Willegaignon.

O requerimento é apoiado e entra em discussão.

O Sr. Francisco Glicerio (*movimento geral de attenção*) observa que, em rigor, não deveria vir defender o Ministro da Marinha, mas sim o Presidente da Republica (*apoiados*), que responde politicamente pelos actos de seus ministros. (*Apoiados*).

Os nobres deputados devem ter a lembrança viva da contestação que a todo momento na Camara se levanta a proposito da indiscreta introducção de fórmas parlamentares, em prejuiso do regimen adoptado. Ora, no caso vertente, pretende-se operar precisamente uma inversão constitucional dessas fórmas. O responsavel politico pelos actos do Minis-

tro da Marinha é o Sr. Presidente da Republica. (*Apoiados*).

A defesa do Ministro da Marinha envolve a defesa do Presidente da Republica.

Si o almirante Elisiario fosse politicamente um adversario das instituições, a responsabilidade pesava sobre o Presidente da Republica, sem embargo da defesa que se procura prudentemente insinuar, de que o Sr. Prudente de Moraes está sendo sacrificado ou enganado pelo seu ministro. Essa defesa, porém, não procede porque importa a incapacidade do Presidente da Republica, que é bastante avisado e perspicaz para não ser embahido em sua boa fé por um Ministro que mentisse á sua responsabilidade politica!

O Sr. Ministro é, porém, um brazileiro distinctissimo, um cidadão cheio de serviços, e quem contempla esse brazileiro fica satisfeito por ver um representante tão genuino das glorias da nossa Maminha Nacional. S. Ex. não é um politiqueiro; recusou a pasta, que exerce, no tempo do Imperio e no periodo governamental dos Marechaes Deodoro e Floriano.

Offereceu ao segundo os seus serviços para debellar a revolta e só acceitou o cargo de Ministro diante das observações, que lhe forão feitas pelo actual chefe do Estado

S. Ex. acceitou de coração a Republica e pode garantir á Camara que o illustre almirante é um homem da lei, não transige com pronunciamentos, é incapaz de deslealdades. O paiz tem interesse na salvação da reputação de seus homens publicos (*apoiados*). O facto censurado é o convite a uma missa por alma do almirante Saldanha, mandada rezar pelos marinheiros de Willegaignon.

Não seria capaz de condemnar que marinheiros ouvissem missa por alma de alguem (apartes). Mas, o convite que foi publicado nos jornaes desta Capital, não era um simples convite para uma missa por alma de um defunto, mas sim um manifesto politico em completa desobediencia á ordem legal. (Apoíados.)

Esse convite é apocrypho, é uma arma politica dos jornaes federalistas desta cidade, como o declarou o commandante dessa fortaleza.

No «Dirio Official» o Ministro, até como acto preventivo, mandou impedir o corpo de marinheiros.

O Ministro da Marinha é um homem absolutamente incompativel com qualquer pronunciamento illegal e, na sua opinião, a maior desgraça para a nossa Armada foi a revolta de 6 de Setembro. Si algumas vezes acontece que actos individuaes fazem suppor, que o espirito do Governo transige com os vencidos, verifica-se somente em materia de detalhes insignificantes. Nenhum de nós, exclama o orador, por mais intransigente que tenha sido com a revolta, deixou de ter pessoalmente um pedido em favor de qualquer individuo implicado na mesma.

A esse respeito, não é suspeito porque é intranzigente em relação aos revolucionarios e tem declarado mesmo que com elles não trata.

UM DEPUTADO:—Mesmo com Jóca Tavares ?

O SR. FRANCISCO GLICERIO:— Mesmo com Jóca Tavares. Em relação, porém, á conducta do Governo neste assumpto, não tem razão a Camara para hesitar um só instante na confiança que elle deve inspirar-lhe.

Depois de outras considerações, conclue o orador dizendo que o requerimento do nobre deputado pela Capital Federal vai ser posto na ordem do dia e então alguns amigos incumbir-se-hão da defesa documentada de todos os actos do almirante Elisiario.

Nessa occasião se fará a mais completa luz sobre seus actos e nisso tem interesse não só o Sr. Ministro como todos aquelles que nunca duvidaram da sua honorabilidade pessoal e politica (*muito bem, muito bem, apoiados*).

O Sr. Bricio Filho diz que o Sr. deputado por S. Paulo combateu o requerimento do Sr. José Carlos por julgar que elle fere o regimen presidencial e introduz no Congresso uma das praticas parlamentares.

Pois bem; sendo simples voto na Camara e sem conhecimento para julgar por si mesmo, soccorre-se da opinião do actual Sr. 1º Vice-presidente o Sr. Arthur Rios que, na sessão passada, quando se levantou para dizer que não punha a salvo nem a honorabilidade administrativa do Sr. Felisbello Freire, abrio precedente sobre o assumpto, sem que o illustre *leader* se levantasse para dizer que o requerimento sobre as loterias era parlamentarista!

Houve por parte do autor daquelle requerimento uma censura ao marechal Floriano? Certo que não, e o proprio Marechal provou ter estimado saber do que se passava na pasta da Fazenda porque demittio o Ministro. Ora, esse requerimento foi approvado com os votos do orador e do digno *leader* e hoje, ao passo que declara votar a favor do requerimento de José Carlos, o Sr. Glicerio o combate!

Não ha absolutamente introducção de pratica parlamentarista na apresentação de requerimentos semelhantes, visto que ella é permittida pelo art. 114 do Regimento. Demais, si o Congresso é obrigado a velar pela execução das leis, como cumprir essa tarefa sem as informações do Executivo?

Conforme praticou o anno passado em relação ao marechal Floriano, faz o mesmo com o Sr. Prudente de Moraes, oppondo-se a que, com o mesmo barro e com os mesmos tijolos, se levante em torno de S. Ex. a muralha chineza, que o impeça de ouvir os queixumes do povo.

Apoia o requerimento do Sr. José Carlos para que o Governo conheça a conducta de um dos seus auxiliares, para que se entre no dominio da ordem. Refere-se ás considerações do Sr. Glicerio sobre o convite dos marinheiros de Willegaignon para uma missa por alma do almirante Saldanha, e diz que a simples declaração de apocrypho não basta para tranquillisar o espirito publico. Não póde haver duas disciplinas; uma para o exercito e outra para parte da armada. E' necessario que se punão esses actos de indisciplina, afim de que elles não mais se avolumem de modo que mais tarde o proprio ministro não possa enfrental-os. Distingue os actos politicos dos Secretarios do Presidente, dos actos administrativos, em que se apura a responsabilidade dos ministros.

Esses incidem no exame e na censura do Poder Legislativo e a não ser assim a que se reduz o ramo do Poder Legislativo?

Não defende nem ataca o Governo personalisando-o. Estará ao seu lado sempre que, na orbita constitucional, concorrer para a felicidade publica e collocar-se-ha ao lado dos que reclamarem contra

as injustiças. Não admitte — e nesse ponto insiste — duas disciplinas: uma para os que trabalharam com o marechal Floriano para a defesa das instituições e outra para os que os combateram.

E, para que se apure bem a verdade e se verifique as responsabilidades, vota pelo requerimento do nobre deputado pelo Districto Federal. (Muito bem, muito bem, apoiados.)

O Sr. Zerzedello Corrêa não prolongará por mais tempo esta discussão. Vem á tribuna como amigo e admirador do ministro da Marinha para dizer á Camara que apoia o requerimento do Sr. José Carlos, estando em parte de accôrdo com o nobre deputado pelo Pará. Sim; acha que o dever da Camara é pedir informações ao Poder Executivo, é fiscalisar a sua conducta na ordem politica como a sua conducta na ordem administrativa em relação ao modo por que são cumpridas as leis. E' preciso que o Governo informe sempre ao Parlamento sobre os seus actos. Está isso consagrado no regimento e na Constituição. (*Apoiados*).

O orador, porém, não apoia o requerimento por acreditar que seja preciso destruir fantasticas muralhas chinezas em torno do primeiro magistrado da Nação.

O illustre Presidente da Republica tem como dever acompanhar as discussões do Congresso, lêr os debates e ver a orientação que os representantes do paiz têm a respeito dos negocios publicos.

S. Ex., republicano historico, immaculado, tem a perspicacia precisa para apreciar as accusações que nesta casa se levantão contra a sua administração ou a direcção que aos differentes departamentos da administração dão os seus Secretarios.

Não ha, pois, muralhas chinezas porque o actual Presidente vive com a preoccupação dos negocios publicos, vive cogitando das responsabilidades que os deveres de seu cargo lhe dão (apoiados); vota, porém, pelo requerimento porque tem confiança no Governo e espera que venhão informações cabaes, claras, mostrando que o Governo é solidario, que os Ministros não procedem em desaccordo com o Presidente cuja orientação, puramente republicana, não póde e não deve ser suspeitada.

As accusações do illustre deputado pela Capital Federal podem ser divididas em duas partes: uma de ordem politica e outra de ordem administrativa, de moralidade administrativa. A primeira ordem de accusações foi respondida pelo nobre deputado por S. Paulo, com a habilidade e o prestigio da sua palavra e de sua posição.

O orador vem levantar as de ordem administrativa, que são gravissimas.

O Sr. José Carlos insinuou que contratos de polvora, em enorme quantidade, lesivos ao Thosouro e feitos por influencia de poderoso intermediario, tiverão a aquiescencia do Ministro da Marinha.

Quer, pois, que se esclareção esses factos, pois os governos civis vivem da opinião e da moralidade de sua conducta. No dia em que isso lhes faltar, estão perdidos.

E que desgraça para a Patria, que desastre para a Republica, si o primeiro governo civil cahisse desmoralisado no conceito da opinião!

Não! Vota pelo requerimento, e está certo, tal a confiança que tem no Presidente da Republica, cuja vida é uma cadêa de élos em que a pureza e a honra se unem a um passado sem macula, tal a confiança que tem no Ministro da Marinha, gloria

nacional, reliquia santa de nossas victorias, de nossa bravura, de nossa integridade nacional, que as explicações serão claras e convencerão a Camara de que só o amor á Republica, só o respeito á lei e á honestidade administrativa inspirão e guião o actual Governo. (Apoiados, muito bem, muito bem.)

A discussão é adiada pela hora.

(Editorial d'O Paiz de 9 de Julho de 1895)

A Trapaça Official

Nem outro titulo se ajusta ao caso dos suffragios que o corpo de marinheiros nacionaes, em movimento de verdadeira rebeldia, fez celebrar por alma do contra-almirante Saldanha da Gama, precedendo-os de um annuncio collectivo, inserto em tres jornaes do dia.

A difficuldade de esconder-se o acto gravissimo e que está clamando por uma repressão energica levou o Sr. ministro da marinha a asseverar ao honrado chefe da Nação, que o convite era apochrypho, producto de baixa especulação politica.

Desde então, o Sr. almirante Barbosa, que não teve ou não pôde ter um movimento pelo qual fosse castigada a indisciplina acintosa, sentiu-se na necessidade de mascarar a asseveração feita ao Sr. presidente da Republica, cimentando a sua palavra com uma informação do official que commanda o corpo de marinheiros nacionaes.

Precisava, porém, recordar-se o Sr. almirante Barbosa de que o estelionato da verdade transparece

sempre, e que, no caso occurrente, occultal-a, como fez S. Ex., é acoroçoar a indisciplina praticada, mostrando connivencia com o acto reprovado, ou, pelo menos, revelando uma fraqueza de autoridade incompativel com as annunciadas intenções de S. Ex., de querer soerguer a marinha nacional á altura merecida.

O Sr. almirante ministro da marinha baixou um aviso, determinando que o commandante do corpo de marinheiros informasse a respeito do convite publicado em nome da corporação sob suas ordens; mas o que havia de informar esse official depois do Sr. ministro ter affirmado ao chefe da Nação que o annuncio era apocrypho?

A resposta não se fez esperar, e eis o que sobre isso nos conta o *Diario Official*:

«Quartel-General da Marinha, 5 de julho de 1895 —N. 885—Ao Sr. Almirante Ministro da Marinha—Em execução do vosso aviso nº 1.322, datado de hontem, mandei com urgencia ouvir, sobre o seu contexto, o commandante geral do corpo de marinheiros nacionaes, e me apresso de levar ao vosso conhecimento a informação, que acabo de receber do referido commandante, o qual confirma, por escripto, a informação verbal, que deu hontem sobre o mesmo assumpto, dizendo não ter partido de nenhum official de patente ou inferior, e mesmo de qualquer outra praça do referido corpo, o annuncio de convite publicado nos jornaes desta cidade para uma misssa mandada rezar hoje pelo mesmo corpo. Saude e fraternidade—No impedimento do Sr. chefe do estado-maior general, *Antonio Francisco Velho*, sub-chefe interino.»

Já sabemos no entanto que o facto gravissimo echoou hontem na camara dos Srs. deputados: o

Sr. José Carlos discutiu-o e verberou-o, sem muito trabalho, para evidenciar essa trapaça official, em que dolorosamente vemos deprimida e amesquinhada a propria autoridade do Sr. minstro da marinha.

O honrado *leader* da maioria, o Sr. deputado Francisco Glicerio, teve necessidade de abordar o assumpto, e muito habilmente, nós o reconhecemos, S. Ex. disse que o caso do convite seria gravissimo, importaria n'uma declaração de verdadeira revolta no corpo de marinheiros, si o annuncio fosse verdadeiro, o que não se deu, *felizmente*.

Fazemos justiça ao honrado deputado paulista: S. Ex. acreditou, como o Sr. presidente da Republica, na palavra do Sr. ministro da marinha, S. Ex. foi tambem illudido e nós vamos provar.

Todos os jornaes da manhã, mais ou menos affectos á causa federalista, noticiaram que a missa dos marinheiros nacionaes realizou-se e foi muito concorrida.

A *Gazeta da Tarde* de sabbado no entanto foi mais longe: deu uma descripção completa da ceremonia, rectificando um ponto do nosso editorial, quanto ao representante do corpo, que não foi o Sr. barão do Ladario. (1)

Valemo-nos das palavras desse jornal, que para o caso são insuspeitas e cortam rente toda e qualquer contraversia»

A illustre redacção d'*O Paiz* commetteu uma lacuna sensivel para o espirito de rectidão que inculca: deixou de transmittir á posteridade, no mesmo alto relevo da palinodia, o nome do bravo marinheiro que representou o glorioso corpo de Willegaignon.

Suppramos a omissão; chama-se elle Nelson Euterpe Alfavaca.

A Historia, que não mede a disciplina pela craveira do despeito partidario, pelo criterio parcial da paixão politica, (o distincto coronel commandante do 5º batalhão d'infantaria e da guar-

(Editorial da Cidade do Rio de 10 de Julho de 1895).

Execução de Tartufo

Emfim!

Aquelles esgares boatos e linguagem de Tartufo, aquella fingida compostura de evangelista constitucional pesavam de mais á ambição irrequieta do embusteiro mór, que desde 15 de Novembro mercadeja a honra republicana na feira de todas as tyrannias.

Hontem, porém, o trapaceiro por excellencia vomitou a prosa indigesta sobre a farda immaculada do illustre marinheiro, que dirige a pasta da marinha.

O Sr. Quintino Bocayuva indignou-se contra os marinheiros nacionaes, porque, em nome d'elles, alguem que os ouviu talvez amordaçar com a disciplina o coração ferido de saudades pelo seu grande almirante, Saldanha da Gama, alguem, por elles,

nição do Maranhão, posteriormente, a 2 de Abril ultimo, baixou uma ordem do dia, publicada na *Pacotilha* daquelle Estado e transcripta aqui no *Apostolo*, que contem n'uma escala incomparavelmente maior isso que o critico orgão considera subversão da disciplina militar, por que restaura a pragmatica da Monarchia na Semana Santa, e no entanto o illustre marechal Bernardo Vasques, ministro da guerra, nada absolutamente tendo feito em repressão, ao que conste, nem siquer um simples signal de reprovação, não mereceu por isso a minima censura ou arguição d'*O Paiz*, que, ao contario, silenciando no caso, o tem engrossado com applausos repetidos!); a Historia, que não commette o absurdo de quebrar á virtual cadêa o seu mais bello, mais salutar, mais forte élo,—o sentimento affectivo do coração—, ha de abrir a este obscuro marinheiro os porticos dourados que recusará, talvez, a muito medalhão.

Para ella, um simples soldado spartano vale mais que um general pretoriano.

mandou rezar uma missa pela alma do bravo do Campo Osorio.

Os ex-alumnos da Escola Militar, que pretendiam fazer do nome do marechal Floriano espantalho do governo civil, puderam redigir e publicar manifesto nas columnas d'*O Paiz*; e quando elles foram punidos, *O Paiz* julgou-se ainda no dever de promover uma subscripção accintosa.

Agora, porque se publica um annuncio em nome dos marinheiros nacionaes; publicação que não póde envolver a responsabilidade de ninguem, o *O Paiz* entende que se deu uma grave infracção de disciplina, e porque o Sr. Ministro da Marinha não procede inquisitorialmente contra os accusados, leva a sua desaforada audacia ao ponto de julgal-o capaz de faltar propositalmente á verdade.

Que caminho havia de seguir o Sr. almirante Eliziario Barbosa a não ser o que seguiu? A quem pedir informações senão ao commandante do corpo de marinheiros nacionaes? Si este respondeu – não, como havia o Ministro de dizer o contrario?

Orgão que se diz representante da lei, e capaz de sacrificar tudo por ella; o *O Paiz*, além do seu odio por todos que não querem fazer ao *príncipe* os *salamalecks* a que se habituou, quando foi, a tanto por cabeça, recrutar chins bebedos e amigos de gallinheiro alheio, nas praias de New York; demonstrou mais que só fala em Constituição para justificar o estado de sitio, e em liberdade para engordar com o despotismo.

O marinheiro tem pleno direito á sua religião; póde exercêl-a livremente, sem pedir licença aos seus superiores, sem dar contas a ninguem da sua piedade.

Ninguem, diz a lei, ninguem póde ser perseguido por motivo de religião, e, ao contrario, quem se interpozer ao livre exercicio da crença de cada um, deve ser castigado.

Em que lei encontrou o *O Paiz*, ou melhor, o seu *romão* Quintino Bocayuva o direito de impedir que os crentes mandem, isolada ou collectivamente, rezar uma missa?

Qual é o codigo militar que tem o direito de expellir da communhão catholica os almirantes que se revoltam?

Com que autoridade, o poder militar se interporia entre o soldado e a sua fé?

Si os marinheiros tivessem pretendido encorporar-se para sahir do quartel, a autoridade poderia castigal-os, ou abrir inquerito a respeito. Mas não foi isto o que se deu. Elles, ou alguem por elles, disseram sómente que rendiam a homenagem da sua fé á memoria do almirante, e o fizeram declarando que, não podendo comparecer encorporados, haveria quem por elles agradecesse.

Onde o crime; onde a indisciplina?

Em que lei militar está escripto que o soldado para orar ao seu Deus precisa pedir licença ao commandante, desde que elle não sahe da forma, não falta aos seus deveres, nem falta ao quartel?

Pensará o *O Paiz* que a alma de Saldanha da Gama continua sob a sancção penal da *legalidade*? Acreditará esse icthyosauro do cahos vermelho, que elle póde com as suas azas sinistras estabelecer o estado de sitio no seio de Deus?

No nosso humilde modo de ver, o Sr. almirante Barbosa só devia dar uma resposta aos seus importunos interpellantes e era esta: tratando-se de um

convite para uma ceremonia religiosa, e estando a Egreja separada do Estado, este ministerio nada tem que responder.

S. Ex., entretanto, quiz levar longe a sua condescendencia e em vez de lhe agradecerem, insultaram-no.

Que quer o Sr. Quintino Bocayuva que se faça aos marinheiros?

Que se mande *quintar* o bravo corpo, tão cheio de tradicções gloriosas? Que seja condemnado ás *faxinas* da ilha do Boqueirão? Ou pretende que elles sejam novamente levados em villegiatura eterna á praia de Sepetiba?

Si as explicações dadas não bastam; si os marinheiros nacionaes devem ser castigados severamente para corresponder á indignação de quinto acto com que o *O Paiz* enscena esse prologo da comedia *Conspiração Gorada*; é necessario que esse orgão especial da tyrannia diga o que se ha de fazer aos réus.

Que se ha de fazer aos marinheiros, oh! Sr. Torquemada em uso de subsidio senatorial e de *debentures* em commandita?

Vamos lá, homem, desembuche a sentença.

Sabe si sobraram alguns tóros da fogueira, em que queimaram o corpo de Saldanha da Gama? Recebeu como reliquia algum phosphoro da caixa que serviu para atear fogo ao kerosene?

Nada de ceremonias. Diga como gosta de marinheiros nacionaes catholicos: em churrasco, ou de molho pardo?

Olhe que é só pedir por bocca, oh! intrujão facinoroso; oh! réles estopim de anarchia; oh! secreta da imprensa independente; oh! serviçal de traiçoei-

ras emboscadas; oh! vendelhão da alma da Patria; oh! mascate do territorio nacional.

Falla...

Nós não te tememos com a Cruz com que os marinheiros se abraçaram para chorar o seu grande chefe morto, nós, oh! hypochrita incorrigivel, que te finges positivista para mascarar a ignorancia resupina, havemos de te confundir, rasgando com os seus braços divinos uma nova éra para a nossa querida Patria.»

. ˙ .

Dia 17, as 8 1|2 horas da manhã, em S. Francisco de Paula, uma missa com *libera-me*, mandada celebrar pelos empregados e operarios do Lloyd Brazileiro, concorrendo a ella para cima de 500 pessoas.

Terminada a cerimonia religiosa, uma commissão dos mesmos empregados e operarios dirigio-se a comprimentar e sentimentar ao Dr. José de Saldanha da Gama, que respondeu nos seguintes termos:

« Aos dignos operarios e empregados do Lloyd agradeço penhoradissimo, por mim e meus irmãos ausentes, esta homenagem expontanea partida de bons e leaes corações, junto a uma familia consternadissima, por alma do bravo contra-almirante Luiz de Saldanha, o martyr do dever.»

. ˙ .

Dia 24, desde as 7 1|2 horas da manhã, diversas missas celebradas em S. Francisco de Paula e matrizes do Sacramento, Santa Rita, Sant'Anna e

Gloria, realisando-se nesta ultima as exequias promovidas por uma Associação Beneficente.

Entre as missas resadas em S. Francisco de Paula, uma foi mandada diser pelo almirante Wandenkolk, á qual compareceram muitas pessoas de todas as classes sociaes e antigos camaradas do illustre morto, taes como os almirantes Jaceguay, Teixeira, Marques Guimarães, Legey, Brazil, e outros officiaes de diversas graduações (*Varia do Jornal do Commercio*).

A Gazeta da Tarte desse mesmo dia 24 assim dá noticia da piedosa commemoração:

« Pelo eterno descanço do bravo almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, rezaram-se hoje nesta Capital muitas missas com *Libera-me.*

Na igreja de S. Francisco, a primeira foi a mandada celebrar pelo dr. José de Saldanha e sua familia e diversos amigos, seguindo-se depois muitas outras.

O templo achava-se litteralmente cheio de povo trajando rigoroso luto.

Todas as cerimonias foram acompanhadas á orgão e orchestra, e varios canticos sagrados foram sentidamente entoados.

Lá vimos um marinheiro assistindo a religiosa cerimonia, rendendo talvez em nome de seus companheiros a homenagem devida ao valoroso chefe e amigo.

Grande numero de officiaes de mar e terra e membros de varias corporações tambem affluiram ao piedoso acto e era geral a consternação que em cada semblante se via, nascida de sincera commoção.

A mocidade, sempre dotada de bellos e patrioticos sentimentos, não se esqueceu do bravo mari-

nheiro e esmerado educador, que deixou em cada um de seus discipulos o reflexo de sua bravura e illustração.

Por isso, os alumnos do Externaio do Gymnasio ,Nacional, mandaram tambem celebrar um missa, e durante ella, distribuiram pelos circunstantes um *enveloppe* tarjado dentro do qual se encontrava um cartão tambem tarjado, em que se lia o seguinte quarteto :

Saldanha da Gama

« Si de acaso infeliz foste presa
E a patria, tão cedo! deixaste,
Elevados signaes de nobresa
A' nós, moços, co'a morte legaste!...»

Depois de terminadas as missas, a exma. sra. do general Federico Solon distribuio grande numero de esmolas pelos pobres que afluiam ás portas do templo.

Editorial da Gazeta Tarde de 24 de Julho de 1895.

Completam-se hoje trinta dias que, em Campo Ozorio, no Rio Grande do Sul, morreu luctando heroicamente o contra-almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama!

Como é doloroso a um coração brazileiro registrar esta data!... Como nos treme a mão e se nos annuvia o espirito ao recordar tão infausto acontecimento!...

Não foi só a revolução federalista que perdeu o chefe, que era a sua força, a sua esperança; foi o Brazil que perdeu um dos seus filhos mais illustres, que era o seu orgulho, o seu desvanecimento, uma de suas mais brilhantes glorias.

Saldanha da Gama, nos Campos do Rio Grande do Sul, foi pela morte sagrado heróe e martyr pela liberdade de sua patria; mas já era uma gloria brazileira, já tinha feito bastante para viver na posteridade.

Ainda bem moço, na guerra do Paraguay, revelou-se o marinheiro notavel que havia de ser a honra de sua classe, o guerreiro impavido e amestrado que nos combates seria o terror do inimigo.

No meio da sociedade, nas salas, tão affaveis e aprimorados eram os seus modos, tão fino o seu trato, que ninguem, que o não conhecesse, seria capaz de suspeitar nelle o marinheiro que sabia enfrentar com calma e pericia as iras das tempestades, o guerreiro que se batia como um leão e se empenhava nas pelejas com indomavel coragem.

Mentalidade primorosamente organisada, tinha sêde de instrucção; e eram grandes e variados os cabedaes de seu espirito, que elle sabia externar em diversas linguas, e que por isso não escaparam á apreciação e aos elogios dos paizes estrangeiros por onde viajou.

Disciplinador intelligente e sem demasias de severidade, o navio que commandava ou o estabelecimento que dirigia era um modelo de asseio, ordem e disciplina; seus commandados o respeitavam, mas o idolatravam.

Por todos esses titulos e merecimentos, quando rebentou a revolução de 6 de Setembro na bahia de Guanabara, cuja direcção lhe tinha sido offerecida

e fôra por elle recusada, foi verdadeiramente requestado pelo governo de então, surprendido sem meios de resistencia. Não cabendo em seu animo generoso a idéa de bater-se contra irmãos de armas, recorreu á neutralidade como meio de conseguir esse fim, sem deslealdade para com o governo,

Propostas lhe foram feitas, todas as vantagens lhe foram offerecidas, mas elle se manteve firme e inabalavel. Si o governo carecia de um mercenario para organisar a resistencia no mar, não era, de certo, naquelle marinheiro brioso e digno que podia encontral-o. Homens da estatura de Saldanha da Gama só podem ser instrumentos de uma idéa grande, de uma causa nobre e generosa.

Ameaças, odios, insultos, tudo foi arma jogada contra Saldanha da Gama; e houve até quem tivesse a idéa damnada de envenenar as aguas da ilha das Cobras!

Tivesse elle, naquella época, vindo á terra, e teria sido trucidado cobardemente nas ruas desta cidade, ou pagaria caro a sua imprudencia ou boa fé, soffrendo, como outros, torturas e humilhações nas enxovias dos galés.

Foi esse mesmo governo que o impellio para a revolução; a sua conducta estava traçada pelas circumstancias: e embora o governo já dispuzesse de melhores meios de resistencia, e a revolução, ao contrario, estivesse enfraquecida, Saldanha da Gama não hesitou e preferio morrer ao lado dos camaradas a batel-os para sustentar um governo que estava praticando toda a sorte de violencias e illegalidades.

A lucta tornou-se então activissima e medonha, e Saldanha desenvolveu uma actividade e uma coragem admiraveis e que eram o unico recurso para

a posição arriscada em que se achava com os seus dedicados companheiros.

Era, porém, humanamente impossivel vencer, e depois de repetidos e sanguinolentos combates em terra e no mar, nos quaes a bravura do chefe rivalisou com a dos valentes marinheiros, tendo recebido aquelle dous ferimentos, forçoso foi abandonar o posto antes de um combate geral, que seria o sacrificio inglorio dos revolucionarios, a ruina desta cidade e um perigo eminente para sua população, e Saldanha da Gama e o resto de sua briosa guarnição se abrigaram á sombra do pavilhão portuguez.

Cobardia!—foi o grito dos que blasonaram de vencedores, sem combate: e, mais tarde, o valente revoltado da ilha das Cobras surgia no Prata, organisando nova invasão nas fronteiras do Rio Grande do Sul, como commandante em chefe da revolução federalista.

Elle havia dito que—ou seria vencedor ou ficaria morto no campo de batalha—e a fatalidade que tinha escrito no livro terrivel do destino que elle, moço ainda, haveria de tropeçar no tumulo em meio de uma estrada de triumphos e de glorias, fez com que se realisasse a segunda hypothese, e guiou-o pela mão até campo Ozorio.

E morreu no campo de batalha, não tendo querido fugir, fazendo frente ao inimigo, luctando até o ultimo alento! Morreu assim o cobarde da ilha das Cobras!...

Que terrivel fatalidade! Como é céga a virgem pallida dos tumulos, essa terrivel ceifeira de vidas, essa morte implacavel, que não detem a foice homicida nem diante da gloria nem diante da certeza de que ha nomes que não morrem!...

E os vandalos que o mataram, lhe retalharam as carnes, lhe furaram os olhos, lhe deceparam os membros pensando que lhe apagavam a memoria, nescios, não sabem que teceram inconcientes a corôa do martiryo, a unica que lhe faltava porque de louros muitas tinha elle! Ignaros, não comprehendem que não ha canibalismo que chegue para apagar a memoria de um heróe! Cégos, não viram que, hoje, trigesimo dia de sua morte gloriosa, em todos os angulos d'esta grande nação renderam se preitos á sua memoria, rezaram-se orações por sua alma, chorou-se a sua perda!

Tripudiem os barbaros, emquanto a historia escreve em suas paginas mais um nome em letras de ouro, e a Patria, desolada, coberta de crepe e banhada em pranto, se debruça soluçando sobre a sepultura de um de seus filhos mais dilectos!

Raivem embora os inimigos que são capazes de levar o odio até á sepultura, Saldanha da Gama não pode ser esquecido, porque a sua memoria, a sua historia e o seu nome são um patrimonio da Nação.

. ˙ .

Dia 27, as 8 1/2 horas da manhã, na matriz da Gavea, uma missa com *libera-me* mandada celebrar pela classe operaria e outros cidadãos, representados por uma commissão composta de Izaias Augusto do Amaral, Fernando Fróes de Abreu e João Telles de Brito.

Estiveram no acto diversas familias moradoras da Freguezia e muitas outras pessoas distinctas, tendo o venerando Marquez de Tamandaré se feito representar por suas exmas. filhas.

Dia 27, as 8 horas da amanhã, na igreja de S. Francisco de Paula, uma missa mandada celebrar por diversos amigos do finado, e sobre a qual o *Jornal do Brazil* de 28 assim se exprime:

« O acto esteve solemne e foi grande a concurrencia, notando-se as seguintes pessoas:

Antonio W. d'Allemanha e sua familia, Francisco Braga, Octavio F. Ferreira, Americo F. Ferreira, Luiz Mangeon, Fernando Ramos, Augusto F. Ferreira, Heitor Marques, Francisco Senna e sua familia, Alberto de Andrade, Castro Junior, Joaquim de Albernaz, D. Josephina Ramos, João Rocha Miranda, Luiz Antonio de Almeida Brandão, José Ferreira Vaz, conselheiro Adolpho de Barros, José B. Dias Quadros, Carlos Coimbra, Jorge Klinke Junior, Candido Gomes da Silva, Cypriano F. dos Santos, familia do general Solon, Benigno Rios, Arthur Naylor, José Mariano Machado, Raphael Peixoto de Azevedo, Domingos Lobo Salgado, Alberto Cunha, Francisco Buschmann Junior, Paulo José Alves, Cesario Ferreira, Chrysolito Chaves, Jorge Ramos.

Terminado o *libera-me*, a commissão distribuio esmolas, de 200 rs. cada uma, á enorme quantidade de pobres.

Associações Beneficentes

1ª—Soccorros Mutuos Homenagem ao Almirante Saldanha da Gama

Directoria: Presidente, almirante Euzebio de Paiva Legey; vice-presidente, barão de Santa Margarida; 1º Secretario, Dr. Francisco Augusto de Al-

meida; 2º secretario, commendador Carlos de Lacerda; thesoureiro, capitão de fragata José Manoel Pereira de Sampaio; procurador, Dr. Sabino Ignacia Nogueira da Gama.

Conselho: almirante Antonio Manoel Fernandes, Dr. José Saldanha da Gama, visconde de Ouro Preto, general Ernesto Augusto da Cunha Mattos, visconde de Carvalhaes, Dr. Manoel Veloso Paranhos Pederneiras, general Honorato Candido Ferreira Caldas, general Joaquim da Costa Mattos, capitão-tenente Trajano Augusto de Carvalho, Dr. Ismael Torres de Albuquerque, commendador Luiz Ferreira de Moura Brito, commendador José Antonio da Cunha Silveira, João Soares da Silva Torres, Dr. João Juvencio Ferreira de Aguiar, major Terencio Leal Pimentel, capitão-tenente Orozimbo Muniz Barreto, João Marinho Bastos, Delfino da Fonseca Lemos.

. ˙ .

2ª—Memoria ao Almirante Saldanha da Gama

Directoria; Presidente, Antonio Eduardo Pinto; vice-presidente, Ayres Ferreira Barroso; 1º secretario, Eduardo Joaquim dos Santos Gomes; 2º secretario, Augusto de Miranda Arruda; thesoureiro, Luiz Ferreira de Carvalho; procurador, Antonio Joaquim da Silva Carneiro.

Conselho: capitão-tenente Eneas Oscar de Faria Ramos, Dr. Augusto Pinto Lima, João Carlos Trindade, Cicero da Silva Pereira, Antonio da Silva Tavares, Antonio Joaquim da Silva Barbetos, João de Almeida Castro, Carlos Bandeira de Gouvêa, Antonio de Araujo Campos, Francisco dos Santos Braga,

Alberto Fernandes d'Almeida, José Barbosa da Graça.

.·.

3ª — Beneficente Saldanha da Gama.

Directoria: presidente, Francisco da Cunha Vasconcellos; vice-presidente, Alvaro de Souza; 1º secretario, Carlos de Souza Martins; 2º secretario, Manoel de Souza Costa; thesoureiro, Francisco Gomes Flores; procurador, Bento José da Costa Braga

.·.

4ª — Soccorros Mutuos Memoria A' Saldanha da Gama.

Directoria: Presidente, Dr. Genesco Telles Bandeira de Mello; vice-presidente, João Januario Santos Ramos; 1º secretario, Qnintino Joaquim Ribeiro; 2º secretario, João Antonio Dias; thesoureiro, Manoel Joaquim de Cerqueira; procurador, Carlos Alberto de Moraes.

.·.

5ª — Funeraria Memoria A' Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Directoria: Presidente perpetuo, Dr. José Saldanha da Gama; vice-presidente, major Francisco José Gomes da Silva; 1º secretario, capitão Antonio Raymundo Miranda de Carvalho; 2º secretario, Francisco Pinheiro Requeão; thesoureiro, Trancisco Alberto Machado; procuradores, José Porfirio Teixeira de Mendonça e Irineu José Machado.

Conselho: General Joaquim da Costa Mattos, José Carlos do Patrocinio, Dr. João de Lavor, commendador Carlos de Lacerda, Dr. Sabino Ignacio Nogueira da Gama, José da Silva Santos, Dr. Acacio P. F. de Aguiar, Manoel Fernandes Barcellos, Dr. Manoel Lavrador, Manoel Rodrigues Alves, João Alberto Caetano Bouças, major Luiz Pamplona Corte Real.

Esmolas á pobresa

No escriptorio da *Gazeta da Tarde* e da *Cidade do Rio* foram distribuidas entre familias pobres diversas quantias, expontanea e caridosamente enviadas para tal fim, sendo consignadas na folha do dia os nomes dos offertantes ou suas procedencias e as *respectivas* importancias.

O Sr. J. Ketele fez o donativo de 30$000 ao estabelecimento de Santa Rita de Cassia.

Mausoléo

O proprietario da Gazeta da Tarde, o Sr. Luiz Ferreira de Moura Brito, abrio no respectivo escriptorio uma subscrição popular para erigir-se o mausoléo que deve encerrar os despojos do glorioso almirante Saldanha da Gama, elevando-se ja a mais de cinco contos de réis a somma subscrita até 30 de Abril de 1896.

Estado do Rio de Janeiro

Em Petropolis, uma missa no setimo dia e outra no trigesimo, ambas com *libera-me* e bastante concorridas.

Eis como o *Jornal do Brazil* de 25 de Junho noticiou o ultimo desses suffragios.

«Em Petropolis celebrou-se homtem missa solemne, por alma do almirante Saldanha da Gama.

No centro da igreja erguia-se um catafalco, sobre o qual havia o retrato do inditoso almirante, coberto de crépe, emoldurado pela bandeira nacional e rodeado de corôas enviadas por diversas pessoas.

Tomaram parte no acto religioso mensenhor Paiva, o revm. vigario Sá e o revm. padre Thomaz, que prestaram-se generosa e expontaneamente.

A missa foi devida á iniciativa do negociante sr. Jacob Baldner, que encontrou auxilio por parte de muitos moradores de Petropolis.

Entre as familias que compareceram estavam a digna irmã do almirante, a condessa de Aljezur e outras senhoras da melhor sociedade.»

.˙.

Na cidade de Campos e na de Rezende houve identicos suffragios no setimo e no trigesimo dia.

.˙.

Em Nictheroy fizeram-se grandes exequias, porém um pouco mais tarde, a 8 de Agosto, por ter sido preciso remover primeiro ameaças e obices oppostos por alguns espiritos obcecados.

No referido Jornal do Brazil foi publicada a seguinte descripção dessas exequias:

« Toda revestida de negro, decoração ao mesmo tempo sevéra e rica, trabalho todo realisado para o acto solemne de piedade chistã, que se devia effectuar em homenagem ao almirante Saldanha da Gama, a igreja de S. João Baptista de Nictheroy começou desde muito cedo a se encher de familias e cavalheiros de todas as classes sociaes, que iam prestar o ultimo preito á memoria do brazileiro disctinto, tão cruelmente victimado no sempre memoravel combate de Campo Ozorio.

Commissões de distinctas e gentis senhoras da mencionada cidade de Nictheroy, e com essas senhoras meninas vestidas de branco com distinctivos pretos de crépe no braço, formavam alas junto ás differentes portas da Matriz, correspondendo ellas deste modo á gentileza e nobreza de alma de quantos foram tomar parte em tão justa manifestação de pezar.

De Nictheroy enorme foi a concurrencia de pessoas ás exequias, e desta Capital constantemente as barcas conduziram grande numero de conhecidos, cavalheiros e familias.

A igreja, muito antes da hora marcada para ter principio a cerimonia, estava repleta e de tal maneira que muita gente houve que não poude penetrar no templo, permanecendo em seus arredores.

Era imponente o aspecto da igreja. A multidão correctamente trajada de preto e n'uma attitude recolhida, demonstrava a sinceridade do sentimento que alli a levava.

A capella mór estava toda forrada de negro, destacando-se ao fundo o altar-mór, no qual se via

sobre a banqueta a imagem de Christo crucificado, o consolador dos afflictos, e seis cyrios, tres da cada ladó.

Ao centro da igreja estava o catafalco, trabalho digno de ser visto.

As columnas, todas forradas de velludo preto, fazião sobresahir o catafalco, guarnecido por cerca de seis ordens de tocheiros pequenos, ladeados por outros maiores.

De facto, bem no centro, se via uma aranha de velludo, de onde pendiam sanefas até ao chão, amarradas em laço entre si.

Era tudo de um aspecto ao mesmo tempo triste e grandioso, realçando ainda mais esse sentimento o retrato do almirante Saldanha da Gama, sustentado por uma rica ancora de violetas e saudades, de onde se destacava em fitas roxas e letras de ouro a seguinte inscripção:

Ao insigne marinheiro Saldanha da Gama— Preito rendido á tanta bravura».

Além dessa ancora, ao redor da eça e em differentes logares se viam muitos outros tributos de respeito á memoria do contra-almirante Saldanha da Gama, sobresahindo os seguintes:

Uma cruz de amores perfeitos, cercada de ramilhetes e flores com a seguinte inscripção nas fitas.

Ao martyr do dever Saldanha da Gama—Gratidão e homenagem.»

Uma bella grinalda com os seguintes dizeres:

« Ao immortal Saldanha da Gama—Saudosa homenagem.»

Uma outra riquissima, de flores diversas e tendo pendente rica fita franjada, na qual se lê o se-

guinte: «A' memoria do bravo almirante Saldanha da Gama—As senhoras nictheroyenses.»

Eram 9 1/2 quando o revm. conego Aureliano, vigario da vara, acompanhado dos revms. conego Gurgel e padre Caraça, formando o côro diversos outros sacerdotes, deu principio á cerimonia, que celebrou-se e foi assistida no meio do maior silencio e recolhimento, augmentando a imponencia do acto a orchestra regida pelo professor Joaquim de Carvalho, que executou irreprehensivelmente a missa de *Requiem* do padre José Mauricio, o immortal compositor nacional e o *libera-me* de Pernambuco, sendo a parte vocal e instrumental correctamente desempenhada.

Emfim, a homenagem que na matriz de Nictheroy se prestou á memoria de Saldanha da Gama é digna de figurar entre as innumeras que se têm realisado com a mesma intenção. Ellas poderiam ser mais imponentes, porém mais sinceras não. Os nictheroyenses acompanharam seus irmãos de todos os pontos do Brazil no justo sentimento pela morte tragica, mas gloriosa de Saldanha da Gama.

Findas as exequias, a commissão de senhoras promotora das mesmas, e que tão galhardamente se sahio da sua missão, distribuio pelas pessoas presentes amores perfeitos, saudades rôxas e espiguetas de prata, como lembrança da commemoração que poude ser levada a effeito na antiga capital do Estado do Rio.

Para feixo de tão importante acto religioso distribuio a commissão esmolas em grande numero aos pobres da freguezia.»

Estado de S. Paulo

Carta de pezames dirigida por estudantes da Faculdade de Direito.—(Publicada no Jornal do Brasil de 9 de Julho de 1895)

Exm. Sr. Dr. José Fortunato de Saldanha da Gama.

Estudantes de S. Paulo, e batalhadores pela causa santa do dever, que é o pharol do homem culto, não podiamos deixar de vos apresentar os nossos sentimentos pela dôr profunda, que actualmente assoberba tanto o vosso coração como o coração da Patria Brazileira.

Quando pelo telegrapho chegou até nós a desconsoladora noticia da morte, si bem que gloriosa, de vosso illustre irmão; o golpe mais certeiro que a mão assassina do carniceiro hediondo podia vibrar sobre a nossa cara Patria; a nossa alma envolta em espesso crépe e cheia de dôr ajoelhou-se e o desespero invadio o nosso coração.

Justamente quando se move a mais cruel de todas as ciladas contra o nosso infeliz Brazil, que é a sua alliança com os Estados Unidos da America do Norte; justamente quando contra nós se apparelha a mais terrivel e inevitavel ruina financeira, é que os inimigos da Patria, da dignidade, da honra e do dever, roubam a vida, abatendo e decepando a cabeça mais altiva e intelligente da nossa época, a mais possante cerebração politico-militar da nossa gloriosa armada.

E fazem tudo isso em nome da Patria! Ah! como quizeramos ter occasião de dizer-lhes como Mirabeau, o maior orador da Assembléa Constituinte Franceza: «Ah! ne prostituez pas ces mots de patrie et de patriotisme....»

Mas consolai-vos, senhor, o almirante Saldanha da Gama morreu ungido pelas lagrimas de todos os patriotas, e acompanhado pela benedicção de uma geração inteira.

E, portanto, os estudantes de S. Paulo, curvando-se ante o cadaver ainda quente, si bem que horrivelmente mutilado, do notavel brazileiro, e apresentando-vos os mais sinceros e dedicados pezames, espera que sejaes tambem o interprete do nosso sentimento junto a vossa nobre familia, que é a do illustre morto, tornando assim bem patente essa prova eviterna do acatamento, enthusiasmo, admiração e respeito que por elle tinha a geração que surge para as luctas do Direito e da Justiça. (assignados):

Angelo Mendes de Almeida; Luciano Esteves dos Santos Junior; Asdrubal de Lemos; Luiz Gonzaga Mendes de Almeida; Antonio de Sá; Isac da Costa Mesquita; João Ribeiro dos Santos Camargo Sobrinho; Antonio Augusto de Albuquerque Bloem; João Baptista de Souza; Alfredo Naxará; Demetrio Azevedo; Adolpho Victorio de Oliveira Coutinho; Arthur Gouvêa; Lucas Franco; José Ferreira da Silva; Manoel Cardoso de Menezes Barreto; José Aristides Vieira de Souza; Antonio Esteves dos Santos Sobrinho; Theophilo Nobrega; Pedro Nacarato; José Augusto Cesar; Ganulpho Moreira de Barros Lima; Irineu de Souza Martins; João Hyppolito das Mercês; João Baptista dos Santos Cardoso; Vicente de Souza Queiroz Filho; Alvaro de Souza Queiroz; Antonio Gonçalves Bomfim; Arlindo Garcia da Luz; Walfrido Silvino dos Mares Guio; Henrique da Silva Cabral; Adolpho Araujo; João Antonio de Sá Junior; Brenno Figueira de Aguiar; José Alves Camargo; Henrique Gayoso; Laert de Assumpção; Edgar de Novaes Carvalho;

Carlos Salgado; Euclides d'Uchôa Cintra; Simão de Toledo; José Bonifacio de Oliveira Coutinho; Luiz d'Uchô a Cintra; Talmor de Souza Queiroz; Francisco de Souza; Angelo Ferraz; José Ferreira da Silva; João de Castro Junior; José de Barros Franco; Francisco de P. Maciel; Eurico de Oliveira Santos; Gabriel dos Santos; Julio Azambuja; Theophilo de Carvalho; Loelino José Teixeira.

Missas e Esmolas

Algumas senhoras paulistas querendo concorrer tambem para os suffragios a bem do descanço eterno da alma do nunca assaz lamentado almirante Saldanha da Gama autorisaram-me a mandar rezar uma missa em cada uma matriz desta capital, no dia 22 do corrente, ás 8 horas da manhã, distribuindo cada um dos reverendos vigarios, após a missa, pelos pobres que comparecerem, a quantia de DUZENTOS MIL REIS.

Sendo seis as matrizes, o total a distribuir será UM CONTO E DUZENTOS MIL REIS.

As matrizes são: Sé, S. Joaquim, Santa Ephigenia, Consolação, Santa Cecilia e Braz.

Ha mais duas que ainda não forão installadas, e por isso deixam de ser contempladas.

O excesso desta subscripção especial será reunido ao da subscripção da missa solemne na igreja de S. Francisco, afim de ser entregue ás associações de S. Vicente de Paula, para a distribuição por familias necessitadas, na forma de seus estatutos.

Estão nomeados para assistirem ás missas referidas, bem como á distribuição das esmolas, os seguintes senhores:

Sé—Dr. Antonio José Capote Valente.

S. Joaquim—Dr. Ismael Dias da Silva.

Santa Ephigenia—Desembargador Bernardo Avelino Gavião Peixoto.

Consolação—Dr. Augusto de Souza Queiroz.

Santa Cecilia—Barão de Jaguara.

Braz—Augusto Bemer.

E' de esperar que os nomeados não se recusem a esse acto auxiliar da caridade.

S. Paulo, 19 de julho de 1895—João Mendes de Almeida.

Solemnes Exequias

Telegramma da Imprensa

S. Paulo, 22.—Realizaram-se hoje as solemnes exequias promovidas pelos monarchistas em homenagem ao almirante Saldanha da Gama, victima dos azares da guerra civil, nos campos do Rio Grande do Sul.

A cereremonia principal effectuou-se na igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, lutuosamente ornada para este fim, e as outras nas matrizes d'esta capital, conforme o programma que o Dr. João Mendes publicou.

. ˙ .

O correspondente do Jornal do Brazil assim descreve o magestoso suffragio

«A solemnidade que hoje, de 10 horas ao meiodia, celebrou-se na igreja de S. Francisco, é da-

quellas que nem o tempo nem successos espaventosos podem delir da memoria de um crente.

A iniciativa desta homenagem ao almirante, que entre os maiores conseguio ser grande, na phrase de Jacintho Freire, foi do provecto jurisconsulto Dr. João Mendes de Almeida; mas a execução do que se vio, apreciou e admirou, foi do Dr. Pennaforte Mendes, que soube aproveitar o tempo da prisão politica em conhecer certos caracteres deste paiz e ahi é que começou a avolumar-se assombrosamente em seu espirito o vulto do almirante, não só no que lia, mas sobremodo na admiração sublime com que d'elle fallava a gente da Marinha, encarcerada na mesma prisão. Não se vio uma pompa que deslumbrasse, não se vio uma ostentação de riqueza monetaria. Em todas as feições desta homenagem consorciou-se o grave e o modesto com o grandioso e o sincero, e estas notas se depararam não só na ornamentação do templo e no esplendor da effigie do morto, como no pessoal que compareceu ás funebres ceremonias.

A missa foi cantada no altar-mór e a orchestra regida pelo maestro Manoel dos Passos, que exhibio magnificos trechos instrumentados com irreprehensivel competencia.

No cruzeiro, cujo centro é um octogono encimado por calveo zimborio, e que tem dos lados muito espaço, é que se levantou o monumento. O luto que vestia o templo era um velludo de primeira mão, agaloado de prata e com franjas na base, em todas as peças. Novos tambem a lampada, o thurybulo e a naveta. As janellas e portas do templo, bem como as claraboias do zimborio, tiveram a luz amortecida por pannos pretos.

[illegible]

[illegible] tapete, formaram fi- [illegible] de cada lado, uns de remo, [illegible] todos meninos de oito a 12 [illegible]

[illegible] a quem entra, estava [illegible] miudas, erriçadas [illegible] mimoso offerecido por [illegible] logo abaixo da ancora, [illegible] de contas que se es-

tendia pelos degraus e tapete, offerecida pelo coronel José Ferreira de Figueredo, com dedicatoria na fita que a ornava.

Outras muitas corôas adornavam as tiras de velludo que cobriam as columnas do templo ou formavam os arcos. A' cabeceira do sepulchro avultava brilhante na moldura dourada um grande e finissimo retrato em busto do almirante. Por sobre elle estendia-se larga fita roxa com legenda de caracteres dourados, que dizia: «Minha alma entrego a Deus, meu nome á gloria.»

Aos cantos do sepulchro e aos lados do quadro dois archanjos em chlamydes de gaze e em attitude de pesferir o vôo, faziam gestos com uma das mãos de alcançar a legenda e com a outra—um segurava um crucifixo, outro um laurel.

A apotheose assim executada a favor do morto era coadjuvada pelo Brasil, figurado na allegoria do Bugre, vestindo pennas variegadas, supportando numa das mãos uma corôa de saudades e na outra dando a ler um pergaminho com estes versos do *Oriente*, I.38:

—«Entre os grandes heróes, soberbo, Augusto,
Se ha de gravar teu nome, erguer teu Busto.»

O indio pisava o 1º degrau do estrado e tinha o tamanho e tez naturaes á raça.

Nos angulos do octogono, que supporta o zimborio, collocaram-se columnellos pretos sobre peanha vestida de velludo e prata.

Esses columnellos eram encimados de cyprestes pequenos artificiaes e na haste de cada um se arrimava um pergaminho com uma inscripção adequada á occasião.

As inscripções forão incontestavelmente uma das novidades impressionantes da solemnidade.

A par do conceito que cada uma encerra, souberam achar nellas outro merecimento—o de se coadunarem com as circumstancias em meio das quaes finou-se o almirante, parecendo antes escriptas para agora do que bebidas em trechos de nossa litteratura epica. Taes são:—

Seu nome, inda apezar da morte fria,
Ha de viver em posthuma memoria.

Oriente, II. 3.

Não lhe acaba no tumulo a memoria,
Guardam-lhe o nome as paginas da Historia.

Oriente, III. 73.

Entre o sévo clamor da guerra insana,
Dando sinceras lagrimas á Patria.

Meditação, IV. 268.

Fazeis da dôce vida o melhor uso,
Comprando a gloria com invicta morte.

Caramurú, 9. 10.

Lá estava emtanto a tua sorte escripta,
De vires a acabar nesta desdita.

Idem, 10. 36.

Une alguns que odiando a vil fugida,
Dão por preço de gloria a heroica vida.

Idem, 9. 9.

Do Heróe já cinza em fria sepultura,
Surge em perpetua luz gloria mais pura.

Oriente, XII, 78.

Grande, illustre se fez, e a si só deve
O nome eterno, que entre heróes obteve.

Id., XII. 63.

Até pagar co'a vida o promettido.

Lus., III. 38.

...Não movido
Ce premio vil, mas alto e quasi eterno.
Lus., I. 10.

Cae martyr e dá honra co'a memoria,
Ao Evangelho, á Sciencia, á Patria, e á si.
M. Leal, canticos, pag. 403

......E' grande e é bello
Prantos verter perante esse ataúde.
M. Leal cit., 361.

Com desprezo de morte á lucta accorre,
Auxilia, combate, incita... e morre!
Id. id., 272.

Clamae-lhe vós, que honraes sua memoria:
«Não morre o nome onde vive a gloria.»
Id. Id.. 355.

Como preito ao almirante, prestado pelos monarchistas de S. Paulo, esteve a solemnidade á altura da sinceridade com que sua morte foi chorada.

Houve uma corôa offerecida com legenda de monarchista, que dizia: Choraram-no com apertado luto»—*Fleverunt eum fluctu magno.*

Como preito popular, de uma população que só sabia da sua pessôa pelas trombetas da fama, ninguem contestará que o devoto apinhamento do templo apregôa bem alto a cordialidade da homenagem.

Não tendo tomado o nome dos presentes no correr das exequias, aventuramos de memoria dar uma nota das pessoas conhecidas que assistiram á solemnidade:

Dr. João Mendes de Almeida, conselheiro Bento F. Paula de Souza, dr. Sá e Benevides, conselheiro Gavião Peixoto, dr. Francisco de Souza Quei-

roz, barão de Pirapitinguy, dr. Augusto Queiroz, dr. Vicente Queiroz, coronel José Ferreira de Figueiredo, dr. Antonio Novaes, major Manuel Novaes, dr. Capote Valente, dr. João Mendes Junior, dr. Raphael Corrêa, dr. Benigno Ribeiro, dr. Paulo Prado, dr. Luiz Aranha, dr. Barros de Azevedo, dr. José de Souza Queiroz, João Antonio Julião, commendador Domingos Loureiro da Cruz, dr. João Emygdio Ribeiro, dr. Gabriel Dias da Silva, coronel Ferreira de Castilho, dr. Manuel José Ferreira, commendador Franzen, commendador Araujo Costa, Raphael de Abreu Sampaio, dr. José Mariano Aranha, João Aranha de Queiroz, Carlos Aranha, coronel Salvador Telles, Placido de Castro, dr. Assis Pacheco, Francisco de Queiroz Telles, dr. João Conceição, capitão dr. BaptistaRodrigues, major Domingos Sertorio, José de Queiroz Aranha, dr. José Mendes de Almeida, Julio Alexandrino Esteves, Francisco de Sampaio Moreira, dr. Pennaforte Mendes de Almeida, dr. Francisco Queiroz Netto, desembargador Valle, Augusto Schiappa, conego dr. Gonçalves de Andrade, dr. Carlos Augusto do Amaral, José Mariano, Carlos Pereira Mendes, capitão-tenente Roma, Paulo Dias de Azevedo, dr. Luiz Rodrigues Ferreira, Francisco da Costa, coronel Ludgero de Castro, Pedro Morbach, Guilherme Write, Carlos Muller, dr. Sebastião Azevedo, dr. Teixeira Machado, Paulino de Lima, dr. Daniel Machado, dr. Elias Novaes, dr. Manuel J. Pinto de Souza, dr. José Ulpiano, dr. Porfirio de Aguiar, A. Vianna, Julio Ramalho, Alfredo Nielsen, Oscar Pacheco, dr. Valdemiro Amaral, dr. Carlos Ferreira de Almeida, Gaudencio de Quadros, conego Pereira Bicudo, tenente Victor de Mello, dr. Bento Camargo, coronel Bento J. Alves Pereira, capitão Monteiro da Silva, dr. Eu-

rico de Oliveira Santos, Carlos Salgado, Angelo Mendes de Almeida, Asdrubal de Lemos, Ephraim de Macedo, Francisco de Castro Junior, Francisco Ribeiro da Silva, Luiz Gonzaga Mendes de Almeida, Luiz Gomes, Manuel José Rodrigues, Antonio de Padua, coronel Martinho Pires, dr. Guilherme Knuppeln, João Vergueiro Bonami, dr. Alvaro Queiroz, dr. Vicente Queiroz Junior, dr. Adolpho Victorio Coutinho, Eugenio Silveira da Motta, João Ribeiro da Silva, Vicente Dorsa, Domingos Ferreira, José Bernardes de Oliveira, cavalheiro Marino Del Favero, Corrêa Galvão, dr. Luiz de Paula, Victor de Mello Junior, Augusto Boemer, Graciliano Xavier, Pedro Erasto Bueno, Francisco Justino da Silva e João Ribeiro dos Santos Camargo.

Ficam ahi nomeadas por alto as pessôas que se acharam no cruzeiro do templo e no presbyterio, devendo-se consignar que a nave estava litteralmente cheia, sem que fosse possivel alli penetrar, de que resultou muitos ficarem á porta, e muitas familias terem de voltar.

As tribunas, quer do corpo da igreja, quer as do presbyterio, foram occupadas desde logo.

Acabadas as ceremonias, em todo o dia não cessaram os visitantes, e ainda á noite acudiram muitos a conhecer «de visu» o que se fez pelo grande almirante, na antiga e celebre igreja de S. Francisco.

Entre 10 e 11 horas, emquanto affluiam á igreja os admiradores de Saldanha da Gama, um grupo de desordeiros atirava injurias e dava vaias aos que vinham ao templo, e atordoavam o largo com foguetes!

Parece que demoveu-os de maior desabrimento o desassombro e attitude franca com que os pro-

motores da solemnidade enfrentaram a intolerancia inqualificavel desses barbaros de nova especie.»

Estado de Minas Geraes

Manifesto da commissão encarregada dos funeraes em Ouro Preto, dirigido á redacção da Cidade do Rio por intermedio do Dr. Joaquim Francisco de Paula e publicado na mesma folha.

« Ouro Preto, 1 de Julho de 1895.—Nós tambem tivemos o nosso luto e o nosso pranto. Morreu Saldanha da Gama, o primeiro almirante de toda a America como tão bem dizem jornaes estrangeiros, aquelle cuja fé de officio sem parallelo, gravada em lettras de ouro na pagina do dia, servirá de incomparavel modelo não só para os que se devotam á carreira das armas, como, outro-sim, para nós todos quantos amamos a Patria e quantos, desorientados talvez nas grandes conflagrações politicas que agitam actualmente o Brazil, precisamos de uma róta segura que nos conduza ao caminho do dever.

Em homenagem, pois, ao triste acontecimento que acaba de enlutar o coração e a Patria dos brazileiros e em manifestação de seu supremo pezar, mandou hoje um grupo, bastante numeroso, de amigos de Saldanha da Gama celebrar n'esta capital missas de setimo dia em suffragio de sua alma. Não houve distincção de partidos nem de crenças na livre concurrencia a tão assignalado acto de piedade christã. A cidade de Ouro Preto, fiel ás suas tradições de respeito á liberdade das idéas e do sentimento, não vio no illustre morto um inimigo

vulgar das instituições actuaes, commum *condottiere*—forte pela tactica e pela espada, mas pessoal e partidario em sua orientação politica; nem siquer alludio aos actos ultimos de sua vida, já pelejando á testa da frota revoltada no Rio de Janeiro, ja percorrendo os campos do Rio Grande á frente de um punhado de bravos.

Esses que curvavam hoje o seu joelho diante do altar dos christãos, vieram simplesmente ahi cumprir com os ensinamentos do dever civico, se prosternando ante o esplendor do grande vulto que desappareceu, consagrando com o sacrificio divino mais um martyrio politico consumado, que a actulidade terá que consignar em sua historia e que os posteros adoptarão como exemplo de civismo stoico e de profundo amor á causa da justiça e da liberdade.

Com este facto quiz dar a capital de Minas uma dura lição aos desastrados profanadores de além *hunos barbaros*, sem sentimento nem piedade, que fizeram das igrejas inimigas, conquistadas, estrebarias para os seus cavallos; populaça cruel e enlouquecida da França de 1793 que correu a S. Dénis a revolver os tumulos dos antigos reis, lançando os seus restos, que respeitára a propria acção dos tempos, ao vento e á sanha das meretrizes ávidas de sensações macabras; canibaes brachycephalos a quem não foi dado o craneo do heroe mutilado onde pudesse libar á revelia o seu champagne criminoso e obsceno! Minas, representada por esta capital, aonde tem convergido todos os dias os seus mais ardentes votos de confiança e de solidariedade, quiz ensinar á nação inteira que não é com telegrammas friamente crueis que se celebram os officios funebres dos seus grandes generaes, a quem ella

muito deve e cujos serviços não paga por pequeno preço, ella quiz dizer unicamente que o exemplo da monarchia imprudente ahi está bem vivo e palpitante e que os chefes de Estado que offendem desastradamente á dignidade nacional, concretisada em seus heróes, fustigam como creanças temerarias ao leão adormecido, que poderá talvez tragal-as ao despertar.

Saldanha da Gama não é um commum maragato irresponsavel, a quem se mal poupa em um despacho telegraphico. A marinha passada e presente ahi está a idolatral-o, prompta a vingar a sua memoria ultrajada, como o sabem e podem fazêl-o aquelles em cuja fibra circula uma seiva de dignidade e em cujo coração pulsa um sentimento de honra.

Morto o grande marinheiro, mutilado, quem sabe! o seu cadaver, da ferida aberta pela degola do assassino jorrou de certo uma golphada de sangue, que unido ao de seus valentes companheiros foi fertilisar o sólo do Rio Grande na producção de nova vida e de futuros elementos de combate.

Atraz de si deixou elle muitos e muitos heróes cujo nome é legião e cuja exterminação será difficil, porque tudo se destróe, tudo se apaga, menos a honra e o brio de uma grande nação, que são indeleveis.

Em commemoração do seu passamento preparam-se n'esta cidade solemnes exequias para 24 do corrente. Por ter tambem possuido o seu herôe e o seu martyr, não póde ella deixar de tomar parte no sentimento de dôr que cobriu de luto não só o Rio Grande e o Brazil inteiro, como a todo o mundo civilisado.

Pela commissão, *L. S.*»

Telegrammas da Imprensa

OURO-PRETO, 24 de Julho—Hoje, 30° dia morte almirante Saldanha da Gama, exequias dignas do grande marinheiro e da altivez do generoso povo mineiro.

Concurrencia da *élite* ouro-pretana.

O imponente catafalco foi photographado.

Compareceram representantes da imprensa e varias corporações.

. ˙ .

UBERABA, 24 de Julho—Realizaram-se hoje aqui solemnes exequias pelo almirante Saldanha.

Concurrencia enorme. Povo prestou justa homenagem ao illustre morto.

Não ha exemplo em Uberaba, de exequias tão solemnes e tão concorridas.— Redacção da *Gazetinha.*

. ˙ .

UBERABA, 24 de Julho —Hoje, 30° dia barbaro trucidamento do denodado patriota almirante Saldanha da Gama, um grupo de admiradores mandou suffragar sua grande alma, com assistencia quasi todas distinctas familias desta cidade.

Acto religioso solemnissimo, havendo missa cantada e *libera-me.*—A commissão.

. ˙ .

CAXAMBU, 24 de Julho—Foram celebradas hoje solemnes exequias em homenagem á memoria do bravo almirante Saldanha da Gama, comparecendo

a *élite* da sociedade caxambúense, superior a mil pessoas.

A igreja estava ricamente ornada, tendo no centro sobre o catafalco o retrato do almirante, cuja morte a Patria sinceramente lamenta.— A commissão.

.˙.

Juiz de Fora, 1 de Agosto.— Celebraram-se hoje, ás 8 horas e meia, exequias solemnes em memoria do grande brazileiro, que heroicamente morreu nos campos do Rio Grande, almirante Saldanha da Gama. Pezames á Exma. familia.—*Joaquim Xavier.—R. da Costa.—Alfredo Eugenio da Veiga —Pedro Parafita.—Adrião de Almada.*

Estado do Rio Grande do Sul

Em Porto Alegre (a capital) e diversas outras cidades celebraram-se missas, deixando de realizar-se em Uruguayana o solemne officio funebre, que uma numerosa parte das senhoras mais disdinctas do logar tinha promovido, em rasão de manifestações hostis praticadas por um grupo de intransigentes, no mesmo dia e á mesma hora em que deviam celebrar-se os funeraes, não tendo sido prestada pelas autoridades a garantia solicitada pelo proprio sacerdote, segundo a correspondencia do enviado especial do *Jornal do Brazil*, publicada na edição desta folha de 5 de Agosto.

O *Echo do Sul* da cidade do Rio-grande, de 18 de Janeiro de 1896, dá noticia de uma bella homenagem nos seguintes termos :

«A magnifica corôa de prata, que uma commissão de dignas senhoras de nossa sociedade mandou fazer para ser collocada no tumulo do mallogrado almirante Saldanha da Gama, foi entregue ao sr. 1° tenente Pio Torelli, para conduzil-a ao Rio de Janeiro, afim de que os irmãos do glorioso almirante lhe dêem o conveniente destino.

A referida corôa vae acondicionada em elegante caixa de louro, da forma de um escudo, sendo forrada de surah lilaz.

Estado da Bahia

Telegramma da imprensa publicado n'O Paiz, Jornal do Brazil e outras fôlhas.

Bahia, 8 de Agosto— Realisaram-se hoje na Cathedral exequias solemnes á memoria do contra-almirante Saldanha da Gama.

Foi celebrante o conego Emilio Lobo, sendo o *memento* cantado por oito sacerdotes.

A igreja estava toda ornamentada de preto, trabalho do conhecido armador Costa.

Marinheiros dos navios de guerra nacionaes guarneciam o catafalco, o mesmo que servio nas exequias de Carnot.

Na frente do cenotaphio havia um trophéo com bandeiras, fardas de marinha, espingardas e outros distinctivos, cobertos de crepe.

O retrato de Saldanha da Gama occupava logar saliente no cenotaphio.

Assistiram diversas familias e grande numero de cavalheiros, entre outros os seguintes: intendente municipal, presidente da associação commercial, commandantes do brigue *Pirajá* e patacho

Caravellas (1), e outrosofficiaes, commissões de associações beneficentes, litterarias e scientificas, representantes da imprensa, etc.

Algumas casas commerciaes fecharam e outras hastearam a bandeira em funeral.

—

Todos os outros Estados do Norte, desde o Amazonas até o Espirito Santo, significaram pezar e apreço, mais ou menos consoante ao telegramma expedido do Pará (pag. 285), conforme vê-se dos jornaes de cada um d'elles.

—

Identicas demonstrações se fizeram em Goyaz e Matto Grosso, e nem no Paraná e Santa Catharina, onde desgraçadamente ainda impera o terror do *Kilometro 65* ou *Pico do diabo* e do *Fosso negro* ou *Pasto* do *abutre,* poude ser de todo sopitado o sentimento da alma brazileira pela morte do intrepido Saldanha da Gama.

---

(1) Um bravo! em nome da Historia aos dignos commandantes do Pirajá e Caravellas, o capitão-tenente Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos e o primeiro—tenente Manoel da Silva Lopes.

Hurrah! por sua hombridade, seu espirito de classe, seu patriotismo!

Commandava então a companhia de aprendizes marinheiros da Bahia o capitão-tenente João de Perouse Pontes, em quem não falla o telegramma, pelo que deixa de ser aqui posto em relevo; si, porem, verificar-se que elle tambem tomou parte directa no piedoso preito, na publica homenagem do alto apreço devido ao illustre morto, o futuro historiador ha de, sem duvida, envolvel-o no mesmo raio de luz d'aquelles dois esperançosos timoneiros da marinha brazileira e da honra nacional.

Republica Oriental do Uruguay

Telegramma da Imprensa

Montevidéo, 9 de julho—Hoje teve logar na igreja Matriz desta capital o serviço religioso organisado pela colonia brazileira por alma do almirante Saldanha da Gama. A cerimonia foi verdadeiramente imponente. Uma multidão enorme, entre a qual se achavam muitos estrangeiros distinctos, assistiu a este serviço funebre. O catafalco estava coberto com a bandeira brazileira envolta em crepe. Entre os assistentes achavam-se os generaes Tajes e Flores, alguns senadores, deputados e a maior parte dos officiaes da esquadrilha oriental, em grande uniforme. Todos os emigrados, officiaes e soldados, á frente dos quaes esteve Saldanha da Gama, com crepe no braço, assistiam, assim como muitas senhoras da melhor sociedade desta capital. Numerosas e explendidas corôas, haviam sido enviadas de todos os departamentos da Republica e muitas da Argentina. Entre estas se destacava uma muito bella do almirante Custodio José de Mello, que se achando em Buenos-Ayres não podia assistir á ceremonia.

.·.

Correspondencia do enviado especial do Jornal do Brazil.

«SALTO, 4 de Julho—No dia 1 do corrente celebraram-se na matriz desta cidade solemnes exequias por alma do almirante Saldanha da Gama e seus companheiros, mortos no combate de 24 de Junho.

A colonia brazileira desta cidade foi quem tomou

a iniciativa destas exequias e para isso constituio uma commissão da qual fizeram parte os srs. Antonio de Mattos, Napoleão Reverbel e Manoel Salgado.

A igreja estava toda coberta de preto. No centro proximo ao altar-mór erguia-se um grande catafalco rodeado de tocheiros.

A's 9 horas da manhã a igreja já estava repleta de senhoras e cavalheiros da melhor sociedade saltena. Pouco depois começou a missa que foi cantada por artistas daqui e de Concordia e durou cerca de duas horas.

Na porta da igreja sobre uma mesa estava um livro onde os cavalheiros lançavam seus nomes. Esse livro, hoje em meu poder, contém mais de cem assignaturas. O sr. dr. Manoel J. Devincenzi, juiz lettrado deste departamento, não tendo podido comparecer á missa, dirigio á Commissão o seguinte cartão:

« Manoel J. Devincenzi saúda os srs. organisadores das cerimonias funebres em honra do illustre contra-almirante Luiz Phelippe de Saldanha da Gama, e cumpre com o dever de manifestar-lhes sua adhesão á justa dôr que experimenta a sociedade brazileira pela perda de tão distincto cidadão. »

Os convites para estas exequias foram feitos de modo a abstrair-se de toda a idéa politica nestas cerimonias, razão por que forão extraordinariamente concorridas, pois o almirante Saldanha na sua curta estadia nesta cidade soube angariar verdadeiros amigos e admiradores.

Todos os jornaes se fizeram representar pelos seus directores e o Jornal do Brazil do Rio de Janeiro foi representado pelo seu enviado especial.

Confederação Argentina

Da Prensa de Buenos-Ayres, e transcripto no Jornal do Brazil de 30 de Julho de 1895.

Por Saldanha da Gama—Pôde fugir, mas preferio morrer aquelle ultimo cavalheiro, que dizia, ao retirar-se vencido da bahia do Rio de Janeiro: « o maior bem que posso desejar é uma bala compassiva que acabe commigo.»

Não foi uma fraquesa da sua alma bem temperada essa exclamação de desalento que os seus labios pronunciaram, talvez sem o querer, pois não cabem taes fraquezas em quem se mostrou sempre severo, tanto no mais formidavel dos combates, como nas tremendas luctas do oceano.

Era o orgulho de raça que surgia em toda a sua força; era essa funesta determinação que leva os marinheiros a submergirem-se com os seus navios. E Saldanha não podia esquecer nem a sua illustre linhagem, nem a honrosa profissão a que havia dedicado toda a sua vida.

Prestou em vida serviços eminentes á sua Patria, conduzindo os navios que lhe confiou o Brazil a longes mares, já em expedições scientificas, já em viagens de instrucção. Agora, depois de morto, parece que o seu sacrificio, longe de ser esteril, produzirá optimos fructos: a dôr que a sua perda causa congregou os brazileiros em um unico sentimento—o de vêr terminados os horrores da guerra civil.

A culta sociedade fluminense, entre a qual Saldanha era muito estimado, acudio em massa aos funeraes que, em suffragios da sua alma, celebraramse no Rio de Janeiro.

Hoje os brazileiros residentes em Buenos-Ayres, os que conheceram o illustre almirante quando veio a esta cidade e os que alguma cousa sentem diante do desapparecimento de um homem de bem, concorrerão ao templo de São Domingos, á rogar a Deus para que admitta em seu seio o justo varão que em vida se chamou Luiz Felippe de Saldanha da Gama, assim como aos seus companheiros mortos com elle; irão render-lhe justa homenagem.»

Gratidão da familia do almirante pranteado

Prevaleço-me da imprensa para agradecer do fundo da minha alma e emquanto não o fizer pessoalmente e de viva voz, aos amigos, conhecidos e a todos quantos por centenas me acompanhárão na minha dôr, vindo á nossa casa nestes dias de pungentes lagrimas, ou manifestando por telegrammas e cartas suas sinceras condolencias.

Ainda mais transbordo de gratidão diante da enorme e espontanea concurrencia de amigos e de outras pessoas gradas que, no Templo de Deus, reuniram suas orações ás dos irmãos do bravo marinheiro Luiz de Saldanha, fallecido com gloria e heroismo, defendendo a liberdade do povo rio-grandense.

A' imprensa desta Capital, brilhantemente representada pela *Gazeta da Tarde, Jornal do Commercio, Apostolo, Cidade do Rio, Correio da Tarde* e *Jornal do Brazil,* os mais cordiaes agradecimentos pelo conforto que offerecêrão ao copioso pranto nas phrases de justiça e de eloquencia, de seus numerosos artigos edictoriaes.

Não terminarei esta legitima expansão de sentimentos antes de exprimir á luz meridiana uma alegria no denso nevoeiro das minhas tristezas, mais um pezar para cumulo dos meus soffrimentos moraes e uma esperança nascendo sobre o cadaver do idolatrado irmão.

A alegria de ver, neste paiz de crimes, de traições e de caracteres abjectos, surgir ainda um nucleo pujante de bons corações, de honra e de lealdade ao lado de uma familia atrozmente perseguida, por multiplos infortunios, nesta Republica.

O pezar de não ter podido impedir que o Contra-Almirante Luiz de Saldanha, digno aliás de figurar nas primeiras marinhas do mundo, fosse bater-se contra bandidos sicarios de tyrannos, e morrer, embora com todo o heroismo, nas mãos sanguinarias e sem escrupulos dos que não sabem respeitar nem o cadaver de um adversario illustre.

A esperança que do sangue do indomito marinheiro, cuja morte levou comsigo o ultimo suspiro da marinha brazileira, venha a nascer e germinar a semente da redempção, o anniquillamento completo dos algozes da nossa desgraçada Patria, para que, sobre as ruinas de cinco annos de infelicidades e de ignominias, desponte um horizonte de festivas côres.

O sangue do Christo remio a humanidade! Porque não havemos de remir o povo brazileiro com o precioso sangue de um nobre e valente guerreiro?

Deus é justo.

DR. JOSÉ DE SALDANHA DA GAMA

(A pedido do Jornal do Commercio de 4 de Julho de 1895).

.˙.

Na absoluta impossibilidade de agradecer individualmente a cada uma das pessoas que nos acompanhárão no rude golpe soffrido com a morte do idolatrado irmão e amigo o contra-almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, queirão todas aceitar

por este meio o protesto da nossa vivissima e eterna gratidão.

Tantas, tão significativas e sinceras forão as demonstrações de pezar da sociedade brazileira por esse lutuoso acontecimento, que seria injusto especialisar classes e amigos.

Os meritos do pranteado marinheiro não nos cabe apregoar, nem no-lo permitte a immensidade da magua cruciantemente aggravada por circumstancias dolorosas, que já ninguem desconhece.

A hora para nossa familia é de lagrimas e para ellas a condolencia de tantos e tão bons amigos serve de balsamo, si balsamo póde ter a profunda ferida que os nossos corações recebêrão.

RAMIZ GALVÃO.

(A pedido do mesmo jornal de 7 de Julho)

∴

Ao povo Uruguayo

AOS BRAZILEIROS E ESTRANGEIROS AQUI RESIDENTES E AMIGOS SINCEROS DO FINADO CONTRA-ALMIRANTE LUIZ FELIPPE DE SALDANHA DA GAMA.

Quando o homem está sob o imperio da fatalidade é arrastado irremissivelmente para o caminho que o deve conduzir á sua perda.

O Almirante Saldanha da Gama, militar austero, grande disciplinador, escravo da lei, respeitador dos Poderes Constituidos, inimigo declarado do militarismo, tendo combatido e repellido todas as propostas de revolta,—se vio, á ultima hora, em uma posi-

ção excepcional. Nessa terrivel conjunctura tinha elle dous caminhos a seguir: ou deixar a posição official e retirar-se á vida privada, abandonando os seus camaradas, que para elle volvião os olhos supplicantes, e assistir assim impassivel ao desmoronamento da esquadra, ou acompanhar o Governo em proveito proprio, o qual lhe offerecia commissões honrosas e rendosas e até a posição de ministro de Estado. No emtanto por nenhum dos dous se decidio, preferindo o posto de sacrificio.

O manifesto então publicado, *demonstrando, é verdade*, a firmeza das suas crenças politicas, até esse momento sopitadas, foi mal comprehendido ou sophismado de proposito, em beneficio do partido contrario. Não pedia nem queria a restauração pelas bayonetas; exigia, sim, o respeito pela soberania nacional; desejava que a fórma do governo fosse decretada pelo povo, e não imposta por uma fracção da força militar. Qualquer que fosse o resultado desse appello á Nação, como bom Brazileiro que era, á elle se submetteria de bom grado.

Não tendo sido executado o plano combinado, nem satisfeitas as suas instantes reclamações; *abandonado* por aquelles mesmos, que o arrastaram á lucta; vendo quasi esgotadas as suas munições, e repugnando-lhe a idéa de bombardear a cidade, resolveu abandonar a bahia do Rio de Janeiro. Antes, porém, procurou capitular, porquanto, dos tres alvitres apresentados em reunião de commandantes, foi esse o sustentado francamente por alguns e desejado por muitos. Rejeitada a proposta, refugiou-se a bordo das corvetas portuguezas. Não forçou a barra, mesmo em seus poucos e imprestaveis navios, porque elles não resistirião, de certo, ao bombardeio das fortalezas e ao fogo da esquadra inimiga, que

guardava a barra. Era essa a sua intenção, que teria sido levada á effeito, mesmo sem consulta prévia aos seus officiaes, caso apparecesse o *Aquidaban* para proteger a sahida, de accôrdo com as suas ordens terminantes, e pelo qual esperou até o ultimo momento.

Ao desembarcarem aqui, após uma estada de 44 dias a bordo dos navios portuguezes, o almirante e os seus companheiros forão alvo das maiores attenções. O povo uruguayo, unido á colonia brazileira, como se fossem da mesma nacionalidade, como se fossem irmãos, prodigalisárão todos os desvélos e auxilios possiveis e capazes de suavisar o infortunio dos emigrados.

Mais tarde, esforços não forão poupados por muitos para dissuadir o almirante do proposito de continuar a lucta, mas era o seu lêmma «morrer ou combater a tyrannia e legar á sua Patria um governo mais franco, mais livre e mais conforme ao nosso temperamento e costumes.» Reorganisou a revolução rio-grandense após esforços inauditos, preparou tres corpos de exercito e alcançou victorias notaveis sobre as forças contrarias. *Sempre esquecido* dos iniciadores e principaes responsaveis dos movimentos revolucionarios, muitas vezes lamentou elle o tempo precioso perdido depois dos combates por falta de reservas—dando assim ao inimigo a folga necessaria para refazer-se das derrotas! Quantas vezes exclamou elle: «Como me seria facil mudar a face da revolução si eu tivesse de prompto os recursos de que necessito!» Escasseando-lhe de novo os meios, e bastante constrangido, parou nas margens do Quarahym, estabelecendo alli uma base de operações, onde pacientemente reunia os elementos necessarios para a remonta dos corpos que pele-

javão no centro do Estado. Sua permanencia neste ponto tinha mais uma vantagem: conter os exercitos de Hypolito, Paula Castro e João Francisco, e dar assim mais liberdade de acção a Apparicio e seus companheiros.

Não foi surprehendido á 24 de Junho; os seus piquetes derão o signal de alarme. Apesar de reconhecida superioridade numerica das forças atacantes, não quiz retirar-se em tempo e mandou tomar posição para receber o inimigo. A lucta travou-se renhida, e foi perfeitamente sustentada durante longas horas, até que um incidente imprevisto determinou a retirada e deu logar áquella horrivel tragedia. Podia e devia ser um dos primeiros a retirar-se, como general em chefe, mas preferio sacrificar-se collocando-se á retaguarda da infantaria, animando-a com o seu exemplo e amparando-a com o seu corpo. Alcançado pelo inimigo, succumbio aos golpes de lança e sabre e depois..... Ferido, devia ser respeitado, e não morto, pois aquella vida não pertencia aos facinoras e sim á Patria.

Sinto profundamente que não tivesse elle cahido luctando contra os seus pares. A' generosidade sem exemplo para com os vencidos, á excepcional humanidade para com os feridos, e á tanto respeito para com os mortos, não devião os seus companheiros de armas, os seus proprios irmãos corresponder com tamanho vandalismo e, talvez, canibalismo.

Protesto perante as nações civilisadas e perante o Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil contra essa selvajeria.—Basta.

Demorei um pouco a publicação deste artigo porque desejava aproveitar a opportunidade para manifestar o meu profundo reconhecimento ao generoso

povo uruguayo,aos distinctos membros da colonia brazilcira e aos cavalheiros que a elles ultimamente se aggregárão.

Confesso-me summamente penhorado por tudo quanto fizerão pelo contra-almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, desde que aqui aportou até aquelle dia fatal; pelos sacrificios feitos e esforços empregados improficuamente para haver o seu cadaver, e finalmente pelas imponentes honras funebres celebradas em homenagem á sua memoria.

Meus cordiaes agradecimentos ás pessoas que assistiram as solemnes exequias e ás que me têm procurado ou enviado cartas de sinceras condolencias.

Terminarei dizendo como Victor Hugo: «Ha momentos em que, qualquer que seja a attitude do corpo, a alma está de joelhos.» Sim, neste instante a minha se acha aos pés de Deus, Justo e Omnipotente, implorando a sua protecção para esta Republica do Uruguay e para os amigos verdadeiros do grande morto.

DR. SEBASTIAO DE SALDANHA DA GAMA.

Montevidéo, 17 de Julho de 1895.

(Transcripto no Jornal do Commercio de 24 de Julho)

Descobrimento, reconhecimento e sepultamento do cadaver

Telegrammas do Jornal do Commercio

MONTEVIDÉO, 5 DE AGOSTO—Corre com insistencia o boato aqui de que descobriu-se, perto de Campo Osorio, o cadaver do almirante Saldanha da Gama. Diversas pessoas receberam telegrammas communicando-lhes esta noticia. E' provavel que uma segunda commissão brazileira parta esta noite mesmo ou amanhã cêdo, para verificar o facto.

.˙.

MONTEVIDÉO, 12 DE AGOSTO—Como nos meus telegrammas noticiei, corrião duas versões sobre o cadaver do almirante Saldanha: segundo uma, o cadaver fôra qneimado, segundo a outra, lançado em uma grota profunda.

Acaba agora de ser confirmada a noticia que transmitti ao *Jornal,* de que constava ter sido encontrado o cadaver do almirante dentro de uma grota.

Hoje recebi o seguinte telegramma da Coxilha Negra:

«Os Drs. Sebastião de Saldanha e Laudares e Francisco Secco recebêrão o cadaver do almirante, que foi perfeitamente reconhecido pelos signaes das

cicatrizes antigas, devidas aos ferimentos recebidos no combate da Armação.

O cadaver foi recebido pela commissão, na estancia do pai de João Francisco, estando presentes uma força revolucionarià commandada pelo chefe Fabião, os chefes Chiquinote, Lybindo, Julio de Barros e outros officiaes revoltosos.

. ˙ .

MONTEVIDÉO, 12 DE AGOSTO (Urgente) 10 1|2 pm.— Telegraphão de Rivera que o cadaver de Saldanha da Gama chegou áquella cidade, acompanhado pelos principaes chefes federalistas que tinhão sahido daquella localidade ao encontro da commissão. A' chegada do prestito todas as casas de commercio de Rivera fechárão suas portas. A cidade está toda de luto. Por toda a parte as bandeiras estão em funeral. O cadaver do almirante foi depositado provisoriamente na typographia do *Canabarro*, onde uma guarda de honra formada pelas principaes notabilidades de Rivera velará esta noite. O corpo de Saldanha será amanhã de manhã transportado para aqui, onde serlhe-hão feitos esplendidos funeraes. Os ultimos telegrammas recebidos da fronteira dizem que não existe agora duvida alguma sobre a identidade do cadaver.

. ˙ .

Auto da entrega, exame e verificação do cadaver.

«Aos dez dias do mez de Agosto de 1895, ás 2 horas da tarde, na estancia do Sr. João Pedro Pereira de Carvalho, situada no Brazil, presentes os

abaixo firmados, o Sr. Francisco A. G. Secco, membro e representante da commissão brazileira de honras funebres em homenagem á memoria do almirante Luiz Felippe Saldanha da Gama, o coronel Augusto Pereira de Carvalho e mais visinhos, foi apresentado pelos chefes commandantes de forças revolucionarias, coroneis Manuel Rodrigues de Macedo e Antonio Abbade Ribeiro, tenentes-coroneis Francisco Wencesláo Pereira, Carlos Lybindo de Menezes e Julio Cesar de Barros, um cadaver que diziam ser o do extincto almirante e que havia sido encontrado na ponta de uma grota, dentro de uma *sanja* que desagua no Qurahysinho, situada em frente de uma lagôa do Rincão de Artigas e distante doze quadras mais ou menos do campo do combate de 24 de junho proximo passdo.

Terminada a cerimonia da entrega, procederam immediatamente os abaixos assignados ao exame e verificação do cadaver, e observaram :

Que o corpo estava em decomposição adiantada, tendo já desapparecido quasi todos os tecidos molles da região occipital, dos braços e ante-braços e dos membros inferiores; os globos oculares e as visceras. Que se achavam em um estado relativo de boa conservação o couro cabelludo das regiões parietaes e temporaes e frontal, e a pelle da face, do pescoço, do tronco e das mãos.

Que apresentava as lesões recentes seguintes: duas feridas incisas sobre as regiões parietaes, sendo dirigidas, a da esquerda em sentido antero-posterior, medindo nove centimetros de comprimento, interessando todo o couro cabelludo e fracturando o osso do mesmo nome, a da direita em sentido obliquo, de seis centimetros de comprimento, interessando os tecidos molles e offendendo apenas a lamina

externa do osso; ausencia completa do pavilhão da orelha esquerda; fractura irregular dos dous incisivos superiores e esquerdos por traumatismo violento; duas feridas incisas, já um pouco retrahidas, na parte média das faces lateraes do pescoço, de quatro centimetros de comprimento a da direita e de tres a da esquerda; uma outra dilaceração dos tecidos na parte anterior e direita do thorax e na altura da oitava costella com fractura da mesma; uma sexta ferida de quatro centimetros de comprimento ao lado direito da parede posterior da caixa thoraxica, correspondendo á precedente; uma setima da mesma natureza e dimensão sobre o flanco esquerdo, um pouco acima da espinha iliaca antero-superior, tendo a sua correspondente, a oitava, na parte posterior e finalmente uma nona ferida da mesma naturesa e comprimento na região escapular esquerda. Verificaram depois, e sempre em presença dos cavalheiros acima mencionados, as lesões antigas e signaes particulares que passam a expor: duas cicatrizes situadas na parte posterior e esquerda do pescoço; duas outras, sendo uma interna e outra externa, na parte superior do braço direito, perto da articulação scapulo humeral, uma attitude viciosa do dedo medio da mão direita caracterisada por uma curva pronunciada do bordo externo, por uma pequena flexão da phalangeta sobre a phalangina e constituida pela deformação da articulação formada pelas duas ultimas phalanges, por um esteophyte situado ao lado externo da extremidade inferior da segunda phalange e pela retracção muscular que quasi sempre acompanha essa affecção; os dentes primeiro pequeno molar direito e primeiro grande molar esquerdo superior obturados a ouro : o segundo grande molar direito superior e o segundo grande molar esquerdo inferior obtu-

rados a platina; o primeiro grande molar esquerdo inferior a osso artificial; ausencia do segundo grande molar esquerdo superior e dos segundo pequeno e primeiro grande molares superiores e direitos;—perda de substancia bem pronunciada do maxillar superior e direito na parte correspondente ao dous ultimos dentes acima mencionados;—o cabello castanho-escuro um pouco grisalho, bem curto em toda a cabeça, excepto na parte média e anterior onde se apresentava um pouco mais crescido; barba por fazer de seis a oito dias; bigode tambem de cabello castanho grisalho, delgado e com a ponta cahida para baixo; finalmente, comprimento do corpo um metro e sessenta centimetros. Conclusão. A configuração geral da cabeça, principalmente da região frontal; a implantação especial do cabello e o modo de trazel-o cortado; a disposição bem conhecida do bigode; o desenvolvimento e conformação bem caracteristica do tronco; a perda da snbstancia ossea do maxilar superior direito occasionada pela operação soffrida nos Estados Unidos do Norte; o estado da dentadura e o comprimento do corpo, de antemão sabidos e indicados; a existencia das cicatrizes provenientes dos ferimentos recebidos no combate da Armação na bahia do Rio de Janeiro; finalmente, o defeito do dedo médio da mão direita consecutivo ao rheumatismo nodoso ou polythrite deformante do qual ás vezes se queixava—devem ser considerados signaes de certeza, e que obrigam a tirar a seguinte conclusão:

Os abaixos assignados affirmam, sob juramento, que o cadaver apresentado é o do almirante Luiz Felippe de Saldanha da Cama, e o acceitam como tal.

Pormenores da descoberta e trasladação dos despojos mortaes para o cemiterio de Rivera. (Da Gazetilha do Jornal do Commercio de 24 de Agosto de 1895)

As cartas e documentos que recebemos pelo ultimo paquete de Montevidéo, e que nos forão transmittidos dahi pelo nosso correspondente, permittem-nos agora fazer uma narrativa fiel e completa das felizes diligencias empenhadas pelos amigos do almirante Saldanha da Gama para descobrirem os seus despojos mortaes, que hoje, emfim, como já sabem os leitores, repousão no velho cemiterio de Rivera, depois de haverem permanecido longas semanas arrojados impiedosamente a uma grota das cercanias do ponto em que se travou o combate do Campo Ozorio.

Sem embargo das primeiras noticias que havião corrido sobre o destino dado ao corpo do illustre almirante, o qual haveria sido consummido pelas chammas, persistia com certa vivacidade outra versão contrariando aquella, e, segundo a qual, o corpo do almirante teria sido arrojado a uma grota das cercanias. Embora alimentados por tenue esperança, visto que a primeira versão era geralmente acceita e não fôra impugnada por aquelles a quem cumpria impugnal-a, diversas praças, ex-commandadas do finado almirante, e amigos seus, levados da mais nobre dedicação, puzerão-se a explorar as proximidades do ponto em que se havia ferido o combate e entregárão-se a pesquisas continuas. Afinal, no dia 28 de Julho, o sargento Ramiro de Lima, depois de incessantes investigações, descobrio, na ponta de uma grota, dentro de uma *sanja* que desagua no Quarahysinho, em frente a uma lagôa no Rincão de Artigas, no Campo Ozorio,

distante doze quadras do ponto do combate; descobrio, diziamos, um cadaver coberto de ramas, que lhe pareceu ser o do seu estremecido commandante. Nessa mesma tarde, Ramiro levou a noticia ao conhecimento do major José Ayres da Rocha, no acampamento.

A' vista dessa communicação, o major Rocha, que commandava o corpo do tenente-coronel Carlos Lybindo de Menezes, na auzencia deste, logo no dia seguinte foi combinar com o tenente-coronel Francisco Wenceslau Pereira, sobre os meios de se fazer o reconhecimento do corpo, e entre si concertárão que fosse ao dito logar o mesmo major, levando em sua companhia o major Quadrado, os sargentos Ramiro de Lima e Eduardo das Chagas Ferreira (da marinha), e seis praças que havião estado ao serviço do almirante. Chegados ao ponto indicado, encontrárão um corpo, que, apesar do adiantado estado de decomposição, reconheceram ser o do almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama. Ainda na tarde desse mesmo dia, o major foi dar conta da commissão ao tenente-coronel Wenceslau Pereira (Chiquinote).

No dia seguinte, 30 de Julho, ficou assentado proceder se a um segundo reconhecimento, em que tomárão parte estes chefes e officiaes: coronel Manoel Rodrigues de Macedo, tenente-coronel Francisco Wenceslau Pereira, majores Rocha e Quadrado, capitães Ovidio Guerreiro, Apollinario Moreira, Antonio Hortensio, Anselmo Pedroso, Julio de Moura Paranhos, tenentes Pedro Sergio, Pedro Nogueira, Hypolito da Silva, Napoleão Pires, alferes João dos Reis, Deocleciano Rodrigues e Procopio José Moreira. Chegados ao logar indicado, foi por todos elles reconhecida a identidade do corpo do almirante Salda-

nha. Assentou-se logo em trasladar o corpo para outro lugar que offerecesse maior garantia, o que se fez, tendo sido o corpo levado para junto dos acampamentos, onde velou sempre por elle, dia e noute, uma guarda de honra, até o dia 9 de Agosto, quando o corpo foi de novo trasladado para a estancia do Sr. João Pedro Pereira de Carvalho, por isso que ameaçava grande tormenta e se temia no acampamento grande enchente do Quarary.

Logo que teve conhecimento desses factos, a Commissão de Montividéo pôz-se de novo em caminho e partio de Rivera no dia 6 de Agosto, com direcção áquella estancia, internando-se em territorio brazileiro. Na estancia do Sr. Augusto Pereira encontrou um piquete, commandado pelo major Illyrio, que a devia acompanhar. A viagem fez-se sem accidentes, e ao chegar á estancia a que se dirigia, e onde se achava o corpo, formou-se a força que compunha a guarda de honra.

Em seguida, a Commissão, depois de haver comprimentado os chefes—commandantes das diversas forças revolucionarias alli reunidas, penetrou no sólo em que se achava o corpo. Descansava elle em uma mesa e achava-se envolvido em um cobertor de lã azul. O tenente-coronel Wenceslau Pereira (Chiquinote) declarou então á Commissão, e em presença dos demais chefes e vizinhos assistentes, ser aquelle o corpo do almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, encontrado pelo sargento Ramiro de Lima na ponta de uma grota, dentro de uma *sanja*, e por elle e todos os officiaes alli presentes reconhecido como tal, e do que se havião lavrado actas, por todos assignadas.

Os Drs. Sebastião de Saldanha, irmão do Almirante, e Carlos Laudares passárão então a proce-

ao exame, afim de fazerem a verificação da identidade do cadaver. Essa verificação meticulosa, feita pelos dois illustres facultativos, e constante do auto lavrado na occasião, confirmou de todo o ponto as affirmações anteriores, de ser effectivamente aquelle o corpo do mallogrado almirante, e diante das declarações formaes desse documento, cujos signatarios tinhão a mais indiscutivel competencia, não se podem consentir duvidas sobre a identidade do corpo.

Effectuado o exame, foi o corpo preparado para ser transportado. Encerrárão-no com serragem phenicada dentro de um caixão de chumbo que, depois de hermeticamente fechado com a soldadura da tampa, foi mettido dentro de outro caixão de madeira. Assim acondicionado, foi o feretro collocado em um carro, que, acompanhado por toda a comitiva presente, tomou a direcção da fronteira. A força que alli se achava em numero approximado de 500 homens, tendo como chefes os coroneis Fabião, Ribeiro, Chiquinote, Lybindo e Julio Barros, acompanhou a cavallo e em formatura o triste prestito funerario, prestando as honras militares ao corpo. Uma legua depois, uma parte da força regressou ao acampamento, continuando na marcha o corpo do coronel Lybindo, que escoltou a comitiva até á linha divisoria.

O enterro realisou-se, como dissemos, no velho cemiterio de Rivera, e pode-se dizer, sem receio de errar, que jamais um brazileiro desceu ao seu derradeiro jazigo, em terra estranha, cercado de honras mais tocantes e expressivas e despertando sentimentos de consternação e de tristeza mais profundos e mais sinceros. O caixão desapparecia de-

baixo de corôas e grinaldas, entre as quaes se notavão as seguintes:

Ao Almirante Saldanha — a familia Almeida Rego. Ao intrepido Almirante Saldanha da Gama— seu discipulo e amigo Jorge Coelho. A' la memoria del illustre almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama—la comision de Orientales. Ao illustre almirante—saudades de Norberto Cunha e familia. Os emigrados brazileiros ao seu inolvidavel chefe almirante Saldanha da Gama. A' saudosa memoria do heroico batalhador.

Ao baixar o corpo á sepultura, fallou em nome dos Orientaes o Sr. Luiz Sequi; em nome dos Brazileiros o Dr. Hypolito Cabeda, respondendo-lhes o Dr. Sebastião de Saldanha.

Assim descançaram afinal os despojos de um brazileiro illustre, que foi certamente um dos typos mais bem acabados de honra e de nobreza da classe que tão dignamente soube personificar.

A'ultima hora do livro

Almirante Saldanha da Gama.

Está organisada uma commissão composta de alumnos da Escola Naval, officiaes da armada e diversos civis para dirigir os trabalhos das exequias que, por alma do illustre brazileiro e de seus dignos companheiros mortos no Campo Ozorio, se realisarão a 24 do corrente, primeiro anniversario da gloriosa e cruciante tragedia, ás 10 1/2 horas,na igreja de S. Francisco de Paula.

Foi escolhido para presidente dessa commissão o Sr. Dr. Daniel de Almeida, escolha bem cabida, pois muito lhe deve a marinha nacional pelos serviços a ella prestados naquella quadra de dolorosas recordações.

A ideia da homenagem religiosa que se vae prestar ao grande morto, é devida aos briosos alumnos da escola que por tanto tempo foi dirigida pelo bravo almirante.

Muitas senhoras da nossa melhor sociedade já se offereceram para cantar na solemnidade.

A quantia subscripta para as exequias já se eleva a alguns contos de réis.

E' possivel que na igreja esteja representada a canhoneira *Liberdade*, construida de flores, por ser este o navio em que o inclyto marinheiro teve o seu pavilhão durante a revolta, em que elle demonstrou todo o seu patriotismo, o seu desinteresse e o seu heroismo nunca excedido.

(Do Noticiario da nova fôlha diaria denominada "Liberdade," de 1°. de Junho de 1896.)



